

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC/SP

Lilian Tavares de Bairros Ferreira

Blusas-Verdes à beira-mar: Mulheres Integralistas
Santos (1932-1937)

Mestrado em História Social

São Paulo
2018

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC/SP

Lilian Tavares de Bairros Ferreira

Blusas-Verdes à beira-mar: Mulheres Integralistas
Santos (1932-1937)

Mestrado em História Social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social, sob a orientação da Professora Doutora Maria Izilda Santos de Matos.

São Paulo
2018

BANCA EXAMINADORA

Para Paloma, meu amor incondicional.

AGRADECIMENTO

Sinceros agradecimentos à CAPES e ao CNPq pela concessão das bolsas. O apoio das duas instituições foi fundamental para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar expressando a minha alegria em realizar e concluir este trabalho. Dentro das dificuldades encontradas ao longo da caminhada da vida, o sonho de seguir adiante com a vida acadêmica sempre esteve presente. Tenho certeza que tudo isso só foi possível concluir, porque o “Cara lá de cima vai muito com a minha cara”, sempre me proporcionando bênçãos e forças para persistir.

Quero agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Maria Izilda Santos de Matos, que desde a graduação já me inspirava em suas obras sobre gênero. Suas orientações, horas de discussões e as leituras minuciosas me fizeram crescer como mestranda. Obrigada pelo respeito, horas e afeto a mim dispensados.

Também quero agradecer à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que me acolheu como uma verdadeira filha, e como dizem pelos corredores: “uma vez Filha da PUC para sempre Filha da PUC”, o que é verdade, já que estou na casa desde 2013, no Lato Sensu, e agora no mestrado, e pretendo voltar para o doutorado. Claro que todo esse acolhimento não seria possível sem os funcionários da PUC-SP e do Programa de Pós-Graduação de História, que sempre foram muitos solícitos e prontos ajudarem no que era necessário.

Agradeço aos queridos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação de História da PUC-SP por todo aprendizado em disciplinas e seminários: Prof.^a Doutora Estefânia Knotz Canguçu Fraga, Prof. Doutor Antônio Rago Filho, Prof.^a Doutora Denise Bernuzzi de Sant’Anna e Prof. Doutora Maria do Rosário Cunha Peixoto.

Meus sinceros agradecimentos às queridas Professoras Doutoras: Andréa Borelli e Marina Tucunduva, que participaram da banca de qualificação, contribuindo com correções e novas dicas de leituras para que eu pudesse reformular a pesquisa.

Agradeço à Capes e ao CNPq pela concessão das bolsas no decorrer desses dois anos. Elas foram fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho. Sem o apoio dessas instituições eu não conseguiria desenvolvê-lo.

Agradeço aos funcionários dos arquivos que pesquisei como a Hemeroteca Municipal de Santos “Roldão Mendes”, Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP, Arquivo Delfos - PUC-RS, Centro de Documentação da Baixada Santista - UNISANTOS e o Arquivo Público de Rio Claro - SP. Um agradecimento especial ao Professor Doutor Leandro Pereira Gonçalves, que me cedeu toda a coleção digitalizada da *Revista Anauê!*

À pessoa mais importante na minha vida, minha filha Paloma. Ela é meu anjo da guarda. Ao meu marido, Wagner, que me apoiou sempre para a realização deste sonho. Nesses dois anos, nada disso seria possível se vocês não estivessem ao meu lado.

Aos meus queridos pais e à minha querida irmã, Amanda, amiga inseparável na terra e no mar. E ao meu cunhado, Julio, meu T.I. favorito.

Às minhas amigas e amigos com os quais a vida acadêmica me presenteou. Não citarei nomes para não ser injusta, mas me ajudaram muitas vezes discutindo as particularidades dessa pesquisa. Entre essas pessoas, um agradecimento especial aos integrantes do GEINT.

Aos amigos que acompanham e vibram junto comigo por cada conquista: Thayná, Rodrigo e Welington, que colaboraram direta ou indiretamente para a elaboração desta pesquisa.

RESUMO

FERREIRA, Lilian Tavares de Bairros. *Blusas-Verdes à beira-mar: Mulheres Integralistas - Santos (1932-1937)*, Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

Este trabalho discute a participação das mulheres no movimento integralista na cidade de Santos entre os anos de 1932 e 1937. A dissertação recupera histórias do movimento feminista e das lutas das mulheres na cidade-porto de Santos. Além disso, mostra como a liderança do movimento integralista percebeu a possibilidade de engajar as mulheres entre seus militantes. Desta forma, o integralismo buscou atrair as mulheres apregoando o discurso em defesa da família e do catolicismo; para tanto, propuseram uma participação feminina mais efetiva na política institucional, outorgando papéis aos grupos de mulheres no movimento. Pela pesquisa desenvolvida, pode-se observar que as Blusas-Verdes (como eram chamadas as mulheres que atuavam dentro da AIB) operavam em funções bem definidas: atividades no setor educacional, assistencialismo às crianças pobres, questões de saúde pública e medicina preventiva. Portanto, o que se pretende nesta pesquisa é observar as relações e a relevância das atuações femininas no núcleo integralista santista.

Palavras-chaves: Gênero, Integralismo, Blusas-Verdes, Santos, Ação Integralista Brasileira.

ABSTRACT

FERREIRA, Lilian Tavares de Bairros. "Blusas-Verdes" (Green Blouses) by the Sea: Integralist Women - Santos (1932-1937), Master's Thesis in Social History, Catholic Pontifical University of São Paulo, São Paulo, 2018.

The aim of this study is to discuss the participation of women in the Integralist movement in the city of Santos between 1932 and 1937. This thesis recovers stories from the feminist movement and women's fights in the harbor city of Santos. Also, it shows how the leaders of the Integralist movement perceived the possibility of engaging women among their militants. Thus, the Integralism tried to attract women with speeches about defending the family and Catholicism; in order to do so, they proposed that women would participate more effectively in the institutional politics by assigning functions to the group of women whom participated in the movement. In the development of this research, it was possible to observe that the Blusas-Verdes ("Green Blouses", as the women who acted within the Brazilian Integralist Action – AIB were called) operated in well-defined roles: activities in the educational segment, assistance to poor children, matters of public health and preventive medicine. Therefore, the aim of this research is to observe the relations and the development of women's participation in the Integralist center of Santos.

Keywords: Gender, Integralism, Blusas-Verdes (Green Blouses), Santos, Ação Integralista Brasileira (Brazilian Integralist Action - AIB).

O Mar

*Helena estava fazendo horas ou anos sentada na frente do mar,
que se abriu aos seus pés e invadia seus olhos e seus pulmões.
Sentia pena de ir embora.
E para não ir embora nunca, foi,
mas pôs rodinhas no mar e levou o mar com ela.
Como se fosse a sua sombra,
porque o mar era feito, como ela,
de sol e de sal.*

(Eduardo Galeano)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
I – SANTOS: PORTO “VERMELHO” OU “VERDE”?	19
1.1 PORTO “VERMELHO”: AÇÕES E LUTAS.....	21
1.2 CIDADE DE SANTOS: PALCO DE LUTAS POLÍTICAS.....	34
1.3 PORTO “VERDE”?: ATUAÇÃO DA AIB.....	45
II – MULHERES EM MOVIMENTOS: FEMINISMO E INTEGRALISMO	63
2.1 MOVIMENTO FEMINISTA: LUTAS E CONQUISTAS.....	64
2.2 IMPRENSA INTEGRALISTA: CONSCIENTIZAÇÃO E FORMAÇÃO POLÍTICA.....	79
2.3 PLÍNIO SALGADO E MULHERES INTEGRALISTAS: DISCURSOS E AÇÕES.....	98
III – BLUSAS-VERDES: TRAJETÓRIA DAS MULHERES INTEGRALISTAS	108
3.1 FORMAÇÃO DO DEPARTAMENTO FEMININO INTEGRALISTA.....	109
3.2 DOCTRINA INTEGRALISTA: MILITÂNCIA E MAGISTÉRIO.....	121
3.3 EM AÇÃO: PAPÉIS SOCIAIS E POLÍTICOS.....	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
FONTES E BIBLIOGRAFIA	147
ANEXOS	163

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Reprodução: Benedito Calixto - Um pintor à beira-mar.	25
Figura 2 -	Revista Estrela Azul, editada por funcionários da CDS, por volta de 1930.	26
Figura 3 -	Embarque no navio espanhol Cabo Prior no dia 13 de março de 1946, nas páginas do Jornal <i>A Tribuna</i> .	33
Figura 4 -	Representação da participação feminina santista no Movimento Constitucionalista de 1932.	40
Figura 5 -	Primeiras notícias encontradas sobre a AIB em 1934 no jornal <i>A Tribuna</i> de Santos.	46
Figura 6 -	Conferência Doutrinária no Hotel Parque Balneário em 1937.	50
Figura 7 -	Integralista Moacyr Chagas.	52
Figura 8 -	Resultado das eleições municipais de 1936, realizadas no mês de março.	54
Figura 9 -	Livros recomendados no jornal <i>Monitor Integralista</i> em 1933.	56
Figura 10 -	Participação dos integralistas em Desfile na Capital em 1º de novembro de 1937.	60
Figura 11 -	A feminista Bertha Lutz, uma das líderes pela emancipação feminina no Brasil.	74
Figura 12 -	Modelos dos uniformes das Blusas-Verdes.	84
Figura 13 -	Primeira capa da revista <i>Brasil Feminino</i> após a oficialização da AIB.	85
Figura 14 -	Molde de bordado com a letra grega símbolo do Sigma.	88
Figura 15 -	Imagens de Plínio Salgado na revista <i>Brasil Feminino</i> .	102
Figura 16 -	Imagem do Plínio Salgado após o plesbicito interno da AIB.	104
Figura 17 -	Conferência doutrinária do Dr. Lima Netto com os integrantes do Sigma de Santos.	119
Figura 18 -	Encontro de integralistas da AIB de Santos.	135
Figura 19 -	Encontro dos integralistas de Santos com Plínio Salgado.	136

SUMÁRIO COMENTADO

Capítulo I - Santos: Porto “Vermelho” ou “Verde”?

A cidade de Santos sempre foi palco de grandes acontecimentos históricos e políticos no país. A partir desse contexto histórico da década de 1930, este capítulo buscará contribuir para a historiografia regional da cidade de Santos no período supracitado. Ainda sobre a cidade de Santos, intenciona-se compreender a formação e atuação da Ação Integralista Brasileira na sociedade santista. Outro ponto de destaque desse capítulo é a história do Porto de Santos, conhecido como “Porto Vermelho” devido à atuação política de esquerda dos trabalhadores portuários. O título desse capítulo sugere uma disputa entre o Verde, cor utilizada pela AIB nos seus uniformes, o que fez com que ficassem conhecidos como “Camisas Verdes” (homens) e Blusas-Verdes (mulheres), e a Cor Vermelha, utilizada para representar o movimento comunista. Cabe ressaltar a rivalidade entre os dois os movimentos políticos supracitados, que tinham ideais opostos: a AIB representava a direita política, enquanto o movimento comunista representava a esquerda política.

Capítulo II - Mulheres em Movimentos: Feminismo e Integralismo

O segundo capítulo intenciona aprofundar os estudos sobre o primeiro movimento feminista no Brasil, a Primeira Onda, e quais foram os “avanços” conquistados para a mulher no campo social e político. Ainda neste capítulo, pretende-se analisar o discurso conservador do chefe nacional integralista Plínio Salgado na formação da conscientização política das mulheres por meio da imprensa integralista.

Capítulo III - Blusas-Verdes: Trajetória das Mulheres Integralistas

O último capítulo abordará exclusivamente sobre a formação do Departamento Feminino integralista da cidade de Santos, com todas as suas especificidades, incluindo a mais expressiva: o magistério para crianças, jovens e adultos. Compreender sobre a representação da militância feminina das Blusas-Verdes na sociedade santista, e por fim, analisar quais os inúmeros outros importantes papéis sociais e políticos desenvolvidos pelas mulheres integralistas em Santos nos espaços públicos. A relação entre o público e o privado era algo muito bem determinado entre os gêneros feminino e masculino. O espaço privado - ou seja, o ambiente doméstico - era permitido para as mulheres, enquanto o público, como o trabalho e a política, era direcionado aos homens.

LISTA DE SIGLAS

AFS - Associação Feminina Santista

AIB - Ação Integralista Brasileira

CES - Centro dos Estivadores de Santos

FBPF - Federação Brasileira para o Progresso Feminino

OIT - Organização Internacional do Trabalho

ONU - Organização das Nações Unidas

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PRF - Partido Republicano Feminino

SEP - Sociedade de Estudos Políticos

SES - Sindicato dos Estivadores de Santos

SES - Sociedade dos Estivadores de Santos

SNAFP - Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Pliniana

SPR - São Paulo Railway (Ferrovia)

APRESENTAÇÃO

A Ação Integralista Brasileira, movimento político nacionalista de cunho autoritário, conseguiu angariar muita simpatia de diversos segmentos sociais. Na década de 1930, constituiu vários núcleos espalhados pelo Brasil, tendo como lema a tríade: "Deus, Pátria e Família".

A atuação política dos membros da AIB foi bastante analisada, mas outros olhares têm subsidiado novos debates. Esta pesquisa aborda a questão da participação das mulheres no movimento integralista na cidade de Santos entre 1932 e 1937.

Desde a década de 1920, as mulheres passaram a realizar uma série de atividades além das tradicionais, com destaque para a atuação no campo da educação, cultura e filantropia. No entanto, ainda que algumas mulheres conquistassem, por mérito, posições de destaque, havia resistência de pessoas que procuravam restringir sua atuação na política.

No que se refere à política institucional, as mulheres somente adquiriram direito de voto em 1932. Os integralistas perceberam a oportunidade que se abria para o engajamento das mulheres entre seus militantes. Nesse sentido, procuraram atraí-las para as fileiras do movimento. Por outro lado, o integralismo mostrava-se atrativo às mulheres, principalmente por causa de seu discurso de defesa da família e do catolicismo, bem como por representar para as mulheres uma participação mais efetiva na política institucional. Na maioria das vezes, as atribuições das mulheres integralistas eram vinculadas às funções assistencialistas e educacionais. Assim sendo, esta pesquisa buscou questionar como se deram as relações internas no partido e as atuações femininas no núcleo santista.

A cidade de Santos foi considerada pelos integralistas como importante, sobretudo devido à inserção das chamadas "Blusas-Verdes"¹. Além disso, os estudos sobre a cidade de Santos na década de 1930 vêm se desenvolvendo nos últimos anos com diversas investigações e pesquisas acadêmicas que observam, entre outras questões, o integralismo. Segundo os ideais integralistas, caberia à mulher desempenhar o papel de difusora dos preceitos do movimento. Dessa forma, pretende-se pesquisar a atuação feminina sob uma perspectiva de gênero e tentar compreender o mosaico político na cidade.

¹ As "Blusas verdes" eram chamadas desta forma, pois nas vestimentas dos integralistas predominava a cor verde oliva, que virou o símbolo dos adeptos, cujos codinomes: camisas-verdes para os homens e blusas-verdes para as mulheres.

Os estudos sobre a cultura política, incluindo a AIB, também vêm ganhando espaço na historiografia. No encontro da ANPUH 2012, foi institucionalizado o Grupo de Trabalho de Estudos sobre os movimentos e partidos de direita, o GEINT², que foi idealizado pelos pesquisadores Renato Dotta e Rodrigo Christofolletti em 2001, possibilitando debates *online* com o objetivo de interligar os pesquisadores e promover a troca de experiências. O GEINT ampliou seus debates com a inclusão de pesquisas sobre o fascismo, a incidência do nazismo no Brasil, as análises de movimentos tradicionalistas e outras questões que envolvem temáticas que podem ser incluídas nos “estudos da direita”.

Por outro lado, o tema dessa dissertação também se justifica porque os estudos de gênero vêm, há algum tempo, conquistando espaço e abrindo possibilidades. Pode-se perceber isso no aumento de pesquisas, monografias, dissertações e teses, apresentação nos Encontros, Simpósios e Congressos:

Nestas duas últimas décadas, aumentaram os cursos e disciplinas oferecidos, bem como Programas de Pós-Graduação com áreas de concentração e/ou linhas de investigação com a temática/perspectiva de gênero. Da mesma forma, observa-se a difusão dos Núcleos de Estudos da Mulher e/ou de Gênero, com a presença marcante de historiadores, estes núcleos se articularam nacionalmente através da REDEFEM (Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas), que patrocina eventos e publicações. A pesquisa também se faz presentes na ANPUH (Associação Nacional de História) aonde foi constituído Grupo de Trabalho de Gênero (2001), que oferece simpósios temáticos, cursos e mesas de discussões nos eventos regionais e nacionais desta associação. Destacam-se as pesquisas históricas em reuniões científicas como Fazendo Gênero (evento realizado periodicamente em Florianópolis, Santa Catarina), Associação Nacional de História Oral, ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), entre várias outras.³

Apesar da expansão dos estudos de gênero, ainda existem muitas lacunas, particularmente em relação à participação política das mulheres. Assim, a intenção é contribuir para a reconfiguração histórica das relações de gênero dentro da Ação Integralista Brasileira, esperando dar visibilidade ao papel das mulheres na política nacional.

² Para saber mais sobre o GEINT: ANPUH. Associação Nacional de História. GT História dos Partidos e Movimentos de Direita. Disponível em: <http://www.anpuh.org/gt/view?ID_GT=20>. GEINT. Grupo de Estudos sobre Integralismo. Disponível em: <<http://www.geint01.xpg.com.br>>.

³ MATOS, Maria Izilda S. de. História das Mulheres e das Relações de Gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectiva. **Mandrágora**. São Paulo, v. 19, n.º. 19, 2013, p.9.

Desde os anos 70, quando, de forma mais contínua, os historiadores passaram a buscar testemunhos sobre as mulheres, enfrentaram o desafio da invisibilidade feminina no passado. Contudo, esse desafio vem enfrentando de forma admirável, o campo vem se expandindo, questões postas por estas pesquisadoras foram introduzidas na disciplina, possibilitando a descoberta de fontes, temporalidades, estratégias metodológicas e categorias analíticas, em particular da categoria-gênero.⁴

Portanto, o tema desta pesquisa ao recuperar as ações políticas das mulheres na AIB possibilita dar visibilidade e retratar aspectos da vida, analisar as relações das mulheres com a política, avanços, rupturas e continuidades. Dessa forma, teve como inspiração o livro “Minha História das Mulheres”, de Michelle Perrot (2008), no qual se destaca a importância histórica da mulher: “*Uma história sem as mulheres parece impossível*”⁵.

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas [...] e será que a mulher tem história? A questão parece estranha pois “tudo é história” [...] porque as mulheres não pertenceriam à história? [...] as mulheres ficaram muito tempo à obscuridade de uma inenarrável reprodução [...] confinadas no silêncio de um mar abissal, nesse silêncio profundo, ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais.⁶

Recuperar as mulheres como sujeitos históricos permite múltiplas abordagens contra o esquecimento que sagrou a história da mulher na Ação Integralista Brasileira, para tanto foi realizado um mapeamento documental na Hemeroteca Municipal de Santos Roldão Mendes, aonde foram localizados aproximadamente 230 recortes do jornal *A Tribuna de Santos*, entre os anos de 1932 a 1938, que permitiam recuperar a história das mulheres integralistas santistas e da constituição da AIB na cidade.

Para contemplar a pesquisa, buscou-se compreender as ações políticas na cidade de Santos, com destaque para os movimentos dos trabalhadores portuários, engajados politicamente e marcados por ideais de esquerda, uma vez que o porto de Santos ficou conhecida como “Porto Vermelho”, e a cidade como “Moscouzinha e Barcelona Brasileira”. A contraponto, propõe-se questionar como eram vistos os avanços e a proliferação de vários núcleos integralistas pela cidade.

⁴ MATOS, Maria Izilda S. **Por uma História da Mulher**. Bauru: Edusc, 2000, p.7.

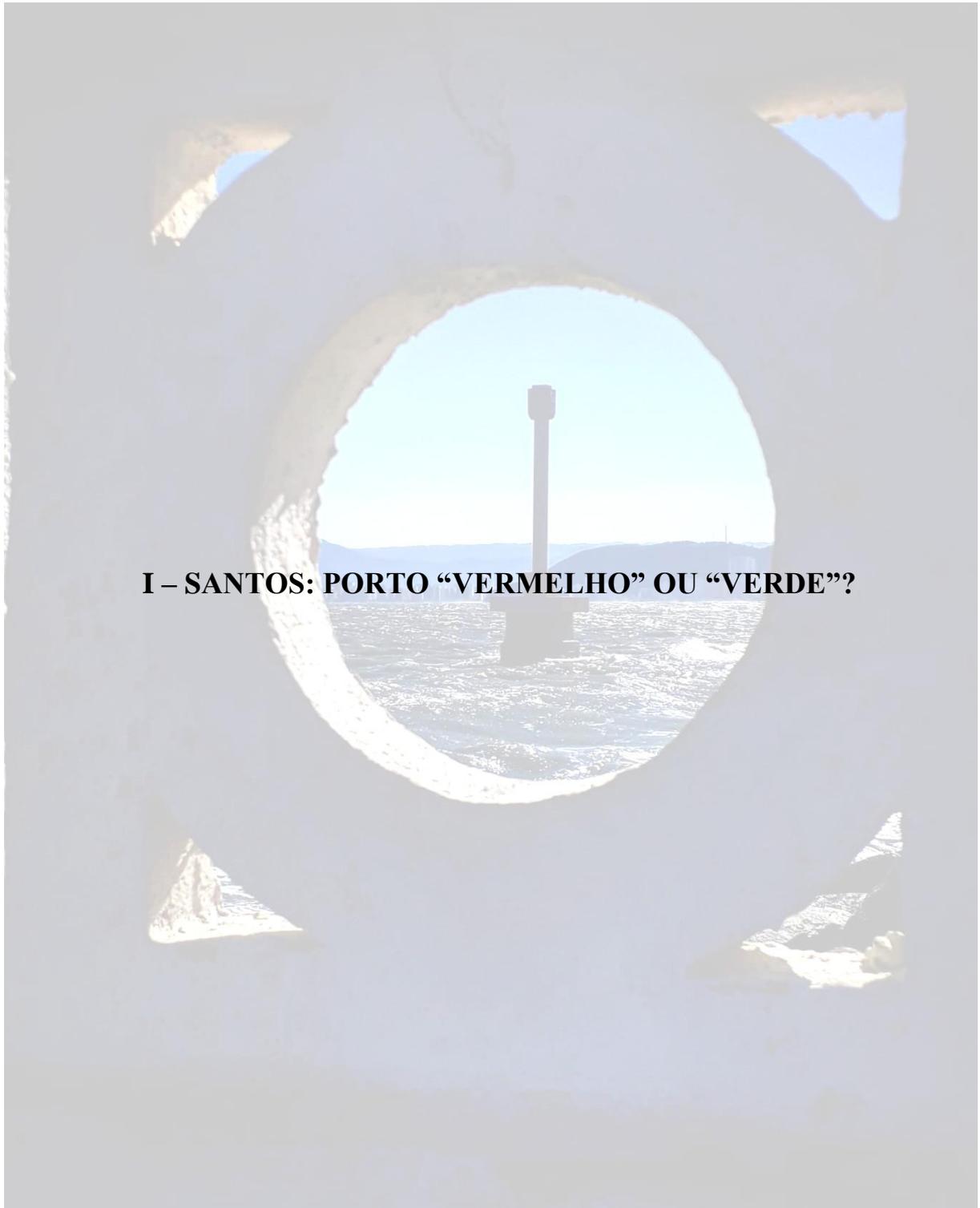
⁵ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008, p.13.

⁶ Ibidem, p.16.

A organização deste trabalho acadêmico se deu através da elaboração de três capítulos, que foram divididos a partir da temática cidade/integralismo/gênero. No primeiro - Santos: Porto “Vermelho” ou “Verde”? - rastreia-se a história das ações políticas no Porto de Santos, dialogando com a historiografia e com as fontes (o jornal “*A Tribuna de Santos*”), e levando à frente o desafio de perceber a formação e atuação da Ação Integralista Brasileira na sociedade santista.

Já no segundo capítulo, tendo como foco as mulheres, busca-se retomar as ações do movimento feminista no Brasil e as suas conquistas nos campos social e político, dialogados com a revisão bibliográfica. Em seguida, analisa-se como o chefe nacional integralista Plínio Salgado buscou a conscientização política das mulheres por meio da *Revista Brasil Feminino*, periódico destinado às mulheres integralistas, além dos discursos plinianos visando o engajamento feminino e como essas ações buscavam manter as mulheres longe do movimento feminista, considerando-o “inimigo do integralismo”. Ainda nessa unidade, serão descritas as normas e condutas estabelecidas para as Blusas-Verdes.

Para finalizar, o capítulo “Trajetória das Blusas Verde” buscou descrever as ações das mulheres integralistas santistas, rastreando a formação do Departamento Feminino na cidade, todas as suas especificidades e práticas, com destaque para o magistério voltado a crianças, jovens e adultos. Além disso, buscou compreender a representação da militância feminina das Blusas-Verdes, analisando outros papéis desenvolvidos pelas mulheres integralistas. Todo esse capítulo baseou-se em um diálogo de revisão historiográfica sobre a abordagem de gênero, do integralismo e com as fontes coletadas.



I - SANTOS: PORTO "VERMELHO" OU "VERDE"?

Estamos aqui há muito tempo. Consolidamos e fizemos existir o Brasil a partir desta ilha. Resistimos e sobrevivemos aos piratas e corsários de muitas épocas e tomamos seus canhões para nossa defesa. Muitas vezes, reconstruímos a cidade bombardeada. E ficamos. E enviamos braços e mentes para ajudar na fundação de São Paulo e Rio de Janeiro. À nossa maneira e recursos, lutamos ao lado dos revolucionários americanos e usamos orgulhosos barretes de liberdade na França de 200 anos atrás. Pregamos e construímos a independência desse país e, já no dia seguinte, nos inscrevemos entre os lutadores pela República. E fomos poetas, soldados, políticos e, mais que tudo, trabalhadores de um porto. E apoiamos os revolucionários russos e combatemos ao lado dos republicanos espanhóis. Declaramos guerra ao nazismo como havíamos libertado os escravos, antes, no Brasil. Como antes do continente instituíamos o dia de mobilizações do 1º de maio, conscientes de nossa importância na construção da sociedade moderna. E, de escravos a políticos e combatentes livres de todos os continentes, fornecemos abrigo e asilo aos perseguidos. Mais ainda, enfrentamos a morte na forma da peste e vencemos, e o próprio mar, de onde viemos e de quem tomamos o território que habitamos. Somos cosmopolitas por ofício e crença e carregamos conosco, para onde vamos, a salutar arrogância dos que têm história. A arrogância de quem sobreviveu a vicissitudes e violências de diversas ditaduras e intervenções. Mais que qualquer outro no Brasil, o povo santista está preparado para confrontar seu destino.⁷

Este capítulo tem como tema a história da cidade e do porto, e a formação da Ação Integralista Brasileira em Santos. O primeiro item discorre sobre a história do Porto de Santos, que contribuiu para a história política nacional e ficou conhecido como “Porto Vermelho” devido à atuação de alguns trabalhadores. Por isso, a cidade de Santos também começou a ser chamada por algumas pessoas de “Barcelona Brasileira” e “Mouscozinha”, assunto cuja abordagem será baseada em uma revisão historiográfica. As diferenças partidárias entre os integralistas (Verdes) e os trabalhadores considerados “de esquerda” (Vermelhos) são justificadas no nome deste primeiro capítulo.

Para dar continuidade ao tema “cidade”, descreve-se brevemente a cidade como palco de lutas e ações políticas. O tema foi abordado a partir de uma revisão bibliográfica e da utilização da Revista Mundo Ilustrado. O último item deste capítulo aborda a formação e a atuação da Ação Integralista Brasileira em Santos entre 1932 a 1937. A revisão historiográfica e a pesquisa para este item foram realizadas a partir das informações publicadas no Jornal *A Tribuna* de Santos.

⁷ SILVA, Ricardo M. da. **Sombras sobre Santos: o longo caminho de volta**. Santos: Secretaria Municipal de Cultura, 1988, p.161.

1.1 PORTO “VERMELHO”: AÇÕES E LUTAS

O porto de Enguaguaçu⁸, nome dado pelos indígenas que habitavam a cidade de Santos⁹ antes da chegada dos colonizadores, teve a sua história atribuída e entrelaçada ao Porto de Santos. Cabe mencionar que esse entrelaçamento entre o porto e a cidade existe até os dias atuais, pois Santos é conhecida por comportar o maior porto da América Latina.

Até 1540, o entreposto comercial de Enguaguaçu esteve localizado na entrada do canal de Santos, no bairro da Ponta da Praia. Depois, foi transferido para o Centro, e passou a ser conhecido como “Lagamar do Enguaguaçu”, recebeu o foro de Vila¹⁰ em 1546.

A vila se constituiu em torno desse lagamar onde os barcos atracavam, junto ao limite atual entre os bairros do Centro e o Paquetá, devido, sobretudo às condições geográficas privilegiadas tanto em relação ao mar quanto a serra, que nessa região separa o litoral do interior. O ponto inicial da vila tinha como marcos o Outeiro de Santa Catarina, o hospital, a Câmara Municipal e os quartéis. A maioria da população que ali vivia era mestiça, suas casas ocupavam as áreas ao longo do porto, mais para o lado do Ribeirão de São Jerônimo, por onde chegavam as canoas de mercadores do planalto. Para dificultar ataques e invasões, a Vila era cercada por muros a leste e ao oeste, ao sul pela barreira representada pelo Monte Serrat e ao norte pelo Forte da Vila e as águas do Lagamar de Enguaguaçu.¹¹

O novo povoado que se formou em meados do Século XVI, se constituiu em volta do entreposto comercial, que era composto de alguns trapiches e atracadouros. Com o passar do

⁸ Enguaguaçu significaria Pilão Grande, “nome que lhe adveio da configuração topográfica do sítio’[...] ‘enseada maior, a denominação dada pelos primitivos à Barra Grande, compreendendo o lagamar fronteiro à cidade de Santos’ [...] na obra que Frei Gaspar localizou Enguaguassu (outra forma gráfica do termo) com estas palavras, em suas Memórias para a História da Capitania de S. Vicente: ‘Dêrão o nome de Enguaguassu à parte da ilha de S. Vicente que vai correndo dos Outeirinhos até o princípio da baía Caneú, pouco mais ou menos’. O primeiro documento, porém, em que se localiza e define geográfica e topograficamente o sítio de Enguaguassu é o Auto de Posse, de 10 de agosto de 1540, onde, perante Braz Cubas e o capitão-mor Antônio de Oliveira, diz Antônio do Vale, tabelião público, que demarcava as terras fronteiras: ‘... e com esta ditta terra já demarcada lhe foi também dada a dita Ilha que na sua data disse a qual está defronte das ditas suas terras e de frente nesta Ilha de S.Vicente, onde chamão Emguaçú’ - (abreviado por contração)”. **NOVO MILÊNIO. Histórias e lendas de Santos**. Guaiaó, Guaíbe e Enguaguaçu. 09/08/2000. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0012.htm>>. Acesso em: 17 maio 2018.

⁹ A cidade de Santos está localizada na ilha de São Vicente, no Estado de São Paulo. A Ilha de São Vicente (Guaiaó era o nome indígena), que compreende as cidades de Santos e São Vicente, conforme citado na escritura das primeiras terras doadas a Pero de Góis em 1532, ano da fundação de São Vicente, quando ele chegou à região como integrante da comitiva de Martim Afonso de Souza. *Ibidem*.

¹⁰ Não se sabe ao certo quando Brás Cubas deu foro de vila ao povoado de Enguaguaçu; presume-se por documentos e escrituras daquela época ter sido em fins de 1546, provavelmente em 1º de novembro, por ser o dia de Todos os Santos, reservado a grandes ocasiões, segundo os usos da época. MELLO, Gisele Homem de. A Modernização de Santos no final do século XIX. **Cadernos CERU**. São Paulo, nº. 18, 2007, p.3. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ceru/article/viewFile/11835/13612>>. Acesso em: 11 maio 2018.

¹¹ *Ibidem*.

tempo, o local começou a ser conhecido pelos marinheiros como “Porto” de São Vicente. Após a fundação da Irmandade da Santa Casa de Santos em 1543¹², os embarcados enfermos desembarcavam na vila em busca de auxílio médico. A partir disso, a povoação passou a ser conhecida como “Porto de Santos” e, posteriormente, era chamada somente de “Santos”.

Até o início do século XIX, a cidade não possuía importância considerável em comparação com outros portos, como o Rio de Janeiro. Apesar da proximidade com a capital paulista, Santos era considerada uma pequena Vila sem grande expressão em nível nacional. As atividades econômicas da população estavam atribuídas ao mar, ou seja, viviam da pesca, da extração do sal marinho e da comercialização de óleo de baleia, utilizado para acender os lampiões.

Na segunda metade do século XIX, o cultivo do café de São Paulo passou a ocupar a Zona Oeste do estado, e depois o resto do interior. A primeira expansão do café aconteceu entre 1888 e 1898, se estendendo pelas regiões da Mogiana, Baixada Santista, Região Central e Alta Sorocabana e, as plantações triplicaram nesse período¹³.

Para escoar o café até o Porto de Santos, tropas de mulas carregavam as sacas das fazendas até o porto para serem exportadas. Muitas vezes, as tropas dos fazendeiros não eram suficientes para transportar toda a produção, e eram contratados os tropeiros particulares.

O serviço de carroças foi importante na cidade de Santos, à medida que a produção de café aumentava. Entretanto, o transporte com muarens vem de longa data e o tropeiro era um tipo característico de uma época. [...] carroças, burros saíam da estação de ferro em direção aos armazéns e carregadores, levando em seu dorso as sacas de café da carroça para o armazém ou das carroças para os navios.¹⁴

A deficiência e a demora no transporte do café contribuíram para acelerar o processo de construção da primeira ferrovia do Estado de São Paulo, a São Paulo-Railway¹⁵. O Decreto

¹² Brás Cubas, a 1º de novembro de 1543, fundou a Irmandade para edificação do Hospital de Santa Casa de Misericórdia de Todos Santos. Em consequência, o povoado recebeu a segunda denominação, Porto de Santos e, mais tarde, Santos.

¹³ SILVA, Lígia Osório. **Terras devolutas e latifúndio: efeitos da Lei de Terras de 1850**. Tese (Doutorado em História), Unicamp, São Paulo, 1996, p.280.

¹⁴ PEREIRA, Maria Aparecida Franco. Santos, cidade das carroças (fim do século XIX). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** - ANPUH. São Paulo, julho 2011, p.1. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300868183_ARQUIVO_ARTIGO"CARROCAS"FINALC.F.22MAR2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300868183_ARQUIVO_ARTIGO)>. Acesso em: 20 maio 2018.

¹⁵ Em 1867, entrava em operação a São Paulo Railway (SPR), a primeira Ferrovia Paulista. Financiada com capital inglês, sua construção foi iniciada em 1860, enfrentando diversas dificuldades técnicas, principalmente no trecho da Serra do Mar para vencer os 800 metros de desníveis, em uma extensão de 8 km. Em meados do ano de 1897, o trecho completo, ligando Santos à Jundiaí, com 159 km, foi inaugurado e iniciou-se o tráfego na região. A SPR (São Paulo Railway), como era chamada, possuía a concessão da linha por longos 90 anos. Em 1947 a empresa foi nacionalizada, passando a se chamar Estrada de Ferro Santos Jundiaí, também era utilizada

Imperial nº 1.759, de 26 de Abril de 1856: “*Autorisa a incorporação de huma Companhia para a construcção de huma Estrada de ferro entre a Cidade de Santos e a Villa de Jundiahy, na Província de S. Paulo*”¹⁶.

A instalação da ferrovia intensificou os fluxos entre o litoral e o interior paulista, além de ampliar o volume de mercadorias, ou seja, ela aumentou também as operações portuárias. As viagens entre Santos e São Paulo se tornaram mais rápidas e não havia a necessidade de “pousar” na cidade, o que não era bem visto por conta das diversas epidemias causadas¹⁷ pela falta de saneamento básico.

Ao mesmo tempo a ferrovia facilitou o deslocamento¹⁸ de pessoas. As elites podiam cuidar de seus negócios em Santos e residir em São Paulo afastando-se assim dos riscos de morte que as epidemias traziam [...]. O porto com seu número incessante de navios contribuía para essa mobilidade. Santos reforçava assim sua vocação comercial e portuária.¹⁹

A ampliação do porto de Santos se tornou urgente: o número de mercadorias, em toneladas, aumentou consideravelmente após a ferrovia iniciar suas operações. Na década de 1870, foram transportadas 68.433 toneladas; na década de 1890, esse número subiu para 607.309 toneladas. Após a ampliação do porto, esse número quase duplicou, chegando a 1.164.659 toneladas em 1900²⁰.

Desde 1870, o Governo Imperial abriu concessões para o porto. No entanto, nenhum grupo chegou a realizar obras concretas de ampliação e modernização, fazendo então com que o direito sobre o porto fosse retomado pelo Governo Imperial.

para o transporte de passageiros. ABPF. Associação Brasileira de Preservação Ferroviária. **Ferrovias**. Disponível em: <www.abpfp.com.br>. Acesso em: 29 abr. 2018.

¹⁶ Cf.: BRASIL. Câmara dos Deputados. **Legislação Informatizada** - Decreto nº 1.759, de 26 de Abril de 1856 - Publicação Original. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1759-26-abril-1856-571236-publicacaooriginal-94323-pe.html>>. Acesso em: 10 maio 2018.

¹⁷ Epidemias em Santos de 1850 a 1919. *Cólera*: 1855; *Coqueluche*: 1861-64, 1912, 1915; *Disenteria*: 1869-70, 1888, 1890; *Febre amarela*: 1853, 1857-61, 1869-70, 1872, 1873, 1876, 1878-80, 1889-1900 ; *Febre tifoide*: 1884-85; *Gripe espanhola*: 1918-19; *Impaludismo*: 1883-84, 1915-17; *Peste bubônica*: 1899, 1900, 1901-03, 1906-07, 1909, 1911, 1913; *Sarampão*: 1887, 1907, 1909, 1911, 1915; *Variola/alastrim*: 1859, 1863, 1865, 1872, 1873-78, 1887, 1889, 1892-94, 1897-99, 1904, 1906, 1908, 1912-14. NOVO MILÊNIO. **A campanha sanitária de Santos e a Malária**. 13/01/2011. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0353.htm>>. Acesso em: 04 maio 2018.

¹⁸ Era famoso o trem dos comissários que partindo de São Paulo às 10h30 chegava em Santos e retornava à capital às 16h00. LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Uma cidade na transição Santos: 1870-1913**. São Paulo, Santos: Hucitec, 1996, p.56.

¹⁹ *Ibidem*, p.56.

²⁰ MAZZOCO, Maria Inês Dias. **Santos a Jundiaí: nos trilhos do café com a São Paulo Railway**. São Paulo: Magma Editora Cultural, 2005, p.100.

Somente por meio do Decreto Imperial nº 9.979, de 12 de Julho de 1888²¹, um grupo de empresários ganhou a concorrência para a realizar as obras de ampliação: José Pinto de Oliveira, Cândido Gaffrée, João Gomes Ribeiro Avilar, Alfredo Camilo Valderato, Benedito Antônio da Silva e Barros e Braga & Cia e Eduardo Guinle, da Companhia Docas, conseguiram a concessão e construíram os primeiros 260 metros de cais²², que ficariam prontos em 1892²³. No entanto, as obras de tal ampliação enfrentaram várias dificuldades, entre as quais é possível citar as impostas pelo terreno, e também a resistência dos donos dos trapiches e do próprio comércio local.

Para realizar a ampliação necessitava segundo os estudos dragar o lodo, estimava-se a retirada de 105.993 m³ de lodo, mas foram extraídos 498.689 m³²⁴. Ainda para a realização da obra, a empresa entrou em litígio com os donos das 23 pontes e trapiches que se encontravam no local da construção, inclusive a São Paulo-Railway e a Alfândega, defendidas pela Câmara Municipal. Dessa primeira batalha vem a rivalidade entre o comércio de Santos e a Docas [...] aos comerciantes interessava o embarque e desembarque de mercadorias, queriam evitar que a empresa determinasse as taxas que teriam que pagar [...]. A Docas foi firmemente apoiada pelo governo e venceu todos os processos e recursos, alegando que se tratava de terrenos da Marinha e não havia fundamento nas reivindicações.²⁵

A Companhia Docas monopolizou o cais e acabou com o negócio dos trapicheiros, a empresa começou a controlar a entrada e a saída das mercadorias, diminuindo, assim, consideravelmente o contrabando. Porém, com o aumento de mercadorias e a burocratização da operação portuária, muitas cargas ficavam amontoadas nas pontes e/ou nas ruas, criando congestionamentos. Além disso, elas ficavam também sujeitas a roubos que, por sua vez, inflacionavam os armazéns flutuantes²⁶.

²¹ Cf.: BRASIL. Câmara dos Deputados. **Legislação Informatizada** - Decreto nº 9.979, de 12 de julho de 1888 - Publicação Original. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-9979-12-julho-1888-542680-publicacaooriginal-51939-pe.html>>. Acesso em: 20 maio 2018.

²² Santos inaugurou oficialmente o seu porto organizado no dia 2 de fevereiro de 1892, com um trecho de 260 metros lineares construído no lugar dos trapiches [...] A inauguração ocorreu com a atracação do navio a vapor Nasmyth, da armadora inglesa Lamport & Holt. **NOVO MILÊNIO. Santos de Antigamente** - Primeiro navio no porto santista, em 1892. 19/06/2004. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos158.htm>>. Acesso em: 21 maio 2018.

²³ LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Uma cidade na transição Santos: 1870-1913**. São Paulo, Santos: Hucitec, 1996, p.57.

²⁴ GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do Mar: trabalhadores do Porto, movimento operário e cultura urbana**. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p.24.

²⁵ Ibidem, p.26.

²⁶ Existiam no Porto, algo como 100 pontões que funcionavam como armazéns flutuantes, seus alugueis eram cobrados por diárias e variavam entre 150\$000 e 350\$000. Ibidem, p.26.

Em paralelo à expansão do cais, a Companhia Docas se comprometeu a sanear o Porto em um curto espaço de tempo, pois as epidemias de febre amarela e varíola dizimaram mais de 10% da população da cidade no final do século XIX. “Morria-se mais em Santos do que se nascia-se”²⁷. Entre 1889 e 1897, a natalidade foi sempre inferior à mortalidade [...] em 1889, cinco moléstias atingiram a cidade de uma só vez, provocando a interdição do porto²⁸.

Em 1893, foi instalada uma Comissão Sanitária na cidade. Fica patente neste período que a “construção do porto e o saneamento da cidade são obras interligadas, e fazem parte de um processo pelo qual nestes anos reorganiza-se o trabalho e a própria face da cidade”²⁹.



Figura 1 - Reprodução: Benedito Calixto - Um pintor à beira-mar.³⁰

²⁷ GONÇALVES, Alcindo. **Lutas e sonhos: cultura e hegemonia progressista em Santos (1945-1962)**. São Paulo: Editora Unesp, 1995, p.34.

²⁸ Ibidem, p.34.

²⁹ GITAHY, Maria Lucia Caira. **Os trabalhadores do Porto de Santos (1889-1910)**. Dissertação (Mestrado em História), Unicamp, Campinas, 1983, p.26. Apud: GONÇALVES, Alcindo. **Lutas e sonhos: cultura e hegemonia progressista em Santos (1945-1962)**. São Paulo: Editora Unesp, 1995, p.37.

³⁰ O quadro a óleo de 48 x 62 cm, pertence à coleção de João da Cruz Vicente de Azevedo. Vale ressaltar que várias imagens referentes à cidade de Santos foram reproduzidas pelo artista Calixto. NOVO MILÊNIO. **Benedito Calixto**. 07/07/2013. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/calixtnm.htm>>. Acesso em: 25 maio 2018.

A imagem de Benedito Calixto, registrada em 1893, retratou o porto organizado logo após a entrega da primeira ampliação do cais acostável.

Em 1909 foi entregue o último trecho da obra de ampliação do porto, atingindo 4720 metros. Nesse mesmo ano, a exportação de café superou 13 milhões de sacas³¹. Logo após a primeira expansão, em 1895, foram exportados 2 milhões de sacas, um número bem elevado quando comparado a 1860, que apresentou uma cifra de apenas 36.250 sacas.

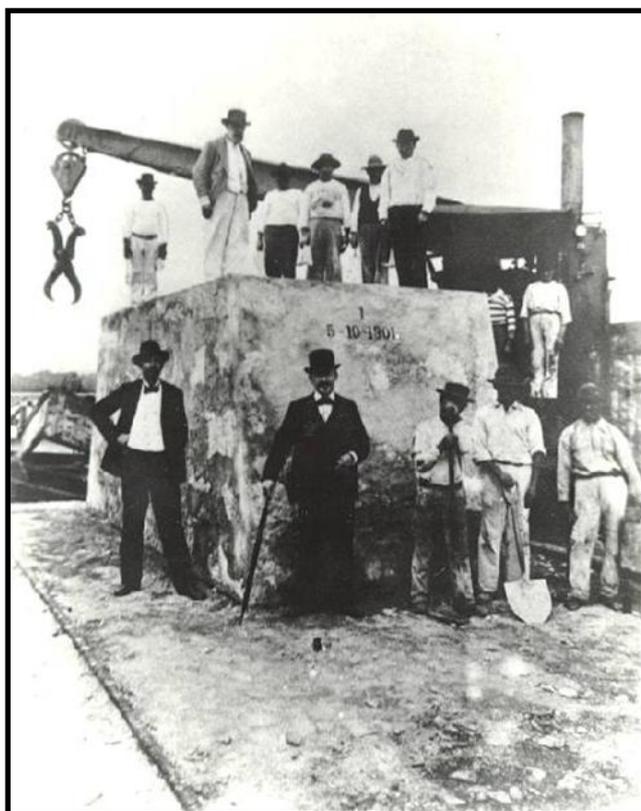


Figura 2 - Revista Estrela Azul, editada por funcionários da CDS, por volta de 1930.³²

Esta imagem retrata a ampliação do cais, com o engenheiro Guilherme Benjamin Weinschenck, encarregado das obras do porto, junto a trabalhadores da Companhia Docas de Santos (CDS) em frente ao primeiro bloco de granito utilizado no prolongamento do cais.

³¹ GONÇALVES, Alcindo. **Lutas e Sonhos**. Cultura política e hegemonia progressista em Santos (1945-1962). São Paulo: Editora Unesp, 1995, p. 37.

³² Cf.: NOVO MILÊNIO. **Histórias e lendas de Santos**. 13/08/2016. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/lendasnm.htm>>. Acesso em: 24 maio 2018.

Com a cidade em expansão e os reflexos do avanço do porto e do saneamento, a população cresceu rapidamente, resultado também do fluxo imigratório. No ano de 1890, a população era de 13.012 habitantes. Já em 1900, a população era de 50.389. Deve-se lembrar que essas também foram as décadas mais atingidas pelas epidemias³³. O Censo³⁴ de 1913 contabilizou 88.967 pessoas, ou seja: nesses 20 anos, a população cresceu 584%.

Santos esteve à frente dos ideais políticos e sociais das campanhas abolicionista³⁵ e republicana. Promulgou uma lei municipal, em 27 de fevereiro de 1886, abolindo o trabalho escravo dois anos antes da Lei Áurea de 1888. Ambas as campanhas ganharam destaque na imprensa. A republicana foi também estimulada nas ruas pela população, e ganhou muitos adeptos da elite.

Em pouco mais de uma década surgiu uma imprensa engajada e militante, a discussão invadiu as ruas, oradores e propagandistas inflamavam públicos, comícios e ações coletivas agitavam clubes e teatros, fez-se a luta ilegal e clandestina. E o que é particularmente importante: com o envolvimento de todos os segmentos sociais da cidade, de setores empresariais à “burguesia” local e a setores populares.

Vale lembrar que a intenção não é historiar as campanhas supracitadas, mas compreender que ambas influenciaram as origens das lutas políticas e sociais da cidade e do porto, bem como suas devidas atuações, pelas quais ficou conhecido como “Porto Vermelho”³⁶, e a cidade como “Mouscouzinha Brasileira” e “Barcelona Brasileira”³⁷.

³³ A febre amarela foi extinta em 1904. As taxas de mortalidade chegaram a mais de 100 óbitos por mil habitantes, nos anos epidêmicos, baixaram a valores em torno de 20 por mil. GONÇALVES, Alcindo. **Lutas e Sonhos**. Cultura política e hegemonia progressista em Santos (1945-1962). São Paulo: Unesp, 1995, p. 38.

³⁴ Os recenseamentos de Santos ocorreram sem uma intercalação padrão. Foram eles: 1772 (2.081 hab), 1790 (3.145 hab), 1801 (3.446 hab), 1814 (5.128 hab), 1822 (4.781 hab), 1843 (3.500 hab), 1854 (7.855 hab), 1872 (9.171 hab), 1885 (15.605 hab), 1890 (13.012 hab), 1900 (50.389 hab), 1913 (88.967 hab), 1917 (95.365 hab), 1935 (142.059 hab), 1940 (165.568 hab), 1950 (203.562 hab), 1960 (266.785 hab), 1970 (345.456 hab), 1980 (416.677 hab), 1991 (417.052 hab), 2000 (417.975 hab), 2007 (418.288 hab) e 2010 (419.757 hab). Cf.: WILLIANS, Sergio. **Primeiro Censo de Santos completa 250 anos**. 28/07/2015. Disponível em: <<http://memoriasantista.com.br/?p=1082>>. Acesso em: 24 maio 2018.

³⁵ Na causa abolicionista algumas mulheres santistas, abrigavam escravos em seu quintal e incentivava outras senhoras a fazerem o mesmo. Ana Benvinda Bueno de Andrada, fundou a primeira sociedade feminina para alforria de escravas moças: “A Emancipadora”. GONÇALVES, Alcindo. **Lutas e Sonhos**. Cultura política e hegemonia progressista em Santos (1945-1962). São Paulo: Unesp, 1995, p.38. Um grupo de senhoras de Santos cercaram um trem que trazia o delegado de São Paulo e outras autoridades, quando o trem parou na estação impediram o desembarque, o delegado tentou negociar sem sucesso, engataram uma locomotiva do lado oposto e o enviaram de volta. GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do Mar**: trabalhadores do Porto, movimento operário e cultura urbana. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p.34.

³⁶ SARTI, Ingrid. **Porto Vermelho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

³⁷ GONÇALVES, Adolto. **Barcelona brasileira**. São Paulo: Publisher Brasil, 2002.

A Imprensa teve um papel de destaque: foi através dela que, em 1880, surgiram em Santos os primeiros jornais operários. O periódico *Operário* propôs a fundação de um Partido Operário em 1892. Ainda nesse mesmo ano, os ideais socialistas se propagaram na cidade por meio do jornal *A Ação Social*. O responsável era o Dr. Silvério Fontes³⁸, que três anos mais tarde se aliou a Sóter de Araújo³⁹ e Carlos Escobar⁴⁰ para a fundação de um Centro Socialista. A finalidade inicial do Centro era a divulgação do socialismo, partindo mais tarde para a defesa da formação de cooperativas e a fundação de um partido socialista⁴¹. Em 30 de maio de 1896, o periódico *A Questão Social* anunciou a formação do Partido Operário Socialista, fusão do Centro Socialista, do Partido Operário e da União Operária, que foi de curta duração e não estabeleceu vínculos com os trabalhadores santistas⁴².

Apesar de o Partido Operário Socialista ter sido efêmero, pode-se dizer que o mesmo teve importância em Santos e que a cidade foi pioneira nos ideais socialistas, que foram difundidos principalmente pelos trabalhadores da construção civil⁴³ e pelos portuários. Foi em Santos que se comemorou, pela primeira vez no Brasil, o Primeiro de Maio⁴⁴, em 1895, na sede do Centro Socialista.

Os trabalhadores santistas eram ex-escravos e imigrantes de várias nacionalidades, entre os quais estavam portugueses, espanhóis, italianos, turcos e japoneses. Sendo assim, na Companhia Docas, a maioria dos empregados era imigrante. As primeiras greves aconteceram em 1877, em prol dos trabalhadores da descarga de café, e 1888, dos trabalhadores da construção civil. Em maio de 1891, aconteceu outra greve dos carregadores de café, que se

³⁸ O médico Dr. Silvério Fontes prestou relevantes serviços a saúde da comunidade. Trabalhou na Santa Casa de Misericórdia de Santos e no Asilo de Órfãos. A prática cotidiana da medicina fez Dr. Silvério enxergar que grande parte de seus enfermos, apresentava doenças decorrentes da miséria e, impulsionado por esta constatação abraçou as causas sociais, destacando-se como sociólogo. Foi fundador de vários jornais na época, conscientizando a classe menos favorecida. Cf.: IHGS. Instituto Histórico e Geográfico de Santos. **Silvério Fontes**. Disponível em: <<http://www.ihgs.com.br/cadeiras/patronos/silveriofontes.html>>. Acesso em: 27 maio 2018.

³⁹ Formado em Farmácia e, depois, em Medicina. Desempenhou a profissão na Guarda Nacional, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, na Sociedade Portuguesa de Beneficência e na Sociedade União Operária. Foi o fundador do pavilhão de tuberculosos da Santa Casa. Foi inspetor sanitário do Município quando faleceu a 7 de junho de 1924. NOVO MILÊNIO. Histórias e lendas de Santos - Os Dirigentes. Raimundo Sóter de Araújo. 27/09/2005. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/poli1892c.htm>>. Acesso em: 27 maio 2018.

⁴⁰ Professor e militante comprometido com a causa abolicionista, atuou em Santos, São Paulo, Campinas, Mogi-Mirim, colaborou com jornais abolicionistas e também em atividades clandestinas da Confraria Nossa Senhora dos Remédios. GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do Mar: trabalhadores do Porto, movimento operário e cultura urbana**. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p.38.

⁴¹ *Ibidem*, p.38

⁴² GONÇALVES, Alcindo. **Lutas e Sonhos**. Cultura política e hegemonia progressista em Santos (1945-1962). São Paulo: Unesp, 1995, p.41.

⁴³ Sobre os trabalhadores da construção civil, verificar: SILVA, Fernando Teixeira da. **Operários sem Padrões: Os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras**. Campinas: Unicamp, 2003.

⁴⁴ CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL. **1º de Maio**. Sua origem, seu significado, suas lutas – capítulos 5 e 6. 30/05/2017. Disponível em: <<http://memoriasindical.com.br/formacao-e-debate/1o-de-maio-sua-origem-seu-significado-suas-lutas-capitulos-5-e-6>>. Acesso em: 27 maio 2018.

estendeu aos estivadores, ferroviários, trabalhadores do matadouro, do cemitério, da construção civil e das obras do porto, chegando a 4000 grevistas.

Entre 1897 e 1910 ocorreram greves e manifestações de várias categorias que contribuíram para organizar as primeiras associações e sindicatos, orientados pelos ideais anarcossindicalistas. Esses ideais eram influenciados, principalmente, pela leva migratória de espanhóis e portugueses. Os portos de Santos e do Rio de Janeiro eram administrados de formas distintas, pois o porto carioca era mantido pelo Estado, enquanto o porto santista era administrado por uma empresa privada sob concessão do governo: a Companhia Docas.

A Companhia Docas, o “império de Guinle”, pode ser considerada o maior grupo capitalista brasileiro da época e um dos maiores impérios empresariais da história do capitalismo no Brasil. Mas, se em Santos se faz sentir a força do Capital, nos inícios da industrialização brasileira, também do outro lado, o do Trabalho, se faz sentir a força da classe operária: Santos foi palco de um dos mais fortes e bem organizados movimentos de trabalhadores do Brasil, sob a liderança da categoria dos estivadores.⁴⁵

A força operária santista foi importante para construir o nome “Cidade Vermelha”, apesar de a historiografia apontar a formação e atuação de inúmeros sindicatos e de greves de classes de trabalhadores de diferentes áreas, o propósito dessa primeira parte do capítulo é centralizar nos trabalhadores portuários. Em 1908, trabalhadores⁴⁶ das Docas entraram em greve pela jornada de 8 horas de trabalho e por aumento salarial. Para conter a greve, o exército tentou reprimir os grevistas que, por sua vez, responderam com atos violentos. “Os trabalhadores jogaram três bombas no cais da Companhia Docas, matando um muar”⁴⁷. Em 1912, esses trabalhadores iniciaram outra greve por não terem recebido aumento de salário, e novamente o movimento foi reprimido pelas forças policiais, resultando ainda deportações de imigrantes. Ao contrário da paralisação de 1908, estas reivindicações não tiveram sucesso.

⁴⁵ ALVES, Alexandre. A Imprensa na cidade de Santos: 1849-1930. **Projeto História**. São Paulo, n°. 35, p.39-62, dez. 2007, p.55.

⁴⁶ Os trabalhadores da Companhia Docas foram a primeira categoria organizada na “Sociedade Internacional União dos Operários”. Tinha como meta “uma organização geral capaz de incluir todos os trabalhadores de Santos [...] Porém foi a Federação Operária Local de Santos (FOLS) que organizou todos os grupos da classe trabalhadora santista, durante os anos de 1911-1912”. GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do Mar: trabalhadores do Porto, movimento operário e cultura urbana**. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p.115.

⁴⁷ SARTI, Ingrid. **Porto Vermelho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p.88.

A influência estrangeira no porto de Santos foi sempre objeto de grande preocupação do governo brasileiro, que no decorrer da Primeira República usou a deportação como forma de reprimir as lutas dos trabalhadores no porto. Essa política foi mantida no Estado Novo, por Vargas — os estrangeiros eram deportados e os brasileiros enviados para a ilha dos Porcos.⁴⁸

Logo após a Primeira Guerra, em 1919, o movimento operário realizou duas greves. A primeira, por volta dos meados de julho. Apesar da repressão, os grevistas conseguiram a jornada de 8 horas diárias. Em novembro desse mesmo ano, os trabalhadores das Docas, buscando o aumento salarial e outros benefícios, realizaram a segunda paralização, que perdurou por dois meses. Com resistência às prisões em massa e às invasões dos sindicatos pela polícia, a greve dos trabalhadores da “Barcelona Brasileira” era derrotada. A Companhia Docas de Santos já havia substituídos seus 2100 trabalhadores por fura-greves⁴⁹.

Ainda em 1919, é fundada a “Sociedade dos Estivadores de Santos (SES)”, inspirada nos ideais anarcossindicalistas. As pautas de reivindicações dos trabalhadores portuários seguiam as estratégias de luta do movimento anarquista, como salários, jornada e condições de trabalho.

Com a fundação oficial do Partido Comunista em 1922, a SES reorganiza os seus ideais políticos e adere ao comunismo como base em suas pautas, abandonando o anarcossindicalismo. Foi nesse momento histórico que a cidade de Santos iniciou sua trajetória revolucionária comunista, sob a orientação do PCB, sufocando sua identidade anarcossindicalista e, com ela, o seu cognome de “Barcelona Brasileira”⁵⁰.

Em 1926, a SES é fechada por uma ação policial, ressurgindo em 1930 como “Centro de Estivadores de Santos” e, logo depois, como “Sindicato dos Estivadores de Santos (SES)”, que contava com cerca de 500 homens divididos entre estivadores da Companhia Docas e com marítimos estrangeiros. A experiência era pioneira no Brasil em relação ao movimento sindical, pois era o primeiro sindicato que se impunha indiferente da empregadora, já que se propunha a agenciar a mão-de-obra⁵¹. Durante o movimento político de 1932, o SES é fechado e reaberto poucos meses depois. A repressão policial tentou, de todas as formas, minimizar a política esquerdista do sindicato. Em 1935, após a intentona

⁴⁸ AGUIAR, Maria Aparecida Ferreira de Aguiar; JUNQUEIRA, Luciano Antônio Prates; FREDDO, Antônio Carlos de Moura. O Sindicato dos Estivadores do Porto de Santos e o processo de modernização portuária. **RAP** - Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro, v. 40, nº. 6, nov./dez. 2006, p.6. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n6/04.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

⁴⁹ SARTI, Ingrid. **Porto Vermelho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p.90.

⁵⁰ AGUIAR, JUNQUEIRA, FREDDO, op. cit., p.6.

⁵¹ SARTI, op. cit., p.92

comunista, o SES sofreu uma intervenção federal que durou cerca de um ano. Em 1940, já no Estado Novo, o sindicato voltou a sofrer outra intervenção do governo, que só terminou em 1943 com a eleição sindical. O novo presidente do SES contou com o apoio do líder comunista de Oswaldo Pacheco⁵². Em 1945, entra um novo gestor no sindicato: Manoel Cabeças⁵³, e o início foi marcado por conflitos e greves em protesto ao governo franquista.

Sobre o tema mítico do “Porto Vermelho”, alguns historiadores atribuem esse nome ao período após a Segunda Guerra Mundial, quando os estivadores se negam a carregar uma carga de café ao governo franquista e enviam um comunicado oficial ao Presidente da República em exercício em 1946. Cabe mencionar que, nos 4 cantos do mundo, estivadores rebelaram-se contra o regime de Franco quando se tornou pública sua colaboração com o nazismo⁵⁴. Portanto, a atuação dos trabalhadores portuários de Santos não foi um caso isolado.

"Exmo. sr. general Eurico Gaspar Dutra - DD. presidente da República - Palácio do Catete - Rio de Janeiro - Estivadores Santos, reunidos em grande assembléia, pedem v. excia. imediato rompimento relações diplomáticas governo fascista Franco. - Saudações cordiais - Manoel Cabeças, presidente da Assembléia".⁵⁵

Cabe mencionar que a greve contra o governo espanhol era vista como um ato espontâneo de repulsa ao fascismo. A União Geral dos Sindicatos de Trabalhadores de Santos se reuniu e emitiu um ofício, que foi destacado no jornal *A Tribuna*, com as seguintes pautas:

Aos trabalhadores e ao povo de Santos:
Tomando conhecimento da resolução dos trabalhadores do porto desta cidade de não descarregarem navios espanhóis ou procedentes de portos da Espanha franquista, a Comissão Executiva desta entidade reuniu-se e, depois de examinar a situação criada com a atitude daqueles trabalhadores, e depois de considerar e estudar o que os levou a esse procedimento, declara:

⁵² Membro do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro Oswaldo Pacheco da Silva foi um dos maiores líderes sindicais dos portuários brasileiros. Sergipano, foi presidente do sindicato dos Estivadores de Santos, da Federação Nacional dos Estivadores, do PUA (Pacto de Unidade e Ação), do Fórum Sindical de Debates, deputado constituinte em 1946 e militante comunista. O líder do Porto de Santos, uma referência não só do movimento sindical dos portuários de Santos, mas de toda a classe trabalhadora. Acusado de comunista, foi cassado depois de promulgada a Constituição de 1946. Exilou-se no México em 1964, depois retornou ao Brasil, Santos, foi preso na época da ditadura militar, torturado sob o regime dos generais e faleceu em 1993. MIA. Marxists Internet Archive. **Dicionário Político**. Oswaldo Pacheco da Silva. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/silva_oswaldo.htm>. Acesso em: 18 jun. 2018.

⁵³ Manoel Cabeças era considerado pelego pela categoria. SARTI, Ingrid. **Porto Vermelho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p.98

⁵⁴ Ibidem, p.99.

⁵⁵ A TRIBUNA. Santos, 08 de março de 1946.

1º - Que o governo fascista espanhol, num desafio às nações democráticas e à Federação Mundial Sindical, continua matando patriotas e trabalhadores espanhóis;

2º - Que lutar contra o fascismo franquista é lutar também contra os remanescentes do fascismo em nosso país, contra a carta fascista de 37, contra o alto custo de vida, por liberdade e autonomia sindical, por melhores condições de vida dos trabalhadores;

3º - Que se torna necessária uma atitude coerente dos povos amantes da Democracia, em relação ao governo fascista de Franco, pois tal regime não pode mais subsistir, sob pena de negarmos o sacrifício de 50.000.000 de seres que deram suas vidas pela causa da liberdade em todos os quadrantes da terra;

4º - Que lutar contra o regime de Franco é lutar contra todas as formas de degradação do trabalhador e contra os restos de regimes que mais perseguiram e oprimiram o proletariado;

Resolve:

a) Solicitar do nosso governo o rompimento das relações diplomáticas com a Espanha franquista;

b) Aconselhar os trabalhadores do porto a se acautelarem com possíveis provocadores e que se mantenham firmes e pacíficos na sua decisão;

c) Dar aos trabalhadores do porto de Santos, como sua, a palavra de ordem da Federação Mundial Sindical, de não serem procedidas operações de carga e descarga de vapores sob bandeira espanhola ou procedentes de portos espanhóis.

Santos, 7 de março de 1946.

A Comissão Executiva: João Taibo Cadórniga, Valois de Faria Veiga, Joaquim Augusto de Oliveira, José Ferrete, Luiz Ferreira de Lima, José de Lima Campos, Manoel Viana e Luiz Alceu Lestrade.

O documento foi apresentado para destacar um possível equívoco em situar a primeira greve⁵⁶ dos portuários no período do Estado Novo. Na imprensa local existem os testemunhos dos próprios estivadores que participaram da greve em 1946, além de fotografias do trabalho de embarque ao navio Cabo Prior, por bombeiros de São Paulo.

⁵⁶ O episódio supracitado foi romanceado pelo escritor Jorge Amado, na obra “Os subterrâneos da liberdade”, de maio de 1954. Já no primeiro capítulo, retratou a história dos estivadores santistas que se recusaram a trabalhar no embarque de café em um navio alemão, ofertado pelo governo brasileiro ao governo espanhol. Segundo o próprio autor, esse episódio ocorreu em 1938. Logo, parece claro que houve uma divergência temporal entre a literatura e os fatos.

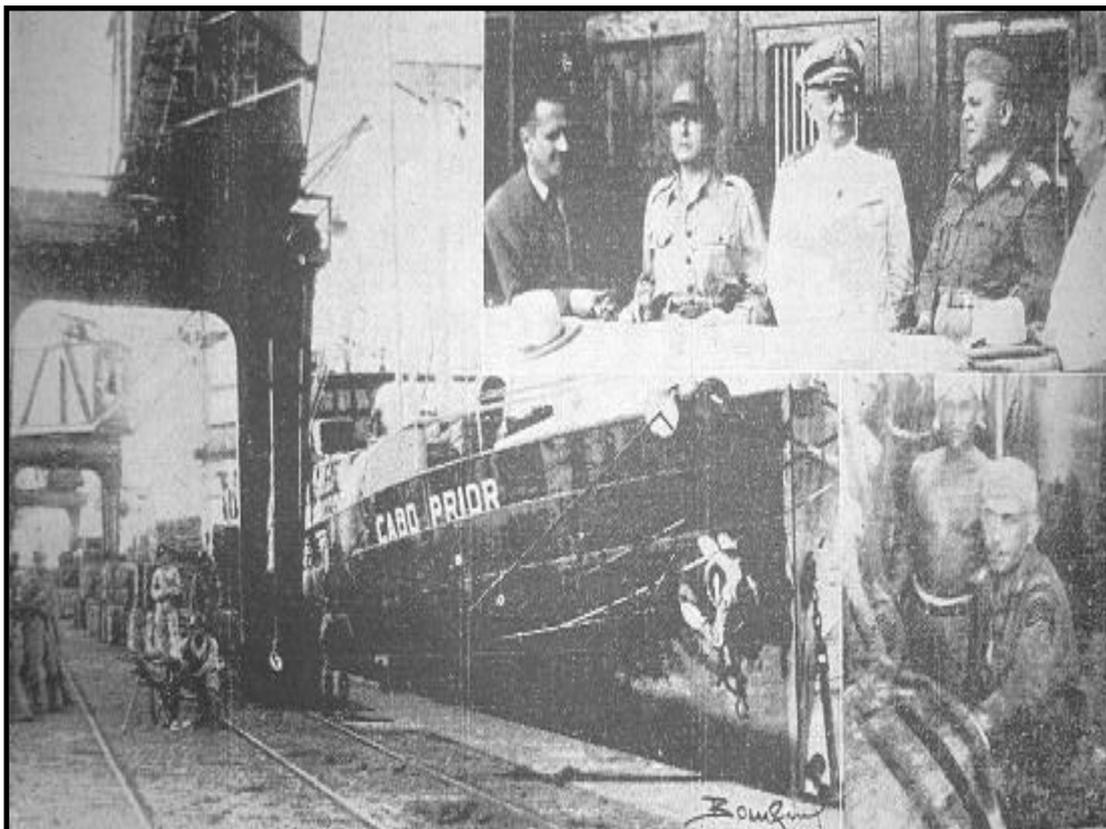


Figura 3 - Embarque no navio espanhol Cabo Prior no dia 13 de março de 1946, nas páginas do Jornal *A Tribuna*.⁵⁷

O embarque da carga no navio Cabo Prior foi realizado por cem bombeiros supervisionados por autoridades policiais. À esquerda, a imagem retrata o aspecto do cais e do policiamento; à direita, ao alto, o dr. Afonso Celso, delegado auxiliar, o coronel Índio do Brasil, comandante do Corpo de Bombeiros (de São Paulo), e o comandante Bezerra Cavalcante, capitão dos portos; embaixo, dois bombeiros no embarque dentro dos porões do Cabo Prior.

Cerca de 100 bombeiros já se encontravam no cais, iniciando imediatamente o trabalho. Enquanto turmas desses "soldados do fogo" penetravam nos porões, iniciando o trabalho da estiva, outros manobravam os guinchos e os guindastes, enquanto os demais procediam ao arranjo e desmancho das lingadas, e transportavam as mercadorias para o armazém, uma vez que os doqueiros, solidarizando-se com os estivadores, também se recusaram a trabalhar.⁵⁸

⁵⁷ NOVO MILÊNIO. Histórias e Lendas de Santos - Estiva X Franco. Navio de Jorge Amado viaja no tempo (2). 24/06/2007. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0362b.htm>>. Acesso em: 29 maio 2018.

⁵⁸ Ibidem.

O movimento portuário esteve à frente de acontecimentos políticos importantes do país. Além de a cidade ser considerada o “berço do socialismo”, e seus ideais serem incorporados aos movimentos operários regionais, ainda é possível situar as atuações dos sindicatos dos estivadores em greves importantes que já foram citadas. Cabe mencionar que, apesar de existir uma frente anti-integralista na cidade, mencionada inclusive nas listas de estivadores fichados no DEOPS⁵⁹ durante o governo getulista, não foram encontrados documentos que descrevam a existência de episódios de confronto entre as frentes rivais.

Nos próximos itens deste capítulo, percebe-se que as lutas não ficaram concentradas somente nas greves portuárias, mas também em outras ações e lutas políticas, como o movimento político de 1932, no qual a cidade teve participação da sociedade em campanhas de arrecadação de fundos e mantimentos e no front. Santos não ficou restrita aos ideais socialistas – também houve espaço para novos movimentos políticos, como a Ação Integralista Brasileira.

1.2 CIDADE DE SANTOS: PALCO DE LUTAS POLÍTICAS

A cidade de Santos, já nas primeiras décadas do século XX, havia alcançado certo grau de autonomia econômica por meio do comércio cafeeiro, que utilizava o porto como principal fonte de escoamento da riqueza e acúmulo de renda. Sendo sua principal sede, a expansão cafeeira gerou uma enorme demanda de trabalho, que coincidiu com o momento da crise do escravismo. Tal problema passou a ser o centro das atenções da elite agrária e, a partir dos meados de 1880, conseguiram impor a política de incentivo imigrantista.

A então recente ideia de “branqueamento” contida nessa proposta colocava o imigrante como sinônimo de “progresso” e “civilização”, estabelecendo relações discricionárias e de hierarquia no mercado de trabalho⁶⁰. Portanto, o negro foi o mais prejudicado, pois não era mais tão facilmente aceito para o trabalho quanto o imigrante europeu. Dava-se preferência para a mão de obra dos imigrantes, desenvolveu-se um discurso no qual o branco europeu era “civilizado, honesto, sincero e pacífico”. As mulheres eram consideradas boas donas de casa, trabalhadeiras e econômicas. Com intensa disposição,

⁵⁹ Essas fichas foram pesquisadas e estão disponíveis em TAVARES, Rodrigo Rodrigues. **O porto vermelho: a maré revolucionária (1930-1951)**. Coleção Inventário DEOPS. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial - SP (IMESP), 2001.

⁶⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru: Edusc, 2014, p.49.

estavam sempre realizando tarefas, cozinhando, limpando, bordando, vendendo e cuidando dos filhos⁶¹.

Em consonância com essa leva migratória e com o crescimento do trabalho no porto de Santos, que tem em seu Brasão o dístico latino “Terra da Liberdade e Caridade” (*Patriam Charitatem ET Libertatem Docui*), não por acaso assumiu uma importância histórica fundamental no princípio do século XX, quando a cidade passa a abrigar inúmeros movimentos sociais, políticos e filantrópicos. Tais movimentos eram compostos por homens e mulheres⁶². Vale ressaltar que a mulher trabalhadora já se ocupava do espaço público, o que fica mais claro nessa citação:

A mulher operária, na luta pela vida, também conquista espaço público nas fábricas. Em Santos, a presença das catadeiras de café e das costureiras de sacaria, no início deste século, nos armazéns de café [...] Aos poucos, escritórios têm a presença das secretárias, das datilógrafas. Na década de 1910 já desfilam mulheres nas profissões mais qualificadas.⁶³

Nota-se que com a inserção de mulheres no mercado de trabalho, antecipou-se a luta pelas creches, necessárias para abrigar os filhos destas trabalhadoras⁶⁴.

Em relação aos imigrantes, que era majoritariamente composta de italianos, espanhóis e portugueses, significativa parte se concentrava no trabalho portuário em Santos, como estivadores e na construção civil. Em Santos, com o auge da expansão cafeeira, havia grande demanda por mão de obra. O porto oferecia muitos postos, bem como outros trabalhos relacionados à atividade comercial de importação e exportação.

Em 1920, a força de trabalho era constituída por 68% de estrangeiros, e encontrava-se na faixa etária entre 15 e 49 anos. A quantidade de estrangeiros foi essencial para organizar a força sindical de Santos, principalmente as lideranças. A participação espanhola e portuguesa era elevada nos quadros de liderança operária, e a forte influência anarcossindicalista teria sido imprescindível para a cidade de Santos como uma das mais importantes representantes do sindicalismo⁶⁵.

Mesmo com a Crise de 1929, a cidade de Santos continuou o crescimento econômico proveniente do porto, e a cidade começava a ter influência na política do país.

⁶¹ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru: Edusc, 2014, p.48.

⁶² FRANCO, Maria Aparecida Pereira. **Mulheres e prática de caridade em Santos**. Santos: Leopoldianum, 1997, p.81.

⁶³ Ibidem, p.81.

⁶⁴ Ibidem, p.81.

⁶⁵ SARTI, Ingrid. **Porto Vermelho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 87.

Em 26 de novembro 1930, logo após a instalação do governo de Getúlio Vargas, foi criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, organizando as legislações trabalhistas e possibilitando a sindicalização em vários setores.

Melhor explicando: em 1930, surge o Sindicato dos Estivadores (1º de dezembro). Em 1931, foram inaugurados: Sindicato do Comércio Varejista de Santos (janeiro); Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas (12 de julho); Sindicato dos Motoristas e Condutores da Marinha Mercante de Santos (27 de novembro); Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Trigo, Milho e Mandioca de Santos (04 de dezembro); Em 1932, Sindicato dos Conferentes de Carga e Descarga (18 de dezembro). Em 1933, foram fundados: Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Santos (1º de janeiro); Sindicato dos Ajudantes de Despachantes Aduaneiros (5 de janeiro); Sindicato dos Oficiais Barbeiros, Cabeleireiros e Similares de Santos (12 de janeiro); Sindicato dos Operários e Trabalhadores Portuários - atual SINTRAPORT - (14 de março); Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração de Mármore, Calcários e Pedreiras de Santos (26 de maio); Sindicato dos Empregados na Administração dos Serviços Portuários de Santos (28 de maio); Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Santos (29 de julho); Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil de Santos, S. Vicente e Guarujá (20 de agosto).

Por sua vez, em 1934, observamos a fundação do Sindicato dos Corretores de Café de Santos (13 de setembro). Em 1935, Sindicato dos Empregados em Comércio Hoteleiro e Similares de Santos (1º de maio). Em 1937: Sindicato das Empresas de Veículos de Carga de Santos (1º de agosto); Sindicato dos Telegrafistas, Radiotelegrafistas e Classes Conexas (2 de dezembro). Em 1938, Sindicato dos Auxiliares da Administração do Comércio Armazenador de Santos (30 de julho); Sindicato dos Vigias Portuários (22 de agosto); Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Panificação e Confeitaria de Santos e S. Vicente (18 de setembro); Sindicato dos Professores de Santos (1938). Finalmente, em 1939, observamos a fundação do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários de Santos (28 de maio); Sindicato dos Trabalhadores em Laticínios, Derivados de Açúcar e Torrefação de Café; Sindicato dos Empregados Terrestres Aquaviários e Operadores Portuários - atual SETTAPORT - (05 de julho) e o Sindicato dos Empregados em Saúde.⁶⁶

Os movimentos sociais e políticos eram compostos por trabalhadores portuários da região e de várias nacionalidades⁶⁷, que ajudaram a compor um perfil nada formal desta classe

⁶⁶ VENTURA, Magda Fernandes Garcia. **Mulheres Educadoras na Presidência da Associação Feminina Santista** (década de 1930). Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica de Santos - UNISANTOS, Santos, 2016, p.23-24.

⁶⁷ O elevado índice de operários estrangeiros, com maior nível de politização, é considerado um dos motivos da vitória do Sindicato dos Estivadores de Santos frente ao “Projeto de Nacionalização da Estiva - nacionalização, sistema direto e sistema de pagamento por produção”. SARTI, Ingrid. **Porto Vermelho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p.44-45.

trabalhadora santista. Considerando essa movimentação política, como já foi dito anteriormente, a cidade recebeu os nomes de: “Moscouzinha”, “Porto Vermelho” e ainda “Barcelona Brasileira”, como sugere esse trecho:

Santos era conhecida como a Barcelona Brasileira, centro de agitação política sob a liderança anarquista e socialista de velhos militantes estrangeiros [...] o projeto apenas localiza nos estivadores o mesmo objetivo político repressivo que foi dirigido a classe operário como um todo.⁶⁸

No início da Era Vargas (1930-1945), os paulistas organizaram o “movimento político de 32”, ou “Constitucionalista”⁶⁹. Esse conflito durou 87 dias, com saldo oficial de 934 mortos – entre eles, 81 santistas. A participação da cidade no movimento de 1932 foi oficializada por meio de uma reunião no dia 15 de julho de 1932, às 14 horas.

Nos altos do prédio nº 9 da Rua do Comércio⁷⁰ (antiga Santo Antônio), sob convocação do coronel Grimaldo Teixeira Favila, que seria um dos bons comandantes das forças santistas no Setor Sul, reuniram-se os reservistas do Exército Brasileiro, residentes em Santos, ficando aí resolvida a criação de um Batalhão de Reserva para seguir para o *front*.⁷¹

O presidente Getúlio emitiu uma ordem para o fechamento de todos os portos, incluindo o de Santos. O plano era não permitir o deslocamento de pessoas e dificultar a entrada de armas e mantimentos. A Marinha e a Aeronáutica auxiliaram os ataques à Baixada Santista. “Dois hidroaviões da Marinha lançaram bombas sobre as usinas da Light junto à raiz da serra, sem consequências maiores.”⁷² Após os ataques, as luzes da orla marítima foram mantidas desligadas e o Forte de Itaipu se preparou para o combate. As aulas foram suspensas nas cidades de Santos e São Vicente⁷³.

Entre outras questões, havia algumas instituições descontentes com o governo getulista devido à redução no recolhimento do Imposto da Caridade, que acarretava uma

⁶⁸ SARTI, Ingrid. **Porto Vermelho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 45.

⁶⁹ A revolta iniciou em 9 de julho e terminou no dia 4 de outubro de 1932, três dias após o término, no dia 07 de outubro de 1932 foi criada oficialmente a Ação Integralista Brasileira em São Paulo.

⁷⁰ Cabe ressaltar que esse mesmo endereço seria a sede central da Ação Integralista Brasileira em Santos de 1934 até 1937.

⁷¹ NOVO MILÊNIO. **Histórias e Lendas de Santos** - 1932. Os santistas na Revolução de 1932 (I). 20/05/2005. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186a.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

⁷² *Ibidem*.

⁷³ VIERA, Marina Tucunduva Bittencourt Porto. O Asilo de Órfãos de Santos e a Revolução Constitucionalista de 1932. **Anais do Colubhe 2012** – IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Lisboa, 2012, p.4. Disponível em: <<http://colubhe2012.ie.ulisboa.pt/>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

perda monetária significativa atingindo várias instituições filantrópicas. Pode-se sugerir que a cidade não estabelecia um bom relacionamento com o Governo Federal, e é possível que esse descontentamento tenha incentivado o engajamento da cidade na resistência de 32.

O Imposto de Caridade, que incidia sobre as bebidas importadas que chegavam pelo porto e que era distribuído às instituições filantrópicas [...]. Após certo intervalo de tempo, o governo federal reviu as verbas distribuídas por ele e recalculou o montante das mesmas. Pelo Decreto nº 20351 de 31/08/1931, voltou a fornecê-las em valor bem inferior, através da criação de uma Caixa de Subvenção. Pode-se entender a adesão ao movimento constitucionalista como uma manifestação de desagrado com o governo federal naquilo que mais diretamente atingiu o asilo.⁷⁴

Algumas instituições da região tornaram-se pontos de auxílio para os combatentes do movimento político de 32. “Cozinhas Econômicas” adaptadas foram instaladas em vários lugares, como a Cia. Brahma, o Instituto Escolástica Rosa, a Cia. Antartica Paulista, a Escola Braz Cubas e o Cine Bocaina⁷⁵ para auxiliar na distribuição de alimentos.

A participação de mulheres não esteve à margem desses movimentos e contou com o apoio e direção da Associação Feminina Santista⁷⁶ (AFS). Senhoras, senhorinhas e crianças que se dedicavam à confecção de fardas e agasalhos, organizavam a arrecadação de doações em prol do movimento constitucionalista na “Campanha do ouro pelo bem de São Paulo”, arrecadando fundos monetários.

Essas contribuições chegavam tanto de pessoas comuns quanto do comércio, de um modo geral. Seja por pedidos feitos diretamente às lojas de tecidos ou espontaneamente, a AFS confiava no espírito altruístico dos santistas.⁷⁷

⁷⁴ VIERA, Marina Tucunduva Bittencourt Porto. O Asilo de Órfãos de Santos e a Revolução Constitucionalista de 1932. **Anais do Colubhe 2012** – IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Lisboa, 2012, p.8. Disponível em: <<http://colubhe2012.ie.ulisboa.pt/>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

⁷⁵ Ibidem.

⁷⁶ A Associação Feminina Santista (AFS) foi uma instituição de grande destaque na sociedade de Santos, iniciando-se em 1902 - sob a direção da educadora Eunice Caldas - com o objetivo de elevação cultural da mulher. A instituição congregou mulheres da elite santista preocupando-se também com o crescimento de crianças dos estratos menos favorecidos economicamente com a instalação das escolas maternais. VENTURA, Magda Fernandes Garcia. **Mulheres Educadoras na Presidência da Associação Feminina Santista** (década de 1930). Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica de Santos, UNISANTOS, Santos, 2016, p.11.

⁷⁷ Ibidem, p.21.

A Associação Feminina Santista era composta por mulheres da elite santista⁷⁸, que participavam ativamente tanto no âmbito da filantropia como no da educação, atividades aceitas dentro do esperado para o gênero feminino. As mulheres ajudaram na costura dos uniformes e nos ranchos, além dos discursos e nas marchas de incentivo para os combatentes.

Algumas mulheres quebraram as barreiras e participaram na confecção de armas e nos hospitais nas trincheiras. Cabe mencionar, por exemplo, a participação feminina (não a única) como combatente de Maria Iguassiba⁷⁹.

A mulher paulista integrou-se imediatamente no movimento revolucionário. Compreendeu o alcance e percebeu a finalidade da revolução. Colocou-se na retaguarda. Não houve atividade de que não tivesse participado [...] até ao preparo do material bélico emprestaram colaboração eficaz. Os serviços, desde os mais grosseiros foram executados sem vacilações. Isto mostra que a mulher inspirou confiança aos mentores da revolução. Dentro de suas possibilidades lutou sem esmorecimentos. Até nas trincheiras ela esteve. D. Stela Sguassiba⁸⁰ alistou-se como voluntária. Pegou no fuzil e combateu [...]. As senhoras atuavam nos hospitais de sangue. Também os mutilados eram devidamente amparados e recebiam conforto moral.⁸¹

As mulheres participaram do movimento político Constitucionalista tanto no âmbito público quanto no político, colocando-as parcialmente em visibilidade histórica conforme estas imagens:

⁷⁸ As mulheres da elite faziam parte de um pequeno segmento da população brasileira do século XIX diferenciado da grande maioria das pessoas por conta de sua condição econômica privilegiada e por sua “raça” (a chamada “raça branca”, considerada superior às demais). HAHNER, June E. Honra e Distinção das Famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.43.

⁷⁹ Maria Stella Rosa Sguassábia, professora primária em Araraquara/SP, infiltrou-se nas tropas. Revelada sua identidade, foi expulsa e teve suas roupas e sua arma jogadas fora. Contudo, recolheu suas roupas, vestiu-as e caminhou para o combate, sendo incorporada à tropa com o nome de Mario Sguassábia. Em virtude de sua ação enérgica à frente da batalha no comando da 4ª. Cia., Maria Stella foi reconhecida como defensora de São Paulo. VILHENA, Valéria Cristina. **Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)**. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016, p.97.

⁸⁰ Stela Rosa Sguasabia. Este é o verdadeiro nome de Maria- que nasceu em Araraquara-SP, em 12 de março de 1889. Filha de José Sguassabia e Palpello Clotildes. Quando tinha 3 anos, a família mudou-se para São João da Boa Vista. Nessa cidade casou-se com José Pinto de Andrade em 22 de abril de 1922. Ficou viúva quando estava no 5º mês de gravidez da sua única filha Maria José. Seu pai, italiano, decidiu que sua filha se chamaria Stela Rosa, pois era branca como uma estrela e bela como uma rosa, na pia batismal o padre recusou chamar a menina de Stela Rosa e acrescentou Maria em seu nome, E assim, tornou-se conhecida como Maria Sguasabia. MEMÓRIA SANJOANENSE. **Stela Rosa Sguasabia**. Disponível em: <<http://www.memoriasanjoanense.com/stela-rosa-sguassabia-biografia/#.WkzI0t-nHIU>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

⁸¹ O MUNDO ILUSTRADO. Rio de Janeiro, nº. 75, 1954, p.17.



Figura 4 - Representação da participação feminina santista no Movimento Constitucionalista de 1932.⁸²

Parte dessa visibilidade feminina, ou seja, as lutas para conquista do sufrágio e do direito à educação, se expandiram após a Proclamação da República, pois muitas mulheres passaram a reivindicar esses direitos.

Voltando um pouco no tempo, a cidade de Santos, promulgou, em 1894, uma Carta Magna Municipal, na qual concedia ineditamente entre os artigos apresentados o direito ao voto feminino. Havia dois grupos políticos na cidade que se dividiam com ideias distintas: um era aliado ao governo e o outro buscava maior autonomia para a cidade. A maioria dos vereadores⁸³ eleitos em 1892 fazia parte do grupo que idealizava mais independência política para a cidade, o que contribuiu para a promulgação da primeira Constituição Municipal.

⁸² O MUNDO ILUSTRADO. Rio de Janeiro, nº. 75, 1954, p.15-16.

⁸³ Uma parte desses vereadores eram apoiadores em prol dos movimentos republicano, abolicionista e dos operários, além de participarem do movimento político da Revolta Armada, como o Manuel Maria Tourino e o jornalista Olympio Lima. CALEFFI, Anderson Manoel. **A educação na Primeira República na cidade de Santos**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p.74.

Em 1894 é confeccionada pela primeira Câmara Municipal Santista de vereadores eleitos no regime republicano e aprovada pela Intendência Municipal da Cidade a Constituição Municipal de Santos, primeira e única de uma cidade do Brasil. [...] Já em seu primeiro artigo continha artigos de vanguarda para a época, como, por exemplo, a permissão ao voto feminino, o estabelecimento de remuneração para os vereadores somente para as sessões em que comparecesse, a criação de um órgão julgador dos atos de responsabilidade do prefeito, entre outros.⁸⁴

Para o final do século XIX, a legalização do direito ao voto feminino enfrentava a oposição dos conservadores que eram contrários as reivindicações femininas, pois o espaço político era um lugar predominante masculino.

No ano de 1894, foi promulgada a “Constituição Política” da cidade de Santos. Entre as normas legais estava o artigo 42, que concedia a “capacidade política” aos maiores de 21 anos e as mulheres sub juris, que exercessem profissão honesta, sabendo ler e escrever e residindo no município há mais de um ano, o direito de voto.⁸⁵

O artigo 42 foi revogado pelo Projeto nº 120, de 1895, pois um grupo não concordava com a Constituição Municipal, e entrou com um recurso no Congresso Legislativo de São Paulo solicitando a anulação de alguns artigos - entre eles, o artigo 42.

O relator acatou a solicitação, mas o deputado Eugênio Égas foi mais "prático": apresentou um projeto de resolução com apenas dois artigos, o primeiro declarava nula a "constituição santista" e o segundo artigo revogava as disposições em contrário... que solicitava a anulação de alguns artigos, entre eles o artigo 42. O relator acatou a solicitação, mas o deputado Eugênio Égas foi mais "prático": apresentou um projeto de resolução com apenas dois artigos, o primeiro declarava nula a "constituição santista" e o segundo artigo revogava as disposições em contrário.⁸⁶

A Constituição Santista foi vista como uma afronta. A Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo cassou a Constituição de Santos, fazendo com que a cidade voltasse ao regime das Intendências, que se estenderia até 14 de dezembro de 1907⁸⁷.

⁸⁴ CALEFFI, Anderson Manoel. **A educação na Primeira República na cidade de Santos**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p.74-75.

⁸⁵ SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **O voto feminino**. 13/08/2002. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=262455>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

⁸⁶ Ibidem.

⁸⁷ WILLIANS, Sergio. **Primeiro Censo de Santos completa 250 anos**. 28/07/2015. Disponível em: <<http://memoriasantista.com.br/?p=1082>>. Acesso em: 04 fev. 2018.

Com o retorno da autonomia política, em 1936⁸⁸ nas eleições municipais se restabeleceu o Poder Legislativo de Santos e foram empossados os seguintes vereadores: Dr. Carlos Pacheco Cyrillo, Dr. Eduardo de Lamare, professor André Freire, Dr. Osório de Santos Leite, Dr. Nicanor Ortiz, Dr. Waldemar Carneiro Leão, Dr. João Carlos de Azevedo, João da Rocha e Silva, Francisco de Barros Mello, Zeny de Sá Goulart e Dr. Antônio Ezequiel Feliciano da Silva. Cabe também lembrar que, no quadro do legislativo, foi eleita a professora Zeny de Sá Goulart⁸⁹, que se destacou como a primeira mulher a ocupar um cargo de vereadora na cidade, sendo eleita em dois mandatos⁹⁰. O Dr. Aristides Bastos Machado⁹¹ foi eleito como Prefeito Municipal, cargo que ocupou durante apenas dois meses.

Como sucessor do Prefeito Aristides Bastos Machado, Antônio Iguatemy Martins Junior governou durante o período de 15 outubro 1936 a 10 novembro 1937. A gestão do Prefeito Martins Júnior foi interrompida com o início de um novo período autoritário que ficou conhecido como Estado Novo, iniciado no dia 10 de novembro de 1937 com um golpe liderado pelo presidente Getúlio Vargas.⁹²

Diante deste cenário político brevemente descrito, afirma-se⁹³ que a fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB) teve que adiar seu lançamento legal do Manifesto de Outubro, que estaria pronto meses antes, graças ao movimento político Constitucionalista de

⁸⁸ A cidade de Santos, em agosto de 1936, instala a sua primeira Câmara Municipal, após perder sua autonomia política durante o movimento político de 1930.

⁸⁹ A professora Zeny de Sá Goulart nasceu em Niterói a 26 de março de 1882. Transferindo-se para Santos em 1904, com 22 anos de idade. Mais de 20 mil criaturas, de ambos os sexos, receberam instrução primária e secundária dessa educadora, faleceu em Santos em 05/09/1960. Foi diretora da Cruz Vermelha Brasileira de Santos; da primeira Escola Prática Profissional Feminina de Santos; da Escola Profissional da Escola do Senhor; presidenta por duas vezes da Associação Feminina de Santos e presidenta da Associação das Professoras Católicas. Foi a primeira mulher a ocupar a vereança em Santos, na 14ª legislatura da República e 1ª da nova fase constitucional, empossada a 13/08/1936, quando exerceu o cargo de segunda secretária da Mesa e o de vice-presidente da Comissão de Educação e Cultura. Em 1948 foi eleita novamente, desenvolvendo o mandato até 1951, quando voltou ao cargo de segunda secretária da Mesa. Pelo decreto 4.649, de 17 de setembro de 1975, o prefeito municipal, Dr. Antônio Manoel de Carvalho deu o nome da professora Zeny de Sá Goulart à Escola Municipal de 1º Grau. NOVO MILÊNIO. **Rua Professora Zeny Goulart**. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/baixada/vias/1z003.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

⁹⁰ VENTURA, Magda Fernandes Garcia. **Mulheres Educadoras na Presidência da Associação Feminina Santista** (década de 1930). Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica de Santos - UNISANTOS, Santos, 2016, p.126.

⁹¹ Urbanista, deputado, prefeito que iniciou o ajardinamento das praias santistas, Aristides Bastos Machado governou a cidade de Santos por duas vezes, de 1932 a 1935 e em dois meses de 1936. Seu nome foi dado à via elevada sobre o túnel, que liga a Avenida São Francisco à entrada de Santos. NOVO MILÊNIO. **Histórias e Lendas de Santos** - Os Dirigentes. Aristides Bastos Machado. 15/07/2011. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/poli1932.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

⁹² VENTURA, op. cit., p.19.

⁹³ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: EDUSC, 1999, p.15.

1932. O primeiro núcleo da AIB em São Paulo foi fundado três dias após o término do movimento.

A Ação Integralista Brasileira foi fundada oficialmente no dia 7 de outubro de 1932 por Plínio Salgado⁹⁴, com o lançamento do Manifesto de Outubro no Teatro Municipal de São Paulo⁹⁵. Dizia-se que a AIB foi motivada pelo sentimento nacionalista que corroborava com o momento de transformações políticas. Esse ato público demonstrou que as bases de organização integrariam posteriormente uma construção sólida, pois o Manifesto Integralista:

Sintetizava o ideário básico da AIB: defesa do corporativismo, visto como esteios da organização do Estado e da sociedade; crítica aos valores e prática liberal e democrática e combate sistemático ao socialismo como modo de organização social.⁹⁶

O lançamento do documento integralista marcou a fase pré-AIB. Essa fase se iniciou na Sociedade de Estudos Políticos (SEP), que segundo Plínio Salgado, seu idealizador, deveria ser um centro de estudos, cujo propósito era “*criar uma nova mentalidade no país e coordenar os estudos da nova ideia*”⁹⁷. *A SEP seria a base no novo movimento político, a Enciclopédia do movimento político*⁹⁸, possuindo mais de uma centena de pessoas entre seus

⁹⁴ “O líder integralista Plínio Salgado nasceu na cidade de São Bento do Sapucaí, em São Paulo, no ano de 1895. Sempre teve uma grande participação política e se tornou um escritor conhecido a partir de 1919 na capital paulistana, ao publicar uma coletânea de poemas intitulada: Thabôr. Na década seguinte passou a ser reconhecido como um verdadeiro intelectual, principalmente após o sucesso de seu primeiro romance: O estrangeiro (1936a), seguido posteriormente de: O esperado (1981) e O cavaleiro de Itararé (1948), formando, assim, a trilogia romanesca denominada Crônicas da Vida Brasileira. Plínio Salgado viria a publicar dezenas de obras nos anos seguintes, entre elas, romances, poemas, políticas, religiosas, sociológicas e filosóficas. Na Semana de Arte Moderna de 1922, Plínio Salgado liderou um dos grupos formados a partir do movimento o Manifesto do Verde-amarelismo, defendendo um discurso baseado no nacionalismo cultural e político, inserido no contexto de ascensão aos movimentos totalitários europeus e inspirado nesses regimes autoritários em que o nacionalismo desse grupo mostra sua ação, pois, para os intelectuais envolvidos, a estrutura republicana é incompatível com seus ideais de defesa. Plínio Salgado encontrou no grupo verde-amarelo uma concepção de nacionalismo, mas para ele algo mais era necessário. Por isso funda o grupo Anta: ‘[...] uma espécie de ala esquerda do verde-amarelismo [...]’ (SALGADO, 1935, p.10), sendo levado ao extremo o ultra-nacionalismo, o qual se tornaria a base para a fundação da Ação Integralista Brasileira.” GONÇALVES, Leandro Pereira. Literatura e política: o discurso nacionalista de Plínio Salgado em *O estrangeiro*. **CES Revista**. Juiz de Fora, v. 23, 2009, p.130. Disponível em: <https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2009/LETR2009_literatura_politica.pdf>.

⁹⁵ TRINDADE, Héglio. **Integralismo**. O fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difel, 1979, p.123-124.

⁹⁶ BULHÕES, Tatiana da Silva. **Integralismo em foco**: Imagens e propaganda política. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012, p.17.

⁹⁷ *Ibidem*.

⁹⁸ MONITOR INTEGRALISTA. Rio de Janeiro, ano V, nº. 22, 7 de outubro de 1937, p.3. Apud: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: EDUSC, 1999, p.56.

colaboradores, contava com inúmeros intelectuais, entre os quais se destacava um grupo da Faculdade de Direito⁹⁹:

Antônio de Toledo Piza, Rui Arruda, Pimenta de Castro, Alpinolo Lopes Casali, Ângelo Simões de Arruda, Roland Corbisier, Francisco de Almeida Prado, Leães Sobrinho, Silva Bruno, Lauro Escorel, Almeida Salles [...], os ginásianos Ignácio e Goffredo da Silva Telles, Azid Buzaid e outros.

Possivelmente, a Ação Integralista Brasileira foi criada a partir de uma seção da SEP. Foram realizadas várias articulações com simpatizantes de outros estados, como Severino Sombra, da Legião Cearense do Trabalho; João Alves dos Santos, da Bahia; Altamirano Nunes Pereira e Petrônio Rodrigues Chaves, do Rio de Janeiro; e com Leães Sobrinho, do Rio Grande do Sul.

Plínio Salgado mantinha contato com os intelectuais da Faculdade de Direito e também na Academia Paulista de Letras. Ele procurava divulgar seus ideais perante os estudantes e, desta forma, angariar simpatizantes para o movimento.

A AIB possivelmente constituiu o primeiro “partido de massas do país”. Ela possuía núcleos integralistas em todo território nacional, contando até a sua pausa política em 1937, com mais de um milhão de adeptos, conforme descrito pelos dados do jornal *Monitor Integralista*. Em fins de 1933 eram 20.000 inscritos; em 1934 eram 180.000; em 1935, houve uma alta para 380.000; em 1936, a AIB atingiu 918.000 e em 1937, tinham precisamente 1.352.000 militantes em suas fileiras¹⁰⁰. Cabe questionar se esses dados foram inflacionados, pois são números divulgados pelas fontes integralistas, os jornais e revistas. Portanto, poderiam ser manipulados para chamar atenção e conseqüentemente, angariar mais simpatizantes.

A imprensa integralista foi um instrumento para agregar a participação popular. Também cabe frisar que a doutrina integralista difundiu-se com os estudos doutrinários e que a hierarquização no âmbito interno do movimento político. Tal estratégia usada pela AIB parece ter sido fundamental para arregimentar e consolidar o movimento político por todo país, inclusive na cidade de Santos.

⁹⁹ Apud: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: EDUSC, 1999, p.9.

¹⁰⁰ MONITOR INTEGRALISTA. Rio de Janeiro, ano V, v. 22, 7 de outubro de 1937, p.4. Apud: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: EDUSC, 1999, p.13.

1.3 PORTO “VERDE”?: ATUAÇÃO DA AIB

A cidade de Santos, devido à sua dinâmica econômica e à importância do porto, ocupou lugar de destaque no cenário nacional. A Ação Integralista Brasileira também desempenhou papel protagonista na política da cidade.

O Jornal *A Tribuna*¹⁰¹ de Santos foi a fonte documental utilizada na pesquisa. Esse periódico foi aproveitado pela AIB como meio de comunicação em Santos entre os anos de 1934-1937. O Jornal tinha circulação diária, com seções sobre a cidade, porto e mar, classificados, notícias do mundo e do Brasil.

Vale ressaltar que, até o momento, não foram localizados outros jornais integralistas em Santos e região, torna-se claro como o Jornal *A Tribuna* foi importante na difusão desse movimento político, com vínculos estreitos entre o jornal e os militantes.

A Ação Integralista Brasileira “criou e aperfeiçoou toda uma estrutura administrativa para a produção e divulgação de textos e imagens para a sua propaganda política”¹⁰². Assim, analisando as notícias, pode-se relacionar que as padronizações estéticas das colunas integralistas eram essenciais para a divulgação e propaganda do Sigma¹⁰³.

Para melhor uma compreensão dessa questão sobre a influência da imagem na propaganda política da AIB, essa citação afirma que:

Os recursos utilizados para conseguir padronização almejada eram a existência de colunas iguais em jornais, o uso constante de lembretes em forma de destaques, manchetes panfletárias e ilustrações personalistas [...] o grande destaque ficava para as figuras do integralismo [...] essas notícias ganhavam destaques nos jornais.¹⁰⁴

O periódico utilizado pela Ação integralista Brasileira em Santos utilizou o mesmo protótipo de outros jornais integralistas, ou seja, a padronização em colunas e destaques nas notícias, como pode-se verificar nessas imagens.

¹⁰¹ O Sistema A Tribuna de Comunicação é um conglomerado de mídia da Baixada Santista. É composto pela TV Tribuna, os jornais diários *A Tribuna* e *Expresso Popular*, além do anunciante Primeira mão (sedes em Campinas e Santos), a rádio Tri FM além dos sites G1 Santos e Região e *Globoesporte.com Santos e Região*. WIKIPÉDIA. A Enciclopédia livre. **Sistema A Tribuna de Comunicação**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_A_Tribuna_de_Comunica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 03 jan. 2018.

¹⁰² BULHÕES, Tatiana da Silva. **Integralismo em foco: Imagens e propaganda política**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012, p.41.

¹⁰³ O Sigma, letra grega que indica soma, corresponde, no nosso alfabeto, à letra “S”. Na AIB esse símbolo tinha como objetivo lembrar que o movimento tinha o sentido de integrar todas as forças sociais do país como a suprema expressão da nacionalidade. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: EDUSC, 1999, p.191.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p.92-93.

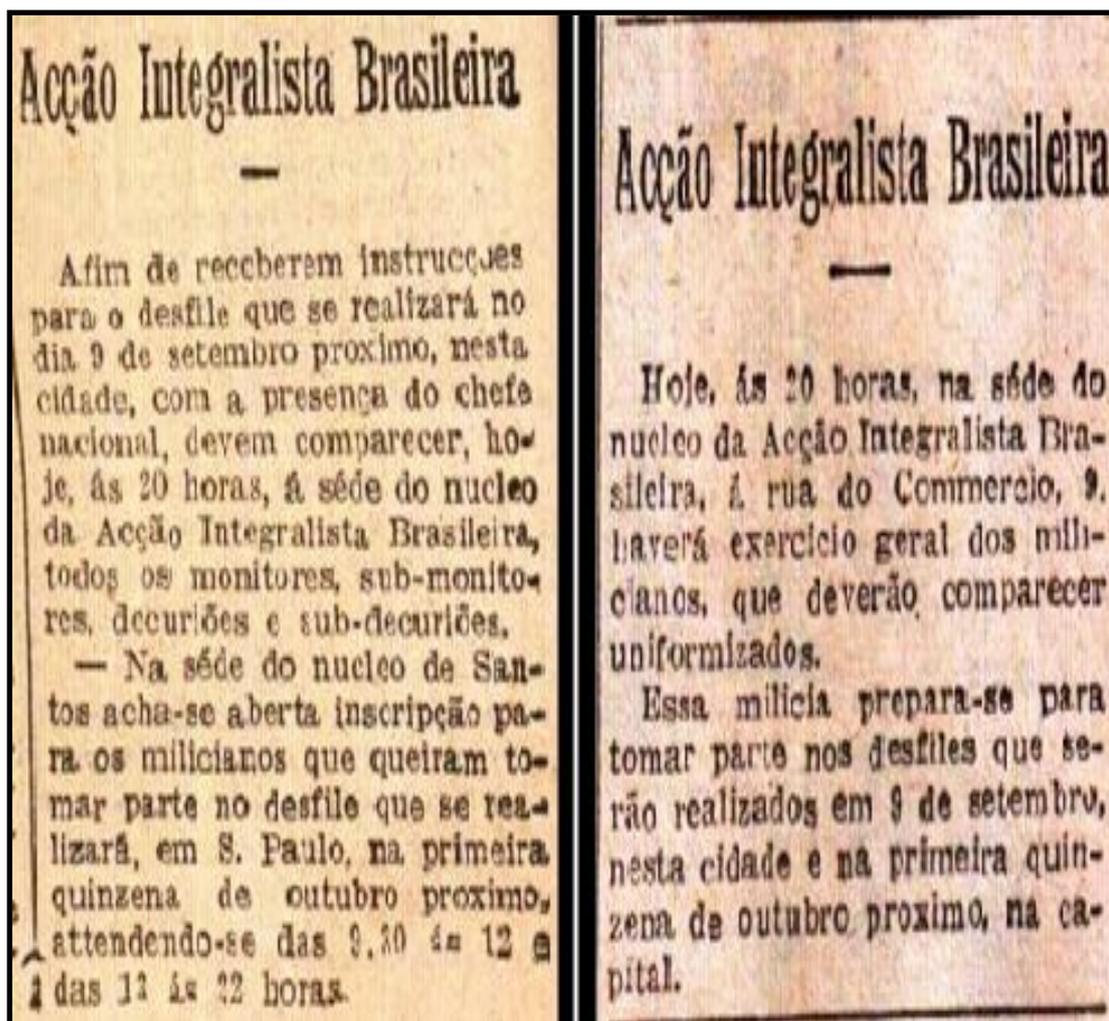


Figura 5 - Primeiras notícias encontradas sobre a AIB em 1934 no jornal *A Tribuna* de Santos.

As notícias encontradas geralmente estavam distribuídas nas primeiras páginas, mas nunca na primeira ou na última; iniciavam a informação sempre em letras maiúsculas e em negrito com o nome da AIB. Pode-se dizer que o integralismo se utilizou de maneira eficaz da imprensa regional.

[...] o aproveitamento da imprensa, não somente a integralista, mas também a simpatizante ao movimento político, para esta difusão de suas ideias e projetos por todo o Brasil, foi fundamental [...] tudo era veiculado nos meios de comunicação mantidos pelo movimento político, incluindo imprensa.¹⁰⁵

Parece evidente que a Ação integralista de Santos utilizou o jornal para a propaganda política da AIB, visando angariar novos adeptos ao movimento. Em outros núcleos

¹⁰⁵ BULHÕES, Tatiana da Silva. **Integralismo em foco: Imagens e propaganda política.** Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012, p.41.

integralistas nacionais, as ações eram semelhantes, ou seja, eram arregimentadas conforme as diretrizes do Sigma¹⁰⁶.

No *Jornal A Tribuna de Santos* foram encontradas 230 referências, distribuídas entre os anos de 1932¹⁰⁷ e 1938. Em Santos, a Ação Integralista Brasileira era composta por subnúcleos em bairros estruturados e bem localizados da cidade e situados nos seguintes endereços: o **Central** - Rua Comércio, nº9; o **Vila Mathias** - Avenida Lucas Fortunato, nº81; o **Campo Grande** - Avenida Bernardino de Campos, nº 232; o **Macuco** - Rua Luiz Gama, nº135; o da **Praia** - Avenida Pinheiro Machado, nº967 e do **Centro** - Rua João Pessoa, nº27.

A sede **Central** localizava-se, inicialmente, à Rua do Comércio nº 9 - 2º andar, e depois se estendeu por todo o 1º andar. Possivelmente, devido ao crescimento de inscritos, ocupando todo o prédio. No final do ano de 1936, a sede passa a ter novo endereço: Rua do Comércio, nº9, sobrado. Neste mesmo espaço realizavam-se as funções administrativas municipais e da IV Região, e ainda, dos Departamentos Feminino, de Estudos, de Cultura Física, da Juventude e as Conferências Doutrinárias.

Santos fazia parte da IV Região Integralista, que era administrada pelo santista Constantino de Menezes. As cidades de Caraguatatuba, São Sebastião, Vila Bela¹⁰⁸, São Vicente¹⁰⁹, Itanhaém¹¹⁰, Cubatão, Iguape, Alecrim, Xiririca¹¹¹ e as demais localidades do litoral da Província de São Paulo¹¹² se encontravam dentro desta mesma governança.

Primeiramente, no ano de 1934, os núcleos integralistas eram chefiados por Álvaro Parente¹¹³. O juramento oficial da AIB na cidade foi celebrado no Teatro Guarany, contando com a presença do chefe nacional Plínio Salgado e de outros nomes de prestígio da sociedade santista. O momento foi consagrado em destaque nas páginas do jornal, e contou com a

¹⁰⁶ Os primeiros cristãos da Grécia indicavam a palavra Deus com essa letra, além de significar, também a união de todas as coisas, o que vai ao encontro da ideia de integração proposta pela AIB. FIORUCCI, Rodolfo. **A Trajetória da Revista *Anauê!* (1935-1937): O Jornalismo Partidário e Ilustrado da Ação Integralista Brasileira - A "Netinha" que não cresceu.** Tese (Doutorado em História), UFG, Goiânia, 2014, p.44.

¹⁰⁷ A data de 1932 refere-se à fundação da Ação Integralista Brasileira, porém, na fonte pesquisada não foi encontrado nenhum indício sobre esse fato.

¹⁰⁸ Em 3 de setembro de 1805, passou a chamar-se Vila Bela da Princesa, posteriormente Formosa e a partir de 1945, Ilhabela.

¹⁰⁹ Existia um núcleo integralista na cidade de São Vicente. A TRIBUNA. Santos, 13 de agosto de 1936, p.10.

¹¹⁰ Fundação da Bandeira Integralista na cidade de Itanhaém. A TRIBUNA. Santos, 13 de setembro de 1935, p.5.

¹¹¹ Pela Lei Estadual nº. 233, de 24 de dezembro de 1948, o município de Xiririca passou a denominar-se Eldorado.

¹¹² A TRIBUNA. Santos, 31 de janeiro de 1936, p.3.

¹¹³ Álvaro Parente, professor, advogado e político, nasceu no Estado do Ceará no dia 15 de novembro de 1889 e cursou a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Exerceu a advocacia em Santos e foi Delegado Regional de Polícia. Lente da Associação Instrutiva José Bonifácio, paradeiro político e orador popular. Escreveu um livro sobre Código Aduaneiro. Rua nº 597 recebeu denominação pela lei nº 2320, de 16 de dezembro de 1960, do prefeito municipal, Eng. Silvío Fernandes Lopes, em decorrência do projeto de Lei nº 80, aprovado pela Câmara Municipal em 06/12/1960. RODRIGUES, Olao. **Veja Santos.** Santos: Gráfica de A Tribuna, 1975, p. 50.

presença significativa de adeptos e simpatizantes do Sigma. Este ato aconteceu no dia 09 de maio de 1935:

JURAMENTO DO CHEFE MUNICIPAL DE SANTOS – A PALESTRA DO SR. PLÍNIO SALGADO

Perante numeroso auditório, realizou-se hontem , á Acção Integralista Brasileira a sua annunciada reunião no Theatro Guarany.

Iniciou a sessão, o chefe provincial de São Paulo, que convidou o chefe municipal desta cidade, Dr. Cleobulo Amazonas Duarte, a prestar juramento e tomar posse do cargo. Isto feito o Dr. Amazonas proferiu rápidos conceitos em torno do Sr. Plínio Salgado, cuja personalidade enalteceu.

Seguiu-se-lhe com a palavra, o Dr. Edmundo Amaral, em cuja oração também louvou a obra e a pessoa do Sr. Plínio Salgado.

Falou depois, o chefe nacional do integralismo, que teceu considerações sobre a opressão que diz sofrer o operário brasileiro em face da acção do capitalismo estrangeiro, do qual – acrescentou – o Brasil esta dependente.

Analysa as angustias por que passa o mundo e o nosso país, lembra das origens do Integralismo, as origens faz várias phases sociais e políticas da humanidade e terminar por atacar fortemente a liberal-democracia, affirmando entre outras coisas que quem é liberal democrata, é atheu, é materialista.

Á oração do Sr Plínio Salgado mereceu applausos dos seus correligionários e a reunião terminou debaixo da maior ordem.¹¹⁴

O núcleo santista da AIB foi oficializado em maio de 1935, com a presença de Plínio Salgado, que discursou para uma numerosa plateia, ou seja: sugere-se que já havia uma quantidade considerável de espectadores nesse evento. Foi nomeado, nesse mesmo ato, como chefe municipal da província Cleóbulo Amazonas Duarte¹¹⁵, que também proferiu um discurso de posse.

A primeira notícia sobre a AIB foi publicada em julho de 1934, e o assunto tratava de um encontro de estudos. Essas reuniões doutrinárias já aconteciam anteriormente, já que se

¹¹⁴ A TRIBUNA. Santos, 10 de maio de 1935, p.5.

¹¹⁵ Cleóbulo Amazonas era filho do Major Antônio Pedro Duarte e de Dona Irinéa Amazonas Duarte. Em 1913 foi para Santos e, no ano seguinte, para o Rio de Janeiro, onde se formou pela Faculdade de Direito, em 1921. Formado, voltou para Santos para exercer diversas atividades. Foi professor-titular de história da Economia da Faculdade de Ciências Econômicas e Comerciais de Santos, Direito Penal na Faculdade Católica de Direito, Associação Instrutiva José Bonifácio. Exerceu a advocacia durante quase cinquenta anos, quatro dos quais como Promotor do Estado, além de Consultor Jurídico da Capitania dos Portos do Estado de São Paulo. Também atuou no jornalismo, como revisor do jornal "Correio de Aracaju", em 1912. Em Santos ele dirigiu os jornais "A Gazeta Popular" e o "Jornal da Noite", além de colaborar com a revista "28 de Setembro". A partir de 1919 esteve na "Revista do Comércio" e colaborou com "A Tribuna". Participou ativamente de várias entidades, como sócio ou presidente, entre elas a Academia Sergipana de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico de Santos e a Academia Santista de Letras (1971). Recebeu diversas comendas ao longo de sua vida: Mérito de Tamandaré, Mérito Cultural Rui Barbosa, Diploma Medalha de Amigo da Marinha, Medalha Cultural Imperatriz Leopoldina e Medalha do Patriarca, além da Medalha Príncipe Albert concedida pelo Principado de Mônaco, além do título de Cidadão Santista, conferido em sessão solene da Câmara em 1963. Escritor e poeta, deixou diversas obras literárias, entre elas "Pan e Vênus" (versos 1917), "Circuito de Agonia" (contos), "D. Pedro II" e "Atualidade de Rui Barbosa". Faleceu a 12/02/1979, com 81 anos de idade. MEMÓRIA DE SANTOS. Disponível em: <<http://www.memoriadesantos.com.br/post/cleobulo-amazonas-duarte-180>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

anunciava a 8º conferência; ou seja, já haviam acontecido outras vezes. A 8º Conferência Doutrinária contou com a participação de Miguel Reale¹¹⁶:

No dia 21 do corrente às 20:30 horas, na sede da Acção Integralista Brasileira, a rua João Pessoa n. 27, será realizada a 8ª conferencia doutrinaria, pelo dr. Miguel Reale, secretário geral do Departamento Doutrinário, que dissertará sobre o thema: “ Marchemos para o futuro; o momento é de acção”.¹¹⁷

Percebe-se que o tema exposto pelo orador trata do planejamento do futuro do movimento político. Esse encontro ocorreu na sede do centro. Vale ressaltar que, a partir dessa notícia, ocorreram inúmeras chamadas no jornal *A Tribuna* para o comparecimento dos militantes às conferências doutrinárias, o convite era aberto para “todos os santistas aproveitarem a oportunidade” e conhecer os ideais políticos, ou seja, esse convite era uma forma de angariar novos simpatizantes ao movimento político.

As visitas dos Chefes Integralistas foram frequentes, e as conferências doutrinárias por Miguel Reale eram periódicas nos núcleos integralistas em Santos. Essas inúmeras visitas possivelmente aconteciam pela importância do núcleo santista.

Ainda sobre a interlocução entre a AIB de Santos e pessoas de prestígio da AIB do núcleo de São Paulo, pode-se destacar as visitas de Rolando Corbisier e também dos líderes do integralismo, como Plínio Salgado, Miguel Reale - o responsável pela parte doutrinária do movimento político, bem como a visita de Gustavo Barroso¹¹⁸, conforme se destaca nesse trecho, que nos apresenta umas das passagens de uns dos chefes da AIB:

¹¹⁶ Miguel Reale foi um dos principais integrantes do movimento integralista, nasceu na cidade de São Bento do Sapucaí, em São Paulo, no dia 6 de novembro de 1910. Foi para Minas Gerais, onde realizou seus primeiros estudos e retornou para São Paulo onde cursou o ensino secundário no Instituto Dante Alighieri. Em 1930 ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, formando-se em 1933. Filiou-se à Ação Integralista Brasileira e se destacou por sua militância e como teórico, ainda que tivesse apenas 23 anos. No interior da AIB, foi nomeado o chefe do Departamento Nacional de Doutrina e fez parte de seu Conselho Supremo, “órgão de consulta mais próximo e formado pelos principais dirigentes integralistas”. Era encarregado da “supervisão e da censura a todos os artigos, livros, críticas, discursos e textos integralistas. No ano de 1936, Miguel Reale assumiu a direção da revista *Panorama*, encarregada do pensamento político integralista e fundou, em São Paulo, o jornal *Ação*. Aprovado em concurso para professor catedrático de filosofia do direito na Universidade de São Paulo com a tese *Fundamentos do Direito*. No ano de 1942, chegou a ser preso durante a “onda anti-integralista”. No campo acadêmico, fundou e foi presidente do Instituto Brasileiro de Filosofia, assim como da Sociedade Interamericana de Filosofia e foi reitor da Universidade de São Paulo por duas vezes (1949-1950 e 1969-1973). Em 1975, após rejeitar um cargo de ministro no Supremo Tribunal Federal, tornou-se um imortal da Academia Brasileira de Letras, assumindo a cadeira de número 14. Produziu diversos livros nos campos do direito, filosofia e ciência política. Faleceu em 2006. RAMOS, Alexandre Pinheiro. **O Integralismo entre a Família e o Estado: uma análise dos integralismos de Plínio Salgado e Miguel Reale (1932-1937)**. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, p.53-56.

¹¹⁷ A TRIBUNA. Santos, 18 de julho de 1934, p.4.

¹¹⁸ Gustavo Barroso nasceu em 29 de dezembro de 1888, em Fortaleza. Em 1911, formou-se em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro. Dois anos depois, era secretário geral da Superintendência da Defesa da Borracha

Gustavo Barroso também passou pela cidade, “aproveitando a estadia do vapor no nosso porto, desembarcou, tendo realizado à noite, uma conferência no salão do Parque Balneário Hotel, perante auditório numeroso”.¹¹⁹

Nas visitas dos chefes nacionais integralistas, ressalta-se a presença constante de Miguel Reale, geralmente em conferências doutrinárias ou cerimônias de oficialização de novas sedes.



Figura 6 - Conferência Doutrinária no Hotel Parque Balneário em 1937.¹²⁰

e, no ano seguinte, secretário do Interior e da Justiça do seu Estado Natal. Em 1915, elegeu-se deputado federal pelo Ceará e atuou como secretário da delegação brasileira na Conferência de Versalhes, realizada em 1919. Foi inspirador do Museu Histórico Nacional, fundado em 1922. Em 1923, elegeu-se para a Academia Brasileira de Letras, sendo, anos mais tarde, seu presidente. Publicou várias obras, valendo-se dos pseudônimos de João do Norte, Nautilus, Jotaene e Claudio França. Aderiu ao integralismo em 1933, tendo desfrutado de prestígio e força nesse movimento. JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. **Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória**: Revisão Editora e as estratégias da intolerância (1987-2003). São Paulo: Unesp, 2006, p.104.

¹¹⁹ A TRIBUNA. Santos, 1º de novembro de 1935, p.2.

¹²⁰ A TRIBUNA. Santos, 09 de maio 1937, p.4.

Na foto, o próprio Reale encontra-se como figura central, dirigindo a palavra aos integralistas de Santos. Pela data (1937), sugere-se um início de propaganda política partidária para a futura eleição, na qual Plínio Salgado seria candidato ao cargo de Presidente do Brasil pela AIB.

A participação da elite¹²¹ é ressaltada na formação do Sigma e na sua relevância no âmbito regional. Isto provavelmente possibilita relacionar a influência de intelectuais integralistas em Santos, pois parte dos encontros e conferências eram realizadas no Salão Nobre do Parque Balneário, certamente um dos espaços mais seletos na época. Assim, dentre as profissões encontradas no rol de ocupações dos membros da AIB em Santos, destacavam-se médicos, advogados, professores, escritores e jornalistas.

Roche Moreira, Paulo Murgel, Armando de Moraes, Moreira Gomes, Alfredo Hasslocker, Guilherme Damásio, Cel. José André de Maia Filho, Waldemar Barbosa Trigo, José Maria d' Araújo, Moura Ribeiro, Durval Damasceno Filho, Moacyr Chagas e os dirigentes Constantino de Menezes, Edmundo Amaral, Cleóbulo Amazonas Duarte e Álvaro Parente.

Deste grupo de intelectuais, pode-se destacar a presença de Edmundo Amaral¹²², cofundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santos¹²³ e quem, na ausência do chefe

¹²¹ O termo elite empregado em um sentido amplo e descritivo faz referência a categorias ou grupos que parecem ocupar o "topo" de "estruturas de autoridade ou de distribuição de recursos". Entende-se por esta palavra, as pessoas influentes, os abastados ou os privilegiados, e isto, na maior parte dos casos, sem outra forma de justificação, uma vez que o poder da elite impor-se-ia por si próprio e prescindiria de maiores explicações. A noção de elite, pouco clara e seguidamente criticada por sua imprecisão, diz respeito acima de tudo à percepção social que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dados aos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais e políticos. HEINZ, Flávio M. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.7. Na análise política, o termo elite se tornou corrente desde o fim do século XIX, com as obras de Vilfredo Pareto e Gaetano Mosca. Este último cunhou a noção de "classe política" para se referir ao grupo dirigente que comanda cada sociedade através de determinada "fórmula política" – ou seja, de uma fórmula de dominação. Para ambos os autores, e para seus continuadores, o domínio das elites se explica, antes de tudo, porque elas são uma minoria organizada, ao passo que as "massas" (o restante da sociedade) são desorganizadas, embora sejam a maioria. AVELAR, Lúcia; CINTA, Antônio Octávio. **Sistema político brasileiro: uma introdução**. Fundação Konrad Adenauer Stiftung. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.282.

¹²² Edmundo Amaral foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Santos (IHGS), ao lado de Júlio Conceição e Francisco Martins dos Santos. Embora suas principais referências no livro sejam à capital paulista, valem também para Santos, onde existiam os mesmos costumes. Escreveu a obra *Rótulas e Mantilhas*, publicada em 1932 pela editora Civilização Brasileira, na capital paulista, com ilustrações do famoso chargista Belmonte. NOVO MILÊNIO. **Histórias e Lendas de Santos** - Nos tempos das rótulas e das baetas. 20/09/2008. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0354.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

¹²³ O Instituto Histórico e Geográfico de Santos é uma entidade de caráter cultural, educativo e científico, sem finalidade lucrativa, criada em 19 de janeiro de 1938 com o propósito de assegurar a preservação da memória da cidade, bem como auxiliar e estimular a produção de pesquisas e trabalhos que tenham o objetivo de perpetuar a rica história de Santos, além de discutir aspectos da sociedade e os inerentes à geografia e suas ciências correlatas, como a cartografia, hidrografia, geologia, astronomia, demografia, entre diversos outros. IHGS. Instituto Histórico e Geográfico de Santos. **Sobre o IHGS**. Disponível em: <<http://www.ihgs.com.br/about.html>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

municipal, tornava-se chefe interino da AIB santista, e do jornalista Moacyr Chagas¹²⁴, que no ano de 1937 era redator do Jornal *A Tribuna de Santos*: ele foi o único integralista que teve sua foto publicada nas páginas do periódico.



Figura 7 - Integralista Moacyr Chagas.¹²⁵

¹²⁴ Jornalista, poeta e redator chefe do Jornal *A Tribuna de Santos*. NOVO MILÊNIO. **Histórias e Lendas de Santos** – Autonomia. A volta da autonomia... em 1936 (4). 06/05/2005. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0285e4.htm>>. Acesso em: 06 jan. 2018.

¹²⁵ A TRIBUNA. Santos, 16 de julho de 1937, p.2.

Além da foto do novo membro integralista da cidade, a notícia convidava todos a comparecer a uma comunicação de Moacyr Chagas e Rolando Corbisier, visando também a propaganda da candidatura de Plínio Salgado ao cargo presidencial.

Portanto, a AIB contava com o apoio da imprensa regional, o que possivelmente facilitou a divulgação e adesão ao integralismo de maneira efetiva na cidade de Santos. O periódico informava¹²⁶ que, a cada encontro integralista na cidade, mais e mais adeptos se filiavam à agremiação, que construía uma feição de partido político. Isso se tornava explícito com o aumento do número de subnúcleos em lugares estratégicos.

Retomando a formação dos núcleos, esses eram constituídos por vários Departamentos Organizacionais, como o Estudantil, o de Cultura Artística, o de Estudos Doutrinários, o de Alistamento Eleitoral, o de Cultura Física e o Feminino, que será apresentado em outro capítulo desta pesquisa.

Investindo já em projeções futuras e cargos políticos nas eleições municipais, militantes integralistas reuniram-se em um Congresso na capital paulista para definir as chapas de vereadores para as eleições municipais de 1936. Para o município de Santos, a chapa aprovada era constituída por:

Amazonas Duarte, Antônio Maia, Armando de Moraes, Constantino de Menezes, Edmundo Amaral, Gil Rodrigues Junior, a Guilhermino Damásio, José Maria de Araújo, Oseas Cavalcante Pessoa de Mello, Pedro Fernandes, Pirenópolis Perini, Túlio di Renzo e Waldemar Barbosa Trigo.¹²⁷

A propaganda política da Ação Integralista Brasileira em Santos cresceu no começo de 1936¹²⁸, portanto, a campanha eleitoral concentrou as notícias do Sigma no primeiro trimestre, ou seja, houve a ausência de informações sobre os outros Departamentos. O apelo era voltado para os interesses das eleições municipais. Portanto, outros assuntos relacionados aos núcleos santistas - que não abordavam a campanha eleitoral - só retornaram ao jornal analisado após o término das eleições municipais, realizada em março de 1936, na qual a AIB obteve 401 votos em Santos.

¹²⁶ A TRIBUNA. Santos, 20 de novembro de 1937, p. 5

¹²⁷ A TRIBUNA. Santos, 28 de outubro de 1935, p. 2.

¹²⁸ A TRIBUNA. Santos, 28 de outubro de 1935, p. 2.

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA													
	31. ^a	32. ^a	33. ^a	34. ^a	35. ^a	36. ^a	37. ^a	38. ^a	39. ^a	Sec. unica do Cub.	Total de hontem	Total anterior	Total geral
Antonio Maia	—	—	1	1	—	1	1	1	—	—	5	27	32
Armando Moraes	—	—	—	—	—	—	—	3	—	—	3	15	18
Cleobulo Amazonas Duarte	1	1	1	—	1	—	1	1	—	—	6	61	67
Edmundo Amaral	—	—	1	—	—	—	1	3	—	—	5	26	31
Constantino de Menezes	—	1	—	—	—	1	1	—	2	—	5	34	39
Fernando Luz	—	—	—	—	—	2	—	1	—	—	3	20	23
José Maria d'Araujo Costa	—	1	1	—	—	1	—	2	—	—	5	37	42
Oséas Cavalcanti Pessoa de Mello	1	—	2	—	1	1	—	—	—	—	5	17	22
Paulo D. Murgel	—	1	1	1	—	1	—	4	—	—	8	21	29
Pedro Hernandez	—	1	—	—	—	—	—	—	1	—	2	9	11
Tullio Di Renzi	—	2	1	2	1	2	2	—	—	—	10	38	48
Vitali Torloni	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	1	16	17
Waldemir Barbosa Trigo	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	1	21	22
Totais	2	7	8	4	3	9	6	17	3	—	59	342	401

Figura 8 - Resultado das eleições municipais de 1936, realizadas no mês de março.¹²⁹

À primeira vista, pode parecer que 401 votos seria um número pequeno em relação ao quadro eleitoral do período de 1930. Porém, deve-se analisar que a AIB tinha acabado de se efetivar como partido político na cidade, já que as primeiras notícias sobre a formação do integralismo em Santos foram encontradas em 1934. No entanto, após apenas um ano de formação, já possuía uma chapa integralista concorrendo aos cargos de vereador e prefeito, com pessoas de prestígio regional, como o Dr. Cleóbulo Amazonas Duarte, entre outros já apontados.

Após as eleições de 1936, continuaram as inúmeras chamadas para as conferências doutrinárias nos subnúcleos de Santos, e assim, o número de adeptos e a propaganda por meio da imprensa local cresceram a cada dia, pois era notória a quantidade de referências do ano de 1936. Neste mesmo ano, houve a criação do Departamento de Cultura Artística e do Departamento Estudantil Universitário, além das constantes convocações para o comparecimento das Blusas-Verdes nas conferências doutrinárias.

Com a criação do Departamento de Cultura Artística, chefiada por Edmundo Amaral, os integralistas de Santos investiram nas artes cênicas. O teatro era um veículo importante e, sobretudo, um meio de disseminação cultural. Para isso, previa-se a inauguração de uma escola de teatro, um coral e uma orquestra, além de um corpo coreográfico.

¹²⁹ A TRIBUNA. Santos, 24 de março de 1936, p.4.

Realizar-se-á, hoje á noite, na sede municipal, mais uma reunião doutrinária semanal, usando da palavra diversos oradores.

Os integralistas devem comparecer de camisa verde.

A entrada é franca.

A secretaria municipal de cultura artística faz saber a todos os camisas verdes de Santos que na execução de um vasto programma que lhe foi traçado, inaugurará, dentro de em breve, um teatro formado com elementos pertencentes ao núcleo local.

Os integralistas que tiveram vocação artística, estão convidados a comparecer á secretaria, afim de se matricularem na escola, já organizada para o preparo de futuros artistas e que conta com o precioso concurso dos conhecidos actores patricios, Miguel e Maria Max, sob cuja direcção prosseguem com sucesso, os trabalhos de organização de um corpo scenico.

Cogita-se, outrossim da formação de um corpo coral e orchestral, de arte choreographica, etc.

Os interessados devem se apresentar a secretaria municipal de cultura artística, todas as segundas-feiras na sede municipal.¹³⁰

O objetivo da chefia nacional era a criação de um Departamento de Cultura Artística em cada núcleo da AIB¹³¹, ou seja, a proposta era mostrar que o Sigma preservava a cultura. O Integralismo apresentava-se sempre como um movimento político e cultural, e embora tenha se tornado político a partir de 1935, não se apresentava como tal¹³².

O Integralismo brasileiro é um movimento político de cultura que abrange: 1º) uma revisão geral das filosofias dominantes até o começo deste século e, conseqüentemente, das ciências sociais, econômicas e políticas, 2º) a criação de um pensamento novo, baseado na síntese dos conhecimentos que nos legou parceladamente o século passado.¹³³

Por isso, em um primeiro momento, o integralismo se mostrou como um movimento político de transformação do cidadão – não apenas por meio da alfabetização, mas visando uma elevação do nível cultural das massas¹³⁴, pois para o integralismo, um Estado Integral só

¹³⁰ A TRIBUNA. Santos, 03 de dezembro de 1936, p.5.

¹³¹ OLIVEIRA, Alexandre Luís de; ALCANTARA, Priscila Musquim. O Jornal A Marcha e a estruturação da AIB em Petrópolis. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011, p.291.

¹³² CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: EDUSC, 1999, p.41.

¹³³ Cf.: Ibidem, p.41.

¹³⁴ Na análise política, o termo elite se tornou corrente desde o fim do século XIX, com as obras de Vilfredo Pareto e Gaetano Mosca. Este último cunhou a noção de "classe política" para se referir ao grupo dirigente que comanda cada sociedade através de determinada "fórmula política" - ou seja, de uma fórmula de dominação. Para ambos os autores, e para seus continuadores, o domínio das elites se explica, antes de tudo, porque elas são uma minoria organizada, ao passo que as "massas" (o restante da sociedade) são desorganizadas, embora sejam a maioria. AVELAR, Lúcia; CINTA, Antônio Octávio. **Sistema político brasileiro: uma introdução**. São Paulo: Editora Unesp, Fundação Konrad Adenauer Stiftung, 2015, p.282.

poderia ser construído concedendo conhecimento por meio das artes, literatura, filosofia e ciência.

O ideário da AIB estava baseado em vasta bibliografia, destacando-se entre seus membros, Alberto Torres, Oliveira Vianna, Severino Sombra, além dos líderes, Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso. Essas obras eram estudadas pelos militantes nas conferências doutrinárias. O estudo da bibliografia integralista era dever do militante para a construção de uma nova nação.



Figura 9 - Livros recomendados no jornal *Monitor Integralista* em 1933.¹³⁵

Essa divulgação cultural se tornou um atrativo para os plinianos do Departamento Estudantil Universitário. O Departamento Estudantil Universitário Integralista de Santos, além de se organizar para os estudos doutrinários, desenvolvia excursões à capital de São

¹³⁵ MONITOR INTEGRALISTA. Rio de Janeiro, primeira quinzena de 1933, p.4. Apud: LOPES, Daniel Henrique. **As experiências femininas na AIB, 1932-1938.** Revendo o Passado - Gênero e Representações. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Unesp, Marília - SP, 2007, p.86.

Paulo para participar dos Congressos Universitários Integralistas, nos quais se encontravam com os jovens militantes de outros municípios do Estado de São Paulo.

Continuam os preparativos, entre os estudantes integralistas do município, para a representação de Santos, no grande conclave provincial estudantil, no próximo dia 8, reunindo delegações de estudantes de todos os municípios da província de S. Paulo.

O coordenador do Departamento Municipal Universitário convoca os estudantes inscriptos, assim convida os sympathizantes que desejem apresentar idéias para serem concretizadas em benefício da classe, á sede municipal, sexta-feira próxima ás 22 horas, quando se realizará mais uma reunião preparatória ao congresso.¹³⁶

O movimento integralista ganhou força e projeção em Santos com a fixação de subnúcleos por toda a cidade, pela ligação explícita com os membros da capital paulista e também dos líderes nacionais, que aparecem diversas vezes nas notícias do jornal pesquisado. No início de 1937, houve a transição da chefia municipal da AIB para Álvaro Parente.

De acordo com o resolvido pelo deputado federal, capitão Jeovah Motta, actualmente na chefia provincial de S. Paulo, o dr. Amazonas Duarte, governador da IV Região integralista, empossou o Dr. Álvaro Parente no cargo de chefe municipal de Santos.

Haverá, amanhã, na sede municipal, uma grande reunião doutrinária, fazendo o uso da palavra, diversos oradores.

O chefe municipal pede o comparecimento de todos os inscriptos, devendo, também, comparecer o Departamento Feminino.¹³⁷

No ano de 1937, houve uma quantidade maior de notícias em relação aos anos anteriores. Esse ano foi importante para os adeptos do movimento político integralista em todo território nacional, devido à proximidade das eleições presidenciais de 1938. Para tal fato, os integralistas de Santos realizaram o plebiscito interno no núcleo central:

Conforme vem sendo noticiado, terá início hoje, em todos os núcleos integralistas, espalhados pelo território nacional, o plebiscito para a escolha do candidato à presidência da República.

Para esse fim, são convocados todos os integralistas de ambos os sexos, maiores de 17 anos, deste município e os que estiverem de passagem por essa cidade, a comparecem a Chefia Municipal de Santos, á rua do Comércio nº 9 ás 20 horas. Os que não puderem comparecer na noite de hoje poderão fazê-lo durante o dia de amanhã. O plebiscito será encerrado amanhã pelo chefe nacional as 23 horas, que falará a todos os camisas-verdes do Brasil, através do microphone

¹³⁶ A TRIBUNA. Santos, 04 de novembro de 1936, p.2.

¹³⁷ A TRIBUNA. Santos, 24 de fevereiro de 1937, p.5.

da Radio Sociedade Fluminense, PRE 6, 1470 kilocyclos, e será transmitido pela Sociedade Radiotransmissora Brasileira PRE 3, 1180 kilocyclos, da capital federal.

Os integralistas que não possuem aparelho de rádio, poderão ouvir o discurso do chefe nacional, na chefia de Santos, onde será instalado um alto falante.¹³⁸

Outro ponto relevante do ano de 1937, principalmente após o início da propaganda presidencial, foi o apelo para o alistamento eleitoral. Essas notícias foram frequentes nas publicações do periódico, e pode-se verificar inúmeros chamados para que os integralistas santistas se apresentarem ao Departamento Eleitoral Municipal, ou seja, havia um Departamento especialmente designado para cuidar dos títulos dos novos eleitores. Pode-se verificar a presença de nomes de homens e mulheres na convocação para retirada do documento do título de eleitor, o que sugere que as mulheres estariam presentes nas próximas eleições.

Reina grande expectativa em torno da conferência que o dr. Miguel Reale pronunciará, amanhã, á noite, na sede municipal.

Como noticiámos, o jovem conferencista, advogado em São Paulo e diretor do matutino “ Acção ”, é também secretário nacional da doutrina da Acção Integralista Brasileira, constituindo, por isso, a sua palavra, motivo de grande atracção, não só para os camisas verdes como os sympathisantes do movimento. Em segunda convocação, o Departamento Eleitoral está chamando, com urgência, os seguintes integralistas: Maria Puglisi, Antônio Lopes, Luis Firmino da Costa, Eduardo Castro, Francisco Cavalcanti Sobrinho, Hermenegilda Campos Fernandes, Orlando Clemente, Manoel Tavares, Elias Jorge, Alcyr Freitas, Agostinho Gonçalves, A. Fontanna, José Leopoldino Esperança, Guilhermino Ribeiro, Jacintha Toiça e José Rodrigues.¹³⁹

A conquista desses novos eleitores trouxe consigo a insistência para a alfabetização e, conseqüentemente, a necessidade de cursos rápidos de alfabetização¹⁴⁰ para adultos no período noturno. Esses cursos eram ministrados pelas mulheres do Departamento Feminino, que neste momento desempenhavam essa função imprescindível: angariar votos entre os novos eleitores que, pela primeira vez, elegeriam o futuro presidente do Brasil. Era o ponto chave da fundamentação eleitoral para a AIB. As particularidades das ações políticas e sociais das mulheres integralistas, serão discutidas no último capítulo desta pesquisa.

¹³⁸ A TRIBUNA. Santos, 22 de maio de 1937, p.5.

¹³⁹ A TRIBUNA. Santos, 23 de outubro de 1937, p.2.

¹⁴⁰ A TRIBUNA. Santos, 17 de setembro de 1937, p.6.

Foi realizado em Santos um comício eleitoral interno¹⁴¹ para o lançamento de Plínio Salgado como candidato à presidência da República do Brasil. Esses comícios eram utilizados para exaltar a imagem do chefe nacional e definir possíveis excursões para as cidades próximas, para contribuir com a propaganda presidencial. O jornal publicou inúmeras chamadas para uma excursão à cidade de São Paulo, a fim de receber Plínio Salgado quando o mesmo lançou-se oficialmente em solene celebração candidato ao do cargo de Presidente do país.

O comício público¹⁴² foi realizado na Praça da Alfândega, situada no centro da cidade. Com a participação de vários integralistas paulistas, entre eles o padre Leopoldo Ayres e o Dr. Almeida Salles, o acontecimento também obteve destaque na imprensa local, pois ambos eram membros de prestígio do núcleo integralista de São Paulo.

Por sua vez, essas manifestações públicas em Santos se tornaram um hábito para *os* camisas-verdes¹⁴³, que desfilavam uniformizados, conforme exigido pelo chefe municipal. Como representante da IV região, ou seja, de toda a Baixada Santista e região, no ano de 1937, Cleóbulo Amazonas Duarte esteve em contato direto com os integralistas de outros núcleos, e desfilaram no Rio de Janeiro, conforme os indícios dessa notícia do periódico.

Realiza-se hoje, às 20 ½ horas, na chefia municipal, á rua do Comercio, 9, mais uma reunião doutrinária e de propaganda da candidatura Plínio Salgado, com a presença do governador da IV Região, dr. Amazonas Duarte, recentemente chegado do grande desfile integralista realizado na Capital Federal.

Falarão os srs. dr. Francisco Vieira de Mello, da 29ª região integralista, e o Sr. Constantino de Menezes, do gabinete da chefia municipal. Os integralistas devem comparecer devidamente uniformizados.

A entrada é franca.¹⁴⁴

Esse desfile ocorreu em 1º de novembro de 1937, no Rio Janeiro. A dimensão deste desfile para os militantes e para a política nacional pode ser notada através dos dados registrados e publicados pela imprensa integralista, sugerem a participação de uma faixa entre 30 e 50 mil pessoas (homens, mulheres e crianças que se deslocaram de todo território nacional). Esse desfile foi chamado pelos integralistas, como a “Marcha dos 50 Mil”¹⁴⁵.

¹⁴¹ A TRIBUNA. Santos, 22 de junho de 1937, p.3.

¹⁴² A TRIBUNA. Santos, 28 de agosto de 1937, p.3.

¹⁴³ Os militantes do Sigma, devido à cor do uniforme verde-oliva, eram chamados de “Camisas-Verdes” e as mulheres, “Blusas-Verdes”.

¹⁴⁴ A TRIBUNA. Santos, 06 de novembro de 1937, p. 5.

¹⁴⁵ Ocorrida no dia 1º de novembro na capital da República. Oficialmente, a marcha foi divulgada como uma homenagem ao centenário de nascimento do General Couto de Magalhães (1837-1898), folclorista que se

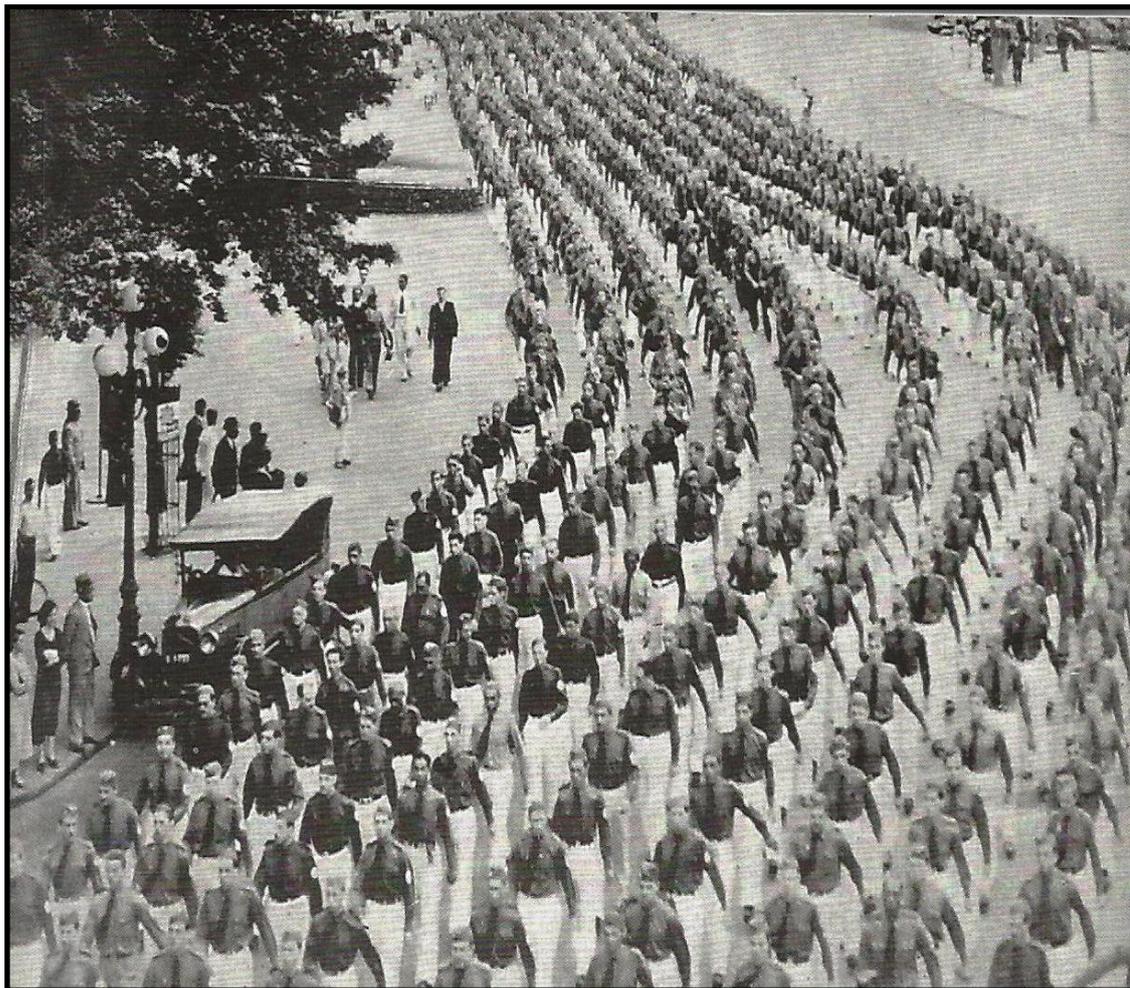


Figura 10 - Participação dos integralistas em Desfile na Capital em 1º de novembro de 1937.¹⁴⁶

Além de participarem de desfiles e encontros em São Paulo e na capital federal, também foram verificadas outras aparições públicas na cidade de Santos, como o desfile no dia da Independência em setembro de 1937, com o hasteamento da Bandeira Nacional¹⁴⁷ em comemoração a esse dia, e comemoração do Manifesto de Outubro.

Após o desfile integralista, o presidente Getúlio Vargas decretou a instalação do Estado Novo (10 de novembro de 1937), que suspendia todos os direitos políticos, vetava os partidos e as organizações civis. O Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas e as Câmaras Municipais foram todos fechados.

dedicou ao estudo dos indígenas brasileiros. Na realidade, porém, tratava-se de uma demonstração de força perante Getúlio Vargas e demais autoridades, já que Plínio Salgado, procurado por emissários de Vargas, sabia antecipadamente do iminente fechamento do regime. DOTTA, Renato Alencar. *Acção: A Lenta Agonia de um Jornal Integralista (1937-1938)*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011, p.171.

¹⁴⁶ ANAUÊ! Rio de Janeiro, dezembro de 1937, p.22. Apud: BULHÕES, Tatiana da Silva. **Integralismo em foco: Imagens e propaganda política**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012, p.236.

¹⁴⁷ A TRIBUNA. Santos, 25 de novembro de 1936, p.2.

Porém, mesmo com a AIB sendo colocada na ilegalidade, ainda ocorreu a inauguração de uma sede integralista. Para esse evento, os integralistas desfilaram pela cidade entre a Praça da Independência (no bairro do Gonzaga) e a Avenida Pinheiro Machado para a abertura desse novo subnúcleo da Praia, no dia 20 de novembro de 1937. Este desfile foi chefiado pelo Dr. Roberto Rocha Moreira.

Realizando-se, hoje, a inauguração do núcleo da praia, a chefia municipal pede o comparecimento de todos os integralistas, á sede, ás 19.30 horas, afim de seguirem, incorporados, para aquelle núcleo.

Os integralistas que residam nas imediações do Gonzaga deverão se concentrar na praça da Independência, para incorporar-se aos que residem na cidade, ás 20 horas.

Chegando a esta cidade, hoje, ás 18 horas, o chefe archi-provincial Sr. Marcel da Silva Telles e o chefe provincial Sr. Machado Florence, a chefia municipal pede o comparecimento de todos os integralistas de Santos á estação da S.P.R. ás 17.45 horas, afim de receberem aquelas autoridades do Sigma prestar-lhes as continências a que têm direito.

Comparecerão á instalação do núcleo praia, cuja chefia está a cargo do Dr. Roberto Roche Moreira, os srs. dr. Marcel T. da Silva Telles, dr. Amazonas Duarte, governador da IV Região: Dr. Alvaro Parente, chefe municipal de Santos, o secretário municipal e outras autoridades.

O novo núcleo está situado á avenida Pinheiro Machado, 967.¹⁴⁸

Vale ressaltar que foi registrada a presença de militantes integralistas de São Paulo que vieram especialmente para a inauguração desse novo subnúcleo. Mesmo após a instalação do Estado Novo, houve ainda quatro notícias sobre as conferências doutrinárias realizadas neste novo endereço do Núcleo Praia. Porém, sugere-se que essa sede continuou funcionando até o final de novembro de 1937, quando foi encontrado o ultimo chamado desse núcleo.

A última notícia sobre AIB de Santos foi publicada no primeiro dia de dezembro de 1937, relatando a visita de Marcel Silva Telles e a convocação para uma reunião na sede central. Ainda no mesmo mês, foram encontradas três notícias sobre a AIB nacional, comunicando às direções que o movimento político estava sendo colocado na ilegalidade como os demais partidos do período. Depois, não há mais referências na imprensa santista sobre o Sigma.

¹⁴⁸ A TRIBUNA. Santos, 20 de novembro de 1937, p.5.

O integralismo de Santos utilizou a imprensa para atrair para suas fileiras integralistas, homens e mulheres, que em um curto período se multiplicaram em vários subnúcleos, para disseminar os interesses da doutrina integralista, o processo foi semelhante aos de outros núcleos integralistas espalhados pelo país. Este tema ainda requer muitos estudos, por isso, esta pesquisa busca contribuir para a construção da memória da Ação Integralista Brasileira da cidade de Santos.



**II – MULHERES EM MOVIMENTOS:
FEMINISMO E INTEGRALISMO**

*Quem não se movimenta,
não sente as correntes que o prendem.*
Rosa Luxemburgo

O objetivo deste capítulo é descrever as lutas e trajetórias do Movimento Feminista. Para que isto fosse possível, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema. Em consonância ao objetivo desta pesquisa, o estudo de gênero, este item da pesquisa aborda os meios utilizados pela AIB para difundir seus preceitos políticos às Blusas-Verdes, e ainda como tentava mantê-las afastadas dos ideais do feminismo. O terceiro item deste capítulo analisou o discurso utilizado por Plínio Salgado, Chefe Nacional do Integralismo, para conquistar a confiança e a simpatia das militantes.

2.1 MOVIMENTO FEMINISTA: LUTAS E CONQUISTAS

A participação política de algumas mulheres foi contínua ao longo do século XIX, e utilizou a escrita como umas das principais ferramentas políticas. Por meio da literatura e da imprensa, várias escritoras procuraram difundir seus ideais. O livro: “*Direitos das Mulheres e a injustiça dos Homens*”, de Nísia Floresta Brasileira Augusta¹⁴⁹ (1832), é considerado o texto fundador do feminismo brasileiro. Todavia, nesse sentido, pode-se dizer que muitas mulheres no final do século XIX assumiram a defesa dos seus direitos, ou seja, a participação política, o voto e também a educação.

No entanto, não se pode dizer que a participação das mulheres esteve restrita à luta desses direitos, pois elas já buscavam ações, mesmo que de forma sutil e indireta, para uma visibilidade na vida pública nacional.

Este compilado de atitudes colaborou para que elas se interessassem por diversos temas, algumas delas escrevendo jornais, produzindo romances ou peças teatrais, vestindo-se de soldado para ir à guerra, entre muitas outras ações. Desde o final do século passado, sinhás

¹⁴⁹ Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), nascida no Rio Grande do Norte, que residiu em Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro, antes de se mudar para a Europa, uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada “grande” imprensa. Seu primeiro livro, intitulado *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, é também o primeiro no Brasil a tratar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, e a exigir que elas fossem consideradas inteligentes e merecedoras de respeito. Identifica na herança cultural portuguesa a origem do preconceito no Brasil e ridiculariza a ideia dominante da superioridade masculina. Homens e mulheres, afirma, “são diferentes no corpo, mas isto não significa diferenças na alma”. Ou as desigualdades que resultam em inferioridade “vêm da educação e circunstâncias de vida”, argumenta, antecipando a noção de gênero como uma construção sociocultural. LULA, Vera Lúcia da Mata. **Nísia Floresta**: uma brasileira à frente de seu tempo. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/pro_curso_sup03.html>. Acesso em: 11 jan. 2018.

e mulheres de elite publicaram jornais femininos cuja aspiração era reivindicar a educação feminina, o direito ao voto para as mulheres e a condição feminina¹⁵⁰.

As aspirações das mulheres foram se alterando com o advento da República. No final do século XIX, a luta pelos direitos políticos femininos não apenas se estabeleceu, mas também foi ampliada.

O regime republicano sob a influência da doutrina positivista e cientificista concentrou suas atenções no binômio família/cidade, que era visto como o sustentáculo de projetos normatizadores. As famílias foram estimuladas a desenvolver práticas que se adaptassem à modernidade, e neste sentido a educação tornou-se um posto-chave, particularmente a feminina, pois através dela pretendia-se o aprimoramento físico e moral das mulheres e das crianças.¹⁵¹

Ainda, com o advento da República, vinculava-se a crença de que o novo regime multiplicaria as instituições escolares e expandiria o ensino público (humanista, democrático e progressista)¹⁵². A nova Constituição vetou o sufrágio feminino, mas algumas mulheres letradas enxergaram uma brecha.

Na primeira Constituição Republicana em 1891, foi determinado apenas que cidadãos alfabetizados maiores de 21 anos poderiam votar. Essa explícita lacuna na constituição deixou as sufragistas esperançosas, já que também a lei não as excluía totalmente, uma vez que, a lei era clara quando se falava em “alfabetizados”. Aliado a isso, e ao fato de haver permissão aos alfabetizados, isso abria condições para que ao menos “mulheres cultas” pleiteassem o direito de votar e ser votadas.¹⁵³

Sobre a ampliação do direito ao voto para as mulheres, usando como ferramenta política “as letras”, a autora Josefina Alves de Azevedo¹⁵⁴ escreveu uma peça de teatro publicada em forma de folhetim, intitulada *Voto Feminino*.

¹⁵⁰ MATOS, Maria Izilda S. de. **Por uma História da Mulher**. Bauru, SP: Edusc, 2000, p.29.

¹⁵¹ Idem. Propostas e lutas pela educação feminina: entre mães e operárias. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 42, n.º. 1, p. 352-371, jan.-abr. 2016, p.354.

¹⁵² Ibidem, p.355.

¹⁵³ PADRO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena. Participação Feminina no debate público brasileiro. In: PINKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.210.

¹⁵⁴ Josefina Álvares conseguiu encenar sua peça O voto feminino, no Teatro Recreio, depois publicada em livro, o que faz dela uma das primeiras mulheres a defender o direito ao voto e à cidadania no país. Ao longo do ano de 1877, ela havia viajado por vários Estados, como Pernambuco, São Paulo e Bahia, fazendo palestras e divulgando seu jornal, enquanto lançava uma campanha nacional a favor do sufrágio. DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n.º. 49, 2003, p.154. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-0142003000300010&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 jan. 2018.

Em termos de eficiência com relação aos seus objetivos, a comédia “O voto feminino” foi um fracasso, mas antecipou em mais de meio século, uma forma mais efetiva de agitação e propaganda na luta pelos direitos políticos das mulheres.¹⁵⁵

As manifestações por meio da imprensa visavam difundir as lutas pelos direitos das mulheres no Brasil. Ainda no período do Império, mulheres lutaram pelo direito ao trabalho e também à educação¹⁵⁶, segmento no qual obtiveram mérito.

As publicações voltadas e produzidas por mulheres se expandiram, eram editadas em vários estados e circulavam por diferentes regiões, destacaram-se O Sexo Feminino (1873), Echo das Damas (1875-9), A Família (1888), A Mensageira (1897), O Domingo (1874), Jornal das Damas (1874), Myosotis (1875) e A Voz Feminina (1900). Em sua maioria, estes periódicos introduziram reivindicações pelo direito a educação e reflexões sobre a condição feminina.¹⁵⁷

Além dos periódicos femininos, a temática da educação tornou-se constante em círculos intelectuais, debates parlamentares e várias outras instâncias. A missão de polemizar e difundir propostas ganhou espaço na imprensa, que defendia a educação como meio de atingir o progresso e conduzir a sociedade à civilização¹⁵⁸. Todavia, pode-se dizer que algumas mulheres “letradas” do século XIX e início do XX foram as precursoras do movimento feminista no Brasil, ou seja, seus textos para revistas, jornais e outros meios de comunicação contribuíram para o seu estabelecimento¹⁵⁹.

Contudo, no início do século XIX, a vasta maioria das mulheres vivia reclusa em seu ambiente doméstico e não tinha direito à educação básica, o que levou algumas mulheres a levantar a bandeira pelo o direito básico de aprender a ler e a escrever.

¹⁵⁵ D’ALKMIN, Sônia Maria; AMARAL, Sérgio Tibiriçá. A conquista do voto feminino no Brasil. **Intertemas**. Presidente Prudente, v. 2, n.º. 2, 2006. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1219/1163>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

¹⁵⁶ A educação também foi uma via de “emancipação” e certas mulheres utilizaram desta brecha para conquistar novos espaços e exercer outras ocupações, a questão tornou-se um dos alicerces das pautas de reivindicação dos movimentos feministas, que consideravam que somente através da instrução as mulheres se conscientizariam da sua situação de subordinadas e poderiam se organizar, resistir e lutar contra a opressão e dominação a que estavam submetidas, rompendo barreiras e expandindo sua órbita de ação política. MATOS, Maria Izilda S. de. Propostas e lutas pela educação feminina: entre mães e operárias. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 42, n.º. 1, p.352-371, jan.-abr. 2016, p.360.

¹⁵⁷ Idem. Imprensa e luta pela educação Feminina: propostas e debates (fim do século XIX e início do XX). In: BARREIRA, Luiz Carlos; PEREIRA, Maria Aparecida F. (Orgs.). **Mulher: leitora, autora, formadora**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2017, p.40-41.

¹⁵⁸ MATOS, op. cit., jan.-abr. 2016, p.356.

¹⁵⁹ Ibidem, p.356.

Essas mulheres que editavam e escreviam nestas revistas, geralmente pertenciam às elites ilustradas, identificavam o ler e escrever como um sinal de distinção social, elas se empenhavam em estimular hábitos de leitura, destacando a educação feminina como essencial para o casamento, educação dos filhos, vetor civilizatório familiar e até profissionalização (quando necessária). Buscando tornar as mulheres mais atuantes na esfera política, alguns periódicos incorporaram a luta pelo voto.¹⁶⁰

A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, apesar de não ter sido implementada no Império. Até então, as opções eram os conventos e raras escolas particulares nas casas de professores, ou o ensino individualizado, todas se ocupando mais em preparar as mulheres para o casamento. Conforme Censo Demográfico de 1872¹⁶¹, apenas 11,5% das mulheres eram alfabetizadas.

E foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever.¹⁶²

Portanto, a instrução escolar foi a brecha para o conhecimento e para a inserção das mulheres no mercado de trabalho. No entanto, ainda que nesse início de século XX, o mercado de trabalho era majoritariamente uma necessidade das mulheres pobres (que precisavam trabalhar para obter o seu sustento). As mulheres da elite passaram a buscar o seu lugar no espaço público e o que colaborou, entre outros motivos, foi:

Os produtos consumidos pelas famílias, com a industrialização, passaram a ser adquiridos no mercado, dando lugar à crescente necessidade de contribuição financeira por parte também das mulheres. Em decorrência, em amplos setores médios da sociedade sobrevieram reivindicações de aumento das possibilidades de capacitação profissional e da suspensão de barreiras impostas ao trabalho feminino remunerado.¹⁶³

¹⁶⁰ MATOS, Maria Izilda S. de. Propostas e lutas pela educação feminina: entre mães e operárias. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 42, n.º. 1, p. 352-371, jan.-abr. 2017, p. 43.

¹⁶¹ BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento do Brasil em 1872**. 1872. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2018.

¹⁶² DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n.º. 49, 2003, p.152-153. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-01420030300010&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 jan. 2018.

¹⁶³ SOIHET, Raquel. Movimento de Mulheres. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.218.

O trabalho para a mulher era visto como algo que inferiorizava o marido ou pai, pois esses tinham obrigação de ser os mantenedores de seus lares, ou seja, quando a mulher precisava trabalhar e ajudar no sustento da família, o marido era visto como incapaz perante a sociedade. Os espaços de ação da mulher fora da esfera do lar e sua inserção no espaço público era repleto de questionamentos.¹⁶⁴

A cada representante da sociedade matrimonial conferiu-se um atributo essencial, Assim, se ao marido cabia prover a manutenção da família, a mulher restava a identidade social como esposa e mãe [...] As mulheres casadas, de acordo com o Código Civil, precisavam da autorização do marido de exercer qualquer profissão fora do lar – atividade que só era considerada legítima quando necessária para o sustento da família, raramente para realização pessoal.¹⁶⁵

Ainda sobre o Código Civil Republicano (sancionado em 1916), o artigo 6º considerava as mulheres casadas incapazes de atuar na esfera civil. A questão da “incapacidade jurídica da mulher casada” apontava para elementos muito significativos na forma como a sociedade encarava a mulher e sua posição na relação conjugal¹⁶⁶. Dessa forma, as mulheres eram consideradas incapazes perante a lei, visto que os antissufragistas defendiam que as mulheres não teriam intelecto para votar sem sofrer influência do marido ou do pai. Esse argumento era baseado no discurso médico científico que atribuiu diferenças entre os gêneros: as mulheres eram consideradas “fisicamente débeis, sujeitas às limitações da menstruação e da gravidez, as mulheres teriam que ser protegidas dos perigos públicos e manter-se no espaço privado”¹⁶⁷.

Ao observar os impedimentos que a lei apresentava às ações da mulher casada, pode-se inferir que ela recebia um tratamento inverso, ou seja, suas ações como cidadã plena e produtiva eram controladas, favorecendo o estabelecimento de relações em geral profundamente desigual, amparada no pressuposto básico da inferioridade da mulher. Naturalizava-se, assim, facilmente, uma inferioridade social [...] A justificativa para essa incapacidade repousaria na necessidade de harmonizar a sociedade conjugal e não na incapacidade feminina. O

¹⁶⁴ BORELLI, Andrea. Casamento, Sacramento ou contrato civil? Considerações sobre a questão do casamento civil no Brasil (1830-1950). **Anais do XVII Encontro Regional de História** – O lugar da História. Campinas, ANPUH/ SPUNICAMP, 2004, p.6. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20VII/Andrea%20Borelli.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

¹⁶⁵ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. In: SEVECENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. República: Da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p.375-406.

¹⁶⁶ BORELLI, op. cit., 2004, p.4.

¹⁶⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineando corpos: As representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003, p.121.

discurso caminhava no sentido de legitimar a incapacidade jurídica das mulheres casadas, pela necessidade de garantir a harmonia familiar e não por considerá-las possuidoras de algum tipo de inferioridade.¹⁶⁸

O casamento era visto como uma “sociedade conjugal” na qual a mulher deveria ser mantida em condição subalterna, refletindo que a prática social estava longe de ser igualitária¹⁶⁹. Ainda sobre as diferenças entre os gêneros embasadas pela “teoria da complementaridade”, justificava-se a diferença biológica e legitimava-se as desigualdades entre homens e mulheres. Contudo, passou-se a observar que as diferenças biológicas e sociais eram necessárias e complementares¹⁷⁰. Isto significa que a mulher não era vista como “inferior”, mas como “diferente”. E assim eram definidos os papéis estabelecidos para as mulheres em campos de atuação.

A teoria da complementaridade entre os sexos reforçava a divisão de áreas de atuação, divisão sexual do trabalho e do espaço. Acrescentavam-se novos argumentos reforçando que cabia aos homens enfrentar a competitividade do mundo público enquanto as mulheres deveriam continuar voltadas para o privado e para a maternidade, ponto definidor da feminilidade.¹⁷¹

Frente a tal situação, ampliaram-se as lutas pelo direito ao trabalho, à educação e ao voto, porém a educação foi um dos alicerces das pautas das reivindicações desses movimentos feministas¹⁷².

A respeito da luta pelo direito ao trabalho feminino, cabe destacar a importância da imprensa feminina anarquista e operária para a consolidação das condições de trabalho para as mulheres, e ainda uma proposta de educação diferenciada aos padrões impostos pela sociedade e pela religião.

¹⁶⁸ BORELLI, Andrea. Casamento, Sacramento ou contrato civil? Considerações sobre a questão do casamento civil no Brasil (1830-1950). **Anais do XVII Encontro Regional de História** – O lugar da História. Campinas, ANPUH/ SPUNICAMP, 2004, p.5-7. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20VII/Andrea%20Borelli.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

¹⁶⁹ Ibidem, p.6.

¹⁷⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineando corpos: As representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003, p.122.

¹⁷¹ Ibidem, p.122.

¹⁷² Idem. Imprensa e luta pela educação feminina: propostas e debates (fim do século XIX e início do XX). In: BARREIRA, Luiz Carlos; PEREIRA, Maria Aparecida F. (Orgs.). **Mulher: leitora, autora, formadora**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2017, p.47.

Na imprensa operária¹⁷³ merece menção a professora Ernestina Lesina¹⁷⁴ no periódico *Anima e Vita* (fundado por ela em 1905), que visava propagar princípios socialistas e feministas. Este periódico contava com a colaboração de autores imigrados e estrangeiros, trazia a reprodução de poemas e de folhetins e a coluna fixa *Fiori e Spine (Flor e Espinho)*, que apresentava as notícias das ações operárias dentro e fora do país.

As propostas políticas de Ernestina visavam conscientizar as operárias do seu julgo, estimular a organização da luta pelos seus direitos e contra todas as formas de opressão. Para ela, a instrução das mulheres ampliaria a consciência social viabilizando a sua emancipação, destacava que os obstáculos à educação feminina eram meios de manter a alienação e reforçar modelos a serem seguidos. [...] denunciava que a educação feminina encontrava-se sobre a órbita do controle do Estado e da Igreja, que buscavam restringir as mulheres dentro de um modelo, mantendo-as submissas e dóceis, assim, apontava que qualquer ação no sentido da politização feminina era considerada fatores de desestabilização social e desrespeito às “leis divinas”.¹⁷⁵

Ernestina Lesina foi uma propagandista através da imprensa, vista como ferramenta para a conscientização das mulheres trabalhadoras, além disso, era anticlerical.

Mesmo sem direito ao voto, as mulheres ampliavam sua visibilidade no espaço público. Enxergaram ambiguidades na Constituição de 1891¹⁷⁶ e estenderam essa luta.

¹⁷³ A imprensa operária representava a mulher de forma ambígua, ora como vítima da exploração do capitalismo e ora como heroína das lutas, como mãe e trabalhadora encarregada pela transformação da sociedade. MARTINS, Angela Maria Roberti. *Pelas Páginas Libertárias: Anarquismo, Imagens e Representações*. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Apud: MATOS, Maria Izilda S. de. *Propostas e lutas pela educação feminina: entre mães e operárias*. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 42, n.º. 1, p. 352-371, jan.-abr. 2016, p.362.

¹⁷⁴ “Ernestina Lesina era italiana, professora, socialista, destacou-se na atuação político-partidária e dedicou-se à defesa das mulheres operárias, colaborou na imprensa anarquista e na socialista (*O Chapeleiro, A Voz do Trabalhador e O Livre Pensador*), dirigiu o periódico *Anima e Vita* (1905). Além das suas ações pela imprensa operária, foi oradora em manifestações e fundou a Associação de Costureiras de Saco (1906) e a Comissão das Costureiras com o intuito de organizar a luta pelo aumento do preço pago pela costura, redução da jornada de trabalho e pela organização sindical, denunciando e colocando na pauta de discussões as péssimas condições de trabalho, maus-tratos, exploração e abuso sexual dos patrões; ela faleceu em São Paulo em 25/06/1909. (MATOS, 2005; GONÇALVES, 2013)” Apud: *Ibidem*, p.362.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p.363.

¹⁷⁶ Os artigos da Constituição Brasileira de 1891 que se referem à questão da cidadania: “Art. 69 – São cidadãos brasileiros: 1º.) Os nascidos no Brasil, ainda que de pai estrangeiro, não residindo este a serviço da nação.” “Art. 70 – São eleitores os cidadãos maiores de 21 anos que se alistarem na forma da Lei. § 1º - Não podem alistarem-se eleitores para as eleições federais ou para as dos Estados: 1º) os mendigos, 2º) os analfabetos; 3º) as praça de pré, excetuados os alunos das escolas militares de ensino superior, 4º) os religiosos de ordens monásticas, companhias, congregações ou comunidades de qualquer denominação, sujeitas à obediência, regra ou estatuto que importe a renúncia da liberdade individual. § 2º - São inelegíveis os cidadãos não alistáveis.” “Art. 72 – A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes: § 1º - Ninguém pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei. § 2º - Todos são iguais perante a Lei.”

Os analfabetos não foram incluídos na categoria "cidadão" e o direito ao voto não foi concedido, ou seja, a lei foi escrita pensando em privilegiar o masculino e a elite, pois segundo dados do Censo de 1890, a taxa de analfabetismo era de 82,63%. Portanto, o direito ao voto era um direito de homens pertencentes à elite, ou seja, tinha uma proposta discriminatória e excludente em relação aos analfabetos¹⁷⁷ e às mulheres.

As discussões da Assembleia Constituinte de 1891, contribuíram para que fossem rejeitadas as emendas ao artigo 70, visando a explicitar o direito da mulher ao voto. Alguns concluíram pela sua inconstitucionalidade. Outros, porém, alegavam que o elemento feminino estava incluído na categoria "cidadãos brasileiros". Infere-se, portanto, que optou por uma fórmula vaga, imprecisa, que impediria fosse contestada, radicalmente, a capacidade política das mulheres.¹⁷⁸

Assim, faltava clareza sobre quem podia ser considerado "cidadão" e tinha os seus direitos garantidos, ou seja, havia uma imprecisão no processo discursivo sobre a condição feminina no quesito "cidadão", pois o termo se encontrava no masculino. A advogada Mirtes de Campos¹⁷⁹ e a professora Leolinda Daltro¹⁸⁰, estimuladas pela imprecisão do termo,

¹⁷⁷ FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os Censos? **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 23, nº. 81, p. 21-47, dez. 2002, p.27-28. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13930.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

¹⁷⁸ SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº. 15, 2000, p.3. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a07>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

¹⁷⁹ Mirtes Gomes de Campos nasceu na cidade de Macaé em 1875, Estudou na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e concluiu o curso em 1898. Para ser reconhecida como advogada era necessário registrar o diploma na Secretaria da Corte de Apelação do Distrito Federal e obter a inscrição no Tribunal da Relação, depois de oito anos de graduada conseguiu o registro. Em 1906, ingressou ao Instituto dos Advogados do Brasil (IAB), tornou-se a primeira mulher a exercer a profissão de advogada no Brasil. Nos anos 1910 foi nomeada inspetora de Ensino do Distrito Federal e em 1924 tornou-se encarregada da jurisprudência do Tribunal de Apelação do Distrito Federal, função na qual se aposentaria em 1944. Já em 1902 foi peticionária, e provável redatora, de uma proposta sobre a condição feminina e operária formulada pelo Centro das Classes Operárias do Rio de Janeiro e apresentada à Comissão Parlamentar Especial de Elaboração do Código Civil, no Congresso Nacional. Mirtes também participava regularmente de congressos jurídicos, como os realizados no Rio de Janeiro em 1905, 1908 e 1922. Também participou das iniciativas da FBPF e do I Congresso Feminista Internacional, foi oradora nacional no evento. Depois de se aposentar, em 1944, não se tem mais registro da vida de Mirtes Gomes de Campos. Desconhece-se quando e onde faleceu. Escreveu nos anos 1920 e 1930 para jornais e revistas, sobretudo sobre a situação jurídica das mulheres. Publicou os O voto feminino (1929), A propósito da mulher jurada (1933) e Os advogados brasileiros e a advocacia feminina (1937). FGV. Fundação Getúlio Vargas. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CAMPOS,%20Mirtes.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2018.

¹⁸⁰ Leolinda nasceu em 1859 na Bahia, casou-se cedo, como de costume na época, e teve dois filhos. Logo se separou do marido, o que teria sido uma motivação para estudar para ser professora e, assim, ajudar nas economias domésticas. Aos 24 anos, estava casada novamente e migrou, com o novo marido, para a Capital Federal, em "busca de melhores condições de vida". No Rio de Janeiro, conseguiu um cargo para ministrar aulas e também começou a se interessar pela proposta que dava destaque a uma educação laica. KARAWEJCZYK, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo "pátrio" de Leolinda Figueiredo Daltro.

pleitearam na justiça o direito ao voto; contudo, ambas tiveram seus pedidos de alistamento eleitoral negado.

Leolinda, inconformada com essa situação, fundou o Partido Republicano Feminino¹⁸¹ (PRF) a fim de fazer ressurgir no Congresso o debate sobre o voto das mulheres. As ações do partido teriam sido as responsáveis por recolocar o tema do sufrágio feminino de volta à pauta da imprensa brasileira¹⁸². Cabe frisar que o discurso pela luta dos direitos femininos continuou por meio das escritoras e artistas, bem como através da imprensa feminina que incentivou manifestações públicas como passeatas e abaixo-assinados.

Em novembro de 1917, foi organizada uma passeata que contou com a participação de 84 mulheres na cidade do Rio de Janeiro. Esta manifestação contribuiu para a elaboração de um projeto de lei visando o sufrágio feminino. No entanto, este nem sequer foi discutido.

Essa passeata surpreendeu a população do Rio, o que pode ter contribuído para que, no mesmo ano, o Deputado Maurício de Lacerda apresentasse na Câmara um projeto de lei estabelecendo o sufrágio feminino, que nem chegou a ser discutido.¹⁸³

Apenas em 1919, um projeto semelhante foi enviado ao Senado. Desta vez, Leolinda e um número elevado de mulheres apareceram para acompanhar os trabalhos, mas saíram desiludidas¹⁸⁴. Essa tática de acompanhar os projetos sufragistas começou ser uma estratégia utilizada pelos movimentos femininos.

Todos estes fatos indicam que o movimento pela conquista dos direitos políticos femininos ampliou-se com a ativista Bertha Lutz¹⁸⁵, quando ela retorna da Europa em 1918

Estudos Ibero-Americanos. Porto Alegre, v. 40, n.º. 1, p. 64-84, jan.-jun. 2014, p.67. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3609>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

¹⁸¹ A proposta do PRF, publicado no Diário Oficial em 17 de dezembro de 1910, apregoava que pretendia “congregar a mulher brasileira na capital federal e em todos os Estados do Brasil, promovendo a cooperação entre as mulheres na defesa das causas relativas ao progresso pátrio”. Um diferencial na proposta do PRF era ser composto exclusivamente por mulheres, pois pelo seu estatuto, estava vedada a participação masculina. O partido também contava, desde antes da sua fundação oficial, com bandeira, gorros e distintivos para a sua identificação. KARAWEJCZYK, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltró. **Estudos Ibero-Americanos.** Porto Alegre, v. 40, n.º. 1, p. 64-84, jan.-jun. 2014, p.71. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3609>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

¹⁸² *Ibidem.*

¹⁸³ SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, n.º. 15, 2000, p.3. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a07>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

¹⁸⁴ *Idem.* Movimento de Mulheres. In: PINKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2012, p.219.

¹⁸⁵ Bertha Maria Júlia Lutz nasceu em São Paulo, em 2 de agosto de 1894, filha do cientista Adolfo Lutz e da enfermeira inglesa Amy Fowler. Completou a sua educação na Europa, onde tomou contato com a campanha sufragista inglesa. Em 1918, em Paris licenciou-se em *Sciences* na Universidade da Sorbonne e retornou para o Brasil. Desde seu regresso, tornou-se uma defensora dos direitos da mulher na Brasil. Em 1919, prestou

após estadia na Inglaterra e na França. Bertha propunha a formação de associações, imprescindíveis na pressão e para fazer frente às reações surgidas, garantindo o êxito no rompimento dos tabus e preconceitos relativos à libertação da mulher¹⁸⁶.

Bertha se valeu da participação na imprensa e conseguiu formar um grupo de mulheres, tornando-se rapidamente uma referência para os movimentos feministas de seu tempo, ou seja, foi uma das mais influentes nos meios políticos.

Esse grupo de mulheres escrevia artigos, concedia entrevistas, fazia pronunciamentos públicos e, por isso, virou alvo da imprensa, ganhando evidência e buscando o apoio da opinião pública, o que contribuía para pressionar os parlamentares.

Bertha e suas companheiras começam a exercer a citada tática de movimentar a opinião pública e a fazer pressão direta sobre os membros do Congresso sobre a causa sufragista. Aproveitavam-se dos laços de amizade existentes entre seus familiares e muitos dos grupos que ocupavam posição de poder para obter simpatia para sua causa e fazer avançar o debate acerca do voto feminino.¹⁸⁷

concurso público para bióloga do Museu Nacional, passando a ser a segunda brasileira a ingressar no serviço público. Ainda neste ano Bertha representou o Brasil no órgão da Organização Internacional do Trabalho (OIT), onde foram aprovados os princípios de salário igual para ambos os sexos e a inclusão da mulher no serviço de proteção aos trabalhadores. No Brasil, juntamente com outras mulheres, criou, em 1919, a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, embrião da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – FBPF, esta organização liderou a campanha sufragista no país. Graduou-se advogada em 1933. Foi nomeada para integrar uma comissão de juristas encarregada de elaborar o Código Eleitoral que foi aprovado em fevereiro de 1932, onde estava previsto o direito de voto às mulheres. Em 1934 candidatou-se à Câmara Federal, alcançando a primeira suplência. Em julho de 1936, assumiu o mandato de deputada federal, apresentou o projeto de lei do *Estatuto da Mulher*, que reformava a legislação brasileira quanto ao papel do trabalho feminino, presidiu a Comissão Especial do Estatuto da Mulher, aprovado na Câmara em 1937. Propôs, a criação do *Departamento do Trabalho Feminino, maternidade, Infância e Lar*. Em 1942 deixou a direção da FBPF. Em 1944 representou o Brasil na Conferência Internacional do Trabalho (USA). Em 1951 foi premiada como título de “Mulher das Américas” e, em 1952, foi a representante do Brasil na Comissão de Estatutos da Mulher das Nações Unidas. Em 1953 foi eleita delegada do Brasil junto à Comissão Interamericana de Mulheres da União Panamericana de Repúblicas. Foi convidada a integrar a delegação brasileira no primeiro Congresso Internacional da Mulher, promovido pelas Nações Unidas (ONU), realizado na capital do México. Como cientista, Bertha atuou por quatro décadas como docente e pesquisadora do Museu Nacional, foi reconhecida internacionalmente por valiosa contribuição na pesquisa zoológica. Publicou vários artigos sobre a coleção de Anfíbios Anuros do seu pai, e organizou o primeiro herbário dele, num projeto financiado pelo recém-criado Conselho Nacional de Pesquisas (o atual CNPq). Faleceu no Rio de Janeiro a 16 de setembro de 1976. CNPq. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Bertha Lutz (1894 - 1976) - Bióloga e Ativista Feminista. Disponível em: <http://memoria.cnpq.br/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/902173?jsessionid=D1B28C4FBDEB2CCB8A9DCBE5BE005156?p_p_state=pop_up&_56_INSTANCE_a6MO_viewMode=print>. Acesso em: 08 fev. 2018.

¹⁸⁶ SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n°. 15, 2000, p.3. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a07>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

¹⁸⁷ Ibidem.

Ainda em 1918, Bertha Lutz enviou uma carta para a *Revista da Semmana*, cujo tom moderado representava uma estratégia tática para não chocar demais os conservadores, e na qual convocava as mulheres para lutar por sua emancipação.



Figura 11 - A feminista Bertha Lutz, uma das líderes pela emancipação feminina no Brasil.¹⁸⁸

Essas lutas não se concentravam apenas no sufrágio feminino, a luta era também era em prol da educação e do trabalho. Para as feministas, o trabalho poderia livrar a mulher do papel submisso em que ela se encontrava, sendo um meio de subsistência, e as salvaria da dependência do homem. A luta pelo direito à educação desde do século XIX se une à luta pelo direito à igualdade de remuneração ao trabalho, e ambas seriam instrumentos preciosos para a emancipação da mulher.

Em outra linha de luta pelos direitos femininos, ativistas com propostas mais radicais, como por exemplo Maria Lacerda de Moura¹⁸⁹, levantaram as bandeiras em defesa

¹⁸⁸ Cf.: SOIHET, Raquel. Movimento de Mulheres. In: PINKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.223.

¹⁸⁹ Maria Lacerda de Moura, nasceu em Manhuaçu (MG), no dia 16 de maio de 1887. Seus pais se mudaram em 1892 para Barbacena (MG), e aí iniciou seus estudos. Em 1904 formou-se na Escola Normal, passando a trabalhar como professora primária. Iniciou um trabalho junto às mulheres da região, incentivando um mutirão para a construção de casas populares para a população carente da cidade. Fundou a Liga Contra o Analfabetismo, onde lecionava gratuitamente. Em 1920, no Rio de Janeiro, fundou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, que se destacaria na luta em favor do voto feminino. Em 1921 mudou-se para São Paulo e tornou-se ativa colaboradora da imprensa operária, publicando em jornais como A Plebe e O Combate. Participou em 1922

do amor livre¹⁹⁰ e do controle da natalidade. Além disso, elas também apoiavam a luta pela igualdade salarial, e ainda promoveram reivindicações com caráter anarquista e comunista, que eram disseminadas nos meios operários.¹⁹¹

Em 1920, as ativistas Maria Lacerda e Bertha Lutz se uniram e criaram a Liga para Emancipação Intelectual da Mulher, pois era preciso que as mulheres se emancipassem intelectualmente. A iniciativa se dispunha a fazer reconhecer os direitos da mulher e sua maior participação. Ou seja, durante um período, as duas linhas do movimento feminino estavam unidas pelos mesmos ideais.

Mas logo essa união começou a levantar divergências. Para Bertha Lutz, a prioridade eram os direitos civis, e muitas mulheres se identificaram com a causa feminista. Por sua vez, Maria Lacerda de Moura não seguia as diretrizes do grupo específico, ainda mais individualmente, o que teria contribuído para o seu isolamento na época. Depois de romper com Bertha, Maria Lacerda não se agregou a qualquer grupo¹⁹².

Por meio de manifestações na imprensa, o movimento feminino tomou forma e força. Em 1922, a ativista Bertha Lutz funda Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), que substituiu a Liga da Emancipação Intelectual da Mulher. O Estatuto da FBPF tinha como objetivo coordenar e orientar os esforços da mulher no sentido de elevar-lhe o

da criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, mas não permaneceu nessa organização. Em 1923 lançou a revista *Renascença*, publicação cultural voltada para a divulgação do movimento anarquista. Tornou-se conhecida não só no Brasil, como também na Argentina, Uruguai e Espanha, onde seus textos foram publicados em revistas anarquistas. Logo após a fundação do Partido Comunista Brasileiro, em 1922, recebeu dos dirigentes vários convites para que ingressasse nas fileiras do partido, mas recusou-se em nome de uma visão de mundo de liberdade. Entre 1928 e 1937 viveu em uma comunidade agrícola em Guararema (SP), formada principalmente por anarquistas individualistas e desertores espanhóis, franceses e italianos da Primeira Guerra Mundial. Faleceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 20 de março de 1945. Entre suas obras destacam-se: *Em torno da educação* (1918); *A fraternidade na escola* (1922); *A mulher moderna e o seu papel na sociedade atual* (1923); *A mulher é uma degenerada?* (1924); *Religião do amor e da beleza* (1926); *Amai e não vos multipliqueis* (1932); *Hans Ryner e o amor no plural* (1928); *Fascismo: filho dileto da Igreja e do capital (s/d)*; “Autobiografia”, em *O Combate*, São Paulo, nº 5, 110, 3 de agosto de 1929; e *O silêncio* (1944). FGV. Fundação Getúlio Vargas. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MOURA,%20Maria.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2018.

¹⁹⁰ “Neste período, as propostas de amor livre centravam-se na crítica ao modelo de família burguesa e no casamento contratual, apregoando o direito à livre escolha do parceiro, o direito ao amor como um sentimento que definisse a união, que deveria ser constituída desvinculada das obrigações relativas ao Estado e à Igreja (RAGO, 1998).” Apud: MATOS, Maria Izilda S. de. *Propostas e lutas pela educação feminina: entre mães e operárias. Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, v. 42, nº. 1, p. 352-371, jan.-abr. 2016, p.363.

¹⁹¹ SOIHET, Raquel. *Movimento de Mulheres*. In: PINKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.230.

¹⁹² *Ibidem*, p. 235.

nível da cultura e tornar-lhe mais eficiente na atividade social, quer na vida doméstica ou na vida pública, intelectual e política¹⁹³.

Foram travadas as mais importantes batalhas pelo direito ao voto no Congresso Nacional. Entre os parlamentares, as feministas encontraram um aliado, o deputado Juvenal Lamartine, que à época era membro da Comissão de Constituição e da Justiça da Câmara. Estava em encaminhamento um projeto de lei que estendia o direito do voto às mulheres.

Em 1927, o deputado foi procurado por Bertha Lutz, Ana Amélia Carneiro de Mendonça e Maria Eugenio Celso, que o convenceram a abraçar a causa, e Juvenal Lamartine¹⁹⁴ se lançou candidato a governador do seu estado, o Rio Grande do Norte, e encontrou apoio da FBPF.

Em seu plano de governo, declarou sua posição em relação ao sufrágio feminino. Já governador, elaborou um parecer que favorecia o projeto sufragista e, com o suporte da FBPF, enviou ao senado uma mensagem com 2000 assinaturas, propondo os direitos das mulheres ao voto, no qual reivindicava-se o voto feminino, acentuando que “desde que uma só exista não há motivo para que não sejam eleitoras todas as mulheres habilitadas no Brasil¹⁹⁵”.

Esse documento foi divulgado pela imprensa a fim de pressionar os congressistas. O projeto foi aprovado apenas em 1930, e os esforços femininos conseguiram no Senado que dez estados aceitassem o alistamento eleitoral. Cabe ressaltar que no Estado do Rio Grande do Norte, algumas mulheres já atuavam como eleitoras e também foram eleitas, como a prefeita Alzira Soriano, do município de Lajes.

Em frente ao novo quadro político com o movimento político de 1930, ainda as demandas feministas pelo voto não tinham sido atendidas. A FBPF realizou o Segundo Congresso Feminino em junho de 1931. Neste, as mulheres enviaram novamente as reivindicações ao chefe do governo Provisório de Getúlio Vargas, propondo o direito ao voto e a serem votadas, ou seja, o direito de disputar um cargo político e influir na vida política do

¹⁹³ Idem. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº. 15, 2000, p.5. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a07>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

¹⁹⁴ Lamartine foi um dos primeiros políticos abraçar a causa feminista e manifestou em sua plataforma política, divulgada em abril de 1927, o propósito de contar “com o concurso da mulher não só na escolha daqueles que vêm representar o povo como entre os que elaboram e votam a lei”. Conseguiu, antes de ocupar o poder, incluir na Legislação do Estado do Rio Grande do Norte um dispositivo estabelecendo igualdade de direitos políticos para os dois sexos. Conseguiram-se vinte alistamentos femininos. O precedente aberto deu margem a ampla movimentação da FBPF, que enviou ao Senado uma mensagem contendo duas mil assinaturas. Nela reivindicava-se o voto feminino, acentuando que “desde que uma só exista não há motivo para que não sejam eleitoras todas as mulheres habilitadas no Brasil”. SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº. 15, 2000, p.6. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a07>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

¹⁹⁵ Ibidem, p.6.

país em condição de igualdade para ambos os sexos. Também acentuaram a importância de suprimir a incapacidade civil da mulher casada¹⁹⁶.

Ficava cada vez mais difícil o governo provisório fechar os olhos para a luta que os movimentos femininos travaram pelos direitos civis e políticos. Vargas elaborou uma comissão para criar uma nova lei eleitoral, mas apesar da pressão das feministas, o anteprojeto estabelecia inúmeras restrições ao voto feminino, e essas restrições elevaram os ânimos entre as líderes feministas e o presidente, que assinou o Decreto 21.076, estabelecendo o voto feminino e o voto secreto, em 24 de fevereiro de 1932. Enfim, essa conquista tornou o Brasil o segundo país da América Latina a legalizar o voto feminino - tendo o primeiro sido o Equador.

O Decreto nº 21.076, assinado por Getúlio Vargas, foi uma projeção para a conquista dos direitos femininos e marcou decisivamente a posição da mulher no espaço público e de cunho político. Pode-se afirmar que este momento foi o destaque na luta feminista. Faltava agora a incorporação desse princípio à Constituição a ser elaborada, o que foi feito com a inclusão do artigo 108 na Constituição de 1934¹⁹⁷.

Porém, após a implantação do Estado Novo em 1937 por Getúlio Vargas, novamente os direitos femininos foram negados. Somente após a redemocratização, em 1946, as mulheres retomariam o direito ao voto. A luta pelo sufrágio feminino¹⁹⁸ foi exaustiva e necessária, ressaltando que atualmente ainda existem países onde as mulheres são proibidas de estudar, trabalhar e de participar ativamente da política. A diferença dos gêneros, que se exprime com tanta força no exercício do poder político, varia de acordo com os contextos religiosos e culturais que tecem as nações¹⁹⁹.

O acesso das mulheres ao poder político sempre e em toda parte foi difícil. A cidade grega, primeiro modelo da democracia, excluía-as radicalmente. No mundo contemporâneo, a parte das mulheres nas instâncias representativas está longe de ser igual em todos os países.

¹⁹⁶ Ibidem, p.8.

¹⁹⁷ SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº. 15, 2000, p.8. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a07>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

¹⁹⁸ As datas em ordem cronológica correspondem ao direito ao voto feminino nos respectivos países. Nova Zelândia -1893; Austrália -1902; Finlândia - 1906; Noruega - 1913; EUA - 1920; Grã-Bretanha - 1928; Portugal - 1931; Brasil - 1932; França - 1945; China - 1949; Suíça - 1971; Iraque - 1980, Kuwait - 2006; e Arábia Saudita - 2011.

¹⁹⁹ PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Unesp, 1998, p.132.

Elas chegam com frequência ao poder executivo como substitutas, prosseguindo uma tradição familiar (é caso da Índia ou do Paquistão) ou em caso de crise, que ativa o mito da mulher salvadora.²⁰⁰

Pode-se verificar que as primeiras participantes do primeiro movimento feminista²⁰¹ no Brasil travaram inúmeras batalhas em função dos direitos femininos, e apesar das dificuldades, colheram bons resultados, sendo o direito à educação e ao voto os mais expressivos. Ele era considerado “moderno e libertário” pelas alas conservadoras (incluindo a própria AIB), o que facilitou a destituição da mulher do seu perfil exclusivamente mariano, desviando-a do papel de “provedora do lar e da família” imposto pela sociedade.

Ou seja, o movimento feminista “Primeira Onda”²⁰² foi responsável pela criação de ocasiões que aumentavam a visibilidade da mulher no campo político e no espaço público que antes eram socialmente aceitos para o público masculino. As primeiras pautas pediam o direito à educação, ao trabalho feminino e à igualdade salarial, ao sufrágio e à participação na disputa por cargos políticos.

O feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do gênero feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência, criando igualdade e ganhando controle sobre seus corpos e sobre suas vidas.²⁰³

O integralismo aproveitou a participação das mulheres em suas fileiras como uma forma para controlar “avanços” feministas, tais como o comportamento importado de filmes norte-americanos, revistas femininas e etc. Ou seja, considerando esse novo contexto de modernização, os grupos conservadores tentavam “direcionar” tais avanços, e um movimento de caráter conservador como o integralismo não poderia ficar inerte ao ser confrontado com a emancipação feminina²⁰⁴.

²⁰⁰ Ibidem, p.118.

²⁰¹ O movimento feminista manteve-se na luta pelos direitos das mulheres durante todo o restante dos séculos XX e XXI, no qual surgiram novas demandas como liberdade sexual, aborto, divórcio, violência doméstica, igualdade salarial, entre outros. Atualmente, o movimento feminista está fragmentado em diversos grupos, que utilizam as redes sociais para organizar manifestações públicas e virtuais em busca de uma sociedade mais igualitária.

²⁰² Na Academia, algumas pesquisadoras defendem que a Primeira Onda feminista se refere à luta pela educação, logo no início do século XIX. Por sua vez, o movimento sufragista seria atribuído à Segunda Onda feminista.

²⁰³ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1996, p.68.

²⁰⁴ MANCILHA, Virginia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da *Revista Brasil Feminino* e da participação no movimento do Sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011, p.186.

2.2 IMPRENSA INTEGRALISTA: CONSCIENTIZAÇÃO E FORMAÇÃO POLÍTICA

Por meio de um resgate das experiências femininas diante da sociedade brasileira e da AIB, intenciona-se depreender como o integralismo lidava com os ditos “avanços” femininos nos campos político e social, conquistados pelo movimento feminino no início do século XX, e ainda, como manobrava essas conquistas em prol da AIB.

O integralismo atraiu as mulheres, principalmente, devido ao seu discurso em defesa da família e da religião oficial: o catolicismo, além da alusão à maior expressividade da participação feminina na política institucional.

As mulheres integralistas não assumiram a militância de forma idêntica, apesar de serem arregimentadas e disciplinadas por um regimento protocolar”. Elas adentraram ao Movimento movidas pela sua condição social de classe, de etnia e de gênero e, por isso, muitas delas exerceram distintos papéis e demonstraram comportamentos diversos, muito além da identidade de uma mulher dócil, feminina e materna.²⁰⁵

Na maioria das vezes, as atribuições das mulheres integralistas eram vinculadas às funções educacionais, sendo elas responsáveis pela família e pela educação dos filhos, mantendo-os comprometidos com a pátria, bem como assumiam o papel de disseminadoras da doutrina por meio da alfabetização de jovens e adultos. Sugere-se que essas mulheres praticavam um “feminismo informal”, pois à medida que se revestiram de formas privadas e secretas suscetíveis de colocar em xeque a dominação²⁰⁶, estavam também atuando no campo político. Ou seja: um espaço considerado “masculino” onde elas encontraram brechas para atuar e sair da invisibilidade histórica.

Para essa parte da pesquisa foram utilizadas as edições 35, 36, 37 e 38 da revista *Brasil Feminino*²⁰⁷, de 1937²⁰⁸. Dialoga-se com algumas páginas que podem ser consideradas

²⁰⁵ POSSAS, 2004a, p.113. Apud: LOPES, Daniel Henrique. **As experiências femininas na AIB, 1932-1938.** Revendo o Passado - Gênero e Representações. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Marília - SP, Unesp, 2007, p.153.

²⁰⁶ PERRROT, 2000. Apud: Ibidem, p.168.

²⁰⁷ Lançada no Rio de Janeiro, no ano de 1932, já apresentava caráter moralista cristão e nacionalista, mas não se tratava de uma publicação integralista. Pode-se inferir que a *Brasil Feminino* foi uma reação de setores conservadores diante dos novos ares cosmopolitas que atingiam a capital da República (mesma coisa em São Paulo). FIORUCCI, Rodolfo. **A Trajetória da Revista Anauê! (1935-1937): O Jornalismo Partidário e Ilustrado da Ação Integralista Brasileira - A “Netinha” que Não Cresceu.** Tese (Doutorado em História), UFG, Goiânia, 2014, p.73.

²⁰⁸ Era uma revista mensal ilustrada, e sua direção e administração se localizavam na Avenida Rio Branco nº 317, Rio de Janeiro, custava cada exemplar avulso dois mil réis (2\$000), a diretora se chamava Iveta Ribeira, Sylvia Patrícia era a responsável pela secretaria e a secretaria social era dirigida por Ernestina Lobo. A *Brasil Feminino* nº 35 (1937) era editada pela Organização Tupan Publicitária Limitada.

como principais para entender o posicionamento e conscientização política e a função estabelecida pelo Sigma para o público feminino. Era uma revista com linguagem simples, atrativa e de abordagem nacionalista, que contou com seções variadas com o intuito de atingir o maior público possível²⁰⁹.

Vale lembrar que a Ação Integralista Brasileira usou vários meios de comunicação como agentes disseminadores da doutrina. Sobretudo a imprensa, provida de jornais, revistas, livros e mesmo a rádio eram utilizados como divulgadores do Sigma.

No período de existência legal da AIB foram editados 138 jornais (2 de circulação nacional, 30 regionais e 106 locais), 8 revistas (2 nacionais e 6 regionais), panfletos, cartazes e mais de três mil boletins referentes aos serviços de cada núcleo. Mais que um jornalismo político, pode-se dizer que a AIB se valeu de uma mídia política, pois além dos recursos mencionados, o rádio e o cinema – em menor escala - foram empregados no processo doutrinário, o que demonstra o esforço de ampliação espacial da palavra do sigma. O integralismo, ainda nos anos 1930, procurou utilizar todos os recursos disponíveis em função da política e da doutrina.²¹⁰

A propaganda foi imprescindível na divulgação dos ideais integralistas, pois era o meio pelo qual o movimento recrutava novos militantes e mantinha a coesão dos já integrados. Ou seja, a mídia impressa (livros, jornais e revistas) era a principal interlocutora entre a doutrina integralista e o militante²¹¹.

Para cooptar novos e manter os já filiados, a confiança na firmeza do movimento era fundamental, especialmente no que se relacionava às lideranças. A AIB tinha que passar uma imagem de solidez, de um partido robusto e estruturado, com força e capacidade para assumir as rédeas condutoras da nação. Por isso a doutrina chegava ao público homogêneo, diluído docilmente nas páginas do periodismo verde.²¹²

Vale lembrar que, como citado anteriormente, o periodismo verde contou com um número de jornais e revistas ilustradas que alcançaram dimensões consideráveis para a época, ressaltando que sempre em caráter doutrinário. No geral, o periodismo verde não podia ser

²⁰⁹ MANCILHA, 2011, p.194. Apud: FIORUCCI, op. cit., p.75.

²¹⁰ FIORUCCI, Rodolfo. **A Trajetória da Revista Anauê! (1935-1937): O Jornalismo Partidário e Ilustrado da Ação Integralista Brasileira - A “Netinha” que Não Cresceu.** Tese (Doutorado em História), UFG, Goiânia, 2014, p.58.

²¹¹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937).** São Paulo: Edusc, 1999, p.79.

²¹² FIORUCCI, op. cit., p.59.

considerado pequeno, mas também não foi grande e empresarial. Ademais, dizia-se revolucionário, mas não foi radical; contestou a ordem vigente, mas não o governo²¹³.

Das oito revistas integralistas, as que tiveram mais destaque, foram três: *Panorama*²¹⁴, *Anauê!*²¹⁵ e *a Brasil Feminino*, cada periódico tinha uma proposta para um nicho específico de leitores. Vale frisar que a imprensa voltada para o público feminino foi a *Brasil Feminino*. As revistas *Anauê!* e *Brasil Feminino* tinham mais cores e dinamismo em suas feitura²¹⁶, utilizavam mais recursos gráficos e diagramáticos em comparação à *Panorama*, que não possuía os mesmos atrativos e atributos.

A revista *Panorama* era direcionada a um público diferenciado, com maior instrução, e sua proposta editorial era voltada para o grupo de intelectuais que compunha a AIB. A apresentação dos colaboradores apontava para a elite nacional e regional do movimento, o que levou a uma publicação dedicada a debates teóricos, discussões filosóficas e políticas e textos mais profundos, que satisfaziam esses interesses²¹⁷.

Já a revista *Anauê!* foi considerada pelos integralistas como a revista ilustrada de maior projeção e circulação nacional, trazendo uma proposta para todos os gêneros, militantes e simpatizantes do movimento.

Apresentava-se como revista ilustrada, de informações gerais, com abuso de cores e imagens, tratando de assuntos diversos que iam desde política até moda e comportamento feminino [...] os espaços voltados para a mulher obviamente doutrinavam e transmitiam determinado comportamento, mas não abriu mão de tratar de beleza, moda e até algumas frivolidades, claro, de forma diferenciada em relação à

²¹³ Ibidem, p.55.

²¹⁴ *Panorama* era revista de alta cultura do movimento, foi lançada em janeiro de 1936 com o intuito de atender a um grupo específico dentro da AIB, os intelectuais, já que até então a imprensa era voltada para o militante comum. Com os jornais eram doutrinários ou, com o passar do tempo, também de informações gerais, a elite do movimento ficava de fora, pois o que ia para os periódicos eram suas teorias dissolvidas e simplificadas. FIORUCCI, Rodolfo. **A Trajetória da Revista Anauê! (1935-1937): O Jornalismo Partidário e Ilustrado da Ação Integralista Brasileira - A “Netinha” que Não Cresceu.** Tese (Doutorado em História), UFG, Goiânia, 2014, p.71.

²¹⁵ A *Anauê!* classificava-se como uma revista ilustrada. Ela seguia o padrão de outras da mesma categoria que circulavam no Brasil desde a metade do século XIX, aumentando em quantidade até o início do XX quando ocorre, em boa parte delas, um crescimento significativo de imagens fotográficas em relação aos desenhos presentes em suas páginas. O periódico da AIB possuía muitas imagens, as propagandas de produtos de consumo estavam presentes, buscava-se dar cobertura para os fatos nacionais e internacionais, e havia uma espécie de coluna social (nascimentos, casamentos, falecimentos), além de uma seção de moda. Todos os fatos que ela citava direcionavam-se ao integralismo. A *Anauê!* surgiu como uma revista para o movimento político, não fazendo a menor questão de disfarçar essa finalidade. Entretanto, ela absorveu um estilo de escrita jornalístico próprio de outras revistas ilustradas. Ou seja, sua intenção era atingir o brasileiro letrado (ou razoavelmente letrado), com conhecimentos medianos e bastante sedento por imagens. SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, nº. 50, p. 61-95, 2005, p.65-66.

²¹⁶ FIORUCCI, op. cit., p.71.

²¹⁷ Ibidem, p.71.

concorrência, com sua própria visão sobre tais assuntos [...] tinha como proposta um contato mais próximo com a militância, com os lares integralistas, chegar na mulher e na criança, com o fito de atrair todos os setores, afastar o público feminino da sedução das revistas liberais, além de educar a criança desde cedo dentro dos princípios verdes. Por isso o investimento numa revista ilustrada.²¹⁸

Outro ponto relevante da *Anauê!* em comparação à *Panorama* era uma seção feminina chamada “Senhora”, que abordava assuntos variados para as mulheres e seguia um padrão do período como as outras revistas ilustradas, ou seja, moda, beleza e saúde, entre outros. Após a seção ser entregue a Nair Nilza Perez de Rezende²¹⁹, o discurso utilizado passou a ir além dos padrões estabelecidos pelo Sigma, e pode-se dizer que foi recebido como sendo um tanto “revolucionário”.

Nilza Peres defendeu o papel social da mulher, elevando sua importância não apenas como matriarca da família, mas também como ativa no sustento do lar. Ainda que proferisse discurso cerceador quanto às liberdades femininas, dentro das concepções integralistas, acabou fomentando posturas até mesmo revolucionárias, estabelecendo-as como partícipes do cenário político e social.²²⁰

Em caráter geral, sugere-se que dentro das três revistas integralistas citadas, a *Anauê!* e a *Panorama* não eram exclusivamente para um público predefinido (masculino ou feminino), seu direcionamento era transmitir informações gerais aos militantes e simpatizantes da AIB. A *Anauê!*, por sua vez, assumiu uma seção específica para o público feminino, enquanto a *Panorama* não teve esta preocupação. Somente a revista *Brasil Feminino* tinha uma proposta exclusiva para o público feminino.

Os principais assuntos abordados incluíam textos e livros de leituras obrigatórias, passeatas, encontros, reuniões e inaugurações dos núcleos, assistencialismo e campanhas políticas dos membros do Sigma. Entre os diversos temas, os valores morais e éticos eram

²¹⁸ FIORUCCI, Rodolfo. **A Trajetória da Revista *Anauê!* (1935-1937): O Jornalismo Partidário e Ilustrado da Ação Integralista Brasileira - A “Netinha” que Não Cresceu.** Tese (Doutorado em História), UFG, Goiânia, 2014, p.67, 69 -91.

²¹⁹ Nilza Perez foi uma das poucas mulheres que chegaram a ocupar cargos de chefia integralista em nível nacional, uma vez que foi integrante da câmara dos 400, um dos órgãos mais importantes da AIB. PIMENTA, Everton Fernando. Apontamentos sobre a presença da AIB em Barbacena-MG, 1934-1938. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História.** Florianópolis, Anpuh, jul. 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427125417_ARQUIVO_Anpuh_Everton_Pimenta_texto_final_enviado.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2018. No documento referente aos membros da Câmara dos Quatrocentos constatamos o nome de apenas seis Blusas-Verdes: D. Santa Guerra – professora, Nilza Peres – universitária, D. Caetano Spinelli – viúva, Marília da Rocha Vaz Bernardelli, D. Adelina da Silva Prado, D. Dulce Thompson. Fonte: Arquivo Público e Histórico Municipal de Rio Claro.

²²⁰ FIORUCCI, op. cit., p.185.

direcionados a todos sem distinção de gênero, apesar de o discurso ao público feminino observar as diferenças entre homens e mulheres, colocando a mulher como igual ao homem, porém com habilidades diferentes, entre as quais sempre eram destacadas a vocação para a maternidade e os deveres para com a família, além do magistério e a enfermagem.

Como já exposto, o integralismo usou a imprensa como ferramenta de divulgação da sua doutrina buscando angariar novos adeptos, e em 1937, ainda sem nenhuma revista exclusiva ao público feminino, aproveitou as dificuldades financeiras declaradas pela diretora Iveta Ribeiro²²¹, da revista *Brasil Feminino*²²². A jornalista afirmava que a revista havia passado por cinco anos muito difíceis e recebeu o socorro do integralismo no momento em que mais precisava²²³. Ou seja: a partir da edição 35, do mês de maio de 1937²²⁴, o chefe nacional, aproveitando-se das dificuldades monetárias do periódico, converte a revista em uma publicação oficiosa para as mulheres integralistas, chamadas de Blusas-Verdes.

As militantes integralistas eram denominadas como Blusas-Verdes, pois a cor verde oliva predominava nas vestimentas dos integralistas. Isso se tornou um símbolo dos adeptos, cujos codinomes eram “*Camisas-Verdes*” para os homens e “*Blusas-Verdes*” para as mulheres, que marcaram a história do movimento.

De acordo com o regimento interno do movimento integralista, as mulheres eram obrigadas a usar o uniforme da AIB e existiam três opções de uniforme: o de verão, o de inverno e o completo.

²²¹ Iveta Ribeiro filiou-se ao integralismo e em poucos meses a jornalista já militava dentro do Departamento Feminino. MANCILHA, Virginia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da *Revista Brasil Feminino* e da participação no movimento do Sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011, p.186.

²²² A revista possuía características e discursos considerados conservadores em relação às revistas da mesma época, como *O Cruzeiro* e *A Cigarra*.

²²³ MANCILHA, Virginia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da *Revista Brasil Feminino* e da participação no movimento do Sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, op. cit., p.186.

²²⁴ O ano de 1937 era a chave para os camisas-verdes, com vistas às eleições presidenciais, motivo forte o suficiente para investir com mais afinco na arregimentação feminina, papel que poderia ser exercido categoricamente por *Brasil Feminino*, haja vista suas características ideológicas bem próximas às integralistas. Por isso Plínio Salgado não deixou escapar a oportunidade de prender a publicação à AIB num momento de fragilidade financeiro. FIORUCCI, Rodolfo. **A Trajetória da Revista Anauê! (1935-1937): O Jornalismo Partidário e Ilustrado da Ação Integralista Brasileira - A “Netinha” que Não Cresceu**. Tese (Doutorado em História), UFG, Goiânia, 2014, p.75.

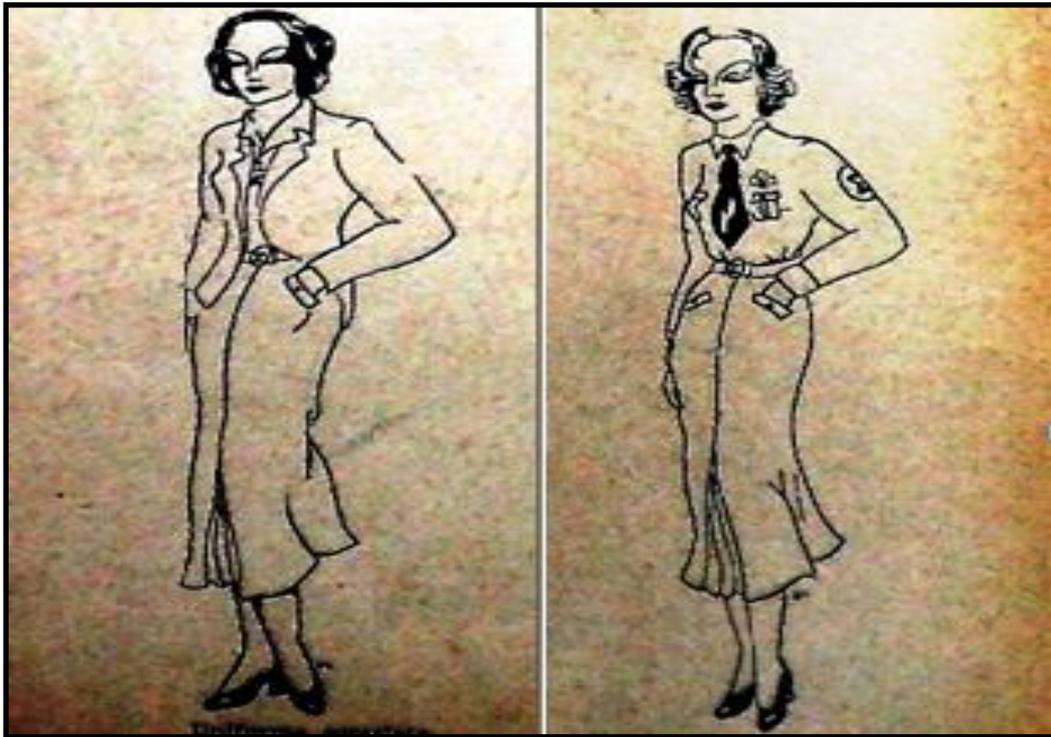


Figura 12 - Modelos dos uniformes das Blusas-Verdes.²²⁵

Essas imagens ilustravam as páginas do periódico e mostravam os trajes utilizados por suas militantes. O primeiro, à esquerda, era o traje completo, e o traje à direita era o de inverno. O uniforme, de fabricação nacional, consistia em camisa de brim ou de algodão, com o símbolo do Sigma na manga esquerda da camisa, um broche também ao lado esquerdo do peito, saia preta ou branca e chapéu opcional.

Após o engajamento da primeira edição da revista (nº 35/1937), logo na capa vem ilustrada uma mulher integralista trajando seu uniforme principal, com a bandeira da AIB e com a mão esticada efetuando a saudação “Anauê”²²⁶. Ou seja, exaltando e representando todos os símbolos integralistas que faziam parte do ritual da militância. Portanto, deixando claro que a revista estava corroborando com os ideais integralistas para seu o público feminino.

²²⁵ BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, ed. 36, 1937, p.38.

²²⁶ É a exclamação da saudação integralista, palavra de origem tupi.



Figura 13 - Primeira capa da revista *Brasil Feminino* após a oficialização da AIB.²²⁷

Na página seguinte encontra-se a comunicação sobre a mudança que foi chamada de Nova Fase, na qual as leitoras foram informadas de que a revista passara a ser uma publicação oficial para as mulheres integralistas de todo o território nacional.

NOVA FASE

Reaparecendo esta revista, com as mesmas finalidades, mesmo programa de ações e mesmas características, porém como publicação oficiosa da Ação Integralista Brasileira e como informador da Secretaria de Arregimentação Feminina e Pliniana, por ordem do Sr. Plínio Salgado, Chefe Nacional dos integralistas, a Direção resolveu suspender neste número, a habitual lista de nomes de seus ilustres e as respostas, á consulta que lhes dirigiu em dedicadas Correspondente nos Estados e nos estrangeiros, aguardando, para de novo a circular, agradecendo por esta página publicamente, a todos os quantos que coadjuvaram a publicação dessa revista desde o seu início, e esperando que todos continuem a dispensar-lhe o precioso amparo moral com que sempre honraram. A Direção.²²⁸

²²⁷ BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, ed. 35, 1937, capa.

²²⁸ BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, ed. 35, 1935, p.2.

A partir daquele momento, a revista *Brasil Feminino* seria uma “publicação oficiosa” da Ação Integralista Brasileira, e [atuaria] como fornecedora de informações de todo o movimento da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Pliniana (SNAFP). Nessa publicação percebe-se que as características da revista eram semelhantes aos ideais do Sigma, pois prezava pela moral e honra como consta no comunicado. Sobretudo, a intenção seria angariar mais militantes para as fileiras, pois essas se identificavam com o perfil mais conservador da revista, e em potencial com um público ideal para se acrescentar às fileiras do movimento político.

Mesmo atuando e ocupando espaços, essa mulher integralista lutou por uma padronização conservadora feminina, o que ia à contramão do discurso veiculado nas grandes revistas ilustradas²²⁹. [...] ainda mais possuindo um discurso diferenciado ao da grande imprensa, abordando mais questões históricas e morais do que moda e beleza. Somente a blusa-verde, com raras exceções, poderia se interessar por tal conteúdo [...] doutrinavam e transmitiam determinado comportamento, mas não abriu mão de tratar de beleza, moda e até algumas frivolidades, claro, de forma diferenciada em relação à concorrência, com sua própria visão sobre tais assuntos.²³⁰

Logo na primeira página foram expostas as propostas e as intenções da revista que convergiam com o discurso da AIB, que pregava sobre a elevação moral da mulher, não deixando de cumprir suas obrigações com a família, com Deus e com a pátria.

O quarto parágrafo sobre o “desenvolvimento do feminino racional” destacava que o integralismo não era exatamente contra as mulheres receberem instrução. Pelo contrário, elas poderiam ser letradas se possuíssem vocação, exigia-se das militantes “cultura e o aprimoramento do espírito”²³¹.

²²⁹ Quanto às revistas de variedades e ilustradas, o integralismo não foi assunto recorrente, à exceção de *Fon-Fon*, que foi dirigida por um tempo por Gustavo Barroso e contava com sua colaboração desde 1911, com o pseudônimo João do Norte. No período de atuação dos camisas-verdes, esta revista era dirigida por Sergio Silva, membro da Câmara dos 40 da AIB, órgão dos mais importantes na burocracia e organização do movimento, o que explica tal posicionamento [...] *A Cigarra*, em 1935, também contava com um integralista em sua direção. Menotti del Picchia aparecia como diretor geral da publicação, o que revela a incursão de camisas-verdes por vários periódicos da grande imprensa naquele período. No entanto, essa revista não tocou no assunto “AIB” constantemente, talvez por não fazer parte do rol de seus interesses imediatos, posto que atuava como revista de variedades e ilustrada. FIORUCCI, Rodolfo. **A Trajetória da Revista *Anauê!* (1935-1937): O Jornalismo Partidário e Ilustrado da Ação Integralista Brasileira - A “Netinha” que Não Cresceu**. Tese (Doutorado em História), UFG, Goiânia, 2014, p.79.

²³⁰ *Ibidem*, p.76.

²³¹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: Edusc, 1999, p.43.

A busca pela cultura por meio da instrução vincula-se às possibilidades para arranjar um meio de vida, pela simples paixão da ciência pela ciência, mas nunca como um instrumento para se tornar superior²³² e nem sem objetivo moral, sendo que essa formação moral deveria se basear no sentimento religioso. Portanto, a mulher poderia ser culta, mas sem esquecer de que ela era uma criatura de Deus. Vale mencionar que o discurso para a mulher integralista era sempre de elevação do espírito através da cultura.

Ao buscar a cultura, no entanto, a mulher deveria fazê-lo sem perder a fé, o pudor e recato femininos, que são as armas mais poderosas e os predicadores mais preciosos da mulher [...]. Caso contrário, ela passa de anjo a demônio, torna-se um ser desprezível, transformada em simples objeto de prazeres ignóbeis.²³³

Deveria ainda, conforme o último parágrafo, defender e impor tais valores pregados pelo integralismo a todas as mulheres.

“*BRASIL FEMININO*” tem por programa de ação:

- 1º - Congregar todos os valores intelectuais femininos do Brasil. Para elevar, cada vez mais, aos olhos do mundo a personalidade da mulher brasileira;
- 2º - Trabalhar pelo intercambio mental entre as mulheres cultas de todos os países;
- 3º - Auxiliar moralmente as iniciativas femininas de qualquer caráter de utilidade;
- 4º- Cooperar para o desenvolvimento do feminino racional;
- 5º- Propugnar pela educação moral e intelectual da mocidade feminina do Brasil.²³⁴

Observando os escritos integralistas identifica-se que os periódicos nasceram sob circunstâncias nacionalistas e apresentavam em seu conteúdo essa mesma argumentação. O periódico integralista *Brasil Feminino* foi um exemplo desse tipo de debate que ocorreu no Brasil durante as décadas de 1920 e 1930, momento em que o discurso era sustentado pelo conjunto de valores morais em defesa da honra sexual feminina, familiar e nacional estava em voga²³⁵. Cabe mencionar que a honra feminina era atribuída ao marido e à família (pai e irmãos).

²³² SALGADO, Plínio. **A Mulher do século XX**. São Paulo: Guanumby, 1949, p.57.

²³³ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999, p.42.

²³⁴ BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, 1935, ed. 35, p.2.

²³⁵ MANCILHA, Virginia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da *Revista Brasil Feminino* e da participação no movimento do Sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira;

O periódico era dividido em seções com vários assuntos, entre os quais: a apresentação de contos, informações sobre corte e costura/bordados, experiências femininas com a maternidade e cuidados com a família, além de uma seção exclusiva para os plinianos²³⁶.

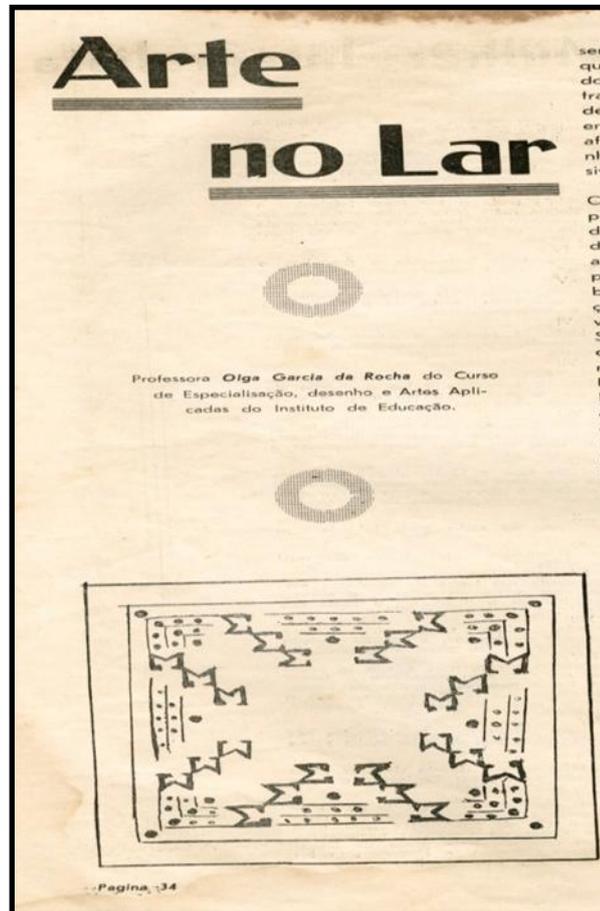


Figura 14 - Molde de bordado com a letra grega símbolo do Sigma.²³⁷

As publicações eram voltadas para a educação feminina; sobretudo, para os deveres e obrigações das mulheres com o lar e com a pátria. A seção “Arte no Lar” ensinava como fazer uma toalha de mesa com o símbolo do Sigma, evidenciando que em todos os momentos deveria exaltar os símbolos da AIB.

SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes:** histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011, p.185.

²³⁶ Os Plinianos eram crianças e jovens de ambos os sexos, cuja idade variava entre 4 a 15 anos, eram constituídos por grupos e pertenciam a quatro categorias: Infantis que compreendiam as crianças de 4 a 6 anos; Curupiras, as de 7 a 9 anos; os Vanguardeiros, as de 10 a 12 anos; e Pioneiros de 13 a 15 anos. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo:** ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999, p. 71.

²³⁷ BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, 1937, ed. 38, p. 34.

Todavia, foram analisados dois documentos que retratam funções importantes: o alistamento eleitoral e a alfabetização rápida para atrair novos eleitores. Sugere-se que esses documentos foram usados para além das funções citadas também para manter as mulheres longe dos ares da modernidade e do movimento feminista, pois esses movimentos libertários eram vistos como preocupantes tanto para o chefe nacional quanto para a sociedade conservadora vigente, portanto, algo preocupante para um partido conservador como a AIB.

O primeiro documento foi destacado nas primeiras páginas da edição 35 (1937), constituinte na seção: *Diretrizes e assuntos integralistas*²³⁸. O segundo documento, um *Código de Normas e Condutas*, conhecido como “Schema das Theses”, que foi publicado em todos os periódicos integralistas para servir como uma cartilha de deveres e obrigações para as Blusas-Verdes seria ainda como uma criação da consciência feminina. Em o Schema das Theses – O papel da mulher no Integralismo [...] que deveria ser desenvolvido na íntegra pelas Blusas-Verdes, em todos os núcleos da AIB²³⁹.

[PRIMEIRO DOCUMENTO]

A mulher e o alistamento eleitoral

A Secretaria de Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plínio os enviou às secretarias provinciais a seguinte:

Circular

Como sabeis estamos em plena campanha eleitoral para a sucessão presidencial e renovação do legislativo federal. E o nosso movimento depende em grande parte de nosso sucesso.

São, portanto, preciosos os momentos para o trabalho de qualificação de eleitores para o referido pleito; E a mulher brasileira, e principalmente a integralista sabe querer e trabalhar até o sacrifício pelas grandes causas, por isso, certo está de que o Departamento Feminino será dado agora de conseguir alistar o maior número de eleitores da AIB.

Confiante de que nossa vitória depende do esforço deste Departamento lembro às companheiras as seguintes consequências:

- 1) A qualificação urgente e imediata de todas as Blusas-Verdes não eleitoras e com qualidades para tal.
- 2) A formação de uma massa eleitoral integralista, pela alfabetização rápida das companheiras analfabetas.
- 3) Trabalhar para que o integralista analfabeto consiga aprender o mais depressa possível, a fim de poder fazer o seu requerimento e obter o título de eleitor para as novas eleições.
- 4) Qualificação das pessoas, famílias, dos nossos companheiros, simpatizantes e amigos.

²³⁸ A grafia deste documento recebeu alterações do original, respeitando as normas de sintaxe atuais.

²³⁹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999, p.69.

- 5) Organizar o trabalho por grupos que farão visitas às fábricas e a domicílio, angariando alfabetizantes e facilitando assim as qualificações.
 - 6) Divisão do município por zonas com uma encarregada para cada zona.
 - 7) Prestar serviços a chefe provincial na alfabetização rápida de todos os companheiros e simpatizantes.
 - 8) Organizar um serviço coletivo em turmas pequenas, ou se preciso for, individual, para alfabetização.
 - 9) Lembrar a toda Blusa Verde que ela tem o dever de responder pelo preparo de um analfabeto e o pelo alistamento de um eleitor no mínimo.
 - 10) Nas localidades onde estejam fechadas nossas sedes que cada lar de Blusa Verde seja um centro eleitoral.
- Rio de Janeiro, 15 de abril de 1937.
Irene de Freitas Henriques - Secretária Nacional

O título do documento, “A Mulher e o Alistamento Eleitoral”, já sugere a sua finalidade principal: contribuir para atrair novos eleitores para o integralismo por meio da alfabetização. Para isso, a mulher integralista poderia transformar a sua residência em um “centro eleitoral”, o que implica que a proposta política da AIB era somar a maior quantidade de votos para o Sigma.

O papel de professora/educadora, algo muito bem visto tanto pelo integralismo quanto pela sociedade, era uma forma de trabalho bem aceita, pois as mulheres eram consideradas competentes para cuidar, educar e disciplinar. O magistério foi considerado adequado para as mulheres porque podia ser um trabalho de “meio período”, permitindo concatenar a atividade profissional às obrigações do lar²⁴⁰. Foi pelo magistério, que as militantes desempenharam o papel político de visibilidade no movimento político do Sigma.

A proximidade das eleições presidenciais em 1937 colocou as mulheres integralistas como doutrinadoras por meio da alfabetização. A intenção era que esses novos alfabetizados se tornassem simpatizantes e eleitores e assim, angariar mais votos para Plínio Salgado – candidato da AIB.

Vale mencionar que não era só por meio da alfabetização que as militantes deveriam buscar novos adeptos, e a divulgação da doutrina deveria se estender a todos do seu círculo pessoal. Esse documento sobre as obrigações eleitorais foi publicado como uma norma pela SNAFP nacional para todos os núcleos nesse mesmo ano.

²⁴⁰ BORELLI, Andréa; MATOS, Maria Izilda S. de. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.137.

E, em 1937 a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos, através de uma de suas *Diretrizes*, enviadas a todas as secretarias Provinciais, conclamava as Blusas-Verdes a participarem da campanha eleitoral. Esse documento, depois de considerar de suma importância a cooperação feminina nos serviços de preparação e qualificação eleitoral, conclamava a mulher brasileira e, principalmente a mulher integralista, que sabe querer e trabalhar até ao sacrifício pelas grandes causas, a conseguir, através do Departamento Feminino, a glória de alistar dois terços, pelo menos, dos eleitores da A.I.B.²⁴¹

Portanto, parece claro que a função desempenhada pelo Departamento Feminino era uma alfabetização rápida, ensinando a ler e escrever, ou seja, o que era exigido para ter acesso ao título de eleitor - mas não havia tempo suficiente para elevar a cultura como o próprio integralismo pregava em seu manifesto.

Em um primeiro momento, parece claro que as funções primordiais da mulher integralista resumiam-se a arregimentar e alfabetizar. O fato de o documento asseverar que a mulher brasileira e, principalmente, a integralista, deveria trabalhar pelas chamadas "grandes causas" parece um demonstrativo de persuasão, que o discurso e a doutrina tinham sobre as mulheres integralistas.

A criação de um Departamento específico de qualificação das filiadas, a manutenção dos quadros e a absorção de novos militantes, tudo isso fazia parte do papel dado às mulheres: algo fundamental na dinâmica política do movimento integralista. Assim, o fato de toda Blusa-Verde entender que seu dever era responder ao apelo do chefe de preparar, no mínimo, "um analfabeto para o alistamento eleitoral", já caracteriza que a importância feminina não ficava restrita ao âmbito doméstico.

Para a conscientização feminina, uniformidade e padronização de comportamentos e atitudes para as militantes integralistas, normas e diretrizes eram desenvolvidas através de conferências e cursos em todos os núcleos do país. Cabe ressaltar que por meio da conscientização a AIB buscava conquistar e arregimentar novas adeptas, além de controlá-las. Sobretudo, foi um jogo duplo e arriscado, pois algumas mulheres se enxergaram como representantes políticas, o que estimulava as ideias de liberdade e modernidade para essas militantes, que deveriam ser direcionadas que não ultrapassassem as barreiras patriarcais.

No afã de conquistar mentes, militância e votos femininos, o integralismo impulsionou a mulher, jogou-a no espaço público, deu a ela representatividade e força, ao mesmo tempo em que buscava

²⁴¹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999, p.64.

moldar sua liberdade, impor limites e regras. Trabalhou nesse jogo arriscado que, como consequência, por algumas vezes estimulou a modernização dessa mulher integralista. Na dupla preocupação entre a doutrina e a eleição, a AIB ao mesmo tempo retrocedeu e avançou no que tange à libertação e modernização feminina nos anos 1930, sempre se ancorando na sua imprensa.²⁴²

Os ideais de liberdade feminina inspirados nos ditos conceitos de modernidade não eram bem vistos pela AIB, pois segundo a visão integralista, desvalorizavam o papel natural da mulher, ou seja: cuidar da família e se dedicar a Deus. Esses conceitos ainda estimulariam a emancipação da mulher, o que os integralistas consideravam desagregador da família e também dos papéis sociais predefinidos para homens e mulheres.

A análise do segundo documento, *O Esquema Teses a serem desenvolvidas pelas Blusas-Verdes em todos os núcleos da AIB*, foi dividido em três partes devido à extensão de seu conteúdo. O documento trata da importância da mulher no processo de arregimentação de militantes e permite observar que a mulher começava a desempenhar um papel muito mais significativo dentro das dinâmicas políticas do integralismo. Todas as mulheres integralistas tinham o dever de balizar sua conduta por este documento e segui-lo irrestritamente.

[SEGUNDO DOCUMENTO]

O papel da mulher no integralismo²⁴³

Esquema Teses a serem desenvolvidas pelas *Blusas-Verdes* em todos os núcleos da AIB

I - O que é integralismo?

É o espírito cristão, aplicado a um sistema de estado, de governo, de sociedade.

O que deverá fazer a mulher para retomar o espírito cristão?

Elevar cada vez mais os valores do espírito; combater todas as formas do materialismo, a decadência dos costumes, lutando pela moralização da sociedade: combater a ostentação e o luxo que estão ascendendo à cólera das massas operárias, combater o egoísmo e comodismo burgueses, os fúteis orgulhos, os preconceitos de uma civilização cruel para como os humildes, valorizar acima de todas as qualidades o valor do caráter, ensinar às crianças o culto dos heróis: restaurar a verdade sobre a mentira contemporânea; elevar a dignidade do lar, enaltecer as virtudes domésticas, implementar a bondade, a compaixão e solidariedade humana sobre todas as formas, inculcar no meio em que vive o culto de Deus e da Pátria.

Qual o objetivo do integralismo?

Construir uma grande nação cristã, poderoso, respeitada e feliz.

1 - Mostrar o quadro atual do Brasil, geral, materialista e grosseira, sem capacidade, de sacrifício da pátria: das suas populações, onde há reserva de nacionalismo, abandonadas e sofredoras; das suas

²⁴² FIORUCCI, Rodolfo. **A Trajetória da Revista *Anauê!* (1935-1937): O Jornalismo Partidário e Ilustrado da Ação Integralista Brasileira - A "Netinha" que Não Cresceu.** Tese (Doutorado em História), UFG, Goiânia, 2014, p.76.

²⁴³ A grafia deste documento recebeu alterações do original, respeitando as normas de sintaxe atuais.

intelectualidades céticas, cosmopolita, sem traços de originalidade nacional, a frivolidade da maior parte das moças e senhoras; a ausência de uma formação nacional da mentalidade da infância e da juventude.

2 - Mostrar o quadro do Brasil integralista, unidos todos os seus filhos, por um só sentimento de unidade histórica e moral da sua sociedade espiritualizada, de sentimentos delicados, de honestidade, de pudor, de virtude, capaz de sacrifícios pela grandeza da nação; das suas populações assistidas carinhosamente pelos *camisas verdes*; de sua intelectualidade sadia, otimista, nacionalista, criadora, original; a atividade superior das moças e senhoras do país, criando uma atmosfera de virtudes em que os filhos, irmãos, esposas e pais, respirem revigorando-se para os trabalhos em prol da grandeza da pátria.

Observa-se que o integralismo assentado num espírito cristão deveria ser aplicado pelas mulheres na sociedade para ajudar a minimizar os exageros do materialismo, ou seja, do capital. O capitalismo era visto pelo integralismo como “desagregador da família e dos costumes”, pois poderia transformar as mulheres em seres consumistas sem nenhuma função social para a elevação da sua cultura em prol da construção de uma nação íntegra.

Deveriam, também, lutar para resgatar os valores tradicionais, a ética e a moral, além de exaltar os heróis nacionais e, dessa forma, engrandecer o espírito pátrio. Era dever ainda das militantes cumprir com entusiasmo as obrigações domésticas, maternais e religiosas, além da obrigação para com o movimento político e a nação e o enaltecimento do nacionalismo.

II - Como chegaremos ao objetivo supremo do integralismo?

Mostrar como os integralistas, homens e mulheres deve agir:

1 - Pela palavra;

2 - Pelo trabalho;

3 - Pelo exemplo.

1 - Pela palavra, doutrinando, esclarecendo os espíritos não só em discursos, conferências, artigos, livros, porém nas palestras e no meio social que vivem os *camisas verdes*.

2 - Pelo trabalho, exercendo os cargos que lhes tocarem, com amor, sendo pontuais, ativos, desenvolvendo as faculdades de iniciativa, de invenção, a respeitando e fazendo respeitar a disciplina; não se apegando aos cargos, porém sempre agindo com abnegação e modéstia.

3 - Pelo exemplo, vivendo uma vida de acordo com a doutrina que pregam: a vida da virtude, sacrifício, renúncia das mortificações voluntárias, a vida austera, nobre, elevada, simples, a vida sem mentiras, sem sacrifícios, sem vaidades tolas, a vida pela bondade e pelo espiritualismo.

Para a vitória do integralismo é indispensável:

1 - Confiar no chefe;

2 - Perseverar;

3 - Obedecer sem discutir;

4 - Trabalhar cada vez mais;

5 - Não desanimar, um minuto sequer.

Observa-se no documento as ferramentas que deveriam ser utilizadas para alcançar o objetivo, ou seja, a aplicação das diretrizes do integralismo na sociedade e no Estado. Para concluí-lo, deveriam agir em função de três itens: trabalho, exemplo e palavra. Vale frisar que não existem diferenças entre os gêneros feminino e masculino. Apesar de o título do documento ser “Esquema de Teses para serem desenvolvidas pelas Blusas-Verdes”, essa parte direciona o discurso dos três itens para todos os seus militantes, fossem eles homens ou mulheres.

A palavra foi uma das ferramentas utilizadas para doutrinar os militantes. Eles eram moldados pelos discursos, conferências, palestras, artigos, livros, demonstrando seu papel fundamental para a difusão e a divulgação do movimento político.

O item “trabalho” sugere que era um dever trabalhar pelo integralismo, honrar o cargo que lhe foi atribuído e ainda fazê-lo sempre com disciplina e agir com humildade, cabendo enfatizar que existia uma hierarquia no Sigma que deveria ser respeitada pelos seus membros.

O exemplo deveria ser dado através das boas ações exemplificadas pela doutrina. Todos deveriam honrar os princípios pregados pela AIB, se manter afastados das futilidades e luxúrias pregadas pela sociedade capitalista. Para que a vitória fosse alcançada, os três itens precisavam ser praticados, ou seja: “não desanimar, perseverar, trabalhar pelo integralismo”, “obedecer sem discutir” e “confiar sempre no Chefe”.

III - Qual o papel da mulher no movimento? é dever da mulher integralista dar o exemplo mais vivo:

- 1 - De convicção de ardor pela causa;
- 2 - De trabalho, iniciativa, esforço, sacrifício e perseverança;
- 3 - Disciplina, hierarquia e obediência;
- 4 - De união entre todas as companheiras, prestigiando-se mutuamente.

A mulher integralista no lar deve ser um permanente fator de incitamento ao esposo, pais, filhos, irmãos, levando-os a cumprirem rigorosamente seus deveres de *camisas verdes*, deve ser uma propagandista tenaz em todos os meios sociais em que tiver influência; deve ser um exemplo de simplicidade para com os humildes e sofredores; deve ser um modelo de coragem nos sofrimentos tão comuns na existência.

Deve ter sempre acesa a chama, sagrada do nacionalismo mais ardente, não admitindo que o Brasil seja amesquinhado por quem quer que seja; deve ser uma afirmadora de brasilidade contra o cosmopolitismo sustentando a superioridade de nossa pátria; deve vestir a blusa verde com orgulho penetrada do sentimento de amor a Deus, à Família e à Nação.

Qual o papel da mulher no Estado Integral?

Para responder a esta tese temos que afirmar os seguintes princípios integralistas.

1 - A mulher não é nem superior nem inferior ao homem, porém é diferente (sensibilidade, coração, intuição etc.).

2 - O homem e a mulher biologicamente se completam; sentimentalmente se harmonizam; moralmente se identificam; intelectualmente se unem, por uma superior aspiração comum.

3 - Suas tarefas se distinguem no lar, na sociedade e na pátria, essas tarefas não se chocam, pois, se originam da natureza própria de cada um (coisas que seria ridículo a mulher; coisas que seria ridículo o homem fazer).

4 - A mulher tem deveres de seu sexo e direitos de sua vocação. A mulher pode ser, portanto, cientista, artista, escritora, técnica e representar politicamente sua classe desde que tenha aptidões e vocação para tal, nunca, porém deixando de cumprir os deveres inerentes ao seu estado.

5 - Tanto o homem quanto a mulher tem direitos e deveres.

a) recíprocos

b) para com a prole

c) para com os semelhantes

d) para com a pátria: e fundamentalmente:

e) para com Deus.

Firmando estes princípios temos a concepção cristã integralista da mulher. Fixar os limites dos deveres e adquirir a consciência dos direitos. Explicar os deveres do homem para com a mulher e da mulher para com o homem, e de ambos.

No Estado Integral a mulher desempenhará de acordo com sua vocação e temperamento atividades:

a) científicas

b) literárias

c) artísticas

d) técnicas (magistério, burocracia, medicina, direito, engenharia etc.).

e) políticas

Toda a mulher tem o dever de elevar a sua virtude, o seu pudor, a sua dignidade, o seu espírito e combater tudo o que pretende escravizar-la.

O que é que escraviza a mulher sem ela perceber?

1- a atitude hipócrita dos homens querendo fazê-las animais de luxo, pomposos títulos de rainha, cobrindo-a de um esplendor material, eles zombam delas entregando-se fora do lar a todas as liberdades incompatíveis com a grandeza e a santidade do matrimônio.

2 - A ditadura da moda, que muitas vezes engendrada pelo judaísmo internacional, tendente, pela lei dos reflexos, condicionados a se formar nos homens um conceito meramente sensual e antinatural da mulher.

3 - A condescendência em que a sociedade burguesa encara o procedimento incorreto de homens e mulheres, tudo tolerando quando eles ocupam posição brilhante.

4 - Os salários e ordenados insuficientes a pais de família que obriga a mulher ao trabalho para ao sustento do lar, submetendo-a a um regime de baixos vencimentos.

5 - Os salários e ordenados ínfimos com que se pagam serviços honestos da mulher quando esta se vê obrigada a trabalhar.

6 - A ostentação das mulheres ricas, açulando o gosto pelo luxo nas menos favorecidas, que as leva ao caminho à revolta e a prostituição.

7 - As teorias de uma falsa ciência que, reduzindo tudo na vida a uma questão sexual, arranca, tanto do homem como da mulher a majestade

de reis da criação animalizando-os e tornando a mulher mero instrumento de prazeres.

8 - Os casamentos por motivos de interesse financeiro e não de mútuo amor e sentimento de responsabilidade moral.

9 - O comodismo, o egoísmo, a vaidade, os refinamentos tão característicos de uma sociedade burguesa e materialista.

10 - A frivolidade, que deve ceder lugar a superiores preocupações do lar, da sociedade, da pátria e de Deus.

11 - A aceitação das ideias dissolventes que transformam o matrimônio num contrato egoísta e sem responsabilidade para com a pátria, a prole e a própria dignidade dos cônjuges.

12 - A obra sutil de amolecimento do caráter executado pela má literatura e mau cinema.

Só uma concepção espiritualista da existência trás á mulher dignidade, respeito e liberdade.

IV - Qual o papel da mulher na formação do espírito nacional?

1 - O culto dos heróis do passado

2 - O culto das virtudes do presente

3 - O culto das grandes ideias no futuro

(Estes temas deverão ser desenvolvidos, ao todo, ou em partes, realizando-se conferências ou cursos em todos os Núcleos do país).²⁴⁴

Logo nos itens um e dois, os parágrafos que respondem à pergunta: “Qual o papel da mulher no Estado Integral?”, fica claro que as respostas eram influenciadas pelo discurso científico da medicina, que afirmavam que as funções tradicionais atribuídas aos gêneros estavam indifusível e irreversivelmente enraizadas na anatomia e fisiologia²⁴⁵, ou seja, a teoria da complementaridade ajudou a reforçar o discurso médico atribuindo as diferenças entre os homens e mulheres.

A terceira e quarta parte do documento coloca de maneira clara o que é o integralismo e questiona - “Qual o papel da mulher no movimento, é dever da mulher integralista dar o exemplo mais vivo?”; “Qual o papel da mulher no Estado Integral?”; “O que escraviza a mulher sem ela perceber?”; “Qual o papel da mulher na formação do espírito nacional?” – Desta forma, assume uma postura prescritiva, pois as respostas apontam que a mulher integralista deveria, antes de tudo, trabalhar em prol de uma predeterminação: conseguir mais votos.

Ainda com relação a essas perguntas e às respostas apresentadas no documento, fica clara a proposta política para as mulheres integralistas: o dever para com o país e com a pátria, por meio da AIB, trabalhando em funções determinadas pelo Chefe, o magistério, principalmente para alfabetizar novos eleitores e doutriná-los para agregar mais militantes e

²⁴⁴ BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, ed. 35, 1937, p.54.

²⁴⁵ MATOS, Maria Izilda S. de. **Âncora de Emoções**. São Paulo: Edusc, 2005, p.53.

votos, praticar a caridade, e cumprir as obrigações religiosas. A caridade também poderia ser aplicada por meio das Enfermeiras do Sigma, outra função permitida às militantes.

A militante deveria ainda conciliar as obrigações com o movimento político e com seus “deveres”: o lar, a honra do marido, a educação dos filhos e sua doutrinação para ampliar um espírito pátrio e cristão.

Outros pontos desencorajados pelo integralismo incluíam a vaidade, o luxo e a sensualidade cultuados nos centros urbanos, inspirados pelos filmes hollywoodianos e pelo feminismo. Fica implícito que a “ditadura da moda” incentivava as mulheres a buscar o trabalho assalariado para consumir os produtos veiculados nas revistas ilustradas femininas. Porém, para a AIB, o trabalho fora do lar era visto como uma inversão de papéis entre as mulheres e os homens, e só era aceito quando o marido não conseguia prover o sustento necessário, mas jamais em troca de produtos considerados “supérfluos” pelo integralismo.

O feminismo era visto pelo integralismo como agente desagregador do lar e da família. Assim, a AIB proibia terminantemente qualquer manifestação da liberdade feminina ou similares. Os hábitos cosmopolitas, como a moda ou o tabagismo, eram totalmente vedados pelo movimento. O ideal da mulher integralista era embasado na construção de uma nação culta; portanto, a mesma teria que alimentar-se intelectualmente, pois deveria ser uma mulher inteligente e útil para o seu país, para que pudesse ocupar uma posição de destaque na sociedade.

Ainda nesse segundo documento, usando termos impositivos, deixa claro que a mulher não pode ser uma “boneca de luxo”, mas que devia ser uma mulher responsável em relação à sua pátria. Vale ressaltar que somente professoras e enfermeiras se encaixavam perfeitamente no perfil da mulher idealizada pelo integralismo²⁴⁶. Assim, diante dos olhos da AIB, as mulheres não deveriam esquecer os dois pilares mais importantes de sua atuação: a ordem familiar e o catolicismo, que juntos constituiriam o fundamento para a construção da Nação.

A obediência por meio da palavra foi um conceito que também fica explícito no segundo documento, que defende que o trabalho e o exemplo completavam o tripé da submissão frente à chefia integralista, pois homens e mulheres deveriam servir ao movimento e à doutrina, fazendo de suas ações diárias uma ode ao movimento.

²⁴⁶ Sobre essas representações ver: BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, eds. 36 e 37, 1937. Encontram-se várias fotos de enfermeiras e professoras e também as Blusas-Verdes ao lado dos jovens (plinianos) e crianças, todos uniformizados com o uniforme integralista.

Percebe-se que, sempre ao final dos documentos, as integralistas eram incentivadas a desenvolver e debater os temas da ação feminina (no todo ou em partes), realizando-se conferências ou cursos nos Núcleos do país. Assim, completava-se a proposição do chefe: chegar a cada brasileira por meio da palavra integralista. Ou seja, o discurso era direcionado à manutenção de uma mulher idealizada pela sociedade conservadora vigente. Vale ressaltar que o movimento feminino “Primeira Onda” transformou a posição política da mulher, sugerindo que elas praticavam o feminismo que as sufragistas batalharam para conseguir, ou seja, espaço e visibilidade no campo social e político.

Dessa forma pode-se observar a participação feminina no movimento integralista e sua representatividade maior que nos recortes de jornal e outros documentos, e nas lembranças das poucas remanescentes do período podem sugerir.

Assim, mulheres integralistas encontraram neste segmento político um meio para agir e participar de um partido político de significativa representação do período. Também percebe que elas encontraram “brechas” para se manifestarem publicamente na política; ou seja, possuíam, em alguns aspectos, representações semelhantes ao papel masculino.

2.3 PLÍNIO SALGADO E MULHERES INTEGRALISTAS: DISCURSOS E AÇÕES

O discurso utilizado pelo movimento feminista no início do século XX era considerado “avançado demais” e incomodava os conservadores, que tentaram conter esse tipo de discurso, como o é o caso da AIB. Nesse mesmo período, o chefe nacional do integralismo, Plínio Salgado, além da sua carreira jornalística, já era também um escritor com inúmeras publicações literárias e, para estreitar os laços com o público feminino e arregimentar mais militantes para AIB, investiu em uma imprensa exclusiva para as mulheres, a revista *Brasil Feminino* (1937)²⁴⁷. Foram quatro edições nas quais ele apareceu em fotos e escreveu textos chamando a atenção para a importância da mulher para o integralismo e para o país, lembrando-as do dever com a família e com Deus, e ainda reforçava a ideia de distanciá-las dos ideais pregados para a emancipação feminina.

Salgado conjeturava na emancipação feminina um grande risco para a instituição familiar e para a mulher, pois, como argumentava, estava ela sem saber para onde ir, sem saber do seu futuro e entregue às futilidades mundanas”, perdendo, dia a dia, na civilização capitalista

²⁴⁷ As informações sobre esse periódico se encontram no subcapítulo 2.2 desse relatório de qualificação.

burguesa e sem Deus, os fundamentos da sua eficiência mental e da grandeza moral.²⁴⁸

Discorrendo sobre as obras escritas por Plínio Salgado exclusivamente voltadas às mulheres, a revista ilustrada *Brasil Feminino* (1937), mais especificamente, foi o periódico utilizado para a comunicação com as militantes da AIB. Somente em 1949 ele lançou o livro *A Mulher do Século XX*, da editora Guanumby, no Brasil, e uma edição portuguesa em 1947. Esse livro pode ser considerado como a única referência na qual ele aborda o tema das mulheres. Percebe-se que apesar de passarem dez anos entre uma publicação e outra, o discurso²⁴⁹ conservador de Plínio Salgado permaneceu²⁵⁰.

O discurso contra a emancipação feminina deixava implícita certa igualdade biológica entre os gêneros, mas explícita que são diferentes, frisando a diferença entre os gêneros na área profissional e na função social, no qual ele fundamenta essa ideia através da religião.

A mulher que se realiza na plenitude biológica e espiritual, não é nem superior nem inferior ao homem: “é diferente” [...] A mulher pode e deve ser instruída. Como letrada, cientista ou técnica, se possuir verdadeira vocação, prestará tanto quanto o homem, relevantes serviços a sociedade. É imperioso, porém que ela se lembre de que – acima da profissional- ela é uma criatura de Deus e é *mulher*. Fazer doutora e esquecer a mulher é desvirtuar as leis da natureza que estabelecem a diferenciação dos sexos, assinalando ritmos específicos às condições da existência e do trabalho feminino. O certo é fazer da doutora, quando houver vocação para isso, um meio de ampliação dos poderes da mulher no desempenho do papel nitidamente diferenciado.²⁵¹

²⁴⁸ SALGADO, Plínio. *A Mulher do século XX*. Apud GONÇALVES, Leandro, Pereira e SIMÕES, Renata Duarte. *Ideias e práticas fascistas no Brasil*. (org.) Natalia dos Reis Cruz- Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 66.

²⁴⁹ Entende-se por “discurso” um ato fato de palavra, e o termo “discurso” contém em si a ideia de movimento, que pressupõe a mediação entre a linguagem, o homem e as práticas naturais e culturais que fazem parte de uma determinada sociedade. IORIO FILHO, Rafael Mario. *Análise do discurso de Bologna de Benito Mussolini: O corpo político fascista*. **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências**. São Paulo, USP, 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/011/RAFAEL_IORIO.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2018.

²⁵⁰ Em breve análise aos textos da mídia virtual atual que o movimento neointegralista abarca os atuais seguidores da doutrina integralista preconizada por Plínio Salgado e demais líderes na década de 30, no Brasil. De uma forma geral, os membros deste movimento tentam reativar as ideias, concepções de mundo e de organização da sociedade do antigo movimento integralista, enfatizando a hierarquia, a desigualdade e os preconceitos raciais e sociais, amparados nos valores morais e cristãos²⁵⁰ Os movimentos neointegralistas dão continuidade ao pensamento conservador e machista contra a igualdade feminina, que a todo momento se encontra nos discursos dos seus líderes. REIS, Natália. *A Ideologia do Sigma hoje. Neointegralismo, intolerância e memória*. **História: Questões & Debates**. Curitiba, n.º. 46, p. 113-138, 2007, p.1. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/11328/7893>>.

²⁵¹ SALGADO, Plínio. *A Mulher do século XX*. São Paulo: Guanumby, 1949, p.71 e 61-62.

A palavra *mulher* em itálico é um grifo do próprio autor que afirma que essa igualdade não existe, pois a todo o momento lembra-as de suas diferenças com relação aos homens, além das suas obrigações para com Deus e também com a família, já que a maternidade por muito tempo foi tratada como “instinto” e “obrigação” pela sociedade. A maternidade não é apenas uma função física, “porque é”, principalmente uma função moral, não termina com o nascimento [...] ela continua por motivos religiosos e razões científicas²⁵². Plínio faz questão de frisar o que pensa sobre a maternidade, colocando a afirmativa “porque é”, tratando o assunto como compulsório. Vale mencionar que esse discurso sobre o “instinto materno” era naturalizado pela sociedade.

O maternalismo, baseado no conceito de instinto materno, constitui um sistema no qual as mulheres e os homens estão historicamente enredados. Isto aconteceu, a partir dos ideais masculinos dominantes de cada época. Com a maternidade, as mulheres ficavam ausentes no espaço público e confinadas no espaço privado, uma vez que era exigido delas cada vez mais cuidados com os seus filhos.²⁵³

Além da imprensa, a imagem também foi usada como propaganda política por Plínio Salgado, em 1934 foi fundada a Secretaria Nacional de Propaganda (SNP) no I Congresso Nacional da AIB, em Vitória, Espírito Santo.

Uma das diretrizes dessa Secretaria era que toda propaganda, impressa ou falada, deveria ser simplista, evitando tanto quanto possível o emprego de linguagem pouco acessível, procurando assim adequar a linguagem da propaganda aos diferentes grupos sociais aos quais eram dirigidas²⁵⁴. Portanto, havia um grupo de pessoas que cuidavam da propaganda política para cada público específico. No caso da revista *Brasil Feminino*, o olhar deveria ser diferenciado para se encaixar nos padrões concedidos por Plínio Salgado para as militantes. Cabe frisar que eram realizadas trocas de informações entre os leitores e os periódicos, e tudo indica que faziam questão de mostrar à imprensa a dedicação ao Sigma.

O entendimento da propaganda política aqui não relaciona à simples manipulação de mentes inocentes ou vítimas de um processo. É necessário ter em mente a dimensão do consentimento dos militantes e que eles não são “simples decodificadores daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também produtores” [...] pois muitos militantes produziram fotografias sobre o seu cotidiano no movimento

²⁵² SALGADO, Plínio. **A Mulher do século XX**. São Paulo: Guanumby, 1949, p.78.

²⁵³ RESENDE, Deborah Kopke. Maternidade: Uma construção histórica e social. **Pretextos** - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas. Belo Horizonte, v. 2, nº. 4, jul./dez. 2017, p.10.

²⁵⁴ BULHÕES, Tatiana da Silva. Imagens a serviço da propaganda da ação integralista brasileira. In: CRUZ, Natália dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.107.

e enviavam para a imprensa integralista [...] A análise de caricaturas e fotografias na imprensa integralista exemplifica o uso de várias imagens a fim de conquistar os corações e mentes dos leitores.²⁵⁵

Na imprensa integralista havia imagens dos núcleos integralistas de várias cidades que eram enviadas²⁵⁶ pelos militantes. Essas reproduções eram geralmente de batizados, casamentos, encontros ao ar livre, inauguração de novos núcleos e escolas, ações sociais realizadas pelas Blusas-Verdes, desfiles em datas cívicas e, sobretudo, as imagens reproduziam os símbolos e rituais do Sigma, como o uso de uniforme e a saudação “Anauê”.

Troca de correspondência entre homens e mulheres, ocupantes de funções hierárquicas relevantes na AIB, demonstrava a relação e contato pessoal no âmbito do privado com a militância, incentivados pelo próprio Chefe Nacional, através de cumprimentos por aniversários, batizados e casamentos, assegurando, portanto uma forma de penetração da representação da AIB no imaginário coletivo e no privado feminino:

*“Querido chefe recebi a sua cartinha (para mim é uma relíquia, uma honra) que V.E me enviou há 8 meses; fiquei muito satisfeita, me sumiu o sentido aquela hora, pois não acreditava que o nosso chefe (candidato único do Brasil) tivesse orgulho em me escrever, pois só ali podemos ver em vós, Deus na terra”.*²⁵⁷

Nesse trecho, o próprio Plínio Salgado responde a uma correspondência, o que sugere uma preocupação em manter uma atenção para com as militantes da AIB. No conteúdo da resposta da militante é possível perceber o endeusamento do chefe, e também a euforia em sentir-se importante por ele próprio ter respondido a sua carta. Esse relacionamento entre Plínio Salgado e as militantes observa-se a preocupação em fazer com que elas se sentissem orgulhosas com a Pátria e com o movimento político e, ainda, reforçava a fidelidade aos seus ideais integralistas.

Sobre o uso da imagem, nas quatro edições da revista *Brasil Feminino*, Plínio Salgado aparece²⁵⁸ por duas vezes em uma seção denominada “A palavra do Chefe”, nas edições número 35 e 38 (1937), que trazia textos exclusivos para o público feminino. A sua imagem aparece na edição número 36 (1937), em uma reportagem sobre o “Plebiscito Integralista e a Mulher”. A legenda destaca a numerosa participação de 50.000 Blusas-Verdes.

²⁵⁵ BULHÕES, Tatiana da Silva. Imagens a serviço da propaganda da ação integralista brasileira. In: CRUZ, Natália dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.102.

²⁵⁶ Para saber mais sobre essas fotos, verificar Anexo desta pesquisa.

²⁵⁷ POSSAS, Lidia Maria Vianna. As cartas femininas: relações de gênero na escrita das “blusas- verdes”. **Anais do XVII Encontro Regional de História - O lugar da História**. Campinas, ANPUH/SP-UNICAMP, 6 a 10 de setembro de 2004, p.12. Disponível em: <anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20VII/Lidia%20Maria%20Vianna%20Possas.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2018.

²⁵⁸ O Plínio Salgado aparece em outras sessões dos periódicos que não se relacionam ao discurso feminino e, portanto, não foram analisadas.

As imagens de Plínio Salgado no periódico pesquisado sugerem que sua intenção era a de parecer “sedutor” (que “sedução” seja entendida no sentido de “afloar encantamento e admiração pelo líder”, e não na prática de seduzir em si). O recorte temporal - a década de 1930 - que abrange o período entre guerras envolvia a projeção de líderes carismáticos, como Hitler e Mussolini na Europa, e Getúlio Vargas no Brasil. O líder da AIB seguiu os mesmos passos dos outros líderes já citados, a fim de despertar a admiração do público feminino e torná-las suas aliadas na disseminação de sua doutrina.

Ainda sobre a imagem, possivelmente a intenção era de criar uma proximidade com as leitoras, pois ele estava olhando para frente, como se as encarasse. Suas vestimentas sugeriam a imagem de um homem sério e intelectual, sobretudo, como líder da AIB, ou seja, um conjunto de atributos utilizados propositalmente para passar confiança e despertar a admiração do público feminino.



Figura 15 - Imagens de Plínio Salgado na revista *Brasil Feminino*.²⁵⁹

²⁵⁹ BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, eds. 35 e 38, 1937.

Em relação ao discurso, na imagem à margem esquerda, o texto se referiu à importância da Mulher, a Criança e a Nação. Sobretudo, um dos ideais difundidos pela AIB desde o engajamento do público feminino era que esta deveria sempre ter cuidado com a educação dos filhos para torná-los cidadãos devotados a Deus e à sua Pátria.

A formação moral da criança é a obra mais do lar do que da escola. Mas esse trabalho da criação de harmonias espirituais, as mães jamais poderão realizar, desde que não estejam preparadas [...] se a formação moral da criança depende do esforço creador da mulher, com mais motivos diremos, tal mulher, tal Pátria. Anda, por certamente, que o Integralismo, mobilizando a mulher brasileira e inflamando de sagrado amor à Nacionalidade e inspirando-a com os grande e nobres pensamentos de um ideal superior. Da mulher depende o destino da Pátria [...] Bendita seja a Mulher, quando ela se compenetra na sua missão luminosa de inspiradora de nacionalidade.²⁶⁰

O texto corresponde à proposta política de Plínio Salgado, pela qual a mulher deveria ser responsável pela educação dos filhos, inculcar neles a dedicação à Pátria. Isso implicava em uma proposta nacionalista direcionada também à educação das crianças e dos jovens, que indicava uma das funções que as mulheres deveriam ter diante do cenário político, salientando a sua importância para o movimento político, como mentora e responsável pelo engajamento de jovens e crianças na AIB. Na outra imagem, que está à esquerda, o texto se refere à importância de ser integralista.

PALAVRAS DO CHEFE NACIONAL À MULHER BRASILEIRA. O Integralismo é, certamente, uma concepção esthetica da Vida. Incitando energias nacionaes e humanas, quer realizar, no ritmo das harmonias sócias e políticas, uma expressão de beleza. De Beleza espiritual, moral, social, econômica, política, administrativa, técnica e material. A mulher, pois, cuja a intuição das harmonias se exprime sempre pelo culto da força e da beleza, tem, que fatalmente ser Integralista. Plínio Salgado.²⁶¹

O texto dirigido à mulher brasileira, em letras maiúsculas já condiciona certo destaque, pois se trata da palavra do chefe dirigida à mulher, ou seja, um diálogo quase informal entre o autor e a leitora. O contexto apresentado por Plínio Salgado (a doutrina integralista) estabelece que, para a mulher se tornar ainda mais bela e ter elevação moral, ética e política, ela precisa ser “Integralista”, e que somente assim ela poderia personificar a mulher idealizada por ele e também pela sociedade.

²⁶⁰ BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, ed. 35, 1937, p. 37.

²⁶¹ BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, ed. 38, 1937, p. 23.

Brasil Feminino Integralista

O Plebiscito Integralista e a MULHER

I. R.

DEANTE da primeira e grande lição de verdadeira democracia que o Sigma deu ao Brasil, com o Grande Plebiscito Nacional, para consulta aos Integralistas, sobre quem devia ser o candidato oficial do Partido, à Presidência da República, nas eleições de 3 de janeiro de 1934, a brava Blusa Verde da Patria, cumpriu, magnificamente, o seu dever de parte integrante do grande eleitorado brasileiro!

Acudindo ao chamamento do CHEFE, para que, com o seu natural companheiro — o Camisa Verde — se pronunciasse livremente, sobre o nome do homem capaz de dar ao Brasil um governo forte e organizado, fiel às Leis e respeitoso deante da liberdade humana, a Mulher Brasileira, filiada à Doutrina do Sigma, acorreu, pressurosa e feliz a cumprir o seu dever cívico, com a alma cheia de entusiasmo e de fé, e o coração pleno de alegria por sentir-se, consciente e livre, no exercício de seu direito de cidadania, dentro de um partido diferente de todos os antigos e modernos partidos políticos já existentes no nosso país.

E foi o mais belo espetáculo, por sua alta expressão de cultura cívica e educação partidária, o desfile das BLUSAS



PLÍNIO SALGADO, que mereceu de mais de 50000 Mulheres do Brasil, o maior e mais completo voto de confiança, na sua capacidade construtora e edificadora da mais bela e mais forte das Patrias — O BRASIL DO FUTURO.

Figura 16 - Imagem do Plínio Salgado após o plebiscito interno da AIB.²⁶²

Sendo como tema a votação das mulheres com os mesmos direitos que os homens e sua ajuda na realização do plebiscito e na contagem dos votos, o texto exaltava o orgulho de ser cidadã, pois estariam participando ativamente em um partido político com os mesmos direitos que os homens.

Nenhuma separação humilhante, nenhuma imposição absurda, impediu a livre escolha do candidato do Sigma à presidência da República e as Blusas-Verdes se acercavam das mesas apuradoras escreviam no livro competente o seu nome e o nome do seu candidato, e voltavam-se a gritar para a multidão que assistiam a memorável prova cívica, Companheiros: VOTEI EM PLÍNIO SALGADO!²⁶³

Apesar do trecho acima não ter sido escrito por Plínio Salgado, sugere-se que, por meio da propaganda política (discurso falado, impresso, rádio, revistas, imagens e outros), ele conquistou a simpatia do público feminino. O texto deixa claro a euforia das mulheres terem votado e, ainda mais em Plínio Salgado, o que demonstrava a confiança em relação ao chefe nacional.

²⁶² BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, ed. 38, 1937, p. 23.

²⁶³ BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, ed. 36, 1937, p. 23.

A relação interpessoal do público feminino com o Plínio Salgado ficou registrada em seu acervo pessoal, em 133 correspondências especificamente escritas por mulheres. Essas missivas particulares, oficiais, recebidas e enviadas que constam do acervo de Plínio, do período entre 1932 e 1938²⁶⁴.

Essas correspondências incluíram os diversos assuntos, em momentos simultâneos, emitiram opiniões, ora de natureza íntima, ora formal e coloquial e às vezes emitindo observações que extrapolaram o âmbito do privado atingindo as condições da vida política nacional.²⁶⁵

Alguns conteúdos dessas cartas incluíam a indignação pelo exílio do Chefe, pedidos de empréstimos e cancelamento da mensalidade da AIB, conselhos e outros. Plínio Salgado prontificou-se a responder algumas cartas, buscando estreitar ainda mais o relacionamento pessoal entre ele e as militantes. Por outras vezes, a sua esposa era quem respondia. As militantes emitiam opiniões de natureza íntima, formal e coloquial e, às vezes, observações que extrapolavam o âmbito do privado, atingindo as condições da vida política nacional²⁶⁶.

A missiva dirigida ao “meu chefe Nacional”, em 4/10/1937 pela “companheira” Sebastiana Maria Santiago, do núcleo da Penha (ES). Em uma linguagem simples e com muitos erros gramaticais e de concordância verbal ela vinha solicitar a importância de 200\$000(duzentos mil reis) para remediar uma situação de grande necessidade e de penúria que passava em companhia de sua “velha mãe, muito pobre”. Após uma argumentação repleta de elogios e certa veneração ao chefe, concluía, apelando para o “coração bondoso que me atenda pelo amor da Pátria e de Deus”, dando o endereço e estipulando um prazo. O teor dessa carta expõe traços do cotidiano [...] caráter mais privado, pessoal e pode-se mesmo afirmar, íntimo, na medida em que não só expunha uma militância feminina que adentrava ao movimento sem as condições financeiras mínimas para pagar as mensalidades [...] Não há como afirmar se a solicitação de Sebastiana foi atendida, porém o registro documental permaneceu, único, no conjunto da correspondência recebida por Plínio Salgado.²⁶⁷

²⁶⁴ As correspondências fazem parte de uma vasta documentação que compreende o acervo documental, privado e oficial Plínio Salgado que se encontrava parte em sua residência em São Paulo e parte em Taquaritinga e que foi doado ao Arquivo Municipal de Rio Claro, por sua esposa, D. Carmela Salgado, em 1982 e que inclui aproximadamente 40.791 cartas recebidas e enviadas no período de 1926-1976, segundo o Guia e Inventário da documentação consultada no Arquivo. A historiadora Lidia Maria Vianna Possas, analisou as cartas na perspectiva de gênero, no total de 133 correspondências. POSSAS, Lidia Maria Vianna. As cartas femininas: relações de gênero na escrita das “blusas verdes”. **Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História**. Campinas, ANPUH/SP-UNICAMP, 6 a 10 de setembro de 2004, p.4. Disponível em: <anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20VII/Lidia%20Maria%20Vianna%20Possas.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2018.

²⁶⁵ Ibidem.

²⁶⁶ Ibidem, p.5.

²⁶⁷ Ibidem, p.7.

Na carta de Sebastiana, fica visível que a relação entre o Chefe e as militantes podia ultrapassar as barreiras do privado, e elas acreditavam que podiam confiar no líder. A militante pediu ajuda financeira na forma de empréstimo e estipulou um prazo, explicando porquê necessitava da quantia, o que indica uma relação de confiança, pois contavam detalhes da sua vida pessoal ao Chefe. Outra correspondência foi enviada em 13/11/1937, logo após o golpe de Vargas e a instalação do Estado Novo.

A militante que se denominou “Integralista de coração” e estava dirigida à D. Carmela Patti Salgado, embora o conteúdo e as preocupações centrais da missiva estivessem totalmente voltados para a pessoa do Chefe Nacional. Ela estava preocupada com o desenrolar dos acontecimentos políticos e solicita que Plínio Salgado não resistisse, “porque não vencerá, porque foi me revelado em sonho”. “... O nosso Plínio não pode agora tomar as rédeas do governo porque os ódios são muitos!!! [...] Aconselha, no final, a medida da conciliação com o governo e para tal, pedia a proteção divina.”²⁶⁸

A militante demonstrava-se preocupada com a situação do líder, revelando a ele que, de acordo com o seu sonho, ele não teria forças para vencer a situação imposta pelo governo getulista, e que ela teria sido a escolhida para lhe alertar e aconselhar sobre a melhor decisão a ser tomada, o que ela faz no final da carta, pedindo que faça um acordo com Vargas, além de rogar pela proteção divina de Plínio Salgado.

O misticismo tão presente em nossas raízes teológicas agiu ao lado de uma pretensa racionalidade que se expõe em alguns momentos, mas que se deixa levar pelo místico, compondo uma argumentação contraditória e apelativa aos sentimentos e a emoção, chegando mesmo a irracionalidade. Esta foi uma das características do discurso arregimentador integralista, onde a imagem divina, ao lado de uma família disciplinada, associada à uma Pátria idealizada formavam o panteão nacional proposto e penetraram fortemente no imaginário da militância feminina. Conciliar papéis, mediar relações para manter a sociedade tradicionalista.²⁶⁹

Como Plínio Salgado conseguiu despertar o sentimento de identificação nessas mulheres, algumas o enxergavam como amigo, conselheiro, ou até um “parente”, começaram a se sentir como sujeitos políticos, saindo da invisibilidade. O estreitamento desses laços foi conquistado através do uso articulado e direcionado do discurso e da imagem.

²⁶⁸ POSSAS, Lidia Maria Vianna. As cartas femininas: relações de gênero na escrita das “blusas verdes”. **Anais do XVII Encontro Regional de História** – O lugar da História. Campinas, ANPUH/SP-UNICAMP, 6 a 10 de setembro de 2004, p.4. Disponível em: <anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20VII/Lidia%20Maria%20Vianna%20Possas.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2018.

²⁶⁹ Ibidem.

As mulheres encontraram no discurso do chefe do integralismo a possibilidade para participar da política, extrapolaram as amarras patriarcais conquistando espaços na AIB como oradoras, militantes ativas em passeatas, escritoras na imprensa integralista, professoras engajadas na busca de novos membros, e conquistaram visibilidade como sujeitos políticos dentro do movimento político integralista.



**III - BLUSAS-VERDES:
TRAJETÓRIA DAS MULHERES INTEGRALISTAS**

TRIBUNA
SANTOS

*“Nada é absoluto.
Tudo muda,
tudo se move,
tudo gira,
tudo voa e desaparece”
Frida Kahlo*

O último capítulo aborda a formação do Departamento Feminino integralista da cidade de Santos com todas as suas especificidades, inclusive a mais expressiva: o magistério para crianças, jovens e adultos. Foi realizado um mapeamento em fontes do jornal *A Tribuna de Santos*.

O objetivo é compreender as ações e representações da militância feminina das Blusas-Verdes²⁷⁰ e analisar os inúmeros papéis sociais e políticos desenvolvidos nos espaços públicos pelas mulheres integralistas em Santos. O questionamento levantado se refere ao público e ao privado, aos gêneros feminino e masculino e à inserção das mulheres no espaço do político.

3.1 FORMAÇÃO DO DEPARTAMENTO FEMININO INTEGRALISTA

O integralismo, desde a sua criação, considerou a inserção das mulheres em suas fileiras. Plínio Salgado soube aproveitar os atributos femininos, atribuindo-lhes papéis no movimento. As mulheres atuaram como educadoras, enfermeiras, assistentes sociais, escritoras, oradoras, bandeirantes, entre outros. Portanto, foram múltiplas e plurais as funções desempenhadas pelas Blusas-Verdes no Sigma. Deve-se lembrar que essas relações e práticas sociais estavam subordinadas aos preceitos e às hierarquias impostas pela AIB. Porém, tratando das representações femininas no integralismo, as mulheres não foram desprovidas de poder, e produziram identidades em meio às lutas de representação que ocorreram não apenas no cotidiano do movimento, mas também fora dele. [...] Os diferentes papéis produziram múltiplas identidades, apropriando-se peculiarmente dos discursos, subvertendo as práticas e desempenhando funções que extrapolaram o espaço do lar, os muros da escola, e que vão além dos papéis de mãe, esposa e professora²⁷¹.

²⁷⁰ Para saber mais sobre a trajetória das Blusas-Verdes, no anexo desta dissertação encontram-se representações dessas ações políticas e sociais.

²⁷¹ GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: Os múltiplos campos de atuação da mulher militantes integralista. In: CRUZ, Natalia dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.62.

Afim de contribuir com a visibilidade das mulheres integralistas de Santos, foi realizado um mapeamento de pesquisa em um periódico local da década de 1930: o *Jornal A Tribuna* de Santos. A partir dessa fonte, foi possível analisar como se davam as relações políticas e sociais da AIB com a sociedade santista. Entre as 230 notícias de jornal encontradas sobre o Sigma em Santos, 80 eram sobre o Departamento Feminino.

A AIB santista era composta por vários núcleos distribuídos pela cidade, que eram organizados e administrados seguindo uma ordem hierárquica por seus militantes, tanto homens quanto mulheres. As militantes compunham um Departamento com diversas funções; assim sendo, a intenção é recuperar a formação do Departamento Feminino de Santos.

O Departamento Feminino das militantes integralistas de Santos, conforme pesquisa no periódico *A Tribuna* entre os anos de 1932 e 1937, iniciou suas atividades em dezembro de 1934.

Realiza-se no dia 25 do corrente, ás 10 horas a entrega de brinquedos aos filios dos operários integralistas pelo “ Vovô Índio”.

As pessoas interessadas podem procurar o cartão que dá direito aos brinquedos, no Departamento Feminino amanhã das 14 horas as 16 horas, na sede da Chefia Municipal de Santos, á rua do Comércio nº 9 2º andar.

Os donativos podem ser encaminhados para o endereço acima, á Sra. Lila de Moraes Alves, chefe do Departamento Feminino.²⁷²

De acordo com a notícia de 1934, o núcleo feminino santista da AIB era chefiado por Lilia de Moraes Alves, que se manteve na função até 1937. Apesar de a AIB santista ter iniciado suas atividades em 1933 (conforme descrito no primeiro capítulo), não há como confirmar a data exata do início da atuação das Blusas-Verdes, mas possivelmente as militantes se engajaram a partir de 1934, conforme descrito nessa primeira notícia encontrada sobre as militantes femininas do Sigma.

Nota-se que, apesar de a fonte ser de dezembro de 1934, sugere-se que o Departamento Feminino possivelmente já existia anteriormente, pois é possível perceber, no conteúdo da informação, que o Departamento aparentava já estar estruturado para realizar campanhas filantrópicas, ou seja, já havia uma organização entre as militantes para realizar eventos diversos.

O Departamento Feminino de Santos era similar ao Departamento Nacional Feminino, que era composto por cinco divisões: Expediente, Cultura Física, Educação, Estudos e Ação Social. O organograma apresenta as divisões e suas subdivisões.

²⁷² A TRIBUNA. Santos, 23 de dezembro de 1934, p.6.



A Divisão da Educação, considerada pelo integralismo como uma das mais importantes e atuantes dessa secretaria, deveria orientar as atividades femininas nos setores de Alfabetização, Enfermagem, Puericultura, Datilografia, Culinária, Corte e Costura, Boas Maneiras, Contabilidade Caseira e Economia Doméstica.

A parte mais burocrática da secretaria ficava por conta da Divisão de Expediente, que se subdividia em: pessoal, estatística, correspondência e arquivamento, administrava a quantidade de membros e a cobrança de mensalidades, além de organizar documentos do núcleo.

O integralismo se preocupava com a saúde física do corpo. Os núcleos ofereciam atividades físicas para todos os membros, mas estes eram realizados separadamente entre os gêneros. A Divisão de Cultura Física era responsável pelas aulas e pela prática dos esportes apropriados ao feminino.

Já a Divisão de Estudos tinha como objetivo o aprimoramento e a orientação de cursos de Filosofia, Sociologia e Pedagogia, Economia, Literatura, Arte, Formação Moral e Cívica, a fim de promover a cultura da mulher integralista.

A última Divisão, a de Ação Social, era relacionada aos setores de Lactários, Bandeirantes e Dispensários. Essa divisão era responsável pela saúde e assistencialismo a famílias carentes, e pelas bandeiras integralistas em outras cidades ou comunidades mais distantes.

As militantes de Santos desempenharam funções nessas mesmas linhas de divisões impostas pelo movimento integralista. A divisão da **Educação**: com o magistério para crianças, alfabetização de jovens e adultos, aulas de corte e arte doméstica; a de **Estudos**: com o estudo da doutrina por meio de leituras e discussões dos textos indicados pelos chefes, e ainda por meio da participação nas conferências doutrinárias. A divisão da **Ação Social** era dividida em: assistencialismo, enfermagem, cultura (teatro, música e etc.) e ainda, na organização de eventos oficiais da AIB, tais como excursões de novas bandeiras integralistas às cidades vizinhas da Baixada Santista, festas, romarias e missas, entre outros. A divisão de **Expediente** centralizava a administração da parte burocrática das sedes integralistas; e da **Cultura Física** responsável pela prática dos esportes.

As mulheres que compunham o Departamento Feminino santista possivelmente foram atraídas para o integralismo por influência de seus maridos e familiares que militavam no movimento. Isso se justifica pelos sobrenomes encontrados, vários da mesma família, o que indicava os laços e a influência, como é possível entender melhor no depoimento dessa militante: *“Quando perguntada sobre a primeira lembrança que tinha de seu engajamento na militância respondeu que “entrara na política” influenciada pelo marido: “A política? Porque meu marido entrou [...] era muito metido a político”*²⁷³. Claro que não foi apenas esse tipo de envolvimento que incentivou as mulheres a participar das fileiras – essa também era uma forma de atuar em um partido que, no momento descrito, possuía influência na política nacional. Foram encontrados alguns nomes dessas militantes, o que permite observar a dimensão plural deste contingente em Santos nos recortes pesquisados:

²⁷³ Os depoimentos de Maia Brito da Silva, militante e professora integralista, lecionou em prol do movimento do Sigma junto com a sua filha, era esposa do chefe distrital de Cambuci- RJ, esses depoimentos foram tomados pela historiadora citada e fazem parte do acervo do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (Niterói – Rio de Janeiro). Fazem parte do Projeto Militância Política e Gênero. CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Projetos de Mulher. A Educação Feminina na Família Integralista. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos**. Florianópolis, 28, 29 e 30 de agosto de 2006, p.3. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Marcia_Regina_da_Silva_Ramos_Carneiro_38_B.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2018.

Lilia de Moraes Alves, Durvalina Alves, Jacintha Toiça, Maria de Lourdes Paixão, Nair Bueno, Maria Puglisi, Hermegilda Campos Fernandes, Risoleta de Moura Ribeiro, Alice Fernandes Moreira, Eugenia Alves Pinto, Herculana Serrano Campos, Julieta Dascola Rodrigues, Joana Batista de Moraes, Maria Cardoso da Silva Dias, Maria das Neves T. Fernandes, Maria de Sousa Araujo, Odonor Wiener, Yolanda D. Dantos Montes, Zayda Carvalho Vianna e Herondina Monteiro.²⁷⁴

Não foi possível identificar as mulheres integralistas de Santos relacionadas em pesquisa prévia em nenhuma biografia existente. Esses nomes, além de outros que não foram citados, apareceram com frequência no periódico entre os meses de maio e novembro de 1937. Cabe lembrar que era um ano de campanha eleitoral, e muitos desses nomes eram colocados no periódico pelo posto eleitoral, não havendo separação, ou uma “ordem”, entre nomes femininos e masculinos. Por meio dos recortes no periódico, foi possível notar que era solicitado aos militantes convocados que se dirigissem aos núcleos para regularizar a documentação, pois era um dever do militante, imposto por Plínio Salgado através de um depoimento divulgado na imprensa. O chefe solicitava que todos providenciassem seus títulos de eleitor e, quem desobedecesse à ordem, estaria sendo desleal com o partido integralista.

Alistamento Eleitoral – Para conhecimento de todos os integralistas deste município e devida execução, publica-se o seguinte:

A todos os integralistas do país: o ano de 1937 é o ano do intenso alistamento eleitoral nas fileiras do Sigma. O integralismo quer vencer dentro da ordem, seguindo estritamente a Constituição da República, a Lei Eleitoral vigente, como partido político de âmbito nacional devidamente registrado no T.S.E.

Determino que:

- Nossa arma é o voto[...]. Considero um mau integralista aquele que não se fizer eleitor, está traindo a sua causa e o seu juramento.

- Quem em todos os núcleos municipais do país se verifique quaes os integralistas que ainda não são eleitores, marcando-lhes o prazo de uma semana, a contar do dia da verificação[...].

Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1937. – (a) Plínio Salgado, chefe nacional da A.I.B.²⁷⁵

Em todos os núcleos havia um posto eleitoral responsável pelo alistamento de novos membros e eleitores; já que o alistamento era compulsório ao militante, o posto era organizado pela Secretaria Municipal das Corporações e Serviços Eleitorais²⁷⁶, e essa parte burocrática era administrada pelas Blusas-Verdes. Vale mencionar que a inclusão política das

²⁷⁴ Nomes das mulheres descritas nessa pesquisa foram coletados em diversos recortes do jornal *A Tribuna* (1934 a 1937).

²⁷⁵ A TRIBUNA. Santos, 20 de janeiro de 1937, p.5.

²⁷⁶ Informação extraída do periódico *A Tribuna*.

mulheres viria a ocorrer em 1932, o que garantiria alguma melhoria no campo dos direitos civis e sociais²⁷⁷ - ou seja, a partir da reforma do código eleitoral, as mulheres passaram a ter o direito ao voto, e os líderes do movimento integralista perceberam a importância desse novo eleitorado, abrindo assim o engajamento para as mulheres entre as suas fileiras.

A militante deveria seguir os discursos doutrinários e católicos, “esse conteúdo normatizador, afirmava que a mulher, ao vestir a blusa-verde, deveria honrá-la e nunca se deixar abater por um descuido que manchasse a gloriosa vestimenta usada”, ou seja, nunca deixar-se atrair pelos ideais anarquistas e libertários das mulheres²⁷⁸ que lutavam pela emancipação feminina.

Salgado apregoava que a emancipação feminina era um risco para a instituição familiar e para a mulher, pois, como argumentava, estava ela sem saber para onde ir, sem saber do futuro e entregue às futilidades mundanas²⁷⁹. Portanto, segundo o pensamento integralista, nem os ideais do movimento feminista e nem as mudanças introduzidas dos anos 1920 na sociedade brasileira deveriam interferir na função primordial da mulher de “manter por todas as formas o lar puro”²⁸⁰, ou seja, preservar sempre a família.

Contudo, como já foi dito, o integralismo não dispensou a presença de mulheres em suas fileiras, e tratou de agregá-las aos núcleos e a Departamentos especificamente femininos. A oficialização da ala feminina na AIB, na qualidade de membros efetivos, foi aprovada no dia 10 de agosto de 1936, obedecendo às normas hierárquicas do integralismo.

Os Departamentos Femininos passaram a ser reconhecidos como Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos (SNAFP), e tinham o seu próprio lema: “Crer, obedecer e preservar”. Nesse ano, as mulheres já constituíam aproximadamente 20% dos militantes do movimento²⁸¹. Tal mudança justifica-se pelo crescimento do número de mulheres nas fileiras integralistas brasileiras.

²⁷⁷ AVELAR, Lúcia. **Mulheres na elite política brasileira**. Fundação Konrad Adenauer. São Paulo: Unesp, 2001, p. 17.

²⁷⁸ Entre essas mulheres, destacou-se: Bertha Lutz, M^a Lacerda de Moura e Eugenia Cobra, que já foram abordadas no capítulo anterior.

²⁷⁹ SALGADO, Plínio. A Mulher do século XX. In: SALGADO, Plínio. **Obras completas**. Vol.VIII. São Paulo: Ed. das Américas, 1955, p.211-311. Apud: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: Os múltiplos campos de atuação da mulher militantes integralista. In: CRUZ, Natalia dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.64.

²⁸⁰ M. Amélia Salgado Loureiro ao pai. SALGADO, op. cit., p.300. Apud: POSSAS, Lídia Maria Vianna. O integralismo e a mulher. In: DOTTA, Renato; POSSAS, Lídia Maria Vianna; CAVARALI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: Novos Estudos e Reinterpretações**. Arquivo Público do Município de Rio Claro, 2004, p.110.

²⁸¹ MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Coleção O Brasil Republicano. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.52.

Em Santos, não foi diferente: o aumento da parcela feminina nas fileiras integralistas da cidade foi motivo de reunião extraordinária com as dirigentes locais. [...] Durante o transcurso da sessão, verificar-se-á o juramento solene de considerável número de novos inscritos nas fileiras. [...] Reúnem-se as “blusas-verdes na sede central, havendo importantes assumptos para serem debatidos com o crescimento rápido do Departamento Feminino”.²⁸²

A transição de Departamento Feminino para SNAFP foi percebida a partir do anúncio do Jornal *A Tribuna* do dia 18 de dezembro de 1936, que convocava as mulheres integralistas para um trabalho assistencial direcionado às famílias consideradas carentes e para auxiliar na campanha de vacinação contra a varíola. O periódico não ofereceu qualquer explicação sobre a mudança de nomenclatura de “Departamento Feminino” para “Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina e Plinianos”.

Convida-se o povo de Santos para essa grande reunião integralista, que será iniciada as 21 horas, com a cerimonia do juramento de novos inscriptos nas fileiras da Acção Integralista Brasileira
A Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina e Plinianos, communica a todos os interessados que, a partir de segunda –feira próxima, 21 do corrente, das 20 horas em deante, iniciará, na sede municipal, á entrega dos cartões numerados para a distribuição de roupas e brinquedos as crianças pobres, de ambos os sexos.²⁸³

O Departamento Feminino de Santos, além das visitas dos Camisas-Verdes, recebia também as mulheres integralistas de outros municípios. Nos recortes foram encontradas as recepções de duas Blusas-Verdes, Alvira Truddi e Margarida Corbisier. A primeira, Alvira Trudi - chefe do Departamento Feminino do município de Cambuci- RJ²⁸⁴ - foi recebida no núcleo santista em fevereiro de 1935. Possivelmente essa passagem foi para ajudar o Departamento Feminino a organizar um evento beneficente em prol dos órfãos dos integralistas Nicola Rosi, Jayme Guimarães e Caetano Spinelli. Esse evento era considerado um dever dos militantes em memória aos que morreram nos confrontos entre integralistas e a frente antifascista em São Paulo²⁸⁵ e Bauru²⁸⁶. Esse tipo de encontro era constante entre os

²⁸² A TRIBUNA. Santos, 12 de novembro de 1937, p.5.

²⁸³ A TRIBUNA. Santos, 19 de dezembro de 1936, p.4.

²⁸⁴ A TRIBUNA. Santos, 15 de fevereiro de 1935, p.3.

²⁸⁵ Jayme Guimarães e Caetano Spinelli morreram nesse episódio da “Batalha da Praça da Sé”, entre integralistas e antifascistas. Foi divulgada no Jornal do Povo em 10 de novembro de 1934 a manchete “Um integralista não corre, voa”, logo embaixo da foto, o texto: “A debandada integralista”, como se vê, foi na mais perfeita desordem. Vê-se à esquerda um galinha-verde escondido atrás do poste, e no centro vários acocorados. O termo “galinha verde” foi usado para descrever a atuação dos integralistas. ABRAMO, Fúlvio. **A revoadas das galinhas verdes**. São Paulo: Venete, 2014, p.188.

²⁸⁶ Esse episódio ficou no imaginário coletivo da cidade como o “o trágico 3 de outubro de 1934”, após o tiroteio ocorrido em uma das ruas mais movimentadas de Bauru. Nicola Rosica, “o primeiro mártir do ‘integralismo’

núcleos integralistas. Sugere-se que o principal objetivo era dividir experiências e informações.

Por duas vezes, veio a Santos a chefe provincial de São Paulo, Margarida Cavalcante de Albuquerque Corbisier²⁸⁷. A primeira visita ocorreu no ano 1935, mesmo ano em que ela publica o artigo “Conceito de vida heroica”, que trata dos sacrifícios e da luta que eles, “despertos para a realidade de suas tarefas”, deveriam enfrentar para “fazer a vida ao invés de esperar que a vida os faça”²⁸⁸. Corbisier não discursava e escrevia apenas para as mulheres, os seus textos eram publicados em jornais, revistas, além de ter participado da *Enciclopédia do Integralismo*²⁸⁹, ou seja, eram direcionados também ao público masculino do movimento.

Será realizado no próximo sábado, 19 do corrente, às 20 horas, no salão do Parque Balneário Hotel, uma conferência promovida pelo Departamento Feminino, na qual falará a Sra. Margarida C. A. Corbisier figura de prestígio no movimento integralista em São Paulo. A chefe do Departamento Feminino desta cidade pede a todas as inscriptas o comparecimento, às 20 horas de hoje, á sede central, á rua do Commercio n° 9.²⁹⁰

A segunda visita foi em 1936. Ambas as conferências doutrinárias foram realizadas no Salão do Parque Balneário Hotel, local frequentado pela elite santista. Provavelmente essas visitas foram para ajudar na organização da presença das mulheres integralistas nos congressos e passeatas. Não é possível afirmar que as mulheres integralistas de Santos

assassinado em um comício público. Nicola Rosica foi vítima de um tiro, durante uma passeata dos integralistas na cidade, tendo a participação de Plínio Salgado e correligionários de várias cidades vizinhas. A viúva de Rosica e o filhos [...] tendo a promessa pública de Plínio Salgado que seria sustentada pela AIB”. POSSAS, Lidia M. V. **Mulheres e Viuvez: recuperando fragmentos, reconstruindo papéis. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder.** Florianópolis, 2008, p.5. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST7/Lidia_M_V_Possas_07.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2018.

²⁸⁷ Margarida Corbisier, foi uma representante do universo integralista feminino na *Enciclopédia do Integralismo* (volume 5), comparece com dois textos em que discute, respectivamente: a) o Conceito de vida heroica. Para a autora: o integralista é, antes de tudo, um herói! e b) o Integralismo e a educação feminina, um trabalho apresentado originalmente no I Congresso Nacional Feminino da AIB, em outubro de 1936. CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A Enciclopédia do Integralismo** - lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961). Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais), CPDOC-FGV, Rio de Janeiro, 2010, p.105.

²⁸⁸ GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: Os múltiplos campos de atuação da mulher militantes integralista. In: CRUZ, Natalia dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil.** Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.79.

²⁸⁹ A *Enciclopédia do Integralismo* surgiu como uma proposta de apresentação ordenada da leitura de mundo dos integralistas. A apresentação desse corpo doutrinal pautou-se pela necessidade de seus escritos parecerem um conjunto coerente e sólido, uma vez que, por meio dele, seus membros pretendiam divulgar suas realizações. Os integralistas comungavam uma leitura particular de mundo, cuja partilha de sentimentos e convicções era o centro de seu ideário, e o fortalecimento do integralismo do pós guerra esteve intimamente ligado a essa partilha, num período cada vez mais adverso à presença do integralismo no cenário político. CHRISTOFOLETTI, op. cit., p.17.

²⁹⁰ A TRIBUNA. São Paulo, 17 de outubro de 1935, p.3.

participaram do I Congresso Nacional Feminino, mas a data dessa segunda visita corresponde ao mês do evento realizado no Rio de Janeiro. Outra possibilidade seria a participação nas sessões integralistas, que poderiam ser públicas ou internas. Essas assembleias eram divididas em ordinárias e solenes²⁹¹. Além disso, tais visitas poderiam ainda ser para participar da inauguração e oficialização de novos núcleos da IV Região.

Promovida pela Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina, realizar-se-á hoje, às 20 horas, no salão do Parque Balneário Hotel, uma reunião integralista dedicada à mulher santista. Falará a sra. Margarida R. de Albuquerque Corbisier, conhecida oradora e secretaria provincial de Arregimentação Feminina em S. Paulo. Todas as inscriptas no Departamento Feminino devem comparecer, uniformizadas, ao local designado para a reunião.²⁹²

Além das visitas de mulheres integralistas de outras cidades, as militantes também participavam da recepção de outros membros do Sigma, que vinham principalmente da capital de São Paulo, mas também de outros núcleos espalhados pelo país. Entre os recortes pesquisados, foram encontradas inúmeras visitas dos militantes paulistas. Alguns desses oradores eram considerados intelectuais de prestígio do movimento integralista, e várias das obras citadas nessas conferências doutrinárias foram agrupadas e publicadas na coletânea *Enciclopédia do Integralismo*.

Parte dessas visitas ocorriam em função das conferências doutrinárias que aconteciam semanalmente, tanto para as Blusas-Verdes quanto para os Camisas-Verdes. A Convocação era feita pelos jornais, de forma direta e objetiva, como percebe-se nesse recorte:

Na sede central, [...], às 20 horas, pelo Departamento Feminino, uma conferência doutrinária, devendo falar vários oradores, que explanarão o papel da mulher brasileira em face do integralismo. A entrada é franca podendo assisti-la qualquer pessoa na doutrina integralista.²⁹³

Havia conferências doutrinárias nas quais as mulheres integralistas do Departamento Feminino foram as oradoras da reunião, e ainda dividiram o espaço “de fala” com os homens.

²⁹¹ Sessões eram divididas em: Ordinárias, quando se realizarem obediência aos planos normais de propaganda, doutrina ou outros interesses da AIB; Solenes, quando se realizarem para o culto da Pátria ou do Sigma, empossamento ou homenagens a autoridades, culto cívico de datas, acontecimentos importantes e reverência à memória de companheiros e brasileiros ilustres. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999, p.121.

²⁹² A TRIBUNA. Santos, 10 de outubro de 1936, p.2.

²⁹³ A TRIBUNA. Santos, 25 de julho de 1935, p.2.

Será realizada hoje, às 20 horas na sede central, á rua do Commercio nº 9, aº andar, uma conferência doutrinária do Departamento Feminino, destinada às famílias dos integralistas de Santos, ainda falarão diversos oradores [...], sendo a entrada franca.²⁹⁴

Cabe frisar que essas oradoras discursavam também para os homens, pois era uma conferência aberta, ou seja, não era exclusiva ao público feminino. Portanto, sugere-se que as mulheres desempenhavam papéis de cunho político e foram reconhecidas como sujeitos políticos dentro do movimento.

A realização de sessões doutrinárias era uma prática dos núcleos integralistas em todo o território nacional com a presença obrigatória de todos os militantes, sem distinção de gênero. Contudo, percebe-se por meio das fontes que a comunicação entre os núcleos do Sigma das cidades de Santos e São Paulo foi frequente, facilitada pela locomoção da ferrovia São Paulo- Railway, que ligava o litoral à capital paulista.

Chegando a esta cidade hoje, as 18 horas, o chefe archi-provincial dr. Marcel da Silva Telles e o chefe provincial sr. Machado Florence, a chefia municipal pede o comparecimento de todos os integralistas de Santos á estação S.P.R.²⁹⁵ ás 17.45 horas, afim de receberem aquellas autoridades do Sigma e prestar-lhes as continências a quem tem direito.²⁹⁶

Tais visitas eram consideradas sessões solenes e, segundo os protocolos integralistas, deveriam ser incumbência da SNAFP: a organização da mesa destinada às autoridades, deveria ser ornamentada com flores e com as Bandeiras Nacional e Integralista. Todas as sessões que contassem com a presença do Chefe Nacional eram consideradas solenes²⁹⁷.

Entre as sessões solenes, (no primeiro capítulo) destacam-se as inúmeras passagens do Chefe da Doutrina, Miguel Reale. Outro representante do Sigma que esteve presente em sessões solenes foi o poeta e advogado Lima Netto²⁹⁸, sendo possível observar os protocolos mencionados, como as flores e as bandeiras sobre a mesa.

²⁹⁴ A TRIBUNA. Santos, 1º de agosto de 1935, p.4.

²⁹⁵ Sigla da ferrovia São Paulo-Railway.

²⁹⁶ A TRIBUNA. Santos, 20 de novembro de 1937, p.5.

²⁹⁷ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999, p.123-124.

²⁹⁸ Constam no volume 7, página 45, da Enciclopédia Integralista, os nomes de Lima Netto e Almeida Salles, como representantes paulistas da poesia integralista. MARCHETTE, Tatiana Dantas. O Integralismo na trajetória do historiador paranaense Brasil Pinheiro Machado na década de 30. **Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo/ III Simpósio do LAHPS - Ideias e Experiências Autoritárias no Brasil Contemporâneo**. Juiz de Fora, 2010, p.99. Disponível em: <http://www.ufjf.br/lahps/files/2010/11/Anais_do_III_Simp%C3%B3sio_do_Laborat%C3%B3rio_de_Hist%C3%B3ria_Pol%C3%ADtica_e_Social.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.

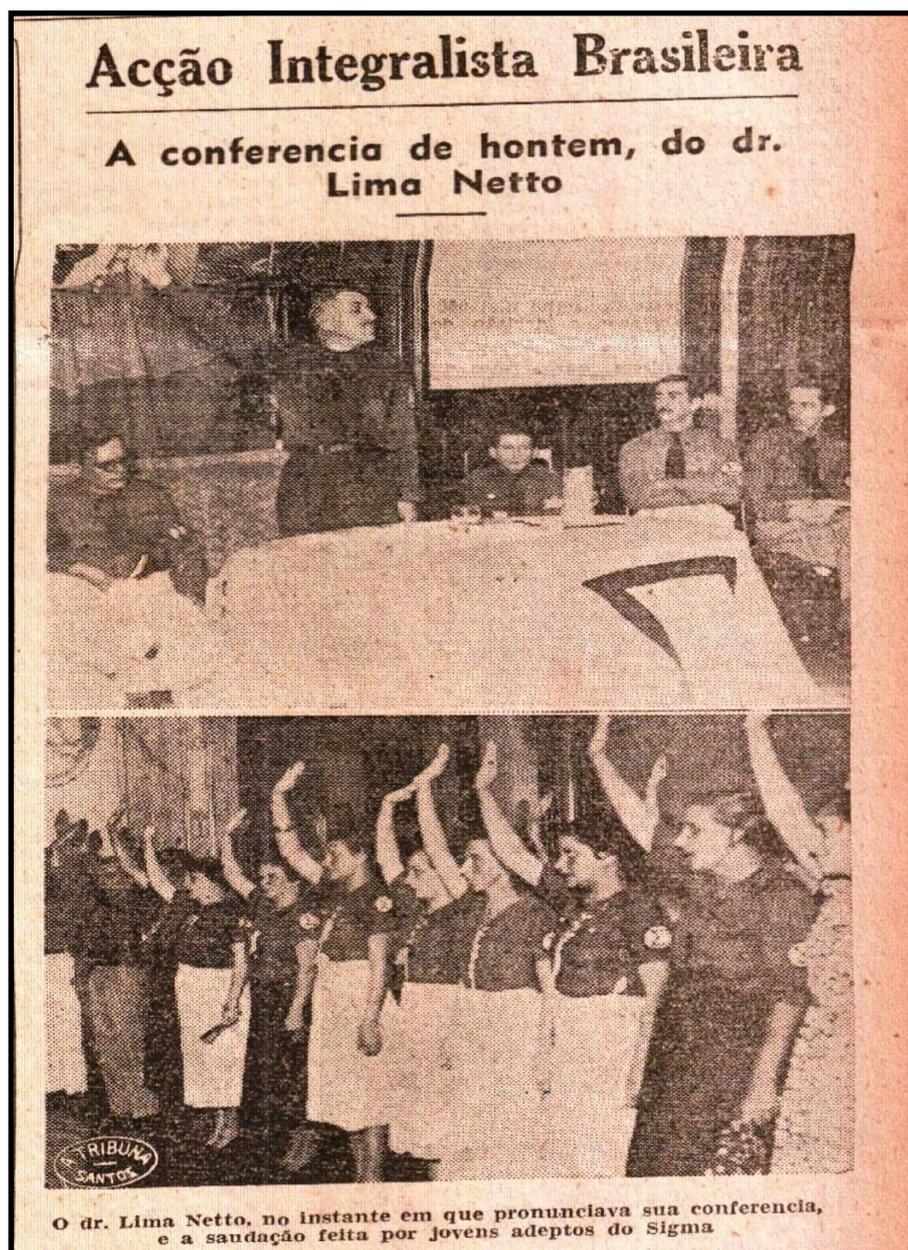


Figura 17 - Conferência doutrinária do Dr. Lima Netto
com os integrantes do Sigma de Santos.²⁹⁹

Essa imagem foi a única representação encontrada até o momento das Blusas-Verdes de Santos. É possível verificar que elas estavam participando da conferência doutrinária na qual discursava o poeta supracitado. A maioria das militantes estava devidamente uniformizada, com a blusa verde oliva e a saia branca. Percebe-se a letra do Sigma na manga da vestimenta, e também que estavam com o braço levantado para gesticular a saudação “Anauê”.

²⁹⁹ A TRIBUNA. Santos, 14 de março de 1937, p.3.

Todas as sessões encerravam-se com o juramento de fidelidade ao Chefe Nacional. Na ocasião, a autoridade mais graduada se levantava, no que era imitada por todos os presentes, e dizia: Companheiros! Pelo Brasil. Pelo Estado Integral. Em fidelidade ao Chefe Nacional, diante da vida e diante da morte. Três Anauês. Os presentes responderão: Anauê, Anauê, Anauê.³⁰⁰

Ainda sobre a imagem, sugere-se que as mulheres integralistas santistas tiveram uma participação marcante nos eventos do movimento político. Tanto a política como o espaço público eram reservados aos homens. Portanto, entende-se que essas mulheres frequentavam e participavam das sessões doutrinárias da AIB como membros efetivos.

Em novembro de 1937, percebe-se a mudança na gestão da SNAFP: a secretaria passou a ser liderada por Risoleta de Moura Ribeiro. A transição não foi descrita de forma explícita no periódico, porém, os próximos recortes confirmaram a substituição da administração da SNAFP, como está descrita partir desse anúncio:

No próximo dia 8, segunda-feira, às 20 horas, devem se reunir as “blusas-verdes”, sob a direção de D. Risoleta de Moura Ribeiro. As “blusas verdes” inscritas deve comparecer no maior número possível. O chefe municipal interino, dr. Edmundo Amaral, despachou com o chefe do gabinete e com a secretaria municipal de arrecimação feminina.³⁰¹

Outro aspecto a ser destacado é a divisão dos trabalhos administrativos junto à Chefe Regional, o que eleva mais uma vez a importância da participação ativa das militantes integralistas de Santos. Na nova administração, identificou-se um modo mais rígido de controle em relação ao comparecimento obrigatório às conferências e reuniões doutrinárias. A ausência deveria ser justificada³⁰² por escrito no Departamento de Expediente.

Na formação do Departamento Feminino das mulheres integralistas de Santos, pode-se perceber que elas desenvolveram atividades diversificadas nos núcleos e também nos espaços de âmbito público. O próximo item tem a finalidade de compreender um dos papéis considerados mais importantes pelo integralismo: o magistério.

³⁰⁰ Protocolos e Rituais, Capítulo IX, Artigos 109 a 121, p.102-104. Apud: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo:** ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999, p.124.

³⁰¹ A TRIBUNA. Santos, 06 de novembro de 1937, p.5.

³⁰² A TRIBUNA. Santos, 12 de novembro de 1937, p.5.

3.2 DOCTRINA INTEGRALISTA: MILITÂNCIA E MAGISTÉRIO

As mudanças que ocorriam no século XX, principalmente nas estruturas familiar e social, provenientes das ações emancipatórias femininas, eram direcionadas, em sua maioria, às mulheres das elites e das classes urbanas, e com maior escolaridade. Essas também eram as mulheres que o integralismo buscava atrair para as suas fileiras, a fim de atribuir a elas o papel de educadoras para angariar novos adeptos, ou seja, novos militantes, ao Sigma. Outra função foi o aproveitamento das Blusas-verdes para doutrinar os novos adeptos por meio da alfabetização e, ainda, conseguir mais votos para AIB.

Mesmo abrindo espaço para as mulheres atuarem em suas fileiras integralistas, elas não poderiam perder de vista nem se desviar de suas obrigações com a família e com a maternidade, que era encarada como um dever da própria natureza feminina. Porém, argumentava-se que a maternidade não se resumia apenas a uma função física, sendo, principalmente, uma função moral, pois a mulher assumiria a responsabilidade de estimular o filho com a finalidade de torná-lo um homem de nobre ideais³⁰³. Portanto, a militante deveria conciliar aos afazeres domésticos, as obrigações com a família e a prole, além de contribuir com o movimento político.

Vale mencionar que todas as funções e ações atribuídas às mulheres integralistas não deveriam se influenciar pelos ideais feministas, considerados avançados demais pela ala conservadora. Não era permitido, de modo algum, se desvirtuar dos seus papéis de esposa, mãe e dona de casa. Esse tripé era sustentado pela teoria da complementariedade.

Outro dever da mulher integralista eram suas obrigações com a religião católica, portanto, não se desvirtuarem das obrigações religiosas. Elas tinham como dever moral manter a família dentro dos preceitos religiosos e alinhada com seus compromissos para com a Pátria, ou seja, conciliar todas as funções que eram destinadas às mulheres.

Desde do início, a AIB tinha como objetivo a elevação cultural. Em um primeiro momento, se apresentou como um movimento cultural, e não como um partido político. O setor educacional era uma das prioridades do integralismo, e a educação era primordial no projeto de construção da família. Manter-se ligadas às atividades de ensino representava, para

³⁰³ GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: Os múltiplos campos de atuação da mulher militantes integralista. In: CRUZ, Natalia dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.66.

as militantes, exercitar as suas possibilidades intelectuais e fazer-se respeitar como professoras, sentindo-se úteis e partícipes do projeto de construção de um novo país³⁰⁴.

A organização dividiu as funções das mulheres em sessões, e havia uma específica para tratar os assuntos sobre educação. O Departamento da Educação orientava as atividades femininas nos setores de alfabetização, enfermagem, puericultura, datilografia, culinária, corte e costura, boas maneiras, contabilidade caseira e economia doméstica³⁰⁵. O Departamento de Educação de Santos era composto por cursos de alfabetização para crianças, jovens e adultos, cursos de corte e costura, economia doméstica e enfermagem.

O magistério feminino era uma das profissões aceitas socialmente, era visto como uma das poucas possibilidades profissionais atraentes para as mulheres das elites e dos setores médios da sociedade. [...] Era uma forma de aprimoramento intelectual acenando com as possibilidades de um maior status social e de aceitação em funções públicas e ambientes intelectualizados³⁰⁶.

O advento da República no Brasil foi marcado pela influência positivista, que assim como o integralismo, apregoava a transformação da nação através da educação. Portanto, incentivava-se a formação de docentes e, para concluir esse projeto educacional, aumentou a demanda de cursos de magistério. Porém, apesar de os cursos serem direcionados a todos os gêneros, a frequência era praticamente feminina, e essa tendência foi chamada de “feminização do magistério”, passando a ser vista como um campo por excelência de mulheres, apreciadas como mais capazes de cuidar, educar e disciplinar as crianças³⁰⁷. Ou seja, o magistério era uma função considerada digna ao feminino, tanto que, pelo movimento integralista, a atividade era compreendida como uma extensão das atividades do lar, como “expressão da vida familiar”³⁰⁸.

Algumas mulheres enxergaram a oportunidade para o engajamento em um partido político, como a AIB, através do magistério, e “o integralismo desde seu nascedouro, atribuiu à mulher a função de educadora e forjadora de caráter, devendo dedicar seus esforços em prol da renovação espiritual do país”³⁰⁹.

³⁰⁴ SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo, 2011, p.4.

³⁰⁵ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: Edusc, 1999, p.67.

³⁰⁶ BORELLI, Andréa; MATOS, Maria Izilda S. de. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.137.

³⁰⁷ Ibidem, p.137.

³⁰⁸ SIMÕES, op. cit., p.4.

³⁰⁹ GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: Os múltiplos campos de atuação da mulher militantes integralista. In: CRUZ, Natalia dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.65.

Em Santos, o Departamento de Educação provavelmente se formou meses após a organização do núcleo feminino. Somente em maio de 1935 encontrou-se o primeiro recorte sobre “os cursos de alfabetização Escola Plínio Salgado para os alunos (crianças) e os pais (adultos)”, que se localizava no subnúcleo da Villa Macuco. O conteúdo descreve a reabertura da escola, o que indica que a escola já tinha funcionado anteriormente a esta primeira informação encontrada.

Communicar-nos esse núcleo a transferência de sua sede da rua Almirante Tamandaré, nº 65, para a rua Luiz Gama, 135, onde passará a funcionar, brevemente uma escola diurna gratuita para crianças pobres. (20/3/35, pág.2)

Reabrem-se hoje, á noite, os cursos de alfabetização Escola Plínio Salgado, devendo comparecer todos os alunos, bem com paes que queiram matricular seus filhos.³¹⁰

Com a mudança de endereço, conforme anunciou o jornal, começou a funcionar uma escola direcionada às crianças materialmente carentes no período da manhã e, à noite, ocorreu a reabertura do curso de alfabetização, direcionado ao público adulto. Ambos os cursos eram importantes para a formação na doutrina integralista, mas tinham objetivos diferentes. A escola infantil estava interessada na formação da nova geração e de sua consciência, ao que o integralismo se dirigia como a “revolução do espírito”, enquanto a escola de alfabetização se dispunha a ensinar o letramento ao adulto, possivelmente a fim de angariar novos simpatizantes e adeptos.

A revolução do espírito era preparada, também, através de uma rede de escolas, criadas e mantidas pela AIB, que funcionava junto aos núcleos municipais e distritais sob a responsabilidade da Divisão de Educação da SNAFP. [...] Os jornais integralistas traziam em destaque a notícia sobre a abertura das escolas, com o título “mais uma escola integralista”.³¹¹

Apesar da diferença na nomenclatura entre “escola integralista” e a “escola de alfabetização”, ambas tinham o mesmo objetivo. A integralista era destinada a crianças menos favorecidas e atendia ao público em geral, ou seja, os pais não precisavam ser integralistas para que as crianças pudessem frequentar a escola. O processo de sua organização didática e pedagógica, em alguns aspectos, era similar ao de outras escolas da rede pública no tocante à

³¹⁰ A TRIBUNA. Santos, 22 de maio de 1935, p.3.

³¹¹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999, p.72.

motivação nacionalista que envolvia os professores, os exames, as disciplinas escolares ou mesmo a organização das classes.³¹²

A escola de alfabetização era aberta a qualquer público, sem distinção de gênero ou classe social, e funcionava nos períodos diurno e noturno. No entanto, o horário da noite era permitido somente ao público adulto. Essas escolas eram maior número, segundo as fontes integralistas.

O esforço educacional das divisões da AIB encontrava consonância no projeto da escola primária republicana, por exemplo: “na formação do caráter e no desenvolvimento de virtudes morais, de sentimentos patrióticos e de disciplina da criança”³¹³. A fim de atrair mais crianças para as suas instituições, a AIB utilizou a sua imprensa nas propagandas de suas escolas, sobretudo porque, assim que as crianças aprendiam a ler e a escrever, já começavam a ser apresentadas à doutrina integralista.

Em lugar das crianças frequentarem escolas ateias, sem técnica profissional e com moldes comunistas, onde o nome de Deus se oculta aos pequeninos, e esquecidos eram (sic) os princípios cívicos do amor da Pátria, procurassem o ensino gratuito da escola Integralista. Lá encontrariam os ensinamentos da ideia sacrossanta de Deus, Pátria e Família.³¹⁴

Contudo, o projeto educacional da AIB, com a inserção de inúmeras escolas alfabetizadoras, buscava atrair esses novos eleitores devido à nova lei eleitoral de 1932, que estendia o voto as mulheres, na qual exigia-se ter mais de 21 anos e ser alfabetizada. Vale lembrar que essas exigências eram para ambos os gêneros. Sugere-se que a maior quantidade de escolas de alfabetização teria como objetivo alfabetizar adultos e possíveis novos eleitores para a AIB, sobretudo, por meio de campanhas empreendidas com a colaboração da mulher, conquistando esse novo eleitorado feminino³¹⁵.

Também existiam escolas profissionalizantes que ensinavam corte e costura, enfermagem, taquigrafia e datilografia. Essas escolas eram especificamente voltadas ao

³¹² PALHARES, Lenir. **Educação Integral para o Homem Integral**: As escolas integralistas em Minas Gerais (1932-1937). Dissertação (Mestrado em Educação), UFMG, Belo Horizonte, 2016, p.102.

³¹³ Ibidem, p.78-79.

³¹⁴ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1936, p.9. Apud: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999, p.73.

³¹⁵ GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: Os múltiplos campos de atuação da mulher militantes integralista. In: CRUZ, Natalia dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.72.

público feminino, sendo possível notar que essas eram profissões consideradas adequadas para as mulheres.

Profissões (fora da esfera do lar) como: operária, lavadeira, costureira, doceira, florista, artista (figurante de teatro, atriz, bailarina, cantora) foram estigmatizadas e associadas à perdição moral e até à prostituição [...] o trabalho feminino fora de casa passou a ser tolerado apenas como uma fatalidade da pobreza.³¹⁶

O trabalho feminino só era aceito em casos que envolviam ajudar no sustento familiar. Os trabalhos domiciliares eram permitidos, pois as mulheres não se desviariam das tarefas do lar e dos cuidados com a família (prole e marido), além da flexibilização do horário de trabalho, portanto, uma opção eram as oficinas de costuras domiciliares, e essa prática foi utilizada por algumas mulheres em Santos.

O trabalho domiciliar feminino foi intensamente utilizado em Santos, através de atividades como costura, bordados e manufatura de flores, elaboração de enxovais de cama e mesa, bordados para noivas e batizados[...] a costura e outras atividades domiciliares femininas se apresentavam como opção para as mulheres, num certo período de sua trajetória de vida, possibilitando conciliar o ritmo, o espaço e o tempo do trabalho doméstico com uma atividade remunerada e sem horário fixo.³¹⁷

Ainda em 1935, meses depois da reabertura das escolas de alfabetização, em outro núcleo, foi inaugurada a “Escola de Corte e Costura e Artes Domésticas”. Esses cursos eram gratuitos e não eram destinados somente às mulheres integralistas, mas abertos ao público feminino em geral. Eles eram administrados pelo Departamento Feminino e funcionaram na sede do bairro da Vila Mathias. No mesmo mês, o periódico anunciava que o curso já havia uma elevada frequência de discentes.

Acha-se funcionando regularmente, com grande número de alunas, na sede do Núcleo districtal de Villa Mathias, á Rua Lucas Fortunato 81, a Escola de Córte e Artes Domesticas (gratuita), dirigida pelo Departamento Feminino, podendo-se matricular-se na mesma toda qualquer senhora ou senhorinha, integralista ou não.³¹⁸

³¹⁶ BORELLI, Andréa; MATOS, Maria Izilda S. de. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.133.

³¹⁷ MATOS, Maria Izilda S. de. **História, memória e cotidiano privado: o feminino e o masculino no porto do café (1890-1930)**. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0212.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

³¹⁸ A TRIBUNA. Santos, 31 de agosto de 1935, p.3.

Além de ser uma opção de fonte de renda, talvez a adesão aos cursos de corte e costura e arte doméstica também se justifique pelo fato de que saber costurar era visto como qualidade de boas administradoras das economias do lar – as mulheres sem opção teriam que comprar vestimentas industrializadas, que não eram de boa qualidade e tinham um alto custo.

As boas donas de casa deveriam, portanto, saber gerenciar o dinheiro das despesas. Se a quantia fosse insuficiente, esperava-se que fizesse sacrifícios (chegando a comer menos que os outros) ou encontrassem fontes alternativas de renda, como a venda de produtos caseiros e a lavagem de roupa para fora³¹⁹. Esses trabalhos eram permitidos pelos maridos se fossem realizados dentro de casa, ou seja, no ambiente privado, espaço destinado às mulheres³²⁰. Portanto, precisavam economizar a todo custo, e umas das opções era costurar - ou seja, deveriam possuir habilidades para moldar, cortar e costurar as roupas da família, bem como saber consertar as desgastadas pelo uso e saber utilizar os instrumentos apropriados para *cerzir*³²¹ as peças mais difíceis.

O controle das despesas domésticas pela dona de casa era fundamental, evitando discussões a respeito de dinheiro, reconhecidamente um dos principais motivos de atritos entre os casais. A “boa dona de casa” amolda-se à mesada estabelecida pelo marido de acordo com os meios de que dispõe casa e jamais o censure pelo fato de não ganhar suficiente”. O perfil de “gastadeira” contrapõe-se ao de uma “boa dona de casa”, ajudando a defini-la.³²²

As exigências atribuídas ao posto de “rainha do lar” deixavam claro que a sociedade patriarcal se recusava a atribuir à mulher qualquer papel intelectual e político; uma carreira pública destruiria a família, fundamento da sociedade e base da ordem natural³²³: o papel da mulher, voltado para a família e os afazeres domésticos, e que qualquer manifestação pública e/ou política poderia contrapor os preceitos existentes.

³¹⁹ PINSKY, Carla Bassanezi. A Era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.497.

³²⁰ As mulheres só adquiriam o direito de trabalhar sem autorização do marido em 1943 e apenas com o Estatuto da Mulher Casada (1962) é que se retirou do Código Civil (1916) o direito de o marido impedir sua esposa de trabalhar fora do domicílio. BORELLI, Andréa; MATOS, Maria Izilda S. de. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.140.

³²¹ É a arte de costurar, remendar, entrelaçar fios de forma artesanal em uma fazenda puída, disfarçando-lhe o defeito. Esse tipo de trabalho ainda é realizado por algumas costureiras e a técnica é transmitida de geração em geração, tem um custo elevado e é difícil de ser encontrado. Para *cerzir* as meias, havia um instrumento chamado ovo de madeira que era utilizado para esse determinado fim.

³²² PINSKY, op. cit., p.502.

³²³ HUNT, Lynn. Revolução Francesa e a vida privada. In: PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p.45.

As escolas de Corte e Costura e Arte Doméstica da AIB ministravam cursos gratuitos e abertos ao público em geral. Este certamente era um modo de atrair mais mulheres através da doutrinação, influenciar seu engajamento político nas fileiras integralistas para que atuassem como sujeitos políticos dentro do partido.

Durante o segundo semestre de 1935 não foi encontrada mais nenhuma fonte sobre os cursos e as escolas do Sigma. A partir de outubro desse mesmo ano, os recortes do periódico se concentraram apenas nas eleições municipais, que aconteceram no primeiro trimestre de 1936. A AIB de Santos concorreu aos cargos de prefeito e vereadores.

Ainda nesse mesmo ano, foram localizadas apenas referências à instalação de “trabalhos manuais”³²⁴, que seriam aplicados na sede central pela Chefe Municipal, D. Lila Moraes Alves. Apesar de ser difícil afirmar quais seriam esses trabalhos manuais, sugere-se que seria algum tipo de artesanato do âmbito feminino, como bordado ou crochê, entre outros.

Somente em 1937 as informações sobre as escolas do Sigma voltaram a aparecer, principalmente as de alfabetização, e tudo indica que seria devido não apenas ao ano eleitoral, mas também ao ano em que a AIB teve maior projeção nacional. No primeiro mês de 1937 foram encontrados dois recortes sobre as escolas de alfabetização.

Annexo ao posto de alistamento eleitoral da Secretaria Municipal das Corporações e Serviços Eleitoraes, está funcionando, todas as noites, o **curso rápido de alfabetização** para os integralistas que não sabem ler e nem escrever.

Todos o camisa verde tem o dever de levar os companheiros que tiver condições de aproveitá-lo.

O curso rápido de alfabetização vem tendo animadora frequência sendo já auspiciosos resultados colhidos.

Todo o integralista, alfabetizado ou não, que ainda não tenha providenciado pela obtenção do título tem um mês de prazo para fazê-lo.³²⁵

Esses anúncios sobre os cursos rápidos de alfabetização surgiram após o pronunciamento de Plínio Salgado, em meados de janeiro de 1937, exigindo que todos os seus membros providenciassem o título de eleitor. Foi a primeira vez que apareceu o termo “rápido”, o que sugere que havia a intenção de disputar futuramente a vaga presidencial. Por isso, Plínio forçou a urgência da alfabetização para garantir votos de novos eleitores para a Ação Integralista Brasileira.

³²⁴ A TRIBUNA. Santos, 16 de junho de 1936, p.5.

³²⁵ A TRIBUNA. Santos, 20 e 23 de janeiro de 1937, p.9 e p.7 (grifo meu).

Anúncios sobre a Escola de Corte e Costura voltaram a aparecer com frequência em 1937. O curso era ministrado na sede central duas vezes por semana no período noturno. Quanto ao primeiro curso, este era ministrado na sede da Vila Mathias, ou seja, era mais um curso funcionado em outro núcleo. Nota-se que esse outro curso era somente de corte e costura, e o outro incluía também economia doméstica. No mesmo anúncio foi relatado que, durante a tarde, eram disponibilizadas no mesmo endereço aulas de alfabetização infantil.

Núcleo Municipal de Santos

Communicam-nos:

Escola de Corte e Costura

Sob a orientação do Departamento Feminino, continua funcionando, com toda regularidade, este curso gratuito para moças e senhoras. As são ministradas pela professora Herondina Monteiro, todas as segundas-feiras e sextas-feiras, a partir das 20 horas.

Curso de Alfabetização -

Diariamente, das 14 às 17 horas, vêm sendo alfabetizadas, pelas blusas verdes, grande número de crianças. As matrículas ainda se encontram abertas, gratuitamente, podendo os interessados dirigir-se ao Departamento Feminino, no horário indicado e á rua do Comercio n° 9, 2° andar.³²⁶

Percebe-se que o espaço da sede central destinado às aulas era dividido por curso e horário, ou seja, no período diurno funcionava a escola para as crianças, e a noite era reservada para as aulas de corte e costura e também para os cursos rápidos de alfabetização. Os espaços destinados à aprendizagem seguiam padrões estabelecidos pela AIB.

As escolas do Sigma funcionavam nas próprias sedes dos Núcleos, restringindo-se a uma sala, havia armários com livros, lousa e carteiras, horários preestabelecidos para leitura, recreio, e etc. [...] previa-se a manutenção de uma biblioteca “para colecionamento de tudo quanto possa interessar à infância, à juventude e aos chefes de Departamentos em matéria de educação sob todos os seus aspectos. A intenção doutrinária pode ser evidenciada nos documentos que trazem a lista do conteúdo das bibliotecas nas quais os livros, em sua grande maioria, são obras de Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale e de outros proeminentes integralistas.³²⁷

As aulas ministradas pela SNAFP continuaram no segundo semestre. Além da escola Plínio Salgado, nesse recorte foi encontrada uma menção à Escola Caetano Spinelli, que

³²⁶ A TRIBUNA. Santos, 14 de agosto de 1937, p.2.

³²⁷ PALHARES, Lenir. **Educação Integral para o Homem Integral**: As escolas integralistas em Minas Gerais (1932-1937). Dissertação (Mestrado em Educação), UFMG, 2016, p.82, 108-109.

indicava ser uma escola infantil, cuja direção escolar era dividida pelas sras. Nair Valença e Joanna Moraes.

Sob a direção das sras. Nair Valença e Joanna Moraes, continuam com grande frequência as aulas de alfabetização da Escola Caetano Spinelli, curso diurno, para menores filhos de integralistas e não integralistas, sendo inteiramente gratuitas. As inscrições continuam abertas, diariamente, das 14 às 17 horas.³²⁸

Os cursos rápidos de alfabetização voltaram a ser destaque nas notícias. Segundo as normas integralistas, a alfabetização poderia ser realizada por meio de escolas fixas ou ambulantes, com permanência não inferior a três meses nos lugares em que se pudesse ministrar permanentemente a instrução primária³²⁹. Possivelmente não havia preocupação com a qualidade escolar, já que a exigência para obter o título de eleitor era conseguir assinar o próprio nome.

A proximidade das eleições presidenciais acelerou as ações da Ala Feminina integralista santista na alfabetização da população sem instrução escolar visando a campanha presidencial de Plínio Salgado, que foi escolhido em um plebiscito interno da AIB em todos os núcleos do Sigma. Em Santos, o plebiscito³³⁰ ocorreu em 22 de maio de 1937, na sede central.

Além das escolas de alfabetização, como a Caetano Spinelli e a Plínio Salgado, os outros núcleos ofereciam os cursos de alfabetização, também administrados pelas mulheres integralistas. Cabe mencionar que parte dessas mulheres, na maioria das vezes, atuava como professoras nas instituições públicas ou privadas da rede de ensino regular. O trabalho desenvolvido no Movimento era compreendido como benemerência: trabalhavam sem vencimentos, por puro patriotismo e amor ao Brasil³³¹. As aulas eram diárias no período vespertino para jovens e adultos e, no período noturno, eram oferecidos cursos de alfabetização para os que trabalhavam no período comercial. Não era necessário ser integralista para frequentar o curso.

³²⁸ A TRIBUNA. Santos, 15 de setembro de 1937, p.3.

³²⁹ SALGADO, Plínio (Org.). Enciclopédia do integralismo. Vol. 9. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1959, p.176. Apud: PALHARES, Lenir. **Educação Integral para o Homem Integral: As escolas integralistas em Minas Gerais (1932-1937)**. Dissertação (Mestrado em Educação), UFMG, 2016, p.74.

³³⁰ A TRIBUNA. Santos, 22 de maio de 1937, p.5.

³³¹ CAVALARI, 1995, p.52. Apud: PALHARES, Lenir. **Educação Integral para o Homem Integral: As escolas integralistas em Minas Gerais (1932-1937)**. Dissertação (Mestrado em Educação), UFMG, 2016, p.94.

Acaba de ser inaugurado, na sede municipal, mais um curso de alfabetização para integralistas ou não integralista. Este curso é destinado exclusivamente a adultos, funciona todas as noites, a partir das 20 horas, havendo ainda algumas vagas. Os interessados devem dirigir-se, no horário indicado, a sede municipal da Ação Integralista Brasileira.³³²

No mesmo mês em que foi publicada a abertura de dois novos cursos rápidos de alfabetização em Santos, o jornal *A Razão*, do dia 16 de setembro de 1937, publicou a seguinte informação: “no Brasil todo, mais de três mil e quinhentas escolas foram fundadas pelos adeptos do Movimento Integralista”³³³. Essas informações sugerem a importância da atuação das mulheres integralistas, que usaram as escolas de alfabetização para doutrinar e atrair novos adeptos e eleitores para a AIB.

Pelo impresso percebeu-se a reincidência do chamamento para que as mulheres integralistas se engajassem na rápida alfabetização de futuros novos eleitores. A intenção era angariar votos para o Chefe Nacional, candidato a Presidência da República, o Sr. Plínio Salgado.

A AIB de Santos tratou de orientar e participar ativamente desta campanha e propaganda política, e as mulheres tiveram papel fundamental na disseminação da doutrina integralista por meio da alfabetização, seguindo as ordens ditadas do movimento, pois a mulher, de modo algum, poderia perder a sua principal identidade de simbologia mariana, cândida e fraternal. Essas características se enquadravam nas condutas e obrigações femininas, como: manter a virgindade³³⁴ até o casamento e, depois de casada, ser fiel ao marido, filha obediente, esposa submissa, mãe dedicada, temente a Deus, virtuosa e recatada. E não fazer nada que comprometa a sua reputação³³⁵. Portanto, nada que comprometesse a integridade feminina, e a AIB também utilizou esse discurso moralizante para as Blusas-Verdes.

³³² A TRIBUNA. Santos, 17 de setembro de 1937, p.6.

³³³ PALHARES, Lenir. **Educação Integral para o Homem Integral**: As escolas integralistas em Minas Gerais (1932-1937). Dissertação (Mestrado em Educação), UFMG, 2016, p.81.

³³⁴ Vale ressaltar que, apesar da “modernidade” do Século XX, não houve mudanças significativas na condição sexual feminina: permaneceram as heranças europeias do medievo que valorizavam a pureza sexual das mulheres e condenavam as que se deleitavam no sexo. PINSKY, Carla Bassanezi. A Era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.471.

³³⁵ Ibidem, p.472.

A militância feminina integralista de Santos atuou amplamente nas propostas políticas do partido, imagem bastante diferente da forma como os pintores do começo século retratavam a mulher: um personagem “apolítico”, sem nenhuma representatividade no mundo político³³⁶. As Blusas-Verdes na cidade de Santos, neste momento de repercussão nacional e histórica, mostraram-se de maneira ativa, sobretudo nas campanhas eleitorais e nos setores educacionais, cumprindo um papel fundamental na implantação das normas rígidas da AIB.

O último item deste capítulo aborda as outras atuações das mulheres integralistas santistas. Foram diversos campos de atuação, tanto políticas como sociais, como: assistencialismo, enfermagem, bandeirantes, entre outros.

3.3 EM AÇÃO: PAPÉIS SOCIAIS E POLÍTICOS

A presença das mulheres integralistas em Santos foi além do espaço privado reservado ao feminino. Participaram de passeatas, comícios públicos, romarias, bandeiras a cidades próximas, do corpo de atletas do Sigma, organizaram missas, praticaram assistencialismo às pessoas materialmente carentes e serviços de saúde pública.

Percebe-se que as funções estabelecidas às militantes eram semelhantes às de outros núcleos brasileiros. As funções eram divididas conforme as normas estabelecidas pelos Departamentos específicos e organizados pela SNAFP. No que toca às representações femininas no integralismo, as mulheres não eram desprovidas de poder e produziram identidades em meio às lutas de representação que ocorreram no cotidiano do movimento e que, de modo algum, podem ser desvinculadas do cotidiano da sociedade da época³³⁷.

Os grandes centros urbanos viveram diversas epidemias entre os séculos XIX e XX, e Santos não ficou à margem desse problema sanitário. Apesar da construção dos canais, que visava melhorar os problemas de insalubridade urbana, a cidade ainda passava problemas de saúde pública com focos de varíola e outras patologias na década de 1930, ou seja, havia a preocupação com a propagação dessas doenças. Nesse sentido, o integralismo conferia à mulher enfermeira o papel de combater as endemias existentes, a fim de fazer do povo brasileiro um povo forte [...]. Desse modo, a AIB investiu em propagandas e cursos

³³⁶ CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.95.

³³⁷ SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo, ANPUH, 2011, p.2.

integralistas de enfermagem, formando diversas turmas que atuavam em seus laboratórios, lactários e ambulatórios³³⁸.

A Secretaria Municipal de Assistência Social possuía um posto de vacinação permanente e um volante, que era administrado pelas Blusas-Verdes na sede central. Esse serviço era totalmente gratuito e proporcionado a toda a população santista. Os serviços de assistência social prestados pela AIB eram mantidos pelo próprio movimento, sem auxílio do Estado³³⁹.

Encontra-se em pleno funcionamento na sede municipal, o posto de vacinação anti-variólica, sob a direção da secretaria municipal de assistência social. Esse serviço é prestado gratuitamente, todas as terças e quintas-feiras, das 20 às 22 horas a elle podendo recorrer, indistintamente, integralistas ou não, na sede municipal ou a domicilio, devendo, neste caso, os interessados telephonar para 2269.³⁴⁰

Nas comunidades carentes mais distantes, ou seja, para aquelas pessoas que não tinham possibilidade de comparecer à sede, este serviço era feito por meio de agendamento telefônico. A campanha de vacinação continuou chamando o público nos primeiros meses de 1937 através dos anúncios na imprensa. A medicina preventiva era estimulada pelo integralismo por meio da enfermagem, um campo que era bem aceito e incentivado às militantes, pois o trabalho de cuidar do outro era atrelado à natureza feminina. Sendo assim, o integralismo soube aproveitar essa energia em benefício e propaganda do movimento político.

A AIB compreendia que, no exercício da enfermagem, os atributos considerados intrínsecos à natureza feminina eram valorizados, tornando-se indispensáveis à prestação de um cuidado que era, ao mesmo tempo, técnico e abnegado. Assim, a profissão de enfermeira foi entendida como uma extensão do papel da mulher no recesso do lar, como esposa, mãe e dona de casa, no desempenho de funções ligadas ao cuidado do outro, em relação ao qual havia que se exercitar uma vigilância permanente.³⁴¹

³³⁸ SIMÕES, Renata Duarte. A Enfermagem e a mulher na Ação Integralista Brasileira – “Pelo Bem do Brasil”. In: GONÇALVES, Leandro; SIMÕES, Renata D. (Org.). **Entre tipos e recortes: história da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2012, p.108.

³³⁹ Idem; SIMÕES, Ricardo D.; SILVA, Ticiania R. da. Mulheres integralistas: enfermeiras “blusas-verdes” a serviço da nação. **Texto & Contexto – Enfermagem**. Florianópolis, v. 21, nº. 1, 2012, p.2. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n1/a16v21n1>>. Acesso em: 1º jul. 2018.

³⁴⁰ A TRIBUNA. Santos, 22 de dezembro de 1936, p.6.

³⁴¹ SIMÕES, SIMÕES, SILVA, op. cit., 2012.

Nos cursos de enfermagem oferecidos pela seção Médica da AIB, eram ensinadas noções de primeiros socorros, aplicação de injeções e outras atividades de orientação médica preventiva da criança e da mulher. Essa ação social também era obrigação das Bandeiras Integralistas promovidas pelas militantes, que deveriam organizar visitas, excursões e bandeiras para levarem noções sobre orientação médica e sanitária.

À Seção de Bandeirantes cabia “organizar visitas domiciliares aos pobres da AIB, levando-lhes periodicamente sua assistência; organizar visitas a hospitais, casa de saúde e asilos; visitar fábricas, centros femininos, companhias, estabelecimentos comerciais e repartições públicas”.³⁴²

As bandeiras do Departamento Feminino de Santos se estenderam a cidades próximas e mais distantes, e em outros Estados. Entre as cidades encontradas nos recortes do jornal estão: São Paulo³⁴³, Campinas³⁴⁴, Ribeirão Pires³⁴⁵ e Rio de Janeiro³⁴⁶. Nas proximidades, como São Vicente, Guarujá e Bertioga, as excursões eram mais frequentes.

Será realizada domingo próximo, por ordem da chefia municipal e sob a direção da secretaria de Educação, uma excursão à Bertioga, em visita aquella localidade.

A Bandeira que seguirá levará a denominação de “Bandeira da Sinceridade” que será formada por integralistas e elementos do Departamento Feminino.

A partida será pela lancha da Santense, que sae do pontão do Paquetá, às 7 horas.

Esta excursão será realizada com qualquer tempo, devendo as pessoas que quiserem tomar parte da mesma se inscreverem na sede, das 20 às 22 horas, diariamente com a secretaria do Departamento de Educação.³⁴⁷

Possivelmente, a “Bandeira da Sinceridade” era uma alusão ao significado da bandeira integralista, no qual a cor branca correspondia à sinceridade do movimento político.

³⁴² SIMÕES, Renata D. A Enfermagem e a mulher na Ação Integralista Brasileira – “Pelo Bem do Brasil”. In: GONÇALVES, Leandro; SIMÕES, Renata D. (Orgs.). **Entre tipos e recortes: história da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2012, p.112.

³⁴³ A TRIBUNA. Santos, 02 de julho de 1937, p.3.

³⁴⁴ A TRIBUNA. Santos, 16 de julho de 1936, p.7.

³⁴⁵ A TRIBUNA. Santos, 07 de novembro de 1935, p.3.

³⁴⁶ A TRIBUNA. Santos, 06 de novembro de 1937, p.5.

³⁴⁷ A TRIBUNA. Santos, 02 de setembro de 1937, p.7.

Poderiam ser chamadas por outros nomes, como “Bandeiras da Caridade”, no qual as militantes visitavam os bairros pobres instruindo as famílias em relação à saúde. Elas tinham a função de encaminhar os necessitados aos cuidados médicos que seriam tratados nos lactários³⁴⁸ e dispensários³⁴⁹.

As visitas à comunidade de pescadores de Bertioga³⁵⁰ foram constantes. Essas bandeiras deveriam estar atreladas à propaganda da doutrina integralista e à assistência social, como a vacinação de varíola e as orientações médicas e sanitárias, além de possíveis doações. Para as mulheres exercerem as bandeiras além das noções de enfermagem, dava-se preferência a mulheres jovens e dispostas, pois para lidar com o público em geral, a paciência era considerada uma virtude e uma extrema delicadeza³⁵¹.

Principalmente entre as cidades mais próximas, como Santos e São Vicente, as visitas eram mais ativas. Em dado momento, parece que o núcleo de São Vicente era uma extensão da sede de Santos, pois foram achados vários chamados para que os integralistas vicentinos comparecessem à AIB santista e vice-versa. “Hoje, às 20 horas, haverá uma concentração no núcleo de São Vicente, sendo obrigatório o comparecimento de todos os inscriptos, inclusive os elementos do Departamento Feminino”³⁵².

Desses encontros e excursões promovidos pela AIB santista, existem duas fotografias³⁵³ da década de 1930. Essas fotos possivelmente são as únicas memórias da AIB de Santos.

³⁴⁸ Até o momento, não foi encontrado nos recortes do periódico pesquisado nenhuma menção a lactários integralistas em Santos.

³⁴⁹ FERREIRA, Helisangela Maria Andrade. Mulheres Integralistas de Pernambuco: Por uma participação política possível. **Anais do 13º. Congresso Mundos de Mulheres/ Seminário Internacional Fazendo Gênero 11.** Florianópolis, 2017, p.4. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=177>. Acesso em: 11 jul. 2018.

³⁵⁰ Bertioga foi anexada à cidade de Santos em 1944, o espaço era um pequeno vilarejo de pescadores e o acesso se dava somente por estradas de terras e barcos. Apenas na década de 1940, as estradas foram asfaltadas e facilitaram o acesso. A emancipação ocorreu em 1991.

³⁵¹ FERREIRA, op. cit., p.4.

³⁵² A TRIBUNA. Santos, 19 de setembro de 1936, p.6.

³⁵³ Essas fotografias se encontram no acervo da Professora Dra. Maria Aparecida Franco da Universidade Católica de Santos, que foram doadas pelo Pe. Francisco Grecco de Santos, cujo pai foi um militante integralista santista.



Figura 18 - Encontro de integralistas da AIB de Santos.

Essa primeira foto sugere tratar de um encontro dos membros integralistas, pois existem além dos homens, crianças e mulheres em um espaço ao ar livre. Parece ter sido tirada na cidade de São Vicente, em um espaço que era conhecido como “Pedreira”. No centro da imagem, o homem com barba apoiando as duas mãos em uma bengala é o chefe municipal de São Paulo, Marcel da Silva Telles, lembrando que este compareceu a vários encontros da região da Baixada Santista, ou seja, firmando a proximidade entre os militantes e as cidades vizinhas.



Figura 19 - Encontro dos integralistas de Santos com Plínio Salgado.

Na segunda foto, foi identificada uma pessoa em comum com a primeira, que seria o segundo homem em pé a partir do lado direito da imagem. O segundo homem ao lado da margem direita parece ser Plínio Salgado, e até o momento, não foi possível identificar as outras pessoas. Vale ressaltar que nessa imagem, as mulheres se encontram no centro na mesma posição masculina, o que sugere que as Blusas-Verdes marcaram presença no movimento integralista em Santos

Retomando aos trabalhos assistenciais, logo no primeiro recorte encontrado sobre as Blusas-Verdes de Santos anunciava a organização, na manhã de Natal do ano de 1934, a entrega de brinquedos aos filhos dos operários integralistas. Para esse fim, foram arrecadados donativos na sede do Departamento Feminino, que ficava junto ao núcleo central.

Realiza-se no dia 25 do corrente, às 10 horas a entrega de brinquedos aos filhos dos operários integralistas pelo “Vovô Índio”.

As pessoas interessadas podem procurar o cartão que dá direito aos brinquedos, no Departamento Feminino amanhã das 14 horas as 16 horas, na sede da Chefia Municipal de Santos, á rua do Comércio nº 9 2º andar.

Os donativos podem ser encaminhados para o endereço acima, á Sra Lila de Moraes Alves, chefe do Departamento Feminino.³⁵⁴

A entrega dos brinquedos era controlada pela distribuição de um cartão, que deveria ser retirado antes da data do evento. Somente os filhos dos operários integralistas tinham o direito de receber o donativo, ou seja, foi um evento fechado aos militantes do Sigma santista.

A entrega dos presentes, doados em uma manhã de Natal, contou com a caracterização do Vovô Índio, um personagem amazônico que saíria da floresta para distribuir presentes entre as crianças, impedindo assim a propagação do imperialismo por intermédio do Papai Noel. Promovido também por Getúlio Vargas, foi propagandeado pelos integralistas, pois se encaixa na sua doutrina - que tinha sempre um apelo nacionalista. Cabe mencionar que no dia da entrega dos brinquedos pelo personagem, o jornal *A Tribuna* publicou na página 2 uma longa notícia, assinada por Fernando Nascimento³⁵⁵ e direcionada ao público geral, explicando sobre as origens do personagem.

No final de fevereiro de 1935, o Departamento Feminino organizou uma tarde dançante³⁵⁶, possivelmente para arrecadas fundos monetários em amparo aos órfãos dos integralistas que faleceram nos episódios “Batalha da Praça da Sé” e “Trágico 3 de outubro”. A participação era obrigatória, pois era vista com um gesto nobre. No episódio de Bauru, chamado pelos integralistas de “Trágico 3 de outubro”, Plínio Salgado fez uma promessa pública a família de Nicola Rosica, na qual afirmou que a família seria sustentada pela AIB. Esse tipo de evento poderia ser uma necessidade devido à garantia dada pelo Chefe Nacional em prover o sustento dessa família, o que de fato não ocorreu³⁵⁷.

As mulheres integralistas também eram responsáveis por organizar tipos de eventos relacionado ao catolicismo, pois era a religião oficial do integralismo. No dia de finados,

³⁵⁴ A TRIBUNA. Santos, 23 de dezembro de 1934, p.6.

³⁵⁵ Fernando Nascimento era secretário do jornal *A Tribuna*, e não foi relacionado nenhum vínculo com a AIB de Santos.

³⁵⁶ A TRIBUNA. Santos, 23 de fevereiro de 1935, p.4.

³⁵⁷ POSSAS, Lidia M. V. Mulheres e Viuvez: recuperando fragmentos, reconstruindo papéis. **Seminário Internacional** Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008, p.5. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST7/Lidia_M_V_Possas_07.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2018.

visitavam os túmulos dos familiares e entes queridos. Nesse dia em 1935, as Blusas-Verdes organizaram uma romaria³⁵⁸ junto com os núcleos de Santos, São Vicente e Bocaina³⁵⁹ para visitar os túmulos dos integralistas de Santos. Outras obrigações também faziam parte do cotidiano das mulheres, como a prática do exercício do “terço do Sigma”³⁶⁰ em conjunto nas sedes.

Organizavam missas, algumas com caráter nacionalista, como a homenagem aos militares que morreram no Levante Comunista de 1935. Na noite anterior à missa houve uma sessão pública³⁶¹ com a participação de todos os militantes para prestar uma homenagem à memória dos militares.

Às 8 horas, na igreja de Santos Antonio do Embaré, na praia, os integralistas catholicos de Santos e S. Vicente mandam rezar missa solenne por alma dos officiaes e soldados mortos do cumprimento do dever, convidando, para essa cerimonia, todos os brasileiros que quizerem associar-se a esse preito de gratidão a reverencia.³⁶²

Ainda sobre as questões religiosas, foi possível perceber que a noite de Natal era celebrada em casa com a família e a sessão doutrinária era suspensa.

Na sede de hoje, em que todo mundo festeja o Natal de Christo, não haverá reunião na sede municipal, podendo, assim, os camisas vedes commemorar no recesso dos lares, junto às famílias, esse magno acontecimento para a christandade.³⁶³

Somente era permitido celebrar o Natal em família à noite. Logo pela manhã natalina, os integralistas deveriam ser reunir com os membros da AIB em ações sociais, como a entrega de donativos e brinquedos às famílias desprovidas da região. Toda a ação era organizada pela SNAFP de cada município.

³⁵⁸ A TRIBUNA. Santos, 02 de novembro de 1935, p.2.

³⁵⁹ Bocaina, foi até 1930 um lugarejo à margem do canal de navegação para Bertioga, era uma pacata vila de pescadores. Com a chegada da Base Aérea, foi deslocado para a área do Itapema, onde daria origem ao distrito de Vicente de Carvalho - Guarujá-SP. NOVO MILÊNIO. **Histórias e lendas de Guarujá**. Bocaina: de vila de pescadores a base aérea. 09/01/2008. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh038.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

³⁶⁰ A TRIBUNA. Santos, 27 de junho de 1935, p.3.

³⁶¹ A TRIBUNA. Santos, 25 de novembro de 1936, p.4.

³⁶² A TRIBUNA. Santos, 27 de novembro de 1936, p.8.

³⁶³ A TRIBUNA. Santos, 24 de dezembro de 1936, p.5.

Entretanto, amanhã, às 9 horas, todos deve comparecer à sede, afim de tomar parte na festa que o núcleo promove, sob os auspícios da Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina e Plinianos e, em benefício das crianças pobres da cidade, que receberão agasalhos e brinquedos.³⁶⁴

Vale lembrar que, nessa ação assistencial às crianças carentes, não havia a exigência de que fossem filhos de integralistas como no primeiro evento realizado em 1934.

A arrecadação de prendas para realizarem os eventos beneficentes ocorria através do recolhimento de donativos entregues pelos membros da AIB nas sedes para as Blusas-Verdes. Já no ano de 1936, havia cinco núcleos em funcionamento na cidade, o que sugere uma quantidade significativa de contribuições com vestuários, brinquedos e guloseimas, possibilitando assim que fosse uma ação aberta ao público.

A Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina e Plinianos, prossegue activamente na campanha desencadeada pelo Natal da criança pobre.

Com os donativos recebidos nestes últimos dias, está assegurado o pleno êxito da distribuição de roupas, brinquedos e guloseimas á infância desvalida, este anno.

Na secretaria, todas das noites, encontra-se pessoa autorizada a receber adesões ao piedoso gesto das blusas verdes.³⁶⁵

O controle dos donativos de Natal era feito pela SNAFP na própria sede do Sigma. Com uma semana de antecedência começava a distribuição de cartões numerados, que deveriam ser retirados pelas famílias materialmente carentes. Vale frisar que as mulheres integralistas não eram somente convidadas, mas convocadas a participar dos eventos e campanhas organizadas pela AIB para “auxílio dos pobres”³⁶⁶, e que essa adesão deveria ser espontânea.

A secretaria Municipal de Arregimentação Feminina e Plinianos, communica a todos os interessados que, a partir de segunda –feira próxima, 21 do corrente, da 20 horas em deante, iniciará, na sede municipal, á entrega dos cartões numerados para a distribuição de roupas e brinquedos as crianças pobres, de ambos os sexos.³⁶⁷

³⁶⁴ A TRIBUNA. Santos, 24 de dezembro de 1936, p.5. Cabe mencionar que no mesmo recorte encontrou-se uma informação sobre o núcleo da AIB de São Vicente³⁶⁴, no qual também foi realizado no dia de Natal, no período da tarde, a distribuição de brinquedos as crianças daquele município.

³⁶⁵ A TRIBUNA. Santos, 18 de dezembro de 1936, p.5.

³⁶⁶ SIMÕES, Renata D. **Mulher e Assistência Social na Ação Integralista Brasileira: “Pelo bem do Brasil!”** Grupos de Trabalho, Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro, 2012, p.7. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt03-1623_int.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.

³⁶⁷ A TRIBUNA. Santos, 19 de dezembro de 1936, p.5.

Ainda na linha de celebrações religiosas católicas, em 1937, no Dia de Reis, foi realizada pelas Blusas-Verdes uma homenagem aos jornaleros de Santos. Segundo as tradições católicas, o “Dia de Reis” era uma celebração religiosa. O dia em que os três reis magos levaram presentes a Jesus Cristo é comemorado de formas variadas em diversos países católicos.

No Brasil, é chamado também de “Folia de Reis”, e é uma tradição herdada dos portugueses. Os festejos incluem canções e a visitação às casas dos moradores, recordando a visita dos reis magos. Os foliões são recebidos com comidas e bebidas e saem das casas com doações para os necessitados.

As possíveis explicações para essa festa seriam, conforme a tradição católica, contribuir com donativos aos operários, já que eles são considerados como humildes pela própria AIB. No entanto, em nenhum momento foram citadas doações, mas sim a homenagem aos trabalhadores. Parece claro que o evento seria para angariar mais simpatizantes e possíveis novos adeptos para as fileiras do Sigma.

Festa de Reis dos Jornaleiros

Vendedores de Jornaes

Como vimos noticiando realiza-se hoje a festa dos jornaleros, promovida pela Acção Integralista Brasileira, que por intermédio da Secretaria de Arregimentação Feminina, homenageará aqueles pequenos e humildes trabalhadores. Todos os jornaleros que disponham de tempo dentro das 15 ás 16 horas, devem comparecer á sede, á rua do Commércio nº9.

Outrossim, estão convocadas todas as integralistas para comparecer à sede, as 14 horas em ponto, de Blusa Verde.³⁶⁸

A homenagem aos jornaleros possibilitou a identificação da brevidade do evento, que durou apenas uma hora e foi a única homenagem encontrada com essa temática aqui na cidade. Vale frisar a AIB realizava festas e homenagens em datas cívicas e nos feriados integralistas³⁶⁹.

A SNAFP era o órgão responsável, segundo as normas do Sigma, pela doutrinação das mulheres e da juventude do movimento. Sobre o Departamento da Juventude Integralista de Santos, esse foi fundado oficialmente em 1935: “[...] haverá uma concentração geral de

³⁶⁸ A TRIBUNA. Santos, 06 de janeiro de 1937, p.2.

³⁶⁹ Vigília da Nação: 28 de fevereiro, para comemorar o I Congresso Integralista, em Vitória em 1934. Matinas de Abril: 23 de abril, para homenagear o primeiro desfile da AIB em São Paulo em 1933. A Noite dos Tambores Silenciosos: 07 de outubro, para comemorar o Manifesto de Outubro, em 1932 – data fundação da AIB.

todos os incriptos de Santos e do Departamento Feminino, os quaes prestarão juramento, sendo fundado definitivamente o Departamento da Juventude Integralista”³⁷⁰.

Esse Departamento era composto por jovens e crianças que faziam parte do movimento e eram chamados de plinianos. A idade mínima permitida era de 4 anos e a máxima de 15, e tanto meninos quanto meninas podiam pertencer aos quadros. A missão dos plinianos era: “reunir, disciplinar e educar, através da escola ativa, todos os brasileiros, de ambos os sexos, até quinze anos de idade, de modo a realizar o seu aperfeiçoamento moral, cívico, intelectual e físico”³⁷¹.

A atuação do Departamento da Juventude não foi mencionada na imprensa, apenas houve informações sobre o Departamento “Universitário” da Juventude Integralista (citado no primeiro capítulo), que indica ser de jovens universitários, ou seja, já possuíam mais de 15 anos, portanto, não eram mais considerados plinianos, não sendo possível afirmar se o mesmo era regido pela da SNAFP.

A primeira notícia encontrada sobre os “exercícios de cultura physica”³⁷² foi do final de 1935, lembrando que as mulheres integralistas eram responsáveis pelo funcionamento e organização da Divisão de Cultura Física, que tinha como intenções principais:

“[...] desenvolver na mulher o gosto pelos esportes”; “ensinar natação, tênis, equitação, tiro ao alvo, basquetebol, atletismo etc”; “manter aulas de ginástica; assistir à juventude no seu desenvolvimento físico, moral e intelectual, valendo-se, para esse fim, do departamento correspondente”; e, por fim, “apresentar quinzenalmente, ao chefe da divisão um relatório de suas atividades”³⁷³.

O integralismo incentivava a atividade física para todos os seus militantes desde que estivessem aptos para a prática, ou seja, independente do gênero, todos deveriam participar dos exercícios físicos a fim de evitar doenças e ter mais disposição. Percebe-se que as mulheres eram incentivadas a praticar exercícios em benefício da saúde e pela questão de higiene, ou seja, o discurso e prática médica³⁷⁴ voltados ao público feminino da época estava presente no pensamento integralista.

³⁷⁰ A TRIBUNA. Santos, 06 de setembro de 1936, p.3.

³⁷¹ PALHARES, Lenir. **Educação Integral para o Homem Integral**: As escolas integralistas em Minas Gerais (1932-1937). Dissertação (Mestrado em Educação), UFMG, Belo Horizonte, 2016, p.74.

³⁷² A TRIBUNA. Santos, 07 de novembro de 1935, p.3.

³⁷³ SIMÕES, Renata D. A Educação Física para mulheres inscritas nas fileiras integralistas da década de 1930. **Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação**. Aracaju, 2008, p.6. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/721.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

³⁷⁴ Sobre o discurso médico ver: MATOS, Maria Izilda Santos de. **Âncora de emoções**: corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru: Edusc, 2005.

A atividade física, considerada o equilíbrio da saúde pela Divisão de Cultura Física, era amplamente recomendada à mulher integralista como meio de evitar doenças e tornar a vida da militante mais ativa. Praticando exercícios estaria a mulher evitando “os tipos pálidos, anêmicos, raquíticos; as faces olhando com profundas olheiras; as fisionomias cansadas, os peitos ofegantes, a fraqueza geral; o perfume desagradável produzido pela decomposição precipitada das excreções excessivas”, porque a atividade física “[...] é, antes de tudo eugenia, higiene, saúde”.³⁷⁵

Além de todos os benefícios à saúde física, a prática de exercícios ajudaria a saúde mental, pois influenciaria o aperfeiçoamento das qualidades morais da mulher. Seria o ponto culminante da finalidade do exercício a têmpera do seu caráter, o espírito de iniciativa, a confiança, a decisão, a firmeza e o bom humor³⁷⁶.

A Secretaria de Educação Física funcionava na sede central, ou seja, no mesmo local em que se encontrava a SNAFP. Isso servia para facilitar o controle e a frequência dos praticantes, já que era uma exigência do integralismo a prática e os relatórios de avaliação física. Em 1936, foram encontradas dez notícias sobre o corpo de “Athletas do Sigma”³⁷⁷. Esse número de notícias sugere que havia a frequência dos seus membros.

Logo após a oficialização do corpo de atletas, em meados de junho de 1936, foi divulgada uma notícia sobre a uniformização do corpo de atletas do Sigma de Santos. A partir daí, exigia-se o comparecimento uniformizado para as aulas de Educação Física. “As 20 horas de hoje, haverá mais uma reunião, promovida pela Secretaria Municipal de Educação, devendo comparecer todos, munidos do seu uniforme de gymnastica”³⁷⁸

Cabe mencionar que o plano educacional da Era Vargas, que contou com o apoio de militares, intelectuais e políticos, incluía o mesmo pensamento em relação à Educação Física, com intuito de educar os cidadãos e aperfeiçoar os corpos para torná-los saudáveis e aptos a enfrentar os desafios da modernidade. Os educadores da área enxergavam os esportes como importantes colaboradores na construção do projeto nacional de engrandecimento da Pátria e fortalecimento do povo brasileiro³⁷⁹.

³⁷⁵ SIMÕES, Renata D. A Educação Física para mulheres inscritas nas fileiras integralistas da década de 1930. **Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação**. Aracaju, 2008, p.6. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/721.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

³⁷⁶ Ibidem, p.6.

³⁷⁷ Termo encontrado nos recortes de jornal pesquisado.

³⁷⁸ A TRIBUNA. Santos, 22 de dezembro de 1936, p.9.

³⁷⁹ SIMÕES, Renata D. A Escola Technica de Instructores da Ação Integralista Brasileira: Educação Física a serviço da nação. **Anais do XIX Encontro Regional de História**. Juiz de Fora, 28 a 31 de Julho de 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1401077018_ARQUIVO_A_ESCOLATECHNICADEINSTRUCTORESDAACAOINTEGRALISTABRASILEIRA.pdf>.

As aulas de educação física eram divididas por gênero, pois apesar do incentivo à prática, a mulher não deveria masculinizar o corpo, portanto, os exercícios deveriam ser específicos para o público feminino. Havia uma preocupação integralista com os corpos das militantes para que não se tornassem largos os troncos e sem cinturas, que não se fizessem fortes em exagero os braços e pernas das Blusas-Verdes³⁸⁰.

Os planos de aula³⁸¹ eram montados conforme o gênero: se baseavam na teoria da complementariedade, que compreendia que as diferenças biológicas entre mulheres e homens eram necessárias, estimulando o discurso na divisão de papéis sociais entre os gêneros. Outro ponto culminante era a preocupação com a função maternal: as mulheres não deveriam praticar exercícios durante o período menstrual e nem durante a gravidez, e deveriam repousar nas duas condições. A escolha dos exercícios era bem estudada pelos educadores para que a atividade física não impossibilitasse a maternidade. O integralismo enxergava a maternidade como uma função natural e instintiva da mulher, ou seja, estava no íntimo a obrigação da procriação e do instinto maternal.

Por serem profundas as diferenças entre homens e mulheres do ponto de vista funcional, as atividades direcionadas a cada sexo também devem ser diferentes. Dotada de uma delicadeza nata, a mulher precisa de exercícios que atendam e respeitem certas contingências fisiológicas as quais está sujeita. Acrescenta, ainda, que a mulher tem a missão de procriar e que os exercícios devem ser bem escolhidos afim de não atrapalhar essa função.³⁸²

Apesar dos poucos estudos historiográficos sobre a educação dos corpos³⁸³ nas fileiras integralistas, pode-se perceber que a finalidade da educação física para o Sigma era disciplinar os quadros integralistas e militarizar seus membros para torná-los “soldados” obstinados a defender a Pátria, ou melhor, obstinados a defender os ideais integralistas³⁸⁴.

³⁸⁰ SIMÕES, Renata D. A Educação Física para mulheres inscritas nas fileiras integralistas da década de 1930. **Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação**. Aracaju, 2008, p.8. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/721.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

³⁸¹ Atualmente algumas escolas ainda fazem a divisão por gênero nas aulas de Educação Física, alegando que as habilidades femininas e masculinas são diferentes, além da força física.

³⁸² SIMÕES, op. cit., p.6.

³⁸³ Sobre a Educação Física nas fileiras integralista, ver: Idem. A Escola Technica de Instructores da Ação Integralista Brasileira: Educação Física a serviço da nação. **Anais do XIX Encontro Regional de História**. Juiz de Fora, 28 a 31 de julho de 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1401077018_ARQUIVO_AESCOLATECHNICADEINSTRUCTORES DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA.pdf>. Idem; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 26, n.º 2, abr.-jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-5509201200200009>.

³⁸⁴ SIMÕES, op. cit., 2008, p.10.

Percebe-se que mulheres e homens integralistas de Santos cumpriram as ordens estabelecidas pela doutrina integralista, realizando a prática de exercícios, cuidando da saúde física e mental dos seus membros.

Foi possível perceber que o núcleo feminino integralista de Santos atuou em diversos segmentos sociais e políticos da cidade, como bandeiras, assistencialismo, organização de eventos oficiais e não oficiais, na prática de exercícios físicos, promoveram medidas de medicina preventiva com a vacinação em crianças. Essas ações registradas no jornal *A Tribuna*, sugerem que as Blusas-Verdes participaram de locais de vivência de cunho masculino, tornaram-se visíveis no cotidiano da cidade e do movimento, portanto, ressignificaram o espaço público e a política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática desta pesquisa buscou depreender quais foram as esferas de atuação das mulheres integralistas da cidade de Santos entre 1932 e 1937. A pesquisa permitiu compreender como o integralismo reforçava padrões tradicionais femininos vinculados ao privado e à família (deveres domésticos como mãe, esposa e dona-de-casa), mantendo o perfil desejado de dedicação e de candura, possibilitando ações políticas nos setores da educação e assistencialismo considerados adequados à feminilidade. Dessa forma, o integralismo apregoava a manutenção da posição subalterna das mulheres aos homens e às regras da AIB. No entanto, essas normas e condutas nem sempre foram cumpridas, e muitas mulheres foram além daquilo que o integralismo sugeria na sua formação política e constitucional - ou seja, quebraram as amarras patriarcais que o Sigma buscava direcionar às militantes.

Para o integralismo, o feminismo era visto como agente desagregador das famílias e, por isso, era relegado pela AIB, sendo proibido pelo movimento. Os padrões integralistas de feminilidade eram embasados nos ideais de uma nação culta; logo, as mulheres deveriam se alimentar intelectualmente para que se tornassem úteis ao país e ocupassem posições de destaque. Assim sendo, o magistério e a enfermagem eram as profissões que mais se adequavam ao perfil da mulher idealizada pelo integralismo, e se constituíram nos dois pilares mais importantes de sua atuação, respeitando a ordem familiar e o catolicismo como fundamentos para a construção da Nação.

Na análise realizada, tendo em vista as práticas e experiências das mulheres na sociedade brasileira no início do século XX, evidenciou-se que neste momento estava presente um processo de politização dos direitos femininos. No que se refere à AIB, objeto dessa pesquisa, as militantes tiveram um lugar político, participando de várias atividades: desfiles, missas, sessões solenes, assistencialismo, alfabetização de jovens e adultos, medicina preventiva e Bandeiras.

Por meio da análise nas fontes, sobretudo, no jornal *A Tribuna*, verificou-se que a presença feminina no integralismo não se limitou apenas a noticiar os deveres da mulher no aconchego de seu lar, mas também apresentava as ações dessas mulheres na sede do Departamento Feminino de Santos. Os anúncios do periódico também evidenciaram que as mulheres marcaram presença nas conferências doutrinárias, comícios e sessões consideradas solenes, que contavam com a presença dos Chefes Integralistas. A imagem da presença da militância feminina foi rastreada na dissertação. Portanto, evidencia que a mulher participava das fileiras do Sigma e do núcleo da AIB em Santos. Algumas mulheres aproveitaram as

“brechas” no condicionamento previsto pelo regimento interno e souberam aproveitar os momentos de reuniões públicas, dos cursos ministrados e das conferências doutrinárias para buscar espaço político de ação, expressão e fala. Dessa forma, a revisão historiográfica recente sobre as mulheres integralistas em conexão com essa pesquisa sinaliza que as Blusas-Verdes estiveram atentas às oportunidades, inserindo-se politicamente no interior do movimento, e seguiram o mesmo caminho de militantes de outras cidades marcando presença pública e política no núcleo santista.

A expansão da AIB contou com a ação em suas fileiras da militância das mulheres que desempenharam papéis fundamentais para o desenvolvimento do partido, ampliando o número de militantes e de votos da AIB. As ações filantrópicas, sejam como enfermeiras, como professoras e bandeirantes, sobretudo na campanha de vacinação de varíola e na alfabetização de crianças, jovens e adultos, que visava primeiramente a campanha eleitoral municipal e, posteriormente, a presidencial, lembrando que era responsabilidade da militante alfabetizar pelo menos um possível eleitor para a AIB.

Muitas questões surgiram durante a elaboração dessa dissertação, algumas puderam ser respondidas ao longo do trabalho, principalmente no que diz respeito aos papéis atribuídos às mulheres integralistas santistas e à sua função essencial no movimento integralista, que despontaram como agentes políticos. Contudo, cabe aprofundar outros estudos sobre as funções e ações em um reduto tradicionalmente masculino - o mundo político.

Esta dissertação buscou contribuir para a reconfiguração histórica das relações de gênero dentro da Ação Integralista Brasileira. Destaca-se que este trabalho acabou por coletar um acervo documental considerável, o que certamente levará à continuidade desta pesquisa, visando contribuir mais para a revisão historiográfica da temática. Contudo, reforça-se a necessidade de novos estudos para desvendar as lacunas sobre o integralismo em Santos, a participação política das mulheres na cidade e no integralismo. Assim, espera-se que essa pesquisa estimule novos pesquisadores a observar o protagonismo político feminino no passado histórico e nas ações presentes.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Fúlvio. **A revoada dos galinhas verdes**. São Paulo: Venete, 2014.

AGUIAR, Maria Aparecida Ferreira de Aguiar; JUNQUEIRA, Luciano Antônio Prates; FREDDO, Antônio Carlos de Moura. O Sindicato dos Estivadores do Porto de Santos e o processo de modernização portuária. **RAP** - Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro, v. 40, n.º. 6, nov./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n6/04.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

ALVES, Alexandre. A imprensa na cidade de Santos: 1849-1930. **Projeto História**. São Paulo, n.º. 35, dez. 2007.

AVELAR, Lúcia. **Mulheres na elite política brasileira**. Fundação Konrad Adenauer. São Paulo: Unesp, 2001.

_____; CINTA, Antônio Octávio. **Sistema político brasileiro: uma introdução**. Fundação Konrad Adenauer Stiftung. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

BARROS, José D'Assunção. A História Cultural Francesa – Caminhos de Investigação. **Fênix** - Revista de História e Estudos Culturais. Belo Horizonte, v. 2, Ano II, 2005.

BORELLI, Andrea; MATOS, Maria Izilda S. de. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Casamento, Sacramento ou contrato civil? Considerações sobre a questão do casamento civil no Brasil (1830-1950). **Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História**. Campinas, ANPUH/SP-UNICAMP, 2004.

BULHÕES, Tatiana da Silva. Imagens a serviço da propaganda da ação integralista brasileira. In: CRUZ, Natália dos Reis (Org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

_____. Integralismo em foco: Imagens e propaganda política. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

CALEFFI, Anderson Manoel. **A educação na Primeira República na Cidade de Santos**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Projetos de Mulher. A Educação Feminina na Família Integralista. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos**. Florianópolis, 28, 29 e 30 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Marcia_Regina_da_Silva_Ramos_Carneiro_38_B.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2018.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: Edusc, 1999.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A Enciclopédia do Integralismo: lugar de memória a apropriação do passado**. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais), FGV-CPDOC, Rio de Janeiro, 2010.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do Historiador: conversas sobre História e Imprensa. **Projeto História**. São Paulo, v. 35, 2007.

D'ALKMIN, Sônia Maria. A Conquista do voto feminino no Brasil. **Intertemas**. Presidente Prudente, v. 2, n.º. 2, 2006. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1219/1163>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

DOTTA, Renato Alencar. Acção: A Lenta Agonia de um Jornal Integralista (1937-1938). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, nº. 49, 2003, p.151-172. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-0142003000300010&script=sci_arttext>.

_____. **Imprensa feminina e feminista no Brasil - Século XIX**. Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os primeiros anos da Ação Integralista Brasileira (AIB): da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) ao I Congresso Nacional da AIB. In: VICTOR, Rogério Lustosa (Org.). **À Direita da Direita**: estudos sobre o extremismo político no Brasil. Goiânia: PUC-Goiás, 2011.

FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os Censos? **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 23, nº. 81, p.21-47, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13930.pdf>>.

FERREIRA, Helisangela Maria Andrade. Mulheres Integralistas de Pernambuco: Por uma participação política possível. **Anais do 13º. Congresso Mundos de Mulheres/ Seminário Internacional Fazendo Gênero 11**. Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.wvc2017.eventos.dype.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=177>. Acesso em: 11 jul. 2018.

FIORUCCI, Rodolfo. **A Trajetória da Revista Anauê! (1935-1937): O Jornalismo Partidário e Ilustrado da Ação Integralista Brasileira - A “Netinha” que Não Cresceu**. Tese (Doutorado em História), UFG, Goiânia, 2014.

FRANCO, Maria Aparecida P. Santos, cidade das carroças (fim do século XIX). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH**. São Paulo, julho 2011, p.1. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300868183_ARQUIVO_ARTIGO"CARROCAS"FINALC.F.22MAR2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300868183_ARQUIVO_ARTIGO)>. Acesso em: 20 maio 2018.

_____. **Mulheres e prática de caridade em Santos**. Santos: Leopoldianum, 1997.

GITAHY, Maria Lucia Caira. **Ventos do Mar**: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge. Maria Lacerda de Moura - Uma Anarquista Individualista Brasileira. **Revista Utopia**. S.l., n.º. 9, s/d. Disponível em: <<http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/09marialacerda.htm>>.

GONÇALVES, Adeldo. **Barcelona Brasileira**. São Paulo: Publisher Brasil, 2002.

GONÇALVES, Alcindo. **Lutas e sonhos: cultura e hegemonia progressista em Santos (1945-1962)**. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011.

_____; SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: Os múltiplos campos de atuação da mulher militantes integralista. In: CRUZ, Natalia dos Reis (Org.). **Ideias e Práticas Fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

_____. Literatura e política: o discurso nacionalista de Plínio Salgado em *O estrangeiro*. **CES Revista**. Juiz de Fora, v. 23, 2009. Disponível em: <https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2009/LETR2009_literatura_politica.pdf>.

_____. Estado, história e revolução na propaganda integralista de 1932 a 1937. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Vol. 2. Guaíba: Sob Medida, 2012.

HAHNER, June E. Honra e Distinção das Famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

HEINZ, Flávio M. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HUNT, Lynn. Revolução Francesa e a vida privada. In: PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada**. Vol. 4 - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

IORIO, Rafael Mario Filho Análise do discurso de Bologna de Benito Mussolini: O corpo político fascista. **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC** - Tessituras,

Interações, Convergências. São Paulo, USP, 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/011/RAFAEL_IORIO.pdf>.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. **Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância (1987-2003)**. São Paulo: UNESP, 2006.

KARAWAJCZYK, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 40, nº. 1, p.64-84, jan.-jun. 2014.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Uma cidade na transição - Santos: 1870-1913**. São Paulo, Santos: Hucitec, 1996.

LOPES, Daniel Henrique. **As experiências femininas na AIB, 1932-1938**. Revendo o Passado - Gênero e Representações. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Unesp, Marília, 2007.

LULA, Vera Lúcia da Mata. **Nísia Floresta: uma brasileira à frente de seu tempo**. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/pro_curso_sup03.html>. Acesso em: 11 jan. 2018.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Coleção O Brasil Republicano - Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. In: SEVECENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. República: Da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MANCILHA, Virginia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da Revista Brasil Feminino e da participação no movimento do Sigma (1932-1937). In:

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. O Integralismo na trajetória do historiador paranaense Brasil Pinheiro Machado na década de 30. **Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo** / III Simpósio do LAHPS - Ideias e Experiências Autoritárias no Brasil Contemporâneo. Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/lahps/files/2010/11/Anais_do_III_Simp%3%B3sio_do_Laborat%3%B3rio_de_Hist%3%B3ria_Pol%3%A4tica_e_Social.pdf>.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Âncora de Emoções**. São Paulo: Edusc, 2005.

_____. História, memória e cotidiano privado: o feminino e o masculino no porto do café (1890-1930). Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0212.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

_____. Imprensa e luta pela educação feminina: propostas e debates (fim do século XIX e início do XX). In: BARREIRA, Luiz Carlos; PEREIRA, Maria Aparecida F. (Orgs.). **Mulher: leitora, autora, formadora**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2017.

_____. **Por uma História da Mulher**. Bauru: Edusc, 2000.

_____. Propostas e lutas pela educação feminina: entre mães e operárias. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 42, n.º 1, p.352-371, jan.-abr. 2016.

_____. Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho. Bauru: Edusc, 2014, p.49.

_____. Delineando corpos - As representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

_____. História das Mulheres e das Relações de Gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectiva. **Mandrágora**. São Paulo, v. 19, n.º 19, 2013.

MAZZOCO, Maria Inês Dias. **Santos a Jundiaí: nos trilhos do café com a São Paulo Railway**. São Paulo: Magma Editora Cultural, 2005.

MELLO, Gisele Homem de. A Modernização de Santos no final do século XIX. **Cadernos CERU**. São Paulo, nº. 18, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ceru/article/viewFile/11835/13612>>. Acesso em: 11 maio 2018.

OLIVEIRA, Alexandre Luís de; ALCANTARA, Priscila Musquim. O Jornal A Marcha e a estruturação da AIB em Petrópolis. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011.

PADRO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena. Participação Feminina no debate público brasileiro. In: PINKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

PALHARES, Lenir. Educação Integral para o Homem Integral: As escolas integralistas em Minas Gerais (1932-1937). Dissertação (Mestrado em Educação), UFMG, Belo Horizonte, 2016.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PIMENTA, Everton Fernando. Apontamentos sobre a presença da AIB em Barbacena-MG 1934-1938. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis, Anpuh, jul. 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427125417_ARQUIVO_Anpuh_Everton_Pimenta_texto_final_enviado.pdf>.

PINSKY, Carla Bassanezi. A Era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

POSSAS, Lidia Maria V. Mulheres e Viuvez: recuperando fragmentos, reconstruindo papéis. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST7/Lidia_M_V_Possas_07.pdf>.

_____. As cartas femininas: relações de gênero na escrita das “blusas-verdes”. **Anais do XVII Encontro Regional de História - O lugar da História**. Campinas, ANPUH/SP-UNICAMP, 6 a 10 de setembro de 2004. Disponível em: <anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20VII/Lidia%20Maria%20Vianna%20Possas.pdf>.

_____. Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

_____. As Blusas-verdes e as Marchadeiras. Movimentos de Mulheres e de Participação Política nos anos 30 e 60. **Revista Nuevas Tendencias en Antropología**. Universidad Miguel Hernández de Elche - Espanha, nº. 3, 2012.

_____. O integralismo e a mulher. In: DOTTA, Renato; POSSAS, Lídia Maria Vianna; CAVARALI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: Novos Estudos e Reinterpretações**. Arquivo Público do Município de Rio Claro, 2004.

RAGO, Margareth. Relações de Gênero e Classe Operária no Brasil: 1890-1930. In: HILDETE, P. M. (Org.). **Olhares Feministas**. Brasília: Ministério da Educação, Unesco, 2009.

RAMOS, Alexandre Pinheiro. **O Integralismo entre a Família e o Estado: uma análise dos integralismos de Plínio Salgado e Miguel Reale (1932-1937)**. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

REIS, Natália. A ideologia do Sigma hoje. Neointegralismo, intolerância e memória. **História: Questões & Debates**. Curitiba, nº. 46, p.113-138, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/11328/7893>>.

RESENDE, Deborah Kopke. Maternidade: Uma construção histórica e social. **Pretextos** Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas. Belo Horizonte, v. 2, nº. 4, jul./dez. 2017.

RODRIGUES, Oloa. **Veja Santos**. Santos: Gráfica de A Tribuna, 1975.

SALGADO, Plínio. **A Mulher do século XX**. São Paulo: Guanumby, 1949.

SARTI, Ingrid. **Porto Vermelho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**. São Paulo: Unesp, 1996.

SILVA, Fernando Teixeira da. **Operários sem Patrões: Os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras**. Campinas: Unicamp, 2003.

SILVA, Lígia Osório. **Terras devolutas e latifúndio: efeitos da Lei de Terras de 1850**. Tese (Doutorado em História), Unicamp, São Paulo, 1996.

SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, nº. 50, p.61-95, 2005.

SIMÕES, Renata D. Ação Integralista Brasileira: educando mulheres para as funções de professora e mãe de família. **Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação - A educação e seus sujeitos na História**. Goiânia: Ed. da UCG; Ed. Vieira, 2006.

_____. A Educação Física para mulheres inscritas nas fileiras integralistas da década de 1930. **Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação**. Aracaju, 2008. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/721.pdf>>.

_____. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo, 2011.

_____. **Mulher e Assistência Social na Ação Integralista Brasileira:** “Pelo bem do Brasil!” Grupos de Trabalho, Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro, 2012, p.7. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt03-1623_int.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.

_____. A Enfermagem e a mulher na Ação Integralista Brasileira – “Pelo Bem do Brasil”. In: GONÇALVES, Leandro; SIMÕES, Renata D. (Org.). **Entre tipos e recortes:** história da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2012.

_____; SIMÕES, Ricardo D.; SILVA, Ticiania R. da. Mulheres integralistas: enfermeiras “blusas-verdes” a serviço da nação. **Texto & Contexto** – Enfermagem. Florianópolis, v. 21, n.º. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n1/a16v21n1>>.

_____. A Escola Técnica de Instructores da Ação Integralista Brasileira: Educação Física a serviço da nação. **Anais do XIX Encontro Regional de História.** Juiz de Fora, 28 a 31 de julho de 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1401077018_ARQUIVO_AESCOLATECHNICAEINSTRUCTORES DA ACAO INTEGRALISTABRASILEIRA.pdf>.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, n.º. 15, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a07>>.

_____. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História:** ensaio e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____. Movimento de Mulheres. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2012.

_____; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, ANPUH, v. 27, n.º. 54, 2007.

TAVARES, Rodrigo Rodrigues. **O porto vermelho:** a maré revolucionária (1930-1951). Coleção Inventário DEOPS. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial - SP (IMESP), 2001.

TRINDADE, Hélió. **Integralismo**. O fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difel, 1979.

VENTURA, Magda Fernandes Garcia. **Mulheres Educadoras na Presidência da Associação Feminina Santista** (década de 1930). Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica de Santos, UNISANTOS, Santos, 2016.

VIERA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 2007.

VIERA, Marina Tucunduva B. Porto. **O asilo de órfãos na engrenagem da cidade** (1908-1931). Novas Edições Acadêmicas, 2015.

_____. O asilo de órfãos de Santos e a Revolução Constitucionalista de 1932. **Anais do Colubhe 2012** – IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://colubhe2012.ie.ulisboa.pt/>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

VILHENA, Valéria Cristina. **Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg** (1891-1940). Tese (Doutorado em Educação, Arte e História Cultural), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

WILLIAMS, Sergio. **Primeiro Censo de Santos completa 250 anos**. 28/07/2015. Disponível em: <<http://memoriasantista.com.br/?p=1082>>. Acesso em: 24 maio 2018.

_____. **Santos possuiu a primeira e única Constituição Municipal do Brasil**. 10/11/2015. Disponível em: <<http://memoriasantista.com.br/?p=1284>>.

FONTES

Internet

ABPF. Associação Brasileira de Preservação Ferroviária. **Ferrovias**. Disponível em: <www.abpfp.com.br>. Acesso em: 29 abr. 2018.

ANPUH. Associação Nacional de História. GT História dos Partidos e Movimentos de Direita. Disponível em: <http://www.anpuh.org/gt/view?ID_GT=20>.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Legislação Informatizada** - Decreto nº 1.759, de 26 de Abril de 1856 - Publicação Original. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1759-26-abril-1856-571236-publicacaooriginal-94323-pe.html>>.

Acesso em: 10 maio 2018.

BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento do Brasil em 1872**. 1872. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2018.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Legislação Informatizada** - Decreto nº 9.979, de 12 de julho de 1888 - Publicação Original. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-9979-12-julho-1888-542680-publicacaooriginal-51939-pe.html>>.

Acesso em: 20 maio 2018.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>>.

CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL. **1º de Maio**. Sua origem, seu significado, suas lutas – capítulos 5 e 6. 30/05/2017. Disponível em: <<http://memoriasindical.com.br/formacao-e-debate/1o-de-maio-sua-origem-seu-significado-suas-lutas-capitulos-5-e-6>>. Acesso em: 27 maio 2018.

CNPq. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Bertha Lutz** (1894 - 1976) - Bióloga e Ativista Feminista. Disponível em: <http://memoria.cnpq.br/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/902173;jsessionid=D1B28C4FBDEB2CCB8A9DCBE5BE005156?p_p_state=pop_up&_56_INSTANCE_a6MO_viewMode=print>. Acesso em: 08 fev. 2018.

FGV. Fundação Getúlio Vargas. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br>>.

FGV. Fundação Getúlio Vargas. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República**. Campos, Mirtes. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CAMPOS,%20Mirtes.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2018.

FGV. Fundação Getúlio Vargas. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República**. Moura, Maria. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MOURA,%20Maria.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2018.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Banco de dados sobre o trabalho das mulheres. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/bdmulheres>>.

GEINT. Grupo de Estudos sobre Integralismo. Disponível em: <<http://www.geint01.xpg.com.br>>.

IHGS. Instituto Histórico e Geográfico de Santos. **Sobre o IHGS**. Disponível em: <<http://www.ihgs.com.br/about.html>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

IHGS. Instituto Histórico e Geográfico de Santos. **Silvério Fontes**. Disponível em: <<http://www.ihgs.com.br/cadeiras/patronos/silveriofontes.html>>. Acesso em: 27 maio 2018.

MEMÓRIA DE SANTOS. Disponível em: <<http://www.memoriadesantos.com.br/post/cleobulo-amazonas-duarte-180>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

MEMÓRIA SANJOANENSE. **Stela Rosa Sguasabia**. Disponível em: <<http://www.memoriasanjoanense.com/stela-rosa-sguassabia-biografia/#.WkzI0t-nHIU>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

MIA. Marxists Internet Archive. **Dicionário Político**. Oswaldo Pacheco da Silva. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/silva_oswaldo.htm>. Acesso em: 18 jun. 2018.

NOVO MILÊNIO. **Rua Professora Zeny Goulart**. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/baixada/vias/1z003.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

NOVO MILÊNIO. **Histórias e lendas de Santos**. Guaiaó, Guaíbe e Enguaguaçu. 09/08/2000. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0012.htm>>. Acesso em: 17 maio 2018.

NOVO MILÊNIO. **Santos de Antigamente** - Primeiro navio no porto santista, em 1892. 19/06/2004. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos158.htm>>. Acesso em: 21 maio 2018.

NOVO MILÊNIO. **Histórias e lendas de Santos** - Autonomia. A volta da autonomia... em 1936 (4). 06/05/2005. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0285e4.htm>>.

NOVO MILÊNIO. **Histórias e Lendas de Santos** - 1932. Os santistas na Revolução de 1932 (I). 20/05/2005. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186a.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

NOVO MILÊNIO. **Histórias e Lendas de Santos** - Hotel. Histórias do antigo Parque Balneário (1). 13/10/2006. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0183a.htm>>.

NOVO MILÊNIO. **Histórias e Lendas de Santos** - Estiva X Franco. Navio de Jorge Amado viaja no tempo (2). 24/06/2007. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0362b.htm>>. Acesso em: 29 maio 2018.

NOVO MILÊNIO. **Histórias e lendas de Guarujá**. Bocaina: de vila de pescadores a base aérea. 09/01/2008. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh038.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

NOVO MILÊNIO. **Histórias e Lendas de Santos** - Nos tempos das rótulas e das baetas. 20/09/2008. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0354.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

NOVO MILÊNIO. **A campanha sanitária de Santos e a Malária**. 13/01/2011. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0353.htm>>. Acesso em: 04 maio 2018.

NOVO MILÊNIO. **Histórias e Lendas de Santos** - Os Dirigentes. Aristides Bastos Machado. 15/07/2011. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/poli1932.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

NOVO MILÊNIO. **Benedito Calixto**. 07/07/2013. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/calixtnm.htm>>. Acesso em: 25 maio 2018.

NOVO MILÊNIO. **Histórias e lendas de Santos** - Ensino. A educação... e as antigas escolas (4b-1). 20/08/2013. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0250d2a.htm>>.

NOVO MILÊNIO. **Histórias e lendas de Santos**. 13/08/2016. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/lendasnm.htm>>. Acesso em: 24 maio 2018.

REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. Florianópolis, **Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-026X&lng=pt&nrm=iso>.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **O voto feminino**. 13/08/2002. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=262455>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

UNESP. Cultura & Gênero. Grupo de Pesquisa CNPq. Disponível em: <<http://culturaegenero.wordpress.com>>.

UNICAMP. SBU - Sistema de Bibliotecas da UNICAMP. Base ACERVUS. Disponível em: <<http://acervus.unicamp.br>>.

WIKIPÉDIA. A Enciclopédia livre. **Sistema A Tribuna de Comunicação**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_A_Tribuna_de_Comunica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 03 jan. 2018.

Hemeroteca de Santos “Roldão Mendes”

- A TRIBUNA. Santos, 1932.
- A TRIBUNA. Santos, 1933.
- A TRIBUNA. Santos, 1934.
- A TRIBUNA. Santos, 1935.
- A TRIBUNA. Santos, 1936.
- A TRIBUNA. Santos, 1937.

Arquivo Edgard Leuenroth, Universidade de Campinas (UNICAMP)

- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, ed. 35, 1937.
- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, ed. 36, 1937.

Arquivo Delfos, Universidade Pontifícia do Rio Grande do Sul (PUC-RS)

- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, ed. 37, 1937.
- BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro, ed. 38, 1937.
- ANAUÊ! Rio de Janeiro, 22 edições, de 1935 a 1937.

Centro de Documentação da Baixada Santista da Unisantos (CDBS-UNISANTOS)

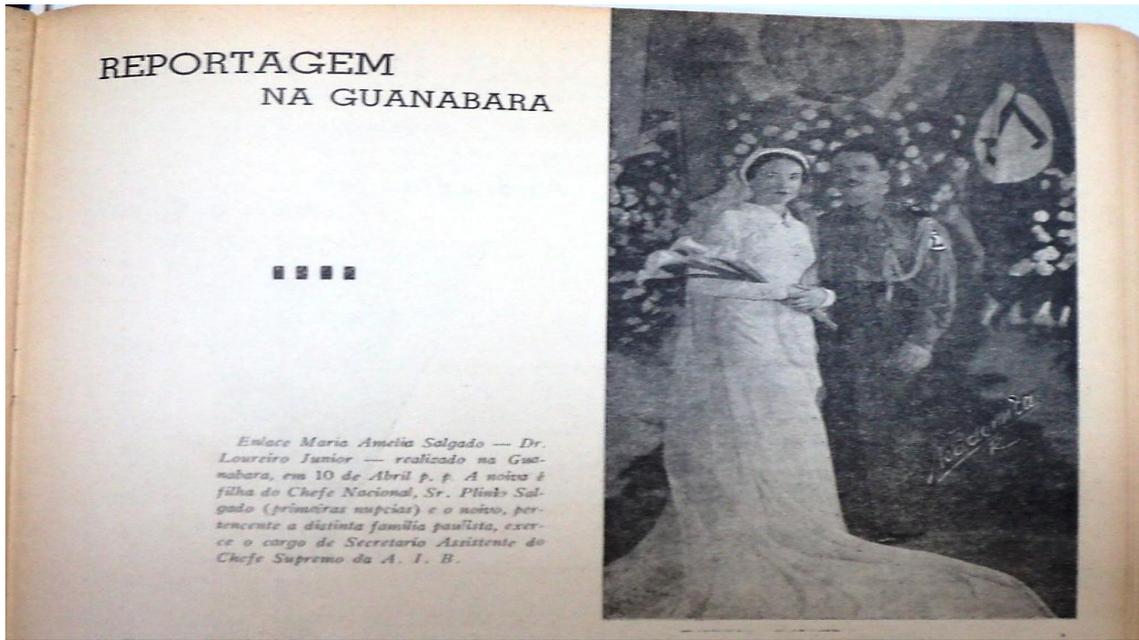
- O MUNDO ILUSTRADO. Rio de Janeiro, ed. 75, 1954.

Arquivo Público de Rio Claro - SP

- Inventário de toda a documentação sobre o Integralismo.

ANEXOS

Estas imagens foram representadas na Imprensa Integralista – Revista *Anauê!* e Revista *Brasil Feminino* – e no livro “Dos papéis do Plínio. Contribuições do Arquivo de Rio Claro para a Historiografia Brasileira”, organizado por Maria Tereza Arruda e Renato Alencar Dotta (Oca Editora, 2013).



Imagens enviadas pelos militantes para a imprensa integralista.



Imagens de escolas integralistas.



Imagens de Lactários Integralistas.



Imagens do assistencialismo realizado pelas mulheres integralistas.

60

“ANAUE!” — Julho de 1937

A Divisão de Cultura Physica

Do Departamento
Nacional Feminino





Dra. Irene de Freitas Henriques, Secretária Nacional de Arregimentação Feminina e Pliniana, que, pelo brilho de sua inteligência, pela sua capacidade de organização e direcção e pelas suas peregrinas virtudes se impoz ao respeito e á amizade de todos os "camisaz verdes".

Aspecto da inauguração da Escola de Chefes e Instrutores de Plinianos "Cardoso Coelho", no Departamento Nacional de Plinianos, vendo-se ao centro o Chefe Nacional.

Mulheres do Departamento de Educação Física.



Bandeiras Integralistas organizadas pela SNAFP.



Mulheres integralistas que participaram do desfile da Praça da Sé em 1935.

Nesta parte dos anexos apresenta-se relação de todos os recortes encontrados no Jornal *A Tribuna de Santos* entre os anos de 1932 e 1937. Todos os recortes se encontram em um arquivo pessoal digitalizado e catalogado por data e assunto. No total são 230 que contêm informações sobre a AIB santista. Vale destacar que 80 recortes são sobre as mulheres integralistas.

Ano de 1934

A TRIBUNA. Santos, 18 de julho de 1934, p.4 (8º Conferência Doutrinária com Miguel Reale).

A TRIBUNA. Santos, 26 de julho de 1934, p.5 (9º Conferência Doutrinária).

A TRIBUNA. Santos, 08 de agosto de 1934, p.5 (11º Conferência Doutrinária).

A TRIBUNA. Santos, 13 de agosto de 1934, p.3 (formação da 5º Legião).

A TRIBUNA. Santos, 23 de agosto de 1934, p.2 (instruções para o desfile).

A TRIBUNA. Santos, 24 de agosto de 1934, p.4 (exercícios físicos).

A TRIBUNA. Santos, 26 de agosto de 1934, p.4 (convocação para 12º Conferência Doutrinária).

A TRIBUNA. Santos, 29 de agosto de 1934, p.3 (12º Conferência Doutrinária com Godofredo da Silva Telles).

A TRIBUNA. Santos, 31 de agosto de 1934, p.5 (palestra com Roland Corbisier).

A TRIBUNA. Santos, 01 de setembro de 1934, p.3 (13º Conferência Doutrinária).

A TRIBUNA. Santos, 05 de setembro de 1934, p.5 (instruções para parada militar).

A TRIBUNA. Santos, 06 de setembro de 1934, p.6 (convocação para o desfile).

A TRIBUNA. Santos, 07 de setembro de 1934, p.8 (homenagem ao dia da Pátria).

A TRIBUNA. Santos, 12 de setembro de 1934, p.2 (convocação para o desfile de 07 de outubro).

A TRIBUNA. Santos, 21 de setembro de 1934, p.3 (16º Conferência Doutrinária).

A TRIBUNA. Santos, 26 de setembro de 1934, p.5 (preparativos para o desfile integralista).

A TRIBUNA. Santos, 28 de setembro de 1934, p.5 (convocação para o desfile de 07 de outubro).

A TRIBUNA. Santos, 30 de setembro de 1934, p.7 (preparativos para o desfile integralista).

A TRIBUNA. Santos, 13 de outubro de 1934, p.4 (convocação para buscar cédula eleitoral).

A TRIBUNA. Santos, 30 de outubro de 1934, p.5 (convocação para os integralistas).

A TRIBUNA. Santos, 11 de novembro de 1934, p.6 (concentração dos integralistas).

A TRIBUNA. Santos, 13 de novembro de 1934, p.5 (concentração dos integralistas para assuntos diversos).

A TRIBUNA. Santos, 21 de novembro de 1934, p.2 (organização do Departamento de Proteção e Assistência à Infância).

A TRIBUNA. Santos, 29 de novembro de 1934, p.5 (inauguração do subnúcleo Campo Grande).

A TRIBUNA. Santos, 07 de dezembro de 1934, p.4 (inauguração do subnúcleo Vila Mathias).

A TRIBUNA. Santos, 23 de dezembro de 1934, p.6 (distribuição de brinquedos no Natal pelo Departamento Feminino).

Ano de 1935

A TRIBUNA. Santos, 15 de janeiro de 1935, p.3 (reunião do núcleo de Vila Macuco).

A TRIBUNA. Santos, 23 de janeiro de 1935, p.5 (escalar os milicianos no subnúcleo da Vila Mathias).

A TRIBUNA. Santos, 25 de janeiro de 1935, p.3 (exercício no núcleo de Vila Mathias).

A TRIBUNA. Santos, 29 de janeiro de 1935, p.5 (exercício no núcleo da Vila Mathias).

A TRIBUNA. Santos, 01 de fevereiro de 1935, p.7 (anúncio da visita do chefe provincial, Dr. Marcel da Silva Telles).

A TRIBUNA. Santos, 02 de fevereiro de 1935, p.2 (visita do chefe provincial, Dr. Marcel da Silva Telles).

A TRIBUNA. Santos, 09 de fevereiro de 1935, p.3 (concentração no núcleo da Vila Macuco).

A TRIBUNA. Santos, 15 de fevereiro de 1935, p.3 (visita da Sra. Alvira Truddi).

A TRIBUNA. Santos, 22 de fevereiro de 1935, p.6 (reunião de todos os núcleos).

A TRIBUNA. Santos, 23 de fevereiro de 1935, p.4 (chamado para um vespéral).

A TRIBUNA. Santos, 20 de março de 1935, p.2 (chamado para um vespéral).

A TRIBUNA. Santos, 23 de março de 1935, p.3 (transferência de sede, núcleo da Villa Macuco e escola diurna gratuita para crianças pobres).

A TRIBUNA. Santos, 27 de março de 1935, p.2 (chamado para milicianos do núcleo Campo Grande).

A TRIBUNA. Santos, 12 de abril de 1935, p.5 (concentração geral para todos os milicianos e chamados para presença do chefe provincial de São Paulo).

A TRIBUNA. Santos, 23 de abril de 1935, p.4 (assistir à posse do novo chefe distrital).

A TRIBUNA. Santos, 04 de maio de 1935, p.6 (nova sede).

A TRIBUNA. Santos, 10 de maio de 1935, p.5 (palestra do Sr. Plinio Salgado).

- A TRIBUNA. Santos, 22 de maio de 1935, p.2 (cursos de alfabetização da Escola Plínio Salgado).
- A TRIBUNA. Santos, 27 de junho de 1935, p.3 (exercício para o terço do Sigma).
- A TRIBUNA. Santos, 03 de julho de 1935, p.2 (reunião do Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 09 de julho de 1935, p.3 (conferência doutrinária do Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 09 de julho de 1935, p.9 (publicado o manifesto integralista).
- A TRIBUNA. Santos, 10 de julho de 1935, p.2 (conferência doutrinária do Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 17 de julho de 1935, p.3 (convite às senhoras de Santos para assistirem a conferência).
- A TRIBUNA. Santos, 22 de julho de 1935, p.5 (conferência doutrinária do Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 25 de julho de 1935, p.4 (conferência doutrinária do Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 01 de agosto de 1935, p.4 (conferência doutrinária do Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 03 de agosto de 1935, p.3 (sessão com o Constantino Menezes).
- A TRIBUNA. Santos, 14 de agosto de 1935, p.5 (escola de cortes e artes domésticas).
- A TRIBUNA. Santos, 17 de agosto de 1935, p.3 (conferência doutrinária com o Dr. Amazonas Duarte).
- A TRIBUNA. Santos, 27 de agosto de 1935, p.3 (conferência doutrinária, com o Dr. José Ulysses Luna).
- A TRIBUNA. Santos, 31 de agosto de 1935, p.3 (matrícula para Escola de Corte e Arte Doméstica).
- A TRIBUNA. Santos, 06 de setembro de 1935, p.3 (encerramento da “Semana da Pátria”).
- A TRIBUNA. Santos, 13 de setembro de 1935, p.5 (Itanhaém, uma bandeira integralista).
- A TRIBUNA. Santos, 21 de setembro de 1935, p.5 (conferência doutrinária com o Pimenta de Castro).
- A TRIBUNA. Santos, 28 de setembro de 1935, p.3 (chegará amanhã a Santos o chefe provincial da S. Paulo).
- A TRIBUNA. Santos, 04 de outubro de 1935, p.7 (todos os núcleos realizarão sessões solenes).

A TRIBUNA. Santos, 05 de outubro de 1935, p.5 (7 de outubro, a Ação Integralista Brasileira comemorará o seu terceiro ano de existência).

A TRIBUNA. Santos, 07 de outubro de 1935, p. 2 (sessão solene em todos os núcleos).

A TRIBUNA. Santos, 09 de outubro de 1935, p.3 (prestar homenagem aos integralistas mortos).

A TRIBUNA. Santos, 17 de outubro de 1935, p.3 (conferência no Departamento Feminino, na qual falaria a Sra. Margarida C. A. Corbisier).

A TRIBUNA. Santos, 19 de outubro de 1935, p.3 (salão do Parque Balneário Hotel, com a oradora Margarida Corbisier).

A TRIBUNA. Santos, 25 de outubro de 1935, p.3 (2º Congresso Integralista).

A TRIBUNA. Santos, 28 de outubro de 1935, p.2 (chapa de vereadores de Santos aprovada).

A TRIBUNA. Santos, 01 de novembro de 1935, p.2 (Gustavo Barroso em Santos).

A TRIBUNA. Santos, 02 de novembro de 1935, p.2 (concentração geral).

A TRIBUNA. Santos, 07 de novembro de 1935, p.3 (reunião do Departamento Feminino).

A TRIBUNA. Santos, 09 de novembro de 1935, p.5 (preparativos para viagem à capital).

A TRIBUNA. Santos, 13 de novembro de 1935, p.5 (reunião do Departamento Feminino).

A TRIBUNA. Santos, 16 de novembro de 1935, p.6 (comparecimento obrigatório de todos os integralistas).

A TRIBUNA. Santos, 17 de novembro de 1935, p.3 (desfile e vista à casa do Barão de Mauá).

Ano de 1936

A TRIBUNA. Santos, 15 de janeiro de 1936, p.3 (conferência doutrinária na sede central).

A TRIBUNA. Santos, 31 de janeiro de 1936, p.3 (reunião dos integralistas bancários).

A TRIBUNA. Santos, 03 de março de 1936, p.3 (chapa de vereadores).

A TRIBUNA. Santos, 14 de março de 1936, p.4 (apuração das eleições municipais, 401 votos).

A TRIBUNA. Santos, 01 de abril de 1936, p.5 (conferência doutrinária).

A TRIBUNA. Santos, 02 de abril de 1936, p.3 (conferência doutrinária).

A TRIBUNA. Santos, 04 de abril de 1936, p.9 (excursão aos núcleos da Bocaina, Itapema e Guarujá).

A TRIBUNA. Santos, 09 de abril de 1936, p.5 (conferência doutrinária).

A TRIBUNA. Santos, 16 de abril de 1936, p.7 (perda de documentos pessoais, encontrados na rua da cidade).

A TRIBUNA. Santos, 21 de abril de 1936, p.5 (conferência doutrinária).

- A TRIBUNA. Santos, 30 de abril de 1936, p.5 (reunião do D.M.E.P.).
- A TRIBUNA. Santos, 10 de maio de 1936, p.6 (reunião do D. Cultura Física).
- A TRIBUNA. Santos, 13 de maio de 1936, p.7 (conferência doutrinária).
- A TRIBUNA. Santos, 14 de maio de 1936, p.9 (juramento do integralista Miguel Messiano).
- A TRIBUNA. Santos, 20 de maio de 1936, p.5 (palestra com Edmundo Amaral).
- A TRIBUNA. Santos, 21 de maio de 1936, p.4 (apresentação do D.M.O. P.).
- A TRIBUNA. Santos, 22 de maio de 1936, p.5 (centro de cultura do núcleo de santos).
- A TRIBUNA. Santos, 24 de maio de 1936, p.3 (comparecer ao Departamento de educação física).
- A TRIBUNA. Santos, 27 de maio de 1936, p.4 (palestra com Antônio Maia).
- A TRIBUNA. Santos, 28 de maio de 1936, p.5 (convite a todos os bancários).
- A TRIBUNA. Santos, 29 de maio de 1936, p.5 (fundação do núcleo dos bancários).
- A TRIBUNA. Santos, 30 de maio de 1936, p.5 (chamado para Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 07 de junho de 1936, p.4 (reunião do Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 10 de junho de 1936, p.3 (comparecimento ao Departamento de Educação Física).
- A TRIBUNA. Santos, 13 de junho de 1936, p.5 (Lila de Moraes Alves, chefe do DF).
- A TRIBUNA. Santos, 16 de junho de 1936, p.5 (trabalhos manuais no D.F).
- A TRIBUNA. Santos, 17 de junho de 1936, p.7 (comparecimento ao Departamento de educação física).
- A TRIBUNA. Santos, 23 de junho de 1936, p.7 (comparecimento ao Departamento de educação física).
- A TRIBUNA. Santos, 24 de junho de 1936, p.4 (chamado para conferência com o Álvaro da Cunha Parente).
- A TRIBUNA. Santos, 25 de junho de 1936, p.3 (reunião do Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 27 de junho de 1936, p.4 (reunião do Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 30 de junho de 1936, p.7 (reunião do Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 02 de julho de 1936, p.4 (reunião do Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 09 de julho de 1936, p.3 (homenagem ao centenário de Carlos Gomes).
- A TRIBUNA. Santos, 10 de julho de 1936, p.3 (organização para viagem a Campinas, para concentração geral com o Plínio Salgado).
- A TRIBUNA. Santos, 16 de julho de 1936, p.9 (organização para viagem a Campinas, para concentração geral com o Plínio Salgado, junto com Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 23 de julho de 1936, p.4 (reunião do Departamento Feminino).

A TRIBUNA. Santos, 30 de julho de 1936, p.10 (reunião do Departamento Feminino).

A TRIBUNA. Santos, 06 de agosto de 1936, p.4 (reunião dos estudantes universitários).

A TRIBUNA. Santos, 12 de agosto de 1936, p.2 (conferência pública com Constantino de Menezes).

A TRIBUNA. Santos, 13 de agosto de 1936, p.10 (comparecimento do núcleo de São Vicente).

A TRIBUNA. Santos, 19 de agosto de 1936, p.5 (convite a todos os intelectuais de Santos).

A TRIBUNA. Santos, 20 de agosto de 1936, p.2 (convite a todos os intelectuais de Santos).

A TRIBUNA. Santos, 25 de agosto de 1936, p.3 (convite a todos os intelectuais de Santos).

A TRIBUNA. Santos, 27 de agosto de 1936, p.2 (conferência sobre a vida de Duque de Caxias).

A TRIBUNA. Santos, 06 de setembro de 1936, p.8 (mudança de endereço-sobrado).

A TRIBUNA. Santos, 10 de setembro de 1936, p.6 (conferência com Armando de Moraes).

A TRIBUNA. Santos, 16 de setembro de 1936, p.2 (comparecimento de todo do Departamento feminino).

A TRIBUNA. Santos, 30 de setembro de 1936, p.2 (por ordem da chefe, comparecimento de todo do Departamento feminino, nota-se que esse é primeiro recorte direcionado apenas as mulheres integralistas).

A TRIBUNA. Santos, 06 de outubro de 1936, p.3 (preparativos para comemoração do dia 07 de outubro).

A TRIBUNA. Santos, 10 de outubro de 1936, p.2 (conferência com Margarida Corbisier).

A TRIBUNA. Santos, 21 de outubro de 1936, p.2 (palestra com o W. Barbosa Trigo).

A TRIBUNA. Santos, 22 de outubro de 1936, p.5 (comemoração da semana da asa).

A TRIBUNA. Santos, 27 de outubro de 1936, p.5 (comparecimento ao Departamento Feminino).

A TRIBUNA. Santos, 29 de outubro de 1936, p.3 (conferência com o José Maria de Araújo Costa).

A TRIBUNA. Santos, 04 de novembro de 1936, p.2 (reunião do Departamento universitário).

A TRIBUNA. Santos, 05 de novembro de 1936, p.5 (reunião doutrinária com Dr. Edmundo Amaral).

A TRIBUNA. Santos, 07 de novembro de 1936, p.6 (conferência com o deputado J. C. Farirbanks).

A TRIBUNA. Santos, 14 de novembro de 1936, p.4 (sessão solene com o governador da IV região).

A TRIBUNA. Santos, 18 de novembro de 1936, p.2 (receber instruções sobre a solenidade).

A TRIBUNA. Santos, 19 de novembro de 1936, p.4 (hasteamento do pavilhão nacional).

A TRIBUNA. Santos, 20 de novembro de 1936, p.3 (aviso para a presença do Miguel Reale em Santos).

A TRIBUNA. Santos, 25 de novembro de 1936, p.4 (reunião do Departamento Feminino).

A TRIBUNA. Santos, 26 de novembro de 1936, p.2 (reunião extraordinária para as novas ordens da chefia nacional).

A TRIBUNA. Santos, 27 de novembro de 1936, p.8 (passagem do 1º levante comunista e assim homenagem ao exército nacional).

A TRIBUNA. Santos, 28 de novembro de 1936, p.8 (reunião doutrinária).

A TRIBUNA. Santos, 03 de dezembro de 1936, p.5 (convite para matrícula para a escola de teatro).

A TRIBUNA. Santos, 18 de dezembro de 1936, p.5 (palestra com o Rolando Corbisier e Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina e Plinianos - SNAFP, 1º recorte com a mudança de nomenclatura).

A TRIBUNA. Santos, 19 de dezembro de 1936, p.5 (SNAFP entrega cartões para distribuição de roupas e brinquedos a crianças pobres).

A TRIBUNA. Santos, 22 de dezembro de 1936, p.9 (SNAFP entrega cartões para distribuição de roupas e brinquedos a crianças pobres e o serviço de vacina antivariola para toda a comunidade).

A TRIBUNA. Santos, 24 de dezembro de 1936, p.5 (SNAFP, distribuição de roupas e brinquedos as crianças pobres e a campanha de vacinação).

Ano de 1937

A TRIBUNA. Santos, 06 de janeiro de 1937, p.2 (festa elaborada pela SNAFP).

A TRIBUNA. Santos, 14 de janeiro de 1937, p.6 (convocação para reunião com o chefe municipal com o SNAFP).

A TRIBUNA. Santos, 20 de janeiro de 1937, p.9 (curso rápido de alfabetização).

A TRIBUNA. Santos, 23 de janeiro de 1937, p.7 (campanha Ouro pelo bem do Brasil).

A TRIBUNA. Santos, 26 de janeiro de 1937, p.6 (campanha Ouro pelo bem do Brasil.).

A TRIBUNA. Santos, 27 de janeiro de 1937, p.3 (campanha de vacinação antivariola).

A TRIBUNA. Santos, 30 de janeiro de 1937, p.3 (concentração do SNAFP).

A TRIBUNA. Santos, 18 de fevereiro de 1937, p.7 (reunião com todos os integralistas).

A TRIBUNA. Santos, 24 de fevereiro de 1937, p.9 (conferência doutrinária com SNAFP).

- A TRIBUNA. Santos, 25 de fevereiro de 1937, p.3 (palestra do Dr. Paulo Murgel).
- A TRIBUNA. Santos, 27 de fevereiro de 1937, p.3 (convocação para conferência doutrinária).
- A TRIBUNA. Santos, 14 de março de 1937, p.3 (conferência com Miguel Reale - foto).
- A TRIBUNA. Santos, 20 de março de 1937, p.3 (sessão pública doutrinária).
- A TRIBUNA. Santos, 09 de abril de 1937, p.3 (conferência com Dr. Paulo Paulista).
- A TRIBUNA. Santos, 10 de abril de 1937, p.5 (início da campanha eleitoral).
- A TRIBUNA. Santos, 14 de abril de 1937, p.7 (conferência com Dr. Flavio de Moura Ribeiro).
- A TRIBUNA. Santos, 15 de abril de 1937, p.4 (convocação para alistamento eleitoral para todos os integralistas).
- A TRIBUNA. Santos, 17 de abril de 1937, p.5 (conferência com o Dr. Alberto de Moura Ribeiro).
- A TRIBUNA. Santos, 20 de abril de 1937, p.4 (homenagem para Tiradentes).
- A TRIBUNA. Santos, 23 de abril de 1937, p.3 (convocação para conferência do Parque Balneário).
- A TRIBUNA. Santos, 24 de abril de 1937, p.5 (conferência com deputado Machado Florence).
- A TRIBUNA. Santos, 26 de abril de 1937, p.2 (informação sobre a conferência).
- A TRIBUNA. Santos, 30 de abril de 1937, p.6 (convocação para reunião das blusas-verdes).
- A TRIBUNA. Santos, 01 de maio de 1937, p.2 (convocação para reunião com Miguel Reale).
- A TRIBUNA. Santos, 07 de maio de 1937, p.4 (convocação para reunião com Miguel Reale).
- A TRIBUNA. Santos, 08 de maio de 1937, p.4 (conferência com Dr. Miguel Reale).
- A TRIBUNA. Santos, 09 de maio de 1937, p. 5 (foto do Dr. Miguel Reale).
- A TRIBUNA. Santos, 13 de maio de 1937, p.4 (conferência do Almir Alcântara).
- A TRIBUNA. Santos, 15 de maio de 1937, p.5 (conferência com ex-chefe provincial do Rio Grande do Norte).
- A TRIBUNA. Santos, 22 de maio de 1937, p.5 (plebiscito para escolha de candidato para Presidente da República).
- A TRIBUNA. Santos, 23 de maio de 1937, p.2 (encerramento do plebiscito).
- A TRIBUNA. Santos, 27 de maio de 1937, p.3 (organizar núcleos profissionalizantes).
- A TRIBUNA. Santos, 28 de maio de 1937, p.2 (convocação para conferência com W. Barbosa Trigo).
- A TRIBUNA. Santos, 29 de maio de 1937, p.5 (conferência com W. Barbosa Trigo e Edmundo Amaral).

A TRIBUNA. Santos, 05 de junho de 1937, p.4 (sessão pública com Jose Maria D'Araújo Costa).

A TRIBUNA. Santos, 12 de junho de 1937, p.4 (convocação para Alistamento Eleitoral, alguns nomes).

A TRIBUNA. Santos, A TRIBUNA. Santos, 22 de junho de 1937, p.3 (comício eleitoral).

A TRIBUNA. Santos, 26 de junho de 1937, p.4 (convocação para alistamento eleitoral - muitos nomes).

A TRIBUNA. Santos, 02 de julho de 1937, p.3 (propaganda da candidatura do Plínio Salgado).

A TRIBUNA. Santos, 06 de julho de 1937, p.6 (organizar núcleos profissionalizantes).

A TRIBUNA. Santos, 16 de julho de 1937, p.3 (conferência com Moacyr Chagas).

A TRIBUNA. Santos, 17 de julho de 1937, p.7 (conferência no Parque Balneário).

A TRIBUNA. Santos, 18 de julho de 1937, p.7 (informação sobre pronunciamento pelo rádio do Plínio Salgado).

A TRIBUNA. Santos, 22 de julho de 1937, p.3 (convocação de vários integralistas para se apresentar a Secretaria de Educação).

A TRIBUNA. Santos, 30 de julho de 1937, p.4 (conferência com Moacyr Chagas e Roland Corbisier).

A TRIBUNA. Santos, 31 de julho de 1937, p.2 (foto de Moacyr Chagas).

A TRIBUNA. Santos, 01 de agosto de 1937, p.2 (comício em frente ao edifício da alfândega).

A TRIBUNA. Santos, 06 de agosto de 1937, p.4 (campanha eleitoral).

A TRIBUNA. Santos, 07 de agosto de 1937, p.3 (Departamento Eleitoral, convocando os eleitores).

A TRIBUNA. Santos, 08 de agosto de 1937, p.5 (reunião de propaganda eleitoral).

A TRIBUNA. Santos, 12 de agosto de 1937, p.2 (reunião com todos os departamentos).

A TRIBUNA. Santos, 14 de agosto de 1937, p.2 (curso de alfabetização diário).

A TRIBUNA. Santos, 15 de agosto de 1937, p.8 (reunião doutrinária).

A TRIBUNA. Santos, 19 de agosto de 1937, p.4 (organização da 1º bandeira com vários nomes).

A TRIBUNA. Santos, 21 de agosto de 1937, p.3 (conferência doutrinária).

A TRIBUNA. Santos, 25 de agosto de 1937, p.4 (Departamento Eleitoral, convocando os eleitores).

A TRIBUNA. Santos, 27 de agosto de 1937, p.5 (curso de alfabetização).

A TRIBUNA. Santos, 28 de agosto de 1937, p.3 (próximos comícios eleitorais).

- A TRIBUNA. Santos, 02 de setembro de 1937, p.7 (Departamento Feminino).
- A TRIBUNA. Santos, 03 de setembro de 1937, p.4 (curso de alfabetização).
- A TRIBUNA. Santos, 04 de setembro de 1937, p.2 (convocação para uma excursão para Bertioaga).
- A TRIBUNA. Santos, 11 de setembro de 1937, p.6 (reunião de propaganda eleitoral).
- A TRIBUNA. Santos, 15 de setembro de 1937, p.3 (Escola Caetano Spinelli).
- A TRIBUNA. Santos, 17 de setembro de 1937, p.6 (curso de alfabetização noturno para adultos).
- A TRIBUNA. Santos, 19 de setembro de 1937, p.4 (anúncio da visita do Dr. Marcel T. Silva Teles).
- A TRIBUNA. Santos, 25 de setembro de 1937, p.4 (visita do Dr. Marcel T. Silva Teles).
- A TRIBUNA. Santos, 02 de outubro de 1937, p.3 (solenidade em homenagem aos integralistas mortos).
- A TRIBUNA. Santos, 05 de outubro de 1937, p.4 (convocação para vigília nacional).
- A TRIBUNA. Santos, 06 de outubro de 1937, p.5 (convocação para vigília nacional com as blusas-verdes).
- A TRIBUNA. Santos, 07 de outubro de 1937, p.3 (solenidade do aniversário do Sigma)
- A TRIBUNA. Santos, 09 de outubro de 1937, p.4 (convocação para reunião).
- A TRIBUNA. Santos, 10 de outubro de 1937, p.2 (reunião de propaganda eleitoral).
- A TRIBUNA. Santos, 21 de outubro de 1937, p.3 (anúncio da visita para propaganda eleitoral com Miguel Reale).
- A TRIBUNA. Santos, 22 de outubro de 1937, p.3 (convocação de eleitores).
- A TRIBUNA. Santos, 06 de novembro 1937, p.5 (reunião das blusas-verdes).
- A TRIBUNA. Santos, 11 de novembro 1937, p.5 (reunião para preparativos dos integralistas).
- A TRIBUNA. Santos, 12 de novembro 1937, p.5 (reunião do Departamento Feminino, para discutir o crescimento rápido).
- A TRIBUNA. Santos, 20 de novembro 1937, p.5 (concentração na Praça da Independência).
- A TRIBUNA. Santos, 21 de novembro 1937, p.3 (inauguração do núcleo praia).
- A TRIBUNA. Santos, 23 de novembro 1937, p.4 (convocação para a 1º reunião do núcleo praia).
- A TRIBUNA. Santos, 24 de novembro 1937, p.9 (1º reunião do núcleo praia).
- A TRIBUNA. Santos, 27 de novembro 1937, p.3 (sessão doutrinária).
- A TRIBUNA. Santos, 01 de dezembro de 1937, p.8 (reunião com chefe provincial de São Paulo).